

Papel e dinâmica dos Portais Concelhios: a ponta do iceberg

Maria da Soledade Alves Vaz de Almeida

Lisboa, 2015

Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares

Papel e dinâmica dos Portais Concelhios: a ponta do iceberg

Maria da Soledade Alves Vaz de Almeida

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em
Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares

Orientadora: Professora Doutora Glória Bastos

Lisboa, 2015

RESUMO

A cooperação entre a Biblioteca Pública e a Biblioteca Escolar constitui uma orientação clara presente nos Manifestos da IFLA/UNESCO e uma prática entre este tipo de bibliotecas que, em diversos países, tem assumido diferentes tipologias: colaboração; cooperação; integração.

Cientes destas orientações e do valor acrescentado que a cooperação representa para cada uma das bibliotecas, surgiram em Portugal os Serviços de Apoio às Bibliotecas Escolares da responsabilidade das Bibliotecas Municipais, e mais tarde as Redes Concelhias que integram cooperantes dos dois tipos de bibliotecas e outras entidades. Estas Redes Concelhias pretendem ser Comunidades de Prática onde se processa a aprendizagem e a colaboração, estando presentes as três dimensões chave que as caracterizam: Domínio, Comunidade, Prática.

Neste estudo, procedeu-se à análise exploratória de conteúdo dos 46 Portais Concelhios Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares que constituem a amostra e através da aplicação da metodologia de análise de conteúdo, de acordo com diferentes valências pré-definidas, procurámos, numa primeira fase, caracterizar os membros e as Redes/Portais Concelhios, expressando quantitativamente o número de entidades/bibliotecas envolvidas e a idade da Rede/Portal, e, numa segunda fase, procedemos a uma análise de conteúdo dos Portais enquanto Sistemas de Informação, Comunicação e de Documentação orientados para os utilizadores nos seus diferentes contextos, utilizando um conjunto de categorias que definimos com base em outros estudos. Procurámos, igualmente, identificar estratégias que permitam o reforço da cooperação entre este tipo de bibliotecas, surgimento e sustentabilidade de novas Redes Concelhias e identificação, disseminação de boas práticas presentes nos Portais que constituem a amostra em simultâneo com o aproveitamento de novas aplicações tecnológicas.

Palavras-chave: Biblioteca Pública; Biblioteca Escolar; Comunidade de Práticas; Portal Concelhio

ABSTRACT

The cooperation between Public Library and School Library is a clear guideline of the IFLA/UNESCO Manifestos and a practice, between these types of libraries, which in many countries assume different forms: collaboration; cooperation; integration.

Aware of these principles and of the added value that cooperation means for these kinds of libraries, the Portuguese Public Libraries started the Support Services for the School Library, and later the “Redes Concelhias” (Local Library Networks), which include partners from these two types of libraries and other entities. These Local Library Networks aim at becoming Communities of Practice where the learning and collaboration take place and where the three key-dimensions are represented: Domain, Community and Practice.

In this study, we focussed, through a content analysis, on 46 Local Web Portals from School/Public Libraries, which formed our sample. Firstly, by using the methodology of content analysis according to the different pre-defined forms, we characterised the members and Local Library Networks and their Web Portals, establishing the number of entities/libraries involved and the age of the Network/Portals. Secondly, using a set of categories which had been previously defined based on other studies, we analysed the Web Portals as Information, Communication and Documentation Systems, targeted at the user in his different contexts. Furthermore, we identified strategies which enable the reinforcement of the cooperation between these types of libraries, the emergence and the sustainability of new Local Library Networks, the dissemination of best practices of the Web Portals which formed our sample together with a better use of new technological applications.

Keywords: Public Library, School Library, Community of Practice, Local Web Portals

AGRADECIMENTOS

À Professora Glória Bastos pelo seu conhecimento, pragmatismo, entusiasmo com que abraça as questões das Bibliotecas Escolares e, em particular, pela sua orientação e incentivo.

À Maria José Vitorino, coordenadora concelhia, pela sua disponibilidade e exemplo inspirador.

A todos os cooperantes que nas suas Redes Concelhias criaram a “matéria-prima” que viabilizou a realização deste estudo: os Portais Concelhios.

A todos os que no seu dia a dia constroem pontes colaborativas fortalecendo, deste modo, o papel das Bibliotecas Públicas e das Bibliotecas Escolares.

A todos os que, um dia, me chamaram e aos que comigo colaboraram no exercício do cargo de professora bibliotecária.

Índice Geral

RESUMO.....	III
ABSTRACT	IV
AGRADECIMENTOS.....	V
SIGLAS UTILIZADAS	XI
INTRODUÇÃO.....	13
PARTE I.....	17
ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL	17
1 Biblioteca Escolar/Biblioteca Pública e trabalho colaborativo.....	18
1.1 Orientações das instituições internacionais	18
1.1.1 Princípios Convergentes.....	19
1.1.2 Especificidades.....	20
1.1.3 Complementariedade	21
1.2 Formas colaborativas entre a Biblioteca Escolar e a Biblioteca Pública.....	22
1.2.1 As diretrizes internacionais para a colaboração entre Biblioteca Escolar e Biblioteca Pública	22
1.2.2 Tipologia colaborativa.....	23
1.2.3 Benefícios/Constrangimentos/Fatores para o Sucesso da cooperação entre bibliotecas.....	29
1.3 Experiências de colaboração entre Biblioteca Escolar e Biblioteca Pública ..	31
1.3.1 A colaboração entre Biblioteca Escolar e Biblioteca Pública noutros países	31
1.3.2 A colaboração entre Biblioteca Escolar e Biblioteca Pública – o caso português.....	40
2. Comunidades de Prática – um conceito útil à colaboração entre bibliotecas	53
2.1 O que são?.....	53
2.2 Dimensões-chave.....	53
2.3 As CoP e as comunidades de aprendizagem	57

2.4	Estrutura básica das CoP	61
2.5	Benefícios e fatores de sucesso	64
2.6	As CoP: um bom conceito aplicado às BE.....	66
3	Os contextos colaborativos e asTIC.....	67
3.1	As Redes colaborativas – caraterísticas e novos ambientes digitais.....	67
3.2	As bibliotecas e os novos ambientes digitais	68
3.3	Portal – sistema de gestão de conhecimento, e de colaboração, das bibliotecas	70
3.4	RBE - Portais digitais concelhios	75
3.4.1	RBE - Programa para a Criação de Catálogos Coletivos	75
3.4.2	Portais digitais concelhios: caraterísticas e finalidades.....	77
3.4.3	Funcionamento da aplicação	78
	PARTE II.....	85
	ESTUDO EMPÍRICO	85
4	Introdução.....	86
5	Aspetos metodológicos.....	88
5.1	Amostra	88
5.2	Técnicas e instrumentos utilizados	91
5.3	Procedimentos.....	92
6	Apresentação e interpretação dos resultados	101
	CONCLUSÕES.....	122
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138
	ANEXOS.....	148
	ANEXO I - Redes/Portais Concelhios, por Direção Regional, e endereço do respetivo Portal	149
	ANEXO II – Redes/Portais Concelhios Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional, e endereço do respetivo Portal.....	152

ANEXO III – Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional	155
ANEXO IV – Número, por Rede Concelhia, de entidades e bibliotecas parceiras, consideradas no estudo, por tipologia e por Direção Regional.....	176
ANEXO V – Ano de Formação da Rede e Ano de Criação do Portal das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional	182
ANEXO VI – Informação Institucional das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional.....	192
ANEXO VII – Coleção. Pesquisa e Recuperação de Informação. Empréstimo – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional	198
ANEXO VIII – Comunicação com o Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional	205
ANEXO IX – Apoio ao Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional	212
ANEXO X – Redes Portais Concelhios, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, por distrito de Portugal Continental	219
ANEXO XI - Taxa de Cobertura das Redes/Portais Concelhios, Bibliotecas Publicas/Bibliotecas Escolares, por distrito de Portugal continental.....	221

Índice de Quadros e Figuras

Quadro 1 - Diferentes definições do conceito Portal.	71
Quadro 2 - Diferenças entre um Sítio Web e um Portal.	72
Quadro 3 - Número de Redes/Portais Concelhios por Direcção Regional.....	88
Quadro 4 - Redes/Portais Concelhios de Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direcção Regional.	90
Quadro 5 - Caracterização dos Membros e das Redes/Portais Concelhios.	93
Quadro 6 - Descrição dos Parceiros e Membros das Redes Concelhias.	93
Quadro 7 - Número, por Rede Concelhia, de Entidades e Bibliotecas Parceiras, por Tipologia.	94
Quadro 8 - Ano de Formação, e Número de Anos de Existência, da Rede e do Portal Concelhio.....	95
Quadro 9 - Portais Concelhios - Sistema de Informação, Comunicação e Documentação – Categorias e Descrição de Conteúdos	96
Quadro 10 – Portais Concelhios - Sistema de Informação, Comunicação e Documentação – Subcategorias da Categoria Informação Institucional das Redes Concelhia.....	97
Quadro 11 - Portais Concelhios - Sistema de Informação, Comunicação e Documentação – Subcategorias da Categoria Coleção. Pesquisa e Recuperação de Informação. Empréstimo.....	98
Quadro 12 - Portais Concelhios - Sistema de Informação, Comunicação e Documentação – Subcategorias da Categoria Comunicação com o Utilizador	99
Quadro 13 - Portais Concelhios - Sistema de Informação, Comunicação e Documentação, Subcategorias da Categoria Apoio ao Utilizador	100
Quadro 14 - Número, por Rede/Portal Concelhio, de entidades e bibliotecas parceiras, consideradas no estudo, por tipologia e por Direcção Regional.....	103
Figura 1 - Uma conciliação de tradições mais completa (segundo Wenger, 1998).	57
Figura 2 - Componentes de uma teoria social de aprendizagem (segundo Wenger, 1998)	58
Figura 3 – Modos de pertença e de aprender (segundo Wenger, 1998)	60

Figura 4 – Estrutura básica de uma Comunidade de Prática (segundo Wenger, 1998).	62
Figura 5 - Fatores necessários à adoção de um Portal cooperativo.....	73
Figura 6 - Modelo da página de entrada do template de portal, disponibilizado pela RBE	78

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Distribuição das Redes/Portais Concelhios, considerados na amostra, por Direção Regional de Educação.....	101
Gráfico 2 - Ano de Formação das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas / Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional de Educação.....	105
Gráfico 3 - Número de Anos de Existência das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo	106
Gráfico 4 - Ano de criação dos Portais das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, considerados no estudo, por Direção Regional de Educação.....	107
Gráfico 5 - Gráfico 5 – N.º de Anos de Existência dos Portais das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, considerados no estudo.	108

SIGLAS UTILIZADAS

AASL – American Association of School Librarians

ALA – American Library Association

ALIA – Australian Library and Information Association

ALFIN – Alfabetização Informacional

ALSC – Association for Library Service to Children

ANZIL – Australian and New Zealand Institute for Information Literacy

APDSI – Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade de Informação

BAD - Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas

BE – Biblioteca Escolar

BM – Biblioteca Municipal

BP – Biblioteca Pública

CAUL – Council of Australian University Librarians

CMS – Content Management Systems

CoP – Comunidades de Prática

CONZUL – Council of New Zealand University Librarians

CIBE – Coordenador Interconcelhio para as Bibliotecas Escolares

DGLAB - Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas

DGLB – Direção -Geral do Livro e das Bibliotecas

GRBE – Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares

IASL – Internacional Association of School Librarianship

IFLA – International Federation of Library Associations and Institutions

IFLANET – International Federation of Library Associations Institutions

IBL - Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro

IPL - Instituto Português do Livro

IPLL - Instituto Português do Livro e da Leitura

IPPC - Instituto Português do Património Cultural

OPAC – Online Public Access Catalog

PCCRBE – Programa para a criação dos Catálogos Coletivos da Rede de Bibliotecas Escolares

PNL – Plano Nacional de Leitura

RBE – Rede de Bibliotecas Escolares

RBEM - Rede de Bibliotecas Escolares de Mafra

RBEP - Rede de Bibliotecas Escolares do Porto

RNLP – Rede Nacional de Leitura Pública

SABE – Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares

SDC - Swiss Agency for Development and Cooperation

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

YALSA – Young Adult Library Services Association

INTRODUÇÃO

“Nenhuma biblioteca pode considerar-se como uma ilha, almejando ter tudo ou mesmo a maior parte do que os seus utilizadores procuram.”

IFLA (2001: 39)

À atual sociedade de informação, cada vez mais globalizada e com novos desafios tecnológicos, correspondem novos paradigmas educacionais. À educação cumpre formar indivíduos que dominam as diferentes literacias, críticos, criativos, com capacidades de intervir e agir socialmente. A educação e a formação, ao longo da vida, deixaram de ser confinadas à escola, solicitando-se a intervenção de diferentes entidades. É neste quadro, que se traça a pertinência da cooperação entre bibliotecas, escolar e pública, como meio de criação de comunidades inteligentes. Este entendimento expressa-se nos documentos orientadores das entidades internacionais, como a IFLA/UNESCO, e das entidades nacionais, como a Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) e a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP).

Localmente, o facto das autarquias serem chamadas a assumir um papel decisivo na execução dos objetivos nacionais para a educação, nomeadamente ao nível do 1.º ciclo, tem potenciado o desenvolvimento do trabalho articulado entre a Câmara Municipal/Biblioteca Municipal e a Biblioteca Escolar. Do mesmo modo, a reorganização da rede escolar, com a implementação de agregações de escolas, com diferentes ciclos de ensino, veio diluir as fronteiras estritas, e estreitas, da responsabilidade das autarquias em relação aos primeiros anos de ensino, criando condições de aproximação entre bibliotecas escolares e, em simultâneo, com a biblioteca pública.

Aos fatores contextuais locais, propícios ao desenvolvimento da cooperação, junta-se o contexto macroeconómico de retração da economia nacional. Nesta conjuntura, com menos verbas para investir em espaços, em formação e em fundo documental é urgente rentabilizar recursos físicos, repensar formas organizativas e de formação contínua, fator essencial ao desenvolvimento das sociedades modernas, com relevo especial à formação de formadores, como são os professores e os bibliotecários.

Atualmente, a RBE tem vindo a dar um novo impulso à cooperação entre bibliotecas através da implementação de Redes Concelhias. Estas redes colaborativas

resultam da vontade dos diferentes parceiros de, em conjunto e na prática, corresponderem às solicitações das bibliotecas, aperfeiçoando-se profissionalmente, contribuindo para a construção de verdadeiras comunidades de aprendizagem, ao mesmo tempo que respondem aos interesses dos públicos que servem.

A visibilidade das Redes Concelhias ganhou novos contornos através da criação, por parte da RBE, do Programa para a Criação de Catálogos Coletivos da Rede de Bibliotecas Escolares – PCCRBE. Os catálogos colaborativos, para além dos benefícios que comportam para os utilizadores, representam um salto qualitativo na aproximação e no trabalho articulado entre bibliotecas. Por outro lado, a colocação *online* do catálogo constitui o ponto de partida para a criação do Portal Concelhio. Estes portais, redes dentro da rede de cooperação, constituem, assim, verdadeiros modelos de desenvolvimento de cooperação entre BE e BP: são a parte visível da cooperação, o espelho do seu dinamismo e criatividade, com a finalidade de responderem às necessidades informativas e formativas dos utilizadores. Equiparam-se, assim, a *icebergs* que flutuam num oceano de águas profundas, tantas vezes adverso à cooperação, escondendo a parte submersa, que os sustentam, e que interessa conhecer - Portais Concelhios: a ponta do *iceberg*.

As razões para a escolha do tema são diversas, enumerando-se como mais relevantes:

- ✓ Aumentar o número reduzido de estudos nacionais na área da cooperação entre bibliotecas, escolar e pública, em particular no âmbito das redes/portais concelhios, formas colaborativas recentes;
- ✓ Contribuir para o aprofundamento do conhecimento científico no âmbito da cooperação entre bibliotecas;
- ✓ Realçar a importância, e o benefício, para os professores, os alunos e para a comunidade da colaboração entre bibliotecas;
- ✓ Aprofundar o nosso conhecimento e prática colaborativa com outras escolas, estendendo-a à biblioteca municipal, na construção do catálogo coletivo e na criação de recursos *e-learning*, disponíveis no portal do projeto *SERonline* (<http://www.seronline.pt>).

A principal questão investigativa que norteou o desenvolvimento deste projeto é a seguinte:

Quais as características dos Portais das Redes Concelhios, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e das valências que disponibilizam, enquanto sistemas de informação, comunicação e de documentação, orientados para o utilizador?

Partindo desta questão, definimos para o presente estudo os seguintes objetivos:

- ✓ Conhecer numa perspetiva dimensional e temporal as Redes/Portais Concelhios das Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares
- ✓ Conhecer as diferentes valências presentes nos Portais Concelhios que cumprem as finalidades de informar, comunicar, apoiar e de aceder aos recursos por parte do utilizador
- ✓ Identificar conteúdos, presentes em Portais Concelhios, que constituem bons exemplos do cumprimento das suas finalidades
- ✓ Refletir sobre a interdependência e a interação entre as Redes e os Portais Concelhios, mais especificamente sobre as Comunidades de Prática que estão na sua génese.

Com este estudo pretendemos assim contribuir para a disseminação do conhecimento desta forma de cooperação, entre Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Escolares, que se afigura como um bom caminho a trilhar no presente, tendo em vista o futuro e, em simultâneo, contribuir para reflexão da melhoria/aperfeiçoamento dos Portais Concelhios, no sentido de contribuir para o cumprimento da sua finalidade de tornar visível o trabalho colaborativo entre bibliotecas e de melhor servir o utilizador.

Este trabalho estrutura-se em duas partes essenciais, além da Introdução e da Conclusão, numa relação interdependente entre o conceptual e a busca do entendimento do real, numa perspetiva de compreensão-ação.

Na Parte I, refere-se a contextualização do estudo através do seu enquadramento teórico. Procura-se trazer a lume as principais orientações internacionais, entre as quais os Manifestos da IFLA, sobre o trabalho colaborativo entre a Biblioteca Escolar e a Biblioteca Pública, enunciando também benefícios/constrangimentos à sua concretização. Do mesmo modo, se procede à análise do contexto nacional, conhecendo os documentos orientadores emanados da RBE e da RLP, que alicerçam a prática de criação de redes colaborativas e de Portais Concelhios entre as BE e as BP, bem como das Comunidades de Prática que as

sustentam. São referidas algumas experiências internacionais, neste âmbito, e que, preferencialmente, se encontram “visíveis” na Internet.

Na Parte II, apresenta-se o estudo empírico realizado – análise de conteúdo dos Portais Concelhios das Redes Concelhias Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares. A explicitação do estudo obedece à sua operacionalização: enuncia-se a metodologia – amostra, técnicas e instrumentos e procedimentos utilizados; apresentam-se e interpretam-se os resultados do estudo empírico.

PARTE I

ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

1 Biblioteca Escolar/Biblioteca Pública e trabalho colaborativo

“Uma das relações institucionais mais importantes para uma biblioteca pública é a que se estabelece com as escolas locais e o sistema educativo na área abrangida pelo serviço” (IFLA, 1994:61)

1.1 Orientações das instituições internacionais

De acordo com o Manifesto *Biblioteca Escolar no Ensino-Aprendizagem para Todos*, da IFLA/UNESCO, a biblioteca escolar, ao fazer parte integrante do processo educativo, proporciona:

informação e ideias fundamentais para sermos bem sucedidos na sociedade actual, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar desenvolve nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis. (1999: sp.)

Para a concretização da sua missão, a biblioteca escolar disponibiliza serviços e recursos, nos mais variados suportes, a todos os elementos da comunidade escolar, a fim de criar “utilizadores efetivos de informação em todos os suportes e meios de comunicação” (*ibid.*).

Ainda ao nível das orientações internacionais a IASL, na sua Declaração Política sobre Bibliotecas Escolares, considera a biblioteca escolar um instrumento vital do processo de ensino-aprendizagem com funções informativa, educativa, cultural e, ainda, essencial para o desenvolvimento “ of the human personality as well as the spiritual, moral, social cultural and economic progress of the community” (2003: sp.).

No Manifesto da IFLA sobre Biblioteca Públicas (1994: sp.), considera-se que esta é a “ porta de acesso local ao conhecimento – fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais”.

A biblioteca pública é uma organização fundada, financiada, sustentada pela comunidade e ao seu serviço que proporciona “o acesso ao conhecimento, à informação e obras criativas através de um leque variado de recursos e serviços e encontra-se à disposição de toda a comunidade” IFLA (2001: 19). A biblioteca pública através dos recursos e serviços que disponibiliza procura dar resposta às “necessidades individuais e coletivas nas áreas da educação, informação e

desenvolvimento pessoal, abrangendo a recreação e o lazer” (*ibid.*: 20), contribuindo, assim, para “a manutenção de uma sociedade democrática através da divulgação e acesso por todos ao conhecimento, à informação e à diversidade de ideias e opiniões” (*ibid.*).

1.1.1 Princípios Convergentes

O estudo comparado dos Manifestos da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Escolares evidencia vários princípios comuns às duas organizações, presentes nos dois documentos:

- igualdade de acesso à informação a todos os utilizadores;
- coleções e serviços isentos de qualquer forma de censura ideológica, política ou religiosa e de pressões comerciais;
- promoção da formação para a utilização da informação, alicerce da aprendizagem ao longo da vida, base dos direitos democráticos e o do exercício da cidadania;
- organização e gestão das bibliotecas obedecendo a padrões profissionais de funcionamento, sendo para isso essencial a qualificação profissional, competência e formação contínua do bibliotecário, elemento do corpo docente, no caso da biblioteca escolar, e intermediário entre os recursos disponíveis e os utilizadores, no caso da biblioteca pública;
- serviços e materiais especiais para utilizadores que não consigam utilizar materiais comuns;
- colaboração em rede entre bibliotecas, referida nos dois Manifestos.

Esta ampla convergência entre orientações resulta “de ambas as estruturas partilharem alguns dos objetivos e, também, porque se devem reger por padrões de funcionamento que assegurem princípios universais no acesso à informação” (Fernandes, 2011: 17).

1.1.2 Especificidades

A biblioteca escolar e a biblioteca pública apresentam especificidades que as caracterizam e conferem uma matriz distintiva, mercê, principalmente, dos contextos onde se inserem e do público que servem. Tal como refere Fernandes (2011: 19), “a principal diferença entre a BE e a BP reside no público-alvo, sendo a BE um recurso cultural e pedagógico da escola [...] A BP tem um público mais alargado, pois está ao serviço da comunidade e das necessidades de cada indivíduo”

A diferenciação ao nível do público utilizador é inerente à missão específica de cada uma das estruturas. Assim, a biblioteca pública ao constituir-se como o centro local de informação “fornece as condições básicas para a aprendizagem contínua” (IFLA, 1994: sp.). Por outro lado, a biblioteca escolar “desenvolve nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida” (IFLA, 1999: sp.). Haycock (1990, citado por Fitzgibbons, 2000: sp.) refere, deste modo, as diferenças entre os dois tipos de bibliotecas: “The public library’s primary role is to facilitate the informal self-education of the individual from the preschooler to the sénior citizen [...] The school resource center [...] is designed as an integral part of the instructional system”.

Woolfs (2009: 3) considera que as diferenças existentes entre a biblioteca escolar e pública se situam ao nível de “facilities, management, clients and services”. Além das referidas diferenças de acesso e de dependência organizacional, os utilizadores, para a autora, no caso da biblioteca escolar, constituem uma audiência não opcional, dadas as exigências escolares e as condições “impostas” pelos professores, em oposição, à biblioteca pública que tem de encorajar os jovens à sua utilização.

As coleções, assim como as políticas de desenvolvimento da coleção, da biblioteca pública e da biblioteca escolar, apresentam diferenças de acordo com as suas especificidades. Para a biblioteca pública as coleções “devem reflectir as tendências actuais e a evolução da sociedade, bem como a memória da humanidade e o produto da sua imaginação” (IFLA, 1994: sp.), adequando-se assim às necessidades e condições locais de implantação da BP. A biblioteca escolar ao responder às necessidades da comunidade escolar, a sua coleção “deve estar baseada no *curriculum*, nas necessidades e nos interesses particulares da comunidade escolar, e reflectir a diversidade da sociedade fora da escola” (IFLA, 2002: 9).

As diferenças enumeradas anteriormente constituem, provavelmente, os principais fatores distintivos entre biblioteca escolar e biblioteca pública. No entanto, apesar das diferenças entre os dois tipos de estruturas, partilhamos a opinião de Carmo (2008: sp.):

Se as escolas têm objectivos de natureza pedagógica específicos e as públicas têm que responder a um conjunto de destinatários diversificados com necessidades múltiplas, não podemos, hoje em dia, considerar que num caso ou noutro estamos em presença de conjuntos que não se interceptam ou de acções que não possam contar com o contributo de todos.

1.1.3 Complementariedade

Ao analisarmos as orientações para as bibliotecas escolares e para as bibliotecas públicas, nomeadamente os Manifestos, observamos que elas se complementam e convergem nos seguintes aspetos, enunciados nos objetivos da biblioteca escolar e nas missões da biblioteca pública:

- desenvolver o hábito e o prazer da leitura;
- apoiar o desenvolvimento educativo e a auto-formação ao longo da vida;
- desenvolver, nos utilizadores, as competências de produção e utilização da informação e das novas tecnologias.

Surge ainda enunciado, no mesmo documento, dentro dos objetivos da biblioteca escolar, “a utilização das bibliotecas ao longo da vida”, o que consubstancia a afirmação de Fernandes (2011: 21) “Ao formarmos alunos utilizadores da BE teremos cidadãos utilizadores da BP, no futuro”. Também para Bundy (2001: 11) a biblioteca escolar e a biblioteca pública têm os seguintes objetivos comuns:

- ensuring that students develop as information-enabled learners;
- providing access to a wide range of analog and digital resources;
- motivation students to use libraries and their professional staff for informational;
- recreational purposes.

É no âmbito da complementariedade que se identificam as áreas de intervenção comuns que alicerçam o trabalho colaborativo entre a biblioteca escolar, os docentes, e a biblioteca pública: “This educational focus is a shared role and goal of school and public libraries and is one of the most critical factors in rationalizing the

need for cooperation and collaboration between the two” (Fitzgibbons, 2000: sp.). É no contexto da atual sociedade de informação, ainda segundo o mesmo autor, que “both types of libraries can provide resources to compliment students curriculum and literacy needs [...] both the role of the information intermediary and the role of instructor in computer and information literacy need to be shared” (*ibid.*).

1.2 Formas colaborativas entre a Biblioteca Escolar e a Biblioteca Pública

1.2.1 As diretrizes internacionais para a colaboração entre Biblioteca Escolar e Biblioteca Pública

No Manifesto e nas Diretrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares, identifica-se a cooperação com a biblioteca pública como uma estratégia otimizadora da consecução dos objetivos individuais e fins últimos das bibliotecas: “A biblioteca escolar é um parceiro essencial das redes local, regional e nacional de bibliotecas e de informação” (IFLA/UNESCO, 1999: sp.); “Para conseguir melhorar os serviços de biblioteca para crianças e jovens numa dada comunidade, pode ser uma boa ideia a cooperação entre bibliotecas escolares e bibliotecas públicas” (IFLA/UNESCO, 2001: 15). Esta orientação de cooperação da biblioteca escolar com a biblioteca pública já constava das orientações da IASL (1993: sp.) ao referir: “school librarians should cooperate with staff in public libraries and other community information centers to enable sharing of the community’s information resources.”

No Manifesto da IFLA sobre bibliotecas públicas é referido que “deve ser assegurado a cooperação com parceiros relevantes” (1994: sp.), sem referir explicitamente a cooperação com a escola, no entanto, no mesmo Manifesto, surge a seguinte orientação: “a rede de bibliotecas públicas deve ser concebida tendo em consideração as bibliotecas nacionais regionais, de investigação e especializadas, assim como as bibliotecas escolares e universidades” (*ibid.*). A finalidade da colaboração da biblioteca pública com outras bibliotecas é expressa pela IFLA na seguinte afirmação:

Nenhuma biblioteca pública, por maior e melhor financiada que seja, pode, por si só, dar resposta a todas as necessidades dos seus utilizadores. A participação em parcerias e a integração em redes com outras bibliotecas e organizações afins, bem como a disponibilização do acesso a outras fontes

de informação, permite à biblioteca pública satisfazer as necessidades de informação dos seus utilizadores, aumentando o leque de recursos disponíveis. (2001: 39)

Podemos extrair da leitura dos Manifestos as mesmas conclusões que Fernandes (2011: 25) “a cooperação está presente nos documentos orientadores das bibliotecas, quer públicas quer escolares. Todos os documentos apontam para a cooperação entre estas instituições [...] todas as instituições e os utilizadores só podem beneficiar com a cooperação entre a BE e a BP”.

Para a IFLA, nas Diretrizes para bibliotecas escolares, a cooperação entre as bibliotecas deve assumir a forma de protocolo escrito, contemplando os seguintes pontos: “medidas comuns para a cooperação; especificação e definição das áreas de cooperação; clarificação das implicações económicas e do modo de partilhar os custos; calendarização do período de tempo para a cooperação” (IFLA, 2002: 15). E preconiza, no mesmo documento, as seguintes áreas de cooperação: partilha de formação de pessoal; desenvolvimento cooperativo da coleção; cooperação na programação; coordenação de serviços eletrónicos e de redes; cooperação no desenvolvimento de instrumentos de aprendizagem e de formação de utilizadores; visitas de estudo de turmas de alunos à biblioteca pública; promoção da leitura e da literacia em conjunto; marketing conjunto dos serviços de biblioteca para crianças e jovens.

1.2.2 Tipologia colaborativa

De acordo com um estudo sobre as diferentes formas colaborativas entre os dois tipos de bibliotecas, realizado por Mercier (1991) e citado por Fitzgibbons (2000: sp.), as conclusões são de que “There are many levels of cooperation, from the simplest forms of communications to the more complex example of shared facilities”.

Terré e Llambias ao estudarem as características da estrutura colaborativa entre biblioteca escolar e pública identificaram “líneas de colaboración” distintas entre os dois tipos de bibliotecas: “prácticas habituales”; “cooperación”; “integración” (2005: 325).

As práticas habituais de colaboração entre este tipo de bibliotecas não constituem, segundo as mesmas autoras, um verdadeiro trabalho de colaboração e, muito menos, de cooperação entre bibliotecas. Na realidade, “las actividades que se

llevan a cabo deberían enmarcarse en el concepto de extensión de servicios bibliotecarios que la biblioteca pública ofrece a un tipo particular de usuarios, los escolares “ (*ibid.*: 326). Esta colaboraçã parte, quase exclusivamente, segundo as autoras, da biblioteca pública, mercê de melhores condições físicas e humanas, em resposta às necessidades das bibliotecas escolares. Estas atividades são muitas vezes pontuais e não resultam de uma planificação e colaboraçã efetiva com a biblioteca escolar.

Para uma verdadeira colaboraçã entre bibliotecas, segundo Terré e Llambias (2005: 329), “sería necesario un replanteamiento a fondo de esta colaboraçã, partiendo de las nuevas realidades que impone la sociedad de la informaci3n y tomando como punto de partida las recomendaciones que, en este sentido, promueven las entidades internacionales”. No conceito de cooperaçã, subjacente ao discurso de Terré e Llambias, encontram-se presentes os elementos identificadores, palavras-chaves, que caracterizam o conceito, segundo Fernandes (2011: 22): “colaborar, projeto comum, unir esforços, fim comum”.

Ainda segundo Terré e Llambias, a cooperaçã deve fazer parte da política educativa da escola, integrando o projeto educativo, e deve obedecer sempre a uma planificação prévia e por escrito, definindo com clareza o âmbito da cooperaçã, os custos, os prazos, os interlocutores e os colaboradores, envolvendo as instituições de que as bibliotecas dependem. Assim, a cooperaçã é possível, de acordo com o contexto específico de cada realidade, atendendo aos três elementos essenciais de uma biblioteca: recursos, serviços e atividades.

Os recursos, conjunto de elementos que permitem prestar o serviço, incluem a coleçã, o pessoal e os espaços. Os serviços, quer presenciais quer *online*, devem resultar de uma planificação conjunta que atenda às especificidades, objetivos e modo de funcionamento de cada uma das bibliotecas e podem assumir, entre outras, as seguintes formas: empréstimo; informaçã; formaçã de utilizadores. A planificação conjunta de atividades permite, em simultâneo, uma otimizaçã dos recursos, um maior impacto na sua realizaçã, uma melhor concretizaçã dos objetivos comuns que se concretizam, muitas vezes, em visitas escolares e promoçã da leitura, difusã e marketing.

A integraçã, a que Terré e Llambias se referem (2005: 335), e que entre nós se designa por “bibliotecas de uso partilhado”, é designada internacionalmente por “Joint use libraries”. O conceito inicial de “Joint use libraries” identifica-se com o funcionamento da biblioteca escolar e da biblioteca pública no mesmo espaço. Hoje

em dia, o conceito evoluiu, considerando-se os contextos e as práticas, tal como Bundy & Amey (2006: 502) nos dão conta, ao referirem:

Although the most common type of joint use library is the concept is the public library housed in a community college or university. Some of these libraries may involve three or more partners, for example, a combined school, college, and public library. In that sense they are more than “dual use” libraries.

No seu artigo, as autoras identificam as seguintes vantagens deste tipo de trabalho colaborativo entre biblioteca escolar e biblioteca pública: “A major claimed advantage [...] is the synergy of a joint use service – the whole being greater than the sum of the parts. The other claimed advantages are economic, social, and educational” (*ibid.*: 502).

Para o sucesso do modelo, as mesmas autoras defendem dois requisitos essenciais: “Planning Success Factors” (*ibid.*: 503) e “The importance of evaluation” (*ibid.*: 504). Dando conta dos receios, por parte das autoridades autárquicas e das autoridades escolares, que esta forma de cooperação tem suscitado em Espanha, Teresa e Llambias (2005: 336) afirmam: “Es posible que para llegar a la integración sea necesario un período de colaboración cada vez más estrecho.”

No já referido estudo, realizado por Fitzgibbons, existe um elevado número de exemplos de sucesso de cooperação entre a biblioteca escolar e a biblioteca pública. À categorização do maior número de exemplos de sucesso de cooperação, segundo o autor, correspondem as seguintes tipologias:

- Criação de redes e partilha de recursos;
- Criação de coleções e empréstimo;
- Prestação de serviços de informação e de instrução;
- Promoção da leitura e da literacia.

Ao estabelecermos a analogia entre as tipologias de cooperação entre biblioteca escolar e biblioteca pública, referidas por Terré e Llambias e por Fitzgibbons, verificamos que convergem num conjunto de elementos comuns essenciais à disponibilização de recursos e serviços para uma resposta às necessidades atuais, individuais e coletivas, nas áreas da educação, informação e desenvolvimento pessoal, recreação e lazer, comuns às duas instituições: coleção única; formação de utilizadores; promoção do livro e da leitura; redes.

- A constituição de uma coleção única de uso partilhado, pelos diferentes utilizadores das bibliotecas, possibilita a maximização da utilização dos recursos, através do empréstimo entre bibliotecas, com a possibilidade acrescida de utilização dos recursos financeiros na atualização e diversificação da coleção. Altman (1971) e Doll (1980; 1983), citados por Fitzgibbons (2000: sp.) consideram que: “school libraries, as well as public libraries, have much to offer each other by sharing resources”.

A criação de uma coleção única só se torna possível através de um catálogo coletivo *online*, elemento imprescindível para a informação do utilizador e para o acesso ao acervo de cada uma das bibliotecas. Doll, nos mesmos estudos, citados por Fitzgibbons, afirma que “School libraries can both benefit from and make significant contributions to either a school library network or a multitype library network” (*ibid.*). A catalogação é uma atividade facilitada através da cooperação, porque é realizada em conjunto, com comunicação entre bases de dados, ao mesmo tempo que, permite às escolas beneficiarem do apoio da biblioteca pública para o tratamento técnico da coleção. Deste trabalho conjunto beneficia, igualmente, a biblioteca pública uma vez que toma conhecimento das necessidades documentais curriculares.

O desenvolvimento cooperativo da coleção pode partir, segundo Terré e Llambias de um seleção única consensual, para a qual propõe a criação de uma comissão bibliográfica, e da aquisição repartida do fundo documental, de acordo com as características específicas de cada uma das bibliotecas.

- No âmbito do desenvolvimento de competências de informação, a formação de utilizadores, resultante de ações de colaboração com a biblioteca pública, tem como objetivos formar os alunos como utilizadores da biblioteca e dos seus recursos, conferindo-lhes competências de utilização da informação. Constitue, deste modo, uma forma de articulação entre a atividade de sala de aula e a biblioteca pública com a possibilidade acrescida de aumentar o fundo documental de apoio ao currículo e de apoiar o professor no desenvolvimento da capacidade de pesquisa, análise e tratamento de informação dos alunos. A formação de utilizadores é, atualmente, uma tarefa essencial das bibliotecas e um terreno fértil para a

sua cooperação. Segundo Terré e Llambias, é neste âmbito que as escolas devem ter um maior protagonismo, dado que a formação de utilizadores deve corresponder às necessidades curriculares: “la escuela es la que debe programar los contenidos y articularlos en una programación [...] y puesto que aprender a usar las bibliotecas y sus recursos debe formar parte de un proyecto educativo general” (2005: 333). Fitzgibbons (2005: sp.) refere que nos seus estudos Riegel (1989) demonstrou que o principal ingrediente, para a cooperação entre a biblioteca pública e a escola na formação de utilizadores, é a manutenção de canais de comunicação abertos, formais e informais: “ Gradually the credibility of each partner can be established, and the two institutions’ librarians will be trust each other”

Numa perspetiva de cooperação entre a biblioteca escolar e a biblioteca pública, esta última pode colaborar mais ativamente na formação contínua dos professores, que também são utilizadores, segundo Terré e Llambias (*ibid.*), “a través de la difusión selectiva de la información y también a partir de acciones formativas en torno al uso de determinadas fuentes o recursos informativos”. Fitzgibbons refere, também, a importância da cooperação entre bibliotecas na formação contínua de professores e do professor bibliotecário, por criar maior dotação de competência em simultâneo com a coesão/aproximação entre os elementos que integram as instituições

- A promoção do livro e da leitura é atualmente uma das áreas de intervenção por excelência do trabalho colaborativo entre bibliotecas. Historicamente, num passado relativamente recente, a biblioteca pública chamava a si a leitura literária extensiva (lúdica) e confiava à escola a leitura literária ligada aos conteúdos curriculares. Desta realidade nos dá conta Butlen (2004: 5) ao referir:

À l'école, l'accès au livre se réalisait essentiellement grâce au manuel et l'usage de la bibliothèque ne se concevait que par le truchement du professeur. La structure, la réglementation et le fonctionnement de “l'armoire de bibliothèque” ont reflété cette tradition d'encadrement des lectures.

Ao assumir-se, de acordo com o novo paradigma educacional, que a literacia e a leitura são fatores essenciais ao desenvolvimento individual ao longo da vida, contribuindo para uma melhor integração do cidadão numa sociedade cada vez mais informada e informatizada, a escola, a biblioteca escolar e a biblioteca pública identificaram uma área de intervenção comum, propícia ao desenvolvimento do trabalho colaborativo: a promoção do livro e da leitura. No mesmo sentido se manifesta Salaberría ao referir:

La lectura conlleva un aprendizaje continuo que no se limita a los primeros cursos de primaria o, en palabras de Emilia Ferreiro, “hemos heredado una concepción restringida de la alfabetización, que la reduce al código de correspondencia grafofonética, y de lo que se trata es de generar personas que puedan circular por el mundo de la cultura escrita”. La lectura es la actividad cultural primordial: es el medio para el pensamiento abstracto, que es lo que verdaderamente ha hecho a la persona (2001: sp.).

Assim, faz todo o sentido a afirmação de Pérez (2010: sp.) “El proceso lector es largo y complejo y no puede quedar restringido a la escuela”. Este trabalho colaborativo tem por base uma nova conceção de livro e de leitor, tal como é referido por Butlen (2004: 6): “Des bibliothèques modernes, multimédias, en libré accès, au service de tous les types de lecteurs se sont multipliées, illustrant l’émergence d’un nouveau paradigme: “Tous les livre pour tous les lectuers””.

- Em 1988, a AASL, ao publicar o documento *Information Power*, exorta as bibliotecas escolares a participarem em Redes, permitindo-lhes disponibilizar *online* uma multiplicidade de recursos. Nesta linha, refira-se, também, o *Wisconsin Department of Public Instruction* (1998: 1) que salienta a mais-valia que as novas tecnologias podem representar para a cooperação entre bibliotecas: “Technology presents a significant opportunity for libraries of all types to share resources effectively and to gain increased access to information without combining facilities”. Fitzgibbons (2000: sp.) cita vários estudos sobre a participação da biblioteca escolar em redes e conclui que, de acordo com Turock (1981) e Partidge (1989): “The network services considered most important included interlibrary loan, delivery systems, reference services and development of union catalogs”. Deste modo, Fitzgibbons conclui que: “The new

phenomenon of community networks through the Internet is changing the landscape rapidly [...] Web-based catalogs should be a common phenomenon in a few years". (ibib.).

1.2.3 Benefícios/Constrangimentos/Fatores para o Sucesso da cooperação entre bibliotecas

Para Fitzgibbons (2000), com base em estudos realizados por diferentes autores, os benefícios e constrangimentos ao trabalho cooperativo entre a biblioteca escolar e a pública têm especificidades de acordo com a tipologia que os suporta. Assim, para este autor, os benefícios resultantes da criação de redes e partilha de recursos prendem-se com: o acréscimo do fundo documental disponível, mercê da partilha de recursos entre as diferentes bibliotecas, e a colaboração entre os sistemas que as constituem, citando Partridge (1989); a quebra do isolamento dos bibliotecários e a melhoria das suas competências de atendimento das necessidades dos utilizadores, segundo Zimmerman (1992).

Os maiores obstáculos a este tipo de cooperação, também explicitados por Fitzgibbons, resultam da: falta de informação e de experiência em trabalho em rede; insuficiência de meios técnicos, financeiros e humanos necessários ao desenvolvimento desta forma de trabalho cooperativo. São, ainda, apontados por Fitzgibbons as seguintes barreiras à cooperação: falta de legislação e de políticas que estimulem o processo; visão institucional e crença de que o papel de cada uma das instituições tem que ser preservado; espírito competitivo, em vez de colaborativo, entre instituições.

Como conclusão geral, Fitzgibbons (2000: sp.) refere que "a close alliance of school library media centers and public libraries can be an effective support system for students". Referindo, ainda, que a cooperação entre biblioteca escolar e pública se alicerça em dois pressupostos que fundamentam o reforço da colaboração entre si: "Improve library services and ultimately provide youth better access to information, knowledge, and learning [...] are essential ingredients in achieving educational reform leading to improves student learning" (*ibid.*).

Os benefícios resultantes da colaboração entre biblioteca escolar e biblioteca pública foram igualmente estudados por Terré e Llambias, M. (2005: 326):

se traduce, siempre, en una mejora de la calidad de los servicios y de la satisfacción de los usuarios[...] Desde una óptica más economicista, permite la optimización de los recursos [...] y facilita su gestión [...] permite amplificar la difusión de las bibliotecas y su función, y a la vez, mejorar su imagen entre los usuarios [...] facilita el establecimiento de pautas comparativas para la evaluación de recursos y servicios.

A falta de cultura de trabalho colaborativo entre os dois tipos de bibliotecas tem constituído um obstáculo que só é, ou será, ultrapassável através de uma vontade de colaboração muito forte, que inclua as estruturas de que dependem as bibliotecas, com clarificação prévia dos objetivos específicos de cada uma das instituições e com planificação detalhada dos diferentes itens em articulação. Esta colaboração tem que ser assumida de uma forma clara por ambas as partes, tal como referem Terré e Llambias (2005: 330):

Todo proceso de cooperación debe partir de una planificación previa y por escrito, sin que haya lugar para la improvisación. En esta planificación hay que especificar en qué ámbitos podemos establecer la cooperación, los costes de este proceso y los plazos.

Mercier (1991), no seu estudo sobre cooperação entre biblioteca escolar e pública, citado por Fitzgibbons (2000, sp.), atribui um papel importante à comunicação entre as instituições, como fator essencial para o sucesso da cooperação, e coloca a ênfase, como elemento de aglutinação, nos benefícios para os utilizadores, daí resultantes: “Communication is the most important factor in cooperation. The institutions need to look at their goals and objectives and place the emphasis of cooperation on the potential benefits to their clientele rather than the benefits to the institution”.

O mesmo autor, além da comunicação, refere, ainda, o compromisso como fatores relevantes para a cooperação. Baseando-se em diferentes estudos, identifica as seguintes condições promotoras do sucesso da cooperação:

- Visão partilhada e objetivos comuns;
- Planificação formal e adoção conjunto de políticas e processos;
- Avaliação contínua e integrada no processo de planificação;
- Compromisso institucional celebrado entre os decisores, representantes das organizações envolvidas, e colaboração de todos os elementos;

- Canais de comunicação abertos e facilitadores de interação contínua;
- Recursos financeiros adequados;
- Recursos humanos com competências ajustadas às diferentes solicitações.

Aponta ainda como elementos necessários para o sucesso e sustentabilidade do processo: reuniões regulares de planificação e colaboração; envolvimento de todos os parceiros; visão comum partilhada das necessidades dos utilizadores, não anulando as especificidades de cada ambiente institucional.

Referindo-se a um estudo por ele realizado em 1989, Fitzgibbons enumera um conjunto de recomendações preparatórias do estabelecimento efetivo da cooperação, visando a aproximação e convergência das estruturas: planificação do processo conducente à cooperação; comunicação informal e formal entre as estruturas; criação de grupos de trabalho que integrem elementos de ambas as estruturas com objetivos bem definidos; planificação cuidada de ações concretizadoras do projeto de cooperação; avaliação sistemática do processo.

1.3 Experiências de colaboração entre Biblioteca Escolar e Biblioteca Pública

“É hoje claro que é muito próxima a relação entre as bibliotecas públicas e as bibliotecas escolares por todo o mundo, embora de formas diferenciadas; o desenvolvimento de umas está intimamente relacionado com o das outras” (Calixto, 1996: 126)

1.3.1 A colaboração entre Biblioteca Escolar e Biblioteca Pública noutros países

“Penso [...] que só teríamos a ganhar se olhássemos para as experiências de outros países, sem complexos e sem dúvidas de colher o que de bom neles fosse encontrado” (Calixto, 1996: 42).

Numa análise da colaboração entre biblioteca pública e biblioteca escolar, Sarjeant-Jenkins & Walker (2011) partem do pressuposto de que “Joint use school and public libraries” têm, no Canadá, uma longa tradição, especialmente em cidades pequenas, situadas no meio rural, em que as bibliotecas se envolvem no apoio ao currículo e, em simultâneo, procuram satisfazer as necessidades da comunidade,

partilhando o mesmo espaço. A realidade observada é, no entanto, para as autoras, bem diferente no que se refere à colaboração entre bibliotecas públicas e bibliotecas universitárias/institutos. As autoras, através de um questionário enviado por *email* a 249 bibliotecas universitárias/institutos e respondido por 109 bibliotecas, concluíram que há um largo espectro de formas colaborativas entre bibliotecas públicas e bibliotecas universitárias/institutos: empréstimo interbibliotecário e aquisição conjunta de recursos; serviço de referência; catálogo coletivo; programação conjunta, desenvolvimento colaborativo da coleção; troca de recursos e “joint use libraries”. O estudo identifica a “consortial partnerships” como a forma mais comum de colaboração entre este tipo de bibliotecas, tendo sido identificadas, somente, três situações de “joint use libraries”. Estes três casos de colaboração entre bibliotecas (Brantford, Manitoba, Edmonton) que partilham o mesmo espaço, apresentam características estruturais próprias, tendo, no entanto, traços comuns preditores de sucesso, identificados pelas autoras: “commitment, interest, and belief in the partnership’s value” (*ibid.*: p. 77). No referido estudo, Sarjeant-Jenkins & Walker retiram as seguintes conclusões: a colaboração gera colaboração; a colaboração desenvolve-se por resposta às necessidades; a colaboração só é sustentável se os responsáveis acreditarem no seu valor.

Num estudo realizado por Morden (2003), citado por Fernandes (2011), abrangendo 16 bibliotecas públicas, do Canadá, previamente identificadas como tendo qualquer tipo de parceria com bibliotecas escolares, verificou-se a existência de três modelos básicos de cooperação entre os dois tipos de bibliotecas: “bibliotecas independentes que partilham o mesmo *site*; o mesmo espaço onde a biblioteca pública fornece todos os serviços; o mesmo espaço, com divisão de responsabilidade e controlo” (p. 33). Em qualquer uma das formas colaborativas, identificam-se, particularmente, os seguintes traços colaborativos: existência de um sistema automatizado partilhado, catálogo único e cartão único aluno/utilizador. A título de exemplo, refira-se a *Ontario Library Association* que, de acordo com a informação expressa no seu portal, a mais antiga e numerosa Associação de Bibliotecas Associadas do país, fundada em 1900, agrega, hoje, mais de 5 000 membros.

Em Espanha a cooperação entre biblioteca pública e biblioteca escolar assume características contextuais muito específicas de acordo com as disposições normativas das diferentes regiões autónomas, embora existindo normas de âmbito nacional. A estrutura descentralizada verifica-se, também, a nível da Rede de Bibliotecas Escolares, organizando-se de acordo com as disposições da Comunidade

Autónoma em que está inserida. A esta diversidade organizativa correspondem, paralelamente, práticas diversificadas de atuação, entre os dois tipos de bibliotecas, em que a cooperação subsiste, lado a lado com práticas de isolamento ou realização pontual de atividades conjuntas.

Existem diferentes fatores que explicam esta realidade; um deles é, segundo Vega (2006: 1), o facto de "School libraries in Spain have never the recognition they deserve". Embora, mais recentemente se tenha verificado um incremento das bibliotecas escolares devido às recentes políticas educativas, durante anos, e segundo o mesmo autor, "Spanish educational legislation has given little decisive support to the creation of school libraries; therefore, most of these libraries were set up at the initiative of the school themselves" (*ibid.*). Em 2005, a Fundação Germán Sánchez Ruipérez publicou um estudo da autoria de Marchesi & Miret (2006) sobre *Las bibliotecas escolares en España: análisis y recomendaciones*, incluindo 401 escolas, 3849 professores e 16056 estudantes. Os resultados do estudo, segundo os seus autores, permitiram caracterizar as bibliotecas escolares, entre outros indicadores, como estruturas relativamente recentes (cerca de 40% surgiram entre 1990 e 2004) e o seu estado de fragilidade. O estudo constituiu, também, o ponto de partida para as autoridades educativas produzirem nova legislação educacional referente às bibliotecas escolares.

Segundo Marzal & Valero (2009), as diretrizes da IFLA/UNESCO para as Bibliotecas Escolares, assim como as *School Library Guidelines*, concretizaram-se nas orientações expressas na *Ley Orgánica 2/2006, de 3 de mayo, de Educación*, que no seu artigo 113 menciona "la biblioteca escolar como centro imprescindible para el fomento de la lectura, la adquisición de competencias básicas en el aprendizaje, con un carácter abierto a la comunidad y en acuerdo cooperativo con las bibliotecas municipales" (p. 228). Posteriormente, em 2007, foi publicada a *Ley 10, de 22 de junio, de la lectura, del libro y de las bibliotecas*, que atribui às bibliotecas escolares, públicas e universitárias a missão de fomentar a leitura como competência transversal para a aprendizagem contínua. Nesse mesmo ano, foi criado o *Observatorio de la Lectura y el Libro* a fim de avaliar os progressos leitores resultantes da aplicação da referida lei.

Publicado em Espanha por iniciativa do Ministro da Cultura, pela primeira vez em 2001, e periodicamente revisto e atualizado, o *Plan de Fomento de la Lectura* estrutura-se em seis linhas de ação (Vega, 2006: 8-9): desenvolvimento de estudos, incluindo estatísticos, sobre a realidade leitora; projetos de desenvolvimento da leitura, nas escolas; projetos de desenvolvimento das bibliotecas públicas como centros de

promoção da leitura; comunicação; atividades de promoção da leitura de que é exemplo a leitura na rua - *Libros a la calle*; ações de cooperação com outras instituições públicas e privadas, Ministérios e Fundações. Este plano consegue agregar, além das bibliotecas, um conjunto de instituições oficiais, da sociedade civil e dos meios de comunicação que têm contribuído para a concretização dos seus objetivos.

Como parte integrante do *Plan de Fomento de la Lectura*, o plano de desenvolvimento da leitura nas escolas, *Plan de Bibliotecas Escolares*, em 2001, que se mantém sem grandes alterações, procura melhorar a formação dos recursos humanos e os recursos das bibliotecas escolares, capacitando-as para uma melhor intervenção através das seguintes ações: *Programa de diseño y elaboración de material educativo para la mejora de las Bibliotecas Escolares y el fomento de la lectura en los centros*; *Programa de gestión automatizada para las Bibliotecas Escolares ABIES*; *Plan de formación sobre utilización de Bibliotecas Escolares*; *Programa de mejora de fondos bibliográficos e informáticos en las Bibliotecas Escolares*. A par desta iniciativa governamental, os governos provinciais e municipais e algumas administrações regionais e municipais, implementaram os seus planos de promoção da leitura muitas vezes ligados às escolas de que é exemplo o *Plan Gallego de Fomento de la Lectura y las Bibliotecas Escolares 2005-2008* que “include bolstering the role of public and school libraries as a basic public service to promote reading” (*ibid.*: 10), cuja presença na *Internet* pode ser visualizada, por exemplo, em: <http://www.edu.xunta.es/biblioteca/blog/> .

No âmbito da formação de utilizadores e da educação ao longo da vida, que para Vega (*ibid.*: 5) “All libraries are used to carrying out activities geared towards developing information skills”, constitui-se em Espanha, um grupo de especialistas sobre as questões de literacia, que tem vindo a desenvolver diversas iniciativas, nomeadamente um encontro em fevereiro de 2006, na cidade de Toledo, onde foi aprovado um documento sobre esta temática, que ainda hoje constitui um guia para a sua abordagem: *Bibliotecas por el aprendizaje permanente sobre la alfabetización informacional: Declaración de Toledo*. Este documento, baseando-se nas diretrizes internacionais para bibliotecas, estabelece um conjunto de orientações dirigidas às entidades políticas, instituições, profissionais e agentes sociais. Assim, no ponto 5, atribui à escola a responsabilidade de iniciar e desenvolver, nos alunos, competências informacionais, referindo como necessário bibliotecas equipadas, corretamente geridas e integradas no currículo. No ponto 8, convida os diferentes parceiros

envolvidos na promoção da literacia a criarem plataformas de discussão, reflexão e cooperação e, ainda, à manutenção de *websites* sobre o desenvolvimento das competências de literacia que reúnem recursos e fóruns sobre as iniciativas que estão a ser desenvolvidas, ponto 9.5.

A Declaração de Todelo esteve, também, na génese da *Declaração de Havana – 15 Ações de Literacia de Informação / ALFIN*, 2012, que “subscrive vários compromissos para encetar ações práticas e concretas segundo a perspetiva do trabalho colaborativo e da geração de redes para o crescimento da literacia da informação” (2012: sp.). Ainda no âmbito da literacia, refira-se a criação do Centro Internacional de Tecnologias Avançadas, de que é um dos exemplos o portal *Biblioteca Escolar Digital*, <http://www.bibliotecaescolardigital.es/>, da responsabilidade da Fundación German Sánchez Ruipérez, que reúne um conjunto de recursos para os diferentes níveis de escolaridade, dirigido a diferentes públicos-alvo: alunos, professores, encarregados de educação, pedagogos e investigadores educacionais.

Diversos autores referem o salto quantitativo e qualitativo que se tem verificado, nos últimos anos, em Espanha, especialmente no que se refere às bibliotecas escolas. No entanto, e segundo Marzal & Valero (2009: 222):

Uno de los efectos más conocidos del déficit en el sistema bibliotecario español, sobre el mundo educativo, es cómo las bibliotecas públicas han intentado paliar el déficit que arrastran las bibliotecas escolares, a través de diferentes iniciativas que en la mayoría de los casos no constituyen verdaderos proyectos de colaboración y menos aún cooperativos [...] Este “pecado original” se asentaba sobre una biblioteca pública, que surge con una intención de servir de apoyo al sistema educativo

Pérez (2010: sp.) evocando as razões da conveniência da cooperação entre a biblioteca escolar e a pública, partindo dos motivos citados num estudo realizado por Salaberría em 1997, e tendo por base a análise da situação real, em particular na Andaluzia, propõe o ajustamento a um paradigma mais possibilista que se concretiza na realização dos seguintes programas, emergentes do diálogo entre bibliotecários e professores: “Formación en matéria documental; actividades de promoción de la lectura; colaboración en la realización de unidades didácticas; asesoramiento y colaboración”.

Nos Estados Unidos da América, a cooperação entre biblioteca escolar e a pública tem tradição. Segundo a perspetiva histórica de Fitzgibbons (2000: sp.) ela remota ao século XIX quando John Cotton Dana, presidente da *American Library Association* (ALA), nomeou uma comissão para a elaboração de um estudo sobre as relações entre as duas organizações, embora as bibliotecas escolares fossem quase inexistentes, que recomendou a “cooperation between the school and public library”. Mais recentemente, a partir de 1990, enfatizou-se a importância das bibliotecas e da sua colaboração, particularmente, a partir de 1991, com a *White House Conference on Libraries and Information Services*, de que resultou o *Youth Omnibus Act*, que, pela primeira vez, refere a necessidade de criar as “youth libraries” e recomenda “programs planned and provided by both types of libraries to provide “comprehensive library services to children and young adults” (*ibid.*).

Nessa década, entre várias iniciativas presidenciais, destinadas a promover a leitura, a iniciativa *Reading in Infancy*, com o objetivo de preparar as crianças do pré-escolar para frequentarem a escola, reforçava a necessidade de colaboração entre bibliotecas: “Preparing preschoolers for school is an essential responsibility of both public libraries and schools and best accomplished cooperatively” (*ibid.*). Seguiu-se um conjunto de fóruns com a finalidade de debater a concretização das políticas adotadas e de perspetivar a adoção de novas políticas, referindo-se o papel das bibliotecas escolares e públicas na promoção da literacia e os diferentes processos/atividades passíveis de desenvolver colaborativamente. Fitzgibbons, no seu já citado estudo, refere as seguintes conclusões que emergiram dessa discussão, nos diferentes fóruns:

- *Open Forum*, BOSTON, 1993 - Ambas as bibliotecas devem ser espaços para a utilização de redes de informação e de novas tecnologias, devendo garantir o seu acesso a todos; as áreas de colaboração privilegiadas, para a concretização dos objetivos comuns, incluem: desenvolvimento da coleção; empréstimo interbibliotecário; programas conjuntos de desenvolvimento da literacia em diferentes públicos-alvo – crianças, família, intergeracionais – e programas multiculturais; a concretização dos objetivos e otimização dos serviços só são possíveis através de planos que envolvam as autoridades responsáveis locais e do Estado;
- *Open Forum*, Sacramento, 1993 – A biblioteca escolar e pública só são parceiros quando existe um grande empenhamento mútuo na colaboração, não podendo uma ser substituída pela outra;

- *Open Forum*, Des Moines, 1993 – O desenvolvimento do trabalho de parceria entre bibliotecas exige tempo para planear, para reunir, para comunicar e para manter a colaboração. A comunicação e os esforços conjuntos consolidam a colaboração.

O mesmo autor refere que embora a cooperação tenha sido referida, há muito tempo, como uma prática necessária, entre os dois tipos de bibliotecas, ela não se encontra institucionalizada como seria de esperar e desejar. De acordo com dois estudos, de 1994 e 1995, realizados pelo *United States Department of Education (USSED)*, que pretendiam determinar em que medida as bibliotecas públicas cooperavam com outras instituições da comunidade, só três quartos das bibliotecas trabalhavam ocasionalmente ou frequentemente com as bibliotecas públicas, com maior incidência ao nível das escolas secundárias, sendo a atividade mais frequente a visita dos alunos à biblioteca pública. Existem, no entanto, evidências de um grande número de exemplos de sucesso de cooperação entre os dois tipos de bibliotecas, na criação de redes e partilha de recursos, desenvolvimento da coleção, serviços de informação e instrução, leitura e literacia.

Um exemplo de cooperação entre este tipo de biblioteca partilhada é a *Central Libray* em *San Jose, CA* e a *Harris County Library* em *Tomball, TX*. Tomando como exemplo esta última, através da sua presença na Internet, vemos que se encontra presente nas redes sociais, e através do seu *website*, *Harris County Public Library – your pathway to knowledge*, <http://www.hcpl.net/>. Este sítio estrutura-se de acordo com os diferentes serviços que são oferecidos a distintos públicos-alvo. Veja-se, por exemplo, o serviço de empréstimo: contempla um catálogo *online*, com empréstimo entre bibliotecas, que inclui diferentes tipos de recursos (livros em formato papel, e-books, audiolivros....); um serviço de divulgação de novos títulos - “Author Alerts”; um serviço de recomendação de livros na base das preferências expressas pelo leitor - “Book Hunters! Your Personal Reading Consultants”, aplicando assim, o princípio “ A Reader for Every Book, A Book for Every Reader”; uma *Newsletter* – “Next Reads”; Salas de conversação – “Meeting Room”. Este é, sem dúvida, um bom exemplo não só de colaboração entre bibliotecas mas, também, do aproveitamento das potencialidades das novas tecnologias na sua aproximação à diversidade de utilizadores.

A ALA criou uma comissão, ALSC – *Association for Library Service to Children*, que associa três das suas divisões (AASL; ALSL; YALSA) numa intercomissão, *Interdivisional Committee on School/Public Library Cooperation*, com a finalidade de coordenar o desenvolvimento do trabalho cooperativo entre a biblioteca escolar e a biblioteca pública. Este Comité possui um portal, <http://www.ala.org/alsc/schoolplcoop>, estruturado de acordo com os seus diferentes públicos-alvo: “Educators; Library School Students; Members; Parents; Publishers” (ALSC, sd.: sp.) e destinado, também, a promover a partilha de práticas de cooperação entre bibliotecas: *School/public library cooperative programs*. Além da informação sobre a ALSC, o portal disponibiliza conteúdos específicos para os bibliotecários, incluindo a sua formação contínua e, ainda, um espaço destinada aos alunos, em particular o *Great Websites for Kids*, que reúne um conjunto de *sites* com informação sobre diferentes áreas temáticas: <http://gws.ala.org/>.

A Austrália tem uma longa tradição bibliotecária com grande influência a nível internacional, nomeadamente nas bibliotecas escolares, pelo seu contributo epistemológico e pragmático, de que é exemplo o *Manifesto da Unesco sobre as Mediatecas Escolares*, aprovado em 1980 pela UNESCO, e que resultou de uma proposta inicialmente elaborada pela “Associação Australiana de Bibliotecas Escolares e enviado para o Secretariado da UNESCO pela Comissão Australiana da UNESCO” (Calixto, 1996: 150).

Segundo Bundy (2001), foi a partir de 1964, com as conferências da professora bibliotecária norte-americana Sarah Fenwick e, essencialmente, com o seu estudo *School, and children's libraries in Australia*, que as autoridades governativas e educativas se preocuparam com as deficiências da biblioteca escolar e empreenderam uma série de medidas valorativas do papel e importância das BE. No referido estudo, na secção final, sob o título *cooperação entre biblioteca pública e biblioteca escolar*, Fenwick (1996, citada por Bundy, 2001: sp.) refere:

Both school and public library will be responsible for learning that will span lifetimes, and the education of children will be only the beginning ... there must be continuous planning...especially of schools and public libraries, for this challenging common endeavour.

Trinta e seis anos após este estudo, e existindo diferentes exemplos de colaboração formal, semi-formal e informal entre os dois tipos de bibliotecas, em maio de 2001, Bundy realiza um estudo comparativo sobre a interação entre os dois tipos de bibliotecas, inquirido por questionário, composto por 5 questões, enviado por *email* a 1496 bibliotecas públicas e a 2325 bibliotecas de escolas oficiais e privadas

australianas. Dos resultados obtidos refere-se como mais saliente: tanto as bibliotecas escolas como públicas consideram o seu grau de integração baixo; a interação, nos últimos cinco anos, manteve-se, segundo a maioria das respostas, mas para 39% das bibliotecas públicas ela diminuiu; a falta de tempo foi considerado, por ambas as instituições, como o fator que mais contribuiu para inibição da interação (67% - bibliotecas escolares e 46% - bibliotecas públicas); os bibliotecários de ambas as instituições consideram que têm um conhecimento fraco, ou muito fraco, dos assuntos referentes à outra instituição (63% dos bibliotecários escolares e 71% dos bibliotecários de bibliotecas públicas); a conclusão fundamental do estudo foi que, em 2001, ambas as bibliotecas valorizavam a importância do trabalho colaborativo e estavam a desenvolver esforços no sentido da sua efetivação, identificando-se, fundamentalmente, os seguintes fatores condicionantes da interação entre as duas instituições:

- ✓ Diferente entendimento e entusiasmo acerca da necessidade e dos benefícios da interação;
- ✓ A informalidade dos acordos de cooperação;
- ✓ Financiamento, tempo, atitude e acesso parecem ser os maiores constrangimentos à cooperação

Segundo Marzal & Valero (2009), embora existindo fortes associações de bibliotecários, onde se destacam a ALIA, a ANZIL, a CAUL e a CONZUL, a “Australia carece de una política estratégica nacional de bibliotecas públicas” (p. 232), por isso, a organização das bibliotecas está fortemente condicionada pelo seu contexto: cada estado tem diferentes meios de disponibilizar os serviços de biblioteca. Ainda, segundo os mesmos autores, na Austrália do Sul a biblioteca estatal gere um sistema centralizado de aquisições para cada biblioteca e nas zonas rurais há um elevado número de bibliotecas de uso partilhado – *joint-use libraries* – o que não acontece nos outros estados.

A *Rockingham Regional Campus Community Library* situada na Austrália Ocidental, é um exemplo de *joint-use libraries*. Tendo-se constituído em 1998, procura satisfazer as necessidades de informação da cidade de Rockingham, Challenger Tafe (escola profissional) e da Universidade de Murdoch. A missão desta biblioteca é, segundo Hamblin (2007: sp.), “to provide quality services that meet the information, recreation and learning needs of the local community, the TAFE campus and the University campus by ensuring equitable access to information resources.” Esta forma

colaborativa foi antecedida de um período de trabalho preparatório em que os diferentes parceiros acordaram procedimentos comuns, nomeadamente ao nível da catalogação e dos sistemas de informação utilizados, o que permite dispor de uma coleção integrada e de um catálogo unificado: “ The City of Rockingham operates three diverse libraries with combined resources of over 190,000 items.” - informação disponibilizada no portal <http://rockinghamlibrary.murdoch.edu.au/community.html>. O portal das bibliotecas, integrado no portal da cidade de Rockingham, além de permitir o acesso ao catálogo unificado, disponibiliza informação – barra de menu - sobre: “*E-Library; Kidsonline; Library Events; Library Services; Locations, Contacts and Opening Times; Membeship; Useful Links; Your Borrower Record*”

1.3.2 A colaboração entre Biblioteca Escolar e Biblioteca Pública – o caso português

1.3.2.1 Rede de Leitura Pública

Nos anos oitenta surgem, de acordo com Marques (2012: 89), “ sinais de uma renovação da área [do livro e da leitura], os quais podem ser entendidos como o resultado direto de uma aposta do regime democrático na educação popular, no fortalecimento do poder local, e naturalmente, da área cultural.” De facto, diferentes iniciativas ocorrem durante essa década, quer ao nível da sociedade civil quer ao nível governativo/legislativo, que provocaram profundas alterações estruturais nas bibliotecas e na política de divulgação do livro e da leitura.

Em 4 de fevereiro de 1983, em Lisboa, tem lugar um Seminário sobre “Animação de Bibliotecas”, promovido pelo recém-criado Instituto Português do Livro (IPL), em 1980, que dependia diretamente do Instituto Português do Património (IPPC) sem qualquer relação institucional com as Bibliotecas. Neste seminário, que conta com o apoio da BAD e a orientação de Jean Tablet, bibliotecário da Biblioteca Municipal de Gardanne (França), é aprovado o documento: *A Leitura Pública em Portugal: Manifesto*, com a finalidade de “sensibilizar a opinião pública e alertar os responsáveis – Governo e Autarquias Locais – para a inexistência de uma verdadeira prática de leitura pública entre nós” (p. 1), entendendo por leitura pública:

o estabelecimento de uma relação entre a criação e o público, com a dupla finalidade: cultural – possibilitar o acesso de todas as camadas da população às fontes de conhecimento nas suas diversas formas, e social – contribuir para a afirmação do indivíduo na comunidade, conferindo-lhe a possibilidade de exercer plenamente o acto de escolher (*ibid.*)

No referido Manifesto considera-se, ainda, que “não dispomos de um verdadeiro sistema de bibliotecas públicas, mas sim de um conjunto de instituições mortas, sem qualquer tipo de relação entre si ou com o meio” (*ibid.*: 2). Face à conjuntura, o documento propõe: “empreender um organismo”, no âmbito do Ministério da Cultura, responsável pela “elaboração participada de uma política nacional de leitura pública” (*ibid.*) e por intermédio do “estabelecimento de um plano de desenvolvimento coerente, dar apoio, através de meios técnicos e financeiros às autarquias locais, e elaborar normas respeitantes nomeadamente à construção e apetrechamento dos edifícios e à organização dos serviços” (*ibid.*). Estas medidas assentam no reconhecimento do papel fundamental das autarquias locais, no que se refere às bibliotecas públicas, e na necessidade de elaborar legislação específica, referente a estas bibliotecas.

Como resultado do Manifesto, constituiu-se, no seio da BAD, um grupo de trabalho na área das BP que, entre diferentes estudos, realizou um inquérito em 1984/85 que revelou que “só existiam Bibliotecas em cerca de 30% dos 275 municípios portugueses e que, apenas metade (45) cumpria parcialmente as funções que o conceito de leitura pública implicava e que o *Manifesto da Unesco* consagrava” (Marques, 2012: 90). Esta e outras preocupantes conclusões dos estudos foram apresentadas e analisadas, na cidade do Porto, em 1985, no I Congresso Nacional de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas.

As conclusões deste Congresso levam a Secretária de Estado da Cultura, nesse mesmo ano, a nomear uma comissão destinada a estudar a debilitante situação portuguesa. Como resultado do estudo, a referida comissão propõe a criação de uma Rede de Bibliotecas de Leitura Pública. Na sequência das suas recomendações e da existência de uma política que define, segundo o programa do X Governo Constitucional, citado por Marques (2012: 91), “entre as Grandes Opções do Plano de 1986, a *dinamização de uma política nacional do livro*, através de um conselho coordenador que integre todos os organismos oficiais intervenientes nesta área” é criado em março de 1986, através do Despacho 23/86, um grupo de trabalho, coordenado por Maria José Moura, com as funções de definir uma política nacional de leitura pública que “assentará fundamentalmente na implantação e funcionamento

regular e eficaz de uma rede de bibliotecas municipais, assim como no desenvolvimento de estruturas que a nível central e local, mais directamente as possam apoiar” (Moura, 1986: 1).

Esse grupo de trabalho, tendo por base o conceito de biblioteca pública definido no Manifesto da UNESCO, em 1 de julho de 1986, apresentou o relatório “Leitura Pública – Rede de Bibliotecas Municipais” onde, no conjunto de medidas do “Plano de Propostas de Acção”, propõe a criação de uma Rede de Bibliotecas de Leitura Pública, tendo como unidade base o concelho e “integrando uma Biblioteca Municipal (BM)” (*ibid.*: 15). É assim, que, segundo Marques (2012: 92):

A leitura pública era entendida neste relatório como sendo uma questão de natureza estrutural para a *jovem* democracia, sendo o Estado apontado como o promotor e o garante de uma nova política para o sector das BP, enquanto as autarquias surgiam como os protagonistas mais directos e interessados nas acções a desenvolver.

Nesse mesmo ano, algumas Câmaras Municipais assinaram contratos-programa com a Secretaria de Estado da Cultura, através do Instituto Português do Livro e da Leitura (IPLL), mais tarde, após 1987, do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (IBL), e desde 2007 tutelado pela Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas (DGLB), com o objetivo de criar de raiz ou de renovar bibliotecas já existentes. Esses contratos estipulavam a assunção pela Administração Central de 50% do custo da obra, do mobiliário e do fundo documental, ficando o município, ao fim de quatro anos, no máximo, proprietário da biblioteca e responsável pela sua gestão e manutenção. Dava-se, assim, início ao desenvolvimento de um Plano de Leitura Pública com a constituição de uma Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, tendo por base o concelho. A conceção, e opção, por um modelo em rede de bibliotecas foi, desde a sua génese, uma ideia inovadora e democrática que implicou, naturalmente, a cooperação como fundamento, como é aliás, enunciado, explicitamente, no documento: “As actividades regulares de cooperação e a colaboração [...] são indispensáveis às bibliotecas públicas, na prossecução dos seus objectivos” (Moura, 1986: 6). Refira-se, ainda, que a RNLP representa, segundo Melo (2004), citado por Marques (2012: 96), “o corolário da evolução de dois movimentos: o da democratização política [...] e o da democratização cultural”.

O documento *Relatório sobre as Bibliotecas Públicas em Portugal*, de 1996, partindo do Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas, de 1994, e de uma reflexão sobre o contexto nacional e internacional, reconhece as crescentes

tendências para o registo e disponibilização de informação em suporte digital, para a informação multimédia e para o aumento da utilização de redes no acesso e distribuição de produtos e serviços de informação, permitindo supor que “a distribuição através de redes ocupará um lugar muito importante, porventura mesmo dominante num futuro próximo” (Moura, 1996: 4). Face a este contexto, o relatório conclui que, continuando a ser fundamentais as funções básicas de promoção da leitura e do acesso à informação, para que a biblioteca pública continue a desempenhar a sua função, será necessário que as suas coleções e serviços incluam “todos os tipos de suporte e tecnologias modernas apropriadas, assim como fundos tradicionais.” (*ibid.*: 5). Para a concretização dos objetivos, tendo em vista a prestação dos serviços recomendados, também, a nível europeu, preconizou-se a adopção das seguintes condições (*ibid.*: 15):

toda a informação tem que estar integrada, ou seja, deverá existir um sistema no qual seja possível identificar os documentos que a biblioteca possui, seleccionar o que interessa em cada caso, visualizar a sua localização na biblioteca e solicitar o empréstimo, se for caso disso;

A informação tem de apresentar-se de forma lógica e agradável e a interface com o utilizador tem de ser concebida de modo a torná-la adequada, compreensível e atractiva;

O público em geral deve ter possibilidade de aceder à biblioteca, através da rede de telecomunicações

Para os autores do referido relatório, esta rede de bibliotecas “deverá desempenhar um papel significativo na passagem à *sociedade da informação* através do fomento da utilização de novos produtos e serviços veiculados pelas auto-estradas da informação e da promoção das mudanças tecnológicas” (*ibid.*: 17). O desenvolvimento do novo Programa da Rede de Bibliotecas Públicas é atribuído ao IPL. Este organismo é ainda cometido de um conjunto de atribuições entre as quais salientamos: “Estudar e propor formas de cooperação com outras entidades públicas ou privadas [...] designadamente pela preparação de programas de incentivos às Autarquias para criação e desenvolvimento de Redes Concelhias de bibliotecas.” (*ibid.*: 18).

Hoje, passados mais de vinte e cinco anos sobre o estabelecimento do Programa RNLP, baseado na criação de parcerias entre a Administração Central e Local, que pretendia dotar todos os concelhos do país de uma Biblioteca Pública, pode ler-se no sítio da DGLAB (2013) “Desde o início, a adesão das Câmaras Municipais ao Programa foi elevada [...] são 261 Municípios apoiados – quer no Continente, quer nas Regiões Autónomas – estando 194 Bibliotecas inauguradas”. Se os números são por

si animadores, partilhamos, no entanto da opinião de Marques (2012: 101) para o sucesso e exequibilidade do Programa “é necessário que os poderes centrais e locais responsáveis pelo funcionamento e implementação da RNLP, acreditem verdadeiramente na necessidade básica das BP, da leitura e sobretudo do acesso à consciência cívica por ela facilitada”.

1.3.2.2 Rede de Bibliotecas Escolares; os CIBE

Em 1994, no Seminário “Educação, Comunidade e Poder Local”, Calixto louvava a “revolução silenciosa” (1996: 99) que se operava a nível das bibliotecas públicas e lamentava a inexistência de uma Rede Nacional de Bibliotecas Escolares e de uma estrutura de lhes desse apoio nas bibliotecas públicas. Marques, no seu estudo sobre bibliotecas públicas, refere algumas das consequências da inexistência de bibliotecas escolas, na primeira década de funcionamento da RNLP: “estávamos perante organizações híbridas, que [...] dificilmente conseguiam cumprir a sua missão”, e entre as “causas invocadas pela grande maioria das BP” encontrava-se a “inexistência de uma RBE, o que provocava uma indefinição ao nível das BP, as quais se viam impelidas a serem substitutas e não complementares das Bibliotecas das escolas.” (2012: 96). O Relatório de Leitura Pública de 1996 dizia expressamente no ponto referente à Educação: “Já foi referida a carência de bibliotecas escolares [...] a escola não tem tido [...] capacidade para transmitir aos alunos os conhecimentos necessários para que eles não se sintam marginalizados da sociedade da informação” (Moura, 1996: 10).

Em 29 de dezembro de 1995, no Despacho Conjunto n.º 43, entre o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura, é reconhecido oficialmente a “insuficiência de hábitos e práticas de leitura da população portuguesa” o que exige uma política articulada entre os dois Ministérios. Essa política de incentivo à “utilização do livro nas metodologias de ensino e na organização do tempo escolar” (*ibid.*: sp.) pressupõe o desenvolvimento das bibliotecas escolares “integradas numa rede e numa política de incentivo de leitura pública mais ampla que apoie e amplifique a acção da escola e que se mantenha ao longo da vida” (*ibid.*: sp.). O Despacho estabelece, ainda, a criação de um grupo de trabalho para analisar e propor medidas nesse âmbito, que é designado através do Despacho Conjunto n.º 5 /ME/MC/96. Esta posição conjunta dos dois Ministérios é conseqüente em relação às soluções encontradas e em relação à

cooperação que permite estabelecer entre os diferentes tipos de bibliotecas, tal como afirma Fernandes (2011: 48): “dessa forma permitiu que se estabelecessem pontes desde o início e se consolidasse uma política de cooperação entre as bibliotecas municipais e as escolares [...] permitiu também capitalizar o trabalho já realizado pelas bibliotecas da rede pública em cada concelho”.

O relatório *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*, apresentado pelo grupo de trabalho designado pelos dois Ministérios, no início de 1996, define as bases e os princípios para a constituição e funcionamento das bibliotecas escolares, corporizados no Programa Rede de Bibliotecas Escolares. Este programa, caracterizando a atual sociedade de informação e a exigência de um perfil de aluno capaz de se adaptar e acompanhar o novo contexto social, atribui à escola, e em particular à biblioteca escolar, a “função essencial de criar e desenvolver nos alunos competências de informação, contribuindo assim para que os cidadãos se tornem mais conscientes, informados e participantes” (Veiga *et al.*, 1996: 16).

São três os princípios gerais orientadores da criação da Rede de Bibliotecas Escolares, RBE, enunciados no referido documento: *A Informação – Um elemento Central do Currículo*; *A Biblioteca – Um Lugar Especializado, mas Integrado na Escola e Articulado numa “Rede Local de Leitura”*; *O Desenvolvimento das Bibliotecas Escolares - Uma Mudança à Escala do Estabelecimento de Ensino* (Veiga *et al.*, 1996: 29-30). Esmiuçando o primeiro princípio, a biblioteca escolar é entendida como um centro multimédia onde a informação com fins educativos é tratada, integrada, disponibilizada e produzida, constituindo um importante recurso para o desenvolvimento curricular e da leitura, num contexto em que o desenvolvimento de competências de seleção, tratamento, produção e difusão de informação constitui o objetivo primeiro da aprendizagem. No entanto, para a efetivação deste princípio, é exigido um conjunto de meios que muitas vezes excedem a capacidade das escolas individualmente consideradas, um dos motivos pelo qual as bibliotecas se articulam em rede com outras escolas e com outros equipamentos sociais da localidade, sendo de “privilegiar a biblioteca pública” (*ibid.*: 30). Este caminho de inovação deverá ser um caminho aberto a um número indeterminado de soluções, ou seja, a mudança tem que ser feita numa dinâmica contextual: a mudança à escala de cada estabelecimento de ensino.

Ao definir as condições de instalação e funcionamento, o relatório *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares* volta a referir a articulação em rede com outras bibliotecas escolares ou públicas:

As bibliotecas de diferentes escolas de uma mesma área geográfica devem estar articuladas em rede para permuta de documentos e actividades conjuntas de animação. O mesmo deve acontecer com a ligação entre as bibliotecas escolares e as bibliotecas públicas, principalmente para recurso a serviços de apoio técnico especializado (*ibid.*: 37).

Referindo-se aos recursos de informação a utilizar pela biblioteca escolar, o relatório realça a importância da ideia de rede em que “cada biblioteca deve ser considerada como um ponto de acesso ao sistema, pelo que os recursos de informação disponíveis deverão, em princípio, estar disponíveis para todos os outros pontos de acesso” (1996: 50). Para o funcionamento em rede são evocadas razões económicas, aquisição racional de recursos, de modo a evitar a sua duplicação desnecessária, e razões de especialização, cada biblioteca, de acordo com a sua especificidade, pode especializar-se num determinado fundo documental.

Em relação aos equipamentos a utilizar, mais especificamente aos sistemas informáticos, o relatório determina que devem assegurar duas funções nucleares, o acesso à informação e a gestão bibliográfica. Deste modo, devem ser rejeitados os sistemas que não obedecem às “normas bibliográficas básicas ou não permitam o acesso a bases de dados a distância” (*ibid.*: 47), pois que: “Um princípio geral do trabalho de bibliotecas é o trabalho cooperativo e a partilha de recursos. A utilização de meios informáticos acentua a pertinência e a actualidade deste princípio, mas impõe exigências de normalização” (*ibid.*).

De acordo com o enunciado, desde do momento da sua criação, a Rede de Bibliotecas Escolares é portadora dos genes característicos da inovação, do trabalho em rede, da cooperação entre bibliotecas, nomeadamente com as bibliotecas públicas, e do entendimento de que as mudanças são processos endógenos que podem, e devem, ser estimuladas por fatores externos mas com “as margens de ajustamento necessárias para que professores e alunos se apropriem delas” (*ibid.*: 31).

Com as funções de coordenação da RBE foi designado um Gabinete de Coordenação da Rede de Bibliotecas Escolares (GRBE), através do Despacho Conjunto n.º 184/ME/MC/96, mais tarde revogado pelo Despacho Conjunto n.º 872/2001 ME/MC, que estabelece a sua dependência do Ministério da Educação e cooperação com o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, Ministério da Cultura, no âmbito do Programa Rede Nacional de Bibliotecas Públicas.

O alargamento do programa da Rede de Bibliotecas Escolares, a necessidade de apoiar as bibliotecas e de desenvolver de modo coordenado o

programa, levou ao estabelecimento da ligação entre a biblioteca escolar e o GRBE, através do Coordenador Interconcelhio das Bibliotecas Escolares (CIBE), conforme o estipulado na Portaria 756/2009, artigo 13.º, a mesma Portaria que define a função de professor bibliotecário, referindo que os coordenadores interconcelhios “sediados nas escolas a que pertencem, coordenam um número de agrupamentos e escolas não agrupadas a definir pelo GRBE, conforme as circunstâncias e a geografia”.

Aos CIBE, professores designados “com formação e experiência em gestão de bibliotecas escolares” (GRBE, 2008: 18), correspondem as funções de aconselhamento e apoio técnico às bibliotecas escolares, quer na fase inicial ou de posterior funcionamento e, ainda, as importantes funções de:

dinamização de grupos de trabalho concelhios, em articulação com os SABE, no sentido de desenvolver projectos estruturados no âmbito da promoção da leitura e das literacias; sensibilizar para a adopção de políticas de partilha de recursos e organização conjunta de actividades; estimular a criação de informação em rede, particularmente o desenvolvimento de um catálogo colectivo” (*ibid.*)

1.3.2.3 Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE)

No já referido Seminário “Educação, Comunidade e Poder Local”, em 1994, Calixto reclamava a existência de um serviço de articulação por parte da biblioteca pública com a biblioteca escolar, que designava por Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares: “Este Serviço tem de ser devidamente planeado e financiado para que possa resultar e ser eficaz. Significa haver nas bibliotecas públicas espaço documentação e recursos humanos destinados a este Serviço” (Calixto, 1996: 108). Numa visão ambiciosa mas possível de um futuro desejável, resultante das potencialidades criadas pela articulação em rede das diferentes bibliotecas, o autor preconizava, já nessa altura, que com a “informatização integral das bibliotecas públicas, a tendência será seguramente para a constituição de redes informáticas concelhias que permitirão às bibliotecas das escolas a organização dos seus catálogos, o acesso ao catálogo da biblioteca pública, das outras bibliotecas públicas da região e do país” (*ibid.*: 110).

Os Serviços de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE) surgem no documento *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares* como organismos técnicos especializados, com a finalidade de localmente se articularem e apoiarem as bibliotecas escolares,

“recomendando-se a sua a sua criação nas bibliotecas municipais” (Veiga *et al.*, 1996: 56). Este mesmo relatório atribui ao Ministério da Cultura a incumbência da criação e cofinanciamento dos SABE, nas Bibliotecas Municipais da Rede de Leitura Pública, e às Câmaras Municipais a integração e financiamento dos SABE, nas BM. Em 2007, no Primeiro Fórum das Bibliotecas Escolares do Concelho de Évora, Carvalho & Sampaio (2007: sp.) afirmavam que” graças a este serviço [...] estava instituída uma parceria que haveria de beneficiar ambas as partes: as bibliotecas escolares usufruíam de apoio técnico, as BPs asseguravam uma parceria essencial para criação de hábitos de leitura nas crianças e jovens, actuais ou futuros utilizadores seus.”

A criação destes serviços específicos especializados, SABE, por parte das bibliotecas públicas baseou-se na experiência bem sucedida do *School Library Service*, organismo das bibliotecas públicas do Reino Unido de apoio às escolas. Segundo Calixto (1996) os fins do *School Library Service* são os de fornecer serviços e apoio profissional às escolas além do apoio profissional às Autoridades Locais de Educação. De igual modo, segundo Kinnel (1992), citado por Calixto (1996: 131), as *Library Association Guidelines for School Libraries*, referiam que “É importante que as autoridades locais atribuam uma alta prioridade ao apoio a todos os aspectos do *School Library Service*, particularmente: empréstimo de materiais [...] formulação de políticas [...] esquemas de aquisições centralizadas [...] desenvolvimento do trabalho em rede, programas de habilidades de informação.”

Como resultante das suas finalidades e competência técnica, os SABE, segundo o já referido relatório *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*, têm diferentes funções de apoio às bibliotecas escolares que esquematicamente se caracterizam por (1996: 55):

- empréstimo de recursos - fornecer recursos físicos e de informação às bibliotecas escolares;
- apoio técnico – prestar colaboração técnica às escolas no domínio da organização, gestão e funcionamento das bibliotecas escolares e apoiar o uso eficaz dos recursos;
- formação - participar na formação contínua dos profissionais envolvidos no serviço de bibliotecas escolares em articulação com as instituições de formação;
- desenvolvimento e articulação – apoiar as bibliotecas escolares e promover a sua criação aonde não existam, assim como, “promover a

articulação das bibliotecas escolares com as outras bibliotecas do concelho, procurando formas de cooperação e rentabilização de recursos”

Em muitos casos, a prática tem demonstrado que estes serviços têm “constituído o embrião de um trabalho colaborativo alargado a outros domínios, para além do meramente técnico” (GRBE, 2008: 6).

Os SABLE embora se destinem a melhorar os serviços prestados pela biblioteca escolar, eles comportam outros benefícios/beneficiários. Assim, constitui uma mais-valia para as bibliotecas, por exemplo, a criação de catálogos coletivos, disponíveis *online*, em portais que integram informação e documentação de apoio às bibliotecas mas também a professores, assim como aos alunos. A utilização das novas tecnológicas na organização e sistematização de informação e conhecimento, destinada aos utilizadores, é um terreno propício à colaboração e que traz inegáveis benefícios para as bibliotecas e utilizadores. Terré e Llambias, M. (2005: 329) dão-nos conta de diferentes experiências que ocorreram, neste âmbito, e salientam que “En su conjunto, estas iniciativas que parten de la biblioteca pública han sido muy bien acogidas por la comunidad escolar.”

1.3.2.4 O acordo de cooperação e a diversidade de formas colaborativas com os SABLE

Desde da sua criação, o desenvolvimento do programa da Rede de Bibliotecas Escolares faz-se na base de uma candidatura do estabelecimento de ensino público, agrupado ou não agrupado e escolas profissionais. A candidatura tem de se fundamentar num projeto consistente de intervenção que inclua as vertentes pedagógica, recursos humanos e condições de instalação da biblioteca. Esta candidatura, também, pode ser apresentada por estabelecimentos de ensino com contrato de associação com o Ministério da Educação. No caso do 1.º ciclo do Ensino Básico, em que as escolas são tuteladas pelas autarquias, o trabalho conjunto entre a RBE, a Câmara Municipal e a Biblioteca Municipal inicia-se logo na fase de conceção do projeto, o que possibilita “um trabalho especial com as Câmaras Municipais, particularmente com os departamentos de educação do poder local e da Biblioteca Municipal [...] participando na aquisição de mobiliário, dos fundos documentais, seleccionando e tratando os documentos” (Calçada, 2008: 3). As autarquias são, assim, um elemento chave no desenvolvimento da rede de conhecimento: “São os

parceiros naturais de uma Rede Concelhia de Bibliotecas Escolares” (Fernandes, 2011: 50).

O acordo de cooperação para a constituição e consolidação da Rede de Bibliotecas Escolares, com incidência concelhia, assenta em “princípios de planeamento integrado a nível de agrupamento e da rede escolar local, através de uma estratégia de rentabilização e de partilha de recursos e de trabalho colaborativo” (GRBE, atual. 2011: 1) formaliza-se na assinatura de um documento (acordo de cooperação) pelos representantes das diferentes instituições envolvidas na rede: o Ministério de Educação, através do Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares, e da Direção Regional onde o(s) estabelecimento(s) de ensino se encontra(m) sediado(s), o(s) Estabelecimento(s) de Ensino e, a respetiva Câmara Municipal, que integra a Biblioteca Municipal com a respetiva ligação à Rede de Leitura Pública.

O acordo de cooperação que se encontra atualmente em vigor, corresponde a um modelo que pode ser acedido através do sítio da Rede de Bibliotecas Escolares, (<http://www.rbe.min-edu.pt/np4/93.html>). Nele são reafirmados os objetivos da biblioteca escolar como núcleo da organização pedagógica da escola, que favorece a inovação e afirmação de novos paradigmas, integrando-se e envolvendo a comunidade escola, contribuindo para a aprendizagem ao longo da vida e para uma sociedade baseada no conhecimento. Este documento, assinado pelos diferentes intervenientes, é, também, importante, na especificação das responsabilidades das diferentes partes envolvidas na cooperação, especificada ao nível de diferentes itens (GRBE, atual. 2011: 2-6):

- Recursos materiais – na sequência da aprovação da candidatura, a Rede de Bibliotecas Escolares comparticipa nos encargos de instalação da biblioteca, na aquisição de equipamentos e na constituição da coleção de recursos documentais. No caso do Ensino Básico, compete à Câmara Municipal equipar as escolas e os centros educativos com bibliotecas escolares, assegurando os custos de construção, manutenção e apetrechamento, bem como, a manutenção dos equipamentos informáticos e da atualização e do tratamento do fundo documental, através do SABE. Às escolas cabe o cumprimento das orientações do GRBE para a instalação, prestação de serviços e desenvolvimento da BE

- Recursos humanos – À Direção Regional de Educação das escolas sediadas no concelho compete o cumprimento das normas legais referentes aos recursos humanos afetos às escolas, assim como, assegurar a articulação logística com os CIBE, em cooperação com o Gabinete da RBE. Compete, também, garantir a afetação de recursos humanos qualificados, de acordo com a legislação. As escolas nomeiam o professor bibliotecário, de acordo com as normas legais, e uma equipa que garante o funcionamento, o cumprimento dos objetivos e a avaliação da BE, de modo integrado nos objetivos educativos, nos documentos orientadores e na atividade da escola. Neste âmbito dos recursos humanos, o acordo de cooperação atribui à Câmara a responsabilidade da constituição do Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares, dotando-o dos meios humanos e materiais necessários à colaboração com as escolas e à cooperação entre bibliotecas, no âmbito da partilha e circulação de recursos documentais.
- Formação e orientações especializadas – O GRBE deve assegurar a formação académica e/ou continua, no âmbito das bibliotecas escolares, através de parcerias com entidades formadoras, produzindo, também, orientações técnicas, documentos e instrumentos de apoio à ação e desenvolvimento da BE. As escolas devem incluir, nos seus planos de formação, propostas que correspondam às necessidades formativas da equipa da BE. Os SABE são ainda organismos importantes na produção de orientações técnicas especializadas para as bibliotecas escolares.

Salienta-se, ainda, com particular relevância, em relação ao documento (modelo) de acordo de cooperação, a inclusão, em todas as cláusulas que regulam a atribuição de responsabilidades de cada uma das entidades envolvidas, de um ponto referente ao compromisso de cooperar com todos os parceiros envolvidos. Está ainda presente, no atual modelo de acordo de cooperação, um articulado comum referente a portais/plataformas concelhias:

Contribuir para a criação e desenvolvimento de redes de informação e de conhecimento, especificamente através da criação e manutenção de portais/plataformas digitais, e da actualização do catálogo colectivo (GRBE, atual. 2011: 4-5).

Cooperar é a tónica, a palavra-chave, do acordo de cooperação em que todas as entidades se comprometem para o estabelecimento de uma Rede Concelhia de bibliotecas, estabelecendo um compromisso, onde se definem os recursos necessários, as responsabilidades específicas e os seus campos de interceção, procurando assegurar a efetivação de uma verdadeira rede colaborativa. Asseguram-se os recursos materiais e humanos mas também a sustentabilidade da rede, nomeadamente através da formação, e a definição de um caminho para o presente que perspetive o futuro: a criação de uma rede de informação e de conhecimento, cuja parte “visível” é o portal coletivo.

Partindo de um conceito de cooperação que engloba “quatro pontos-chave: colaborar; projecto comum; unir esforços e fim comum” (Fernandes, 2011: 96), e tendo realizado um estudo sobre os SABE no distrito de Lisboa, a autora refere que “existem grandes diferenças entre concelhos, nas práticas de cooperação e também na grande heterogeneidade relativamente aos níveis até onde esta cooperação conseguiu chegar” (*ibid.*: 51). Do mesmo modo, em relação aos SABE, realça que “diferem de concelho para concelho, pois estão dependentes do poder local, estando em estádios de desenvolvimento diferentes” (*ibid.*: 57) e têm “uma variedade muito grande relativamente ao tempo de existência, e por conseguinte, de experiência” (*ibid.*: 99). Desta mesma realidade nos dá, também, conta Calçada, ao referir que “O desenvolvimento em rede, tem vindo progressivamente a ganhar forma, numa relação crescente, ainda que se vá processando de formas desiguais” (2008: 3), evidenciando uma “diversidade de situações, não só decorrentes das assimetrias regionais, mas as subjacentes às dinâmicas locais, assentes, sobretudo, nas relações interpessoais e pessoais/institucionais” (*ibid.*: 2), e identifica como principal dificuldade “a falta de cultura de trabalho colaborativo, quer entre as escolas e as bibliotecas municipais, quer das escolas entre si” (*ibid.*: 3).

Fernandes aponta, no seu estudo, quatro fatores fundamentais para o estabelecimento de uma efetiva colaboração entre os SABE e as BE, e que estão de acordo com os preditores de sucesso apontados por Haycock: “assinatura de um documento que formalize a cooperação; planificação conjunta; gestão integrada de recursos; formação de equipas” (*ibid.*: 100). Expressando, também, uma outra conclusão importante: “a colaboração tem sempre um saldo positivo, e naturalmente que quanto mais planificação conjunta existir maiores serão os benefícios que ambas as instituições poderão retirar” (*ibid.*: 98).

2. Comunidades de Prática – um conceito útil à colaboração entre bibliotecas

2.1 O que são?

O conceito de Comunidades de Prática (CoP) é relativamente recente, no entanto, e de acordo com Wenger (2006: 1), “the phenomenon it refers to is age-old”. Esta observação temporal é complementada com a observação espacial e de presença das CoP: “as comunidades de prática são uma parte integrante das nossas vidas quotidianas e estão em todo o lado, uma vez que ao interagimos uns com os outros e com o mundo, estamos a aprender” (Varajão, 2010: 5). Não sendo um conceito novo e estando presente na vivência diária, é necessário que as organizações sejam mais intencionais e atentas ao modo como se processa a aprendizagem e a colaboração, de acordo com Wenger, que define Comunidades de Prática do seguinte modo:

Communities of practice are groups of people who share a concern or a passion for something they do and learn how to do it better as they interact regularly (*ibid.*)

Assim, e de acordo com este conceito, as CoP são grupos de pessoas que partilham um interesse, uma “paixão”, por algo que sabem fazer e que interagem regularmente para aprender como o fazer melhor, mesmo que a aprendizagem não seja o motivo, a intenção explícita, pelo qual o grupo interage. Segundo Santos (2012: 1), tendo por referência Wenger, as Comunidades de Prática (CoP) “são estruturas que se organizam em torno de um interesse comum, de uma área ou domínio do conhecimento, ou de um campo de atuação”, em que os seus membros colocam a ênfase na prática, mais ou menos comum, e no interesse, também comum, em serem cada vez melhores nessa prática, “o que induz com frequência um constante “ir e vir” entre aprender e fazer” (*ibid.*: 15).

2.2 Dimensões-chave

Nas CoP, por serem “quadros de aprendizagem social e de colaboração”, (Santos, 2012: 14) em que os participantes constroem e partilham conhecimento, relacionando-se de acordo com fenómenos de natureza informal mais do que se

orientam por regras formais, estão presentes três dimensões-chave: Domínio, Comunidade, Prática. Estes elementos são dinâmicos e estão interligados e devem evoluir em equilíbrio, para permitir o desenvolvimento da comunidade de modo sustentado. Tal como referem Wenger, McDermott e Snyder (2002), citados por Santos (2012: 17), “os três elementos proporcionam um modelo prático para desenvolver comunidades de prática, porque ajudam a garantir que nos foquemos nas questões relevantes e mantenhamos um equilíbrio apropriado entre os elementos”.

- Domínio

É definido pelos participantes, ou membros de uma comunidade, a partir das suas preocupações, problemas que sentem e desejam resolver, fazendo melhor. O domínio é, assim, “o campo de conhecimento compreendido e negociado na prática pelos membros de uma comunidade” (Santos, 2012: 21). É a compreensão que cada elemento tem acerca do domínio comum, que pode não ser exatamente a mesma da dos outros elementos, que permite identificar o problema e reconhecer as informações pertinentes para a comunidade. Ao procurarem melhorar a sua prática, os elementos de uma comunidade partilham uma preocupação, que reforça os laços de pertença e a responsabilidade individual do desenvolvimento coletivo associado a uma dada prática. Um campo de conhecimento comum e preocupação partilhada são duas características essenciais para a identificação de um domínio. O domínio é, assim, a “razão de ser de uma comunidade, define a sua identidade e o valor daquilo que a comunidade realiza, acabando também por orientar a sua aprendizagem e a perceção do seu papel num dado contexto de ação” (*ibid.*: 22) Para que a comunidade de prática tenha sucesso é vantajoso que o domínio seja “inspirador para os membros, e que, por outro lado, tenha relevância estratégica para a organização” (*ibid.*: 19).

- Comunidade

O conceito de comunidade está associado a um conjunto de pessoas que partilham um interesse comum, que é objeto de reflexão/discussão, interagindo com frequência e continuidade, para desenvolverem atividades em conjunto:

In pursuing their interest in their domain, members engage in joint activities and discussions, help each other, and share information. They build relationships that enable them to learn from each other. (Wenger, 1998: sp.)

Deste modo, a intencionalidade de uma prática comum, a interação e a comunicação são componentes essenciais para o desenvolvimento de uma comunidade. Wenger (2006: sp.) esclarece, de forma clara, o conceito de comunidade através do seguinte exemplo: “The Impressionists, for instance, used to meet in cafes and studios to discuss the style of painting they were inventing together. These interactions were essential to making them a community of practice even though they often painted alone”.

A pertença a uma comunidade, com o objetivo de aprofundamento e melhoria do saber ou competência num determinado domínio, cria laços interpessoais de interdependência, responsabilidade, ajuda e gera um clima de confiança em que a crítica e a exigência são compreendidas e aceites como favoráveis, e necessárias, à evolução da comunidade:

Estes são alguns dos fios que ajudam a estruturar o tecido social que sustenta e permite que um grupo de pessoas evolua e se transforme numa comunidade de prática. Do desafio, que existe lado a lado com o apoio mútuo, poderá emergir um crescimento e aprendizagem partilhada (Santos, 2012: 31).

A evolução da comunidade enquanto coletivo alicerça-se numa base comum partilhada que a sustenta e confere identidade mas, também, na diversidade e complementaridade dos seus membros, atribuindo-lhe uma maior riqueza de competências, maior flexibilidade de adaptação e de resolução de situações/problemas: numa comunidade é fundamental “valorizar e potenciar as diferenças” (*ibid.*: 32). Simultaneamente, há uma prestação individual que se relaciona com a predisposição para assumir compromissos - mobilizar para pertencer: “E quando nos mobilizarmos para pertencer, para ser parte de, mobilizamos os mecanismos que nos permitem aprender – a imaginação, o alinhamento e o compromisso” (*ibid.*: 31).

- Prática

Segundo Wenger, o conceito de prática refere-se ao fazer num determinado contexto histórico e social, que dá estrutura e significado ao que se faz e, neste sentido, corresponde a uma prática social: “A community of practice is not merely a

community of interest – people who like certain kinds of movies, for instance. Members of a community of practice are practitioners” (Wenger, 1998: sp.).

Assim, o substantivo prática tem em Wenger o sentido original agregado ao termo grego que lhe seu origem, *praktiké*, “a arte de fazer alguma coisa”, ou seja, “pôr em prática”. Para que o grupo seja uma comunidade de prática, para além de levar em conta o contexto, tem de desejar de modo proativo a alteração das práticas: “members of a community of practice are practitioners” (*ibid.*).

Partilhar o mesmo espaço, ou espaços de práticas, não é condição suficiente para constituir uma comunidade de prática. Levando em atenção o conceito, expresso por Wenger, nas CoP os seus elementos partilham a mesma área de interesse ou foco, que resulta, ou se encontra associada, às suas práticas, procurando aprender (de forma explícita ou implícita) a fazer melhor.

A prática é um recurso para o desenvolvimento do conhecimento dos membros da comunidade mas é também um corpo de conhecimento – um saber prático. O conhecimento acontece pela participação dos membros da comunidade na concretização das atividades inerentes a uma responsabilidade conjunta, à medida que vão partilhando modos de fazer e de estar. A participação e a partilha de experiências nas comunidades de prática constituem terrenos propícios à reflexão, ao questionamento e à criação de conhecimento “e por isso, são pedras basilares para a criação de sentidos comuns, que são essenciais na sustentação de uma CoP” (Santos, 2012: 26). Assim, na comunidade existe um conjunto de conhecimentos, de estratégias e de modos de fazer que lhe são específicos: os saberes explícitos e os tácitos. Transformar saber tácito em saber explícito exige reflexão, de modo a interpretar de forma mais explícita a prática, e consciencialização de modo a “que a CoP tenha diálogo e formas de aferir significados, num quadro mais amplo e menos local” (*ibid.*). Este diálogo mais global que a comunidade necessita estabelecer pode resultar da sua participação em eventos presenciais ou em espaços digitais: “Estes constituem-se, atualmente, como espaços privilegiados não só de expressão, debate e interação, mas de visibilidade e difusão de informação, com forte impacto na construção de sentidos de forma bem mais global” (*ibid.*: 27).

2.3 As CoP e as comunidades de aprendizagem

Segundo Lave e Wenger (1991), citados por Varajão (2010: 5), a aprendizagem envolve a participação numa comunidade de “aprendizagem situada ‘situated learning’, uma vez que ao invés de se olhar para a aprendizagem como a aquisição de certas formas de conhecimento, eles colocam-no nas relações sociais – as situações de co-participação”. O conhecimento não é visto como um corpo estático de informação mas como um

processo vivo que reside nas ações, pensamentos, interações e recursos de comunidades de prática, que são pensadas como repositório vivo desse conhecimento. Esta é uma visão dinâmica do conhecimento [...] fortemente enraizada em processos de participação em práticas sociais. (Santos, 2012: 5)

Para Wenger (1998), citado por Figueiredo (2001: 43-45), as teorias sociais de aprendizagem, que ajudam a compreender a aprendizagem em comunidade, estruturam-se na interseção entre dois eixos, conforme Figura 1:



Figura 1 - Uma conciliação de tradições mais completa (segundo Wenger, 1998).

Fonte: Figueiredo (2001: 45)

- Um vertical que exprime a tensão entre as teorias que privilegiam a estrutura social (instituições, normas... - mais weberiana) e as que privilegiam a ação (dinâmicas sociais – mais vygotkiana)

- Um horizontal que interliga as teorias da prática social (coordenação e partilhas de recursos em sistemas sociais – ex: Bourdieu.) e as teorias da identidade (formação social da pessoa, pertenças, ritos ... - ex: Stauss, Giddens.)

A esta conciliação de tradições propõe Wenger dois novos eixos, dois novos tipos de *continuum*, que se cruzam com os anteriores:

- O *continuum* que liga as teorias da coletividade com as da subjetividade
- E o *continuum* que interliga as teorias do poder e as teorias do significado

Segundo estes dois novos eixos, surgem, assim, as dimensões da construção de saberes em espaços coletivos e as da subjetividade, as da negociação de poderes e as da procura de sentido, reconhecendo que: “todo o processo de aprendizagem é também um processo de construção de um sentido no nosso relacionamento com o mundo” (Figueiredo, 2001: 46).

É de acordo com o espaço caracterizado anteriormente que Wenger, segundo o mesmo autor, define as quatro componentes essenciais da sua teoria de aprendizagem: Prática; Significado; Identidade; Comunidade. A Figura 2 representa as componentes dessa teoria



Figura 2 - Componentes de uma teoria social de aprendizagem (segundo Wenger, 1998)

Fonte: Figueiredo (2001: 47)

- Prática - aprendizagem operacional que permite a vivência partilhada de recursos e de perspectivas que asseguram o envolvimento mútuo na ação – aprende-se fazendo.
- Significado – representa a procura de sentido para aquilo que fazemos e para o mundo: aprendemos procurando um sentido para a nossa experiência individual e coletiva.
- Identidade – forma como a aprendizagem nos ajuda a construir, e a mostrar quem nós somos, no seio da comunidade: aprendemos através do processo de construção do eu.
- Comunidade – configuração social onde nos inserimos, definimos as nossas iniciativas e que reconhece a nossa competência: aprendemos construindo um sentido de pertença.

Cada uma destas componentes estão intensamente relacionadas entre si, podendo analisar-se, do seguinte modo, a relação biunívoca entre a prática e cada uma das outras componentes:

- Prática vs Significado – de acordo com a premissa de que o significado se constrói pela prática, num processo negocial de significados, Wenger (1998 apud Figueiredo, 2001, p. 48) considera que “essa negociação decorre da interação entre dois processos duais, o processo de participação e o processo de reificação”. Para a APDSI (2009: 18) a reificação “é o ato de materializar/concretizar algo que é abstrato. É através desta materialização que exteriorizamos os nossos significados e os percebemos como existentes no mundo [...] ocorre nas comunidades de forma contínua [...] através da negociação de significados”.
- Prática vs Identidade – A prática, tendo como característica o caráter coletivo, distingue-se da identidade, dada a sua génese intimista, mais ligada à construção do eu. Prática e identidade interagem entre si numa relação em que os processos vivenciados na, e pela, prática permitem, ao nível, da construção da identidade: a experiência negociada do eu; a criação de um sentido de pertença à comunidade, e a múltiplas comunidades, local e até global; trajetórias individuais de aprendizagem.
- Prática vs Comunidade – A ligação entre a prática e a comunidade exerce-se através de três dimensões fundamentais: empenhamento mútuo,

empenhamento partilhado e reportório partilhado. A construção de uma comunidade só é possível se os diferentes elementos estiverem mutuamente empenhados, reconhecendo a diversidade, e especificidade, de envolvimento e de relacionamentos; o empenhamento mútuo expressa-se em torno de um empreendimento comum, partilhado, que exige um processo permanente de negociação, com reconhecimento de responsabilidades mútuas e respeito por interpretações e ritmos individuais/coletivos adequados; a comunidade tem de partilhar as suas vivências, os seus sucessos/fracassos, ou seja a sua história, permitindo a cada elemento partilhar um conjunto de estórias, o reportório da comunidade.

O conhecimento é um produto “construído com a participação de quem concretiza a prática” (Santos, 2012: 12), o que o torna mais relevante, mais acessível e adequado a quem precisa dele, ou seja, tem um maior valor: “um recurso dinâmico, ajustável, e, portanto, com valor para o desenvolvimento da prática” (*ibid.*). Não se trata, portanto, de uma transferência de conhecimento mas de “promover a criação do conhecimento, encarado de uma forma crítica, para que possa ser adequado pelos participantes às condições efetivas e específicas em que ele precisa de ser aplicado” (*ibid.*).

Ao nível de cada um dos elementos da comunidade é fundamental “desenvolver” um sentido de pertença que lhe permita sentir que faz parte da CoP, vitalizando, para isso, três componentes essenciais: garantir o empenhamento; exercer a imaginação; permitir o alinhamento, tal como se visualiza na Figura 3.

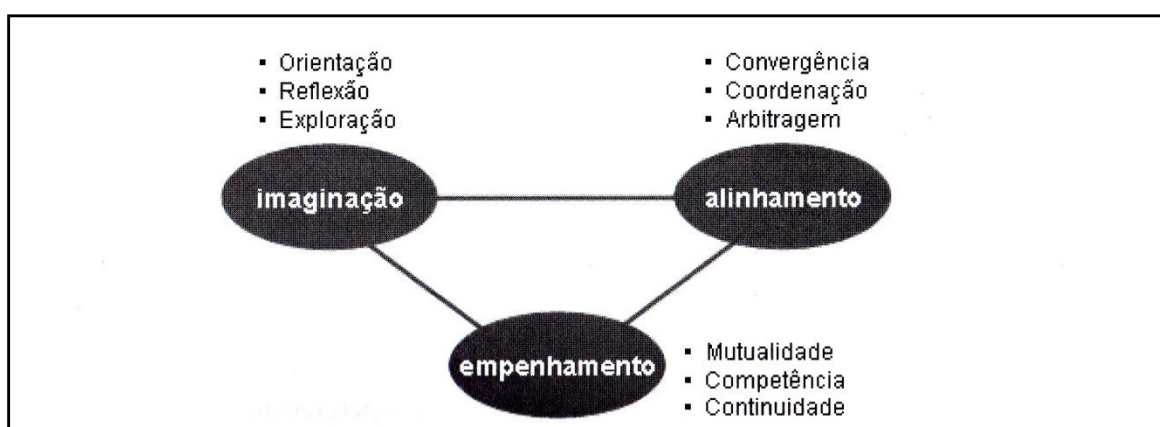


Figura 3 – Modos de pertença e de aprender (segundo Wenger, 1998).

Fonte: Figueiredo (2001:53)

- Empenhamento – criar oportunidades de participação, desenvolvendo atividades que possibilitem o exercício de competências e o seu ajustamento em relação aos desafios colocados, visando a continuidade;
- Imaginação – as CoP devem ser espaços criativos onde se possa exercer o exercício da imaginação, considerando três vetores essenciais no seu estímulo: orientação, reflexão e exploração;
- Alinhamento - numa CoP existem diferentes sensibilidades que a enriquecem mas que, em simultâneo, exigem mecanismos de convergência, de coordenação e de arbitragem que permitem a “convivência” de cada um, e de todos, em comunidade.

As dinâmicas inerentes às CoP constituem processos essenciais à sua constituição e desenvolvimento e dos seus membros: “compromisso e empenhamento com os outros para pôr algo em ação mas, sobretudo, para melhorar as suas práticas e refletir sobre elas” (Santos, 2012: 15). Embora exista, entre os elementos da CoP, uma convergência, ideias/ideais comuns, nomeadamente sobre o modo de fazer e interpretar o mundo, “a abertura à diferença e à imaginação” (*ibid.*) tem de ser valorizada para que não se torne um espaço fechado.

2.4 Estrutura básica das CoP

As CoP podem emergir de forma espontânea, porque os seus elementos necessitam uns dos outros e por isso atuam como parceiros de aprendizagem, ou por iniciativa intencional das instituições. Normalmente as CoP surgem de forma “natural”, a partir de um pequeno núcleo de pessoas que não só se relacionam com regularidade como partilham alguns pontos de vista idênticos na observação da realidade. Wenger e Snyder (2002) citados por Santos (2012: 33) referem que “as comunidades de prática são orgânicas, desenhá-las é mais uma questão de amparar a sua evolução do que de as criar do zero”. O caráter quase espontâneo das CoP não dispensa um conjunto de procedimentos que ajudam à sua evolução e crescimento: é importante saber impulsionar, acolher e mobilizar.

Existe uma diversidade de formas, de dimensões, propósitos e funções das CoP, no entanto, todas têm um traço comum: funções relativas ao aprender e ao fazer,

o que implica que os seus membros se relacionem sempre pelas suas práticas e pela necessidade de as melhorar.

As comunidades de prática são grupos de pares que visam a troca de conhecimentos entre os seus membros, o que implica: comunicar conhecimento e valorizar o conhecimento adquirido. A troca de conhecimentos processa-se pela comunicação informal da experiência vivida: “A frequent for mis a mix of theory and models combined with anecdotes and stories” (SDC, 2005: 3). O conhecimento transmitido por outros é, de seguida, questionado, aplicado e verificado na realidade de cada um. As perguntas correspondentes ao processo de questionamento/adaptação/enriquecimento do conhecimento apreendido permitem a formulação de uma nova prática/novo conhecimento, num processo contínuo de implementação e experimentação.

Tendo como foco central a aprendizagem, as CoP são tanto mais relevantes para os seus membros se corresponderem às suas preocupações e necessidades, por isso, devem ser estruturas dinâmicas, fluidas e flexíveis que se adaptam aos diferentes saberes e práticas dos seus membros. As CoP funcionam melhor em estruturas informais, não hierárquicas. Na estrutura básica da maioria das comunidades de prática, segundo os mesmos autores, podem identificar-se três círculos estruturais: “core group”; “inner circle”; “outer circle”.

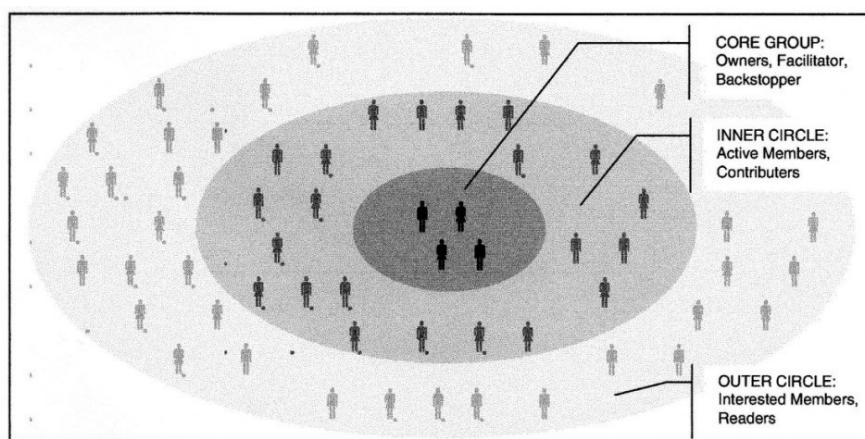


Figura 4 – Estrutura básica de uma Comunidade de Prática (segundo Wenger, 1998).

Fonte: SDC (2005:3)

O núcleo duro, “core group”, ou centro nevrálgico, constituído por um pequeno grupo de pessoas que direciona, organiza, participa ativamente e coordena a agenda de aprendizagens/atividade da CoP. O “inner cicle” é constituído pelos

elementos que estão “próximos” e em contacto, sempre que necessário, com o núcleo duro, participando, na CoP, de forma parcelar mas relevante. O “outer cicle” corresponde a um conjunto de pessoas que não sendo propriamente membros participam de forma importante, em determinados momentos.

Salienta-se mais uma vez, o carácter fluido da estrutura e a observação de diferentes formas e graus de participação a que Santos (2012) se refere, ao afirmar que numa comunidade, enquanto “ser orgânico”, se observam diferentes formas relevantes de participação a que correspondem diferentes atuações, igualmente relevantes para a comunidade. Esta ideia é expressa de forma metafórica por Wenger, McDermott, Snyder (2002) citados por Santos (*ibid.*: 48): “Para orientarem os membros para uma participação mais ativa, as comunidades de sucesso criam uma fogueira no centro da comunidade que irá atrair as pessoas para o seu calor”.

Quanto à formalidade, Santos (2012) refere que no quotidiano as CoP necessitam sempre, para subsistirem, de um “certo grau de informalidade e de autonomia. [...] o equilíbrio entre o formal e informal é delicado e fulcral para o desenvolvimento da CoP” (*ibid.*: 9). Há, no entanto, algum grau de formalização que acaba por emergir por ser útil para o funcionamento da estrutura. A mesma autora, dá alguns exemplos de orientações formais que podem ser pertinentes, ao fim de algum tempo de vida da CoP: estabelecer critérios de atuação negociáveis e reequacionáveis de tempos a tempos; formalizar rotinas em relação a ações que são periódicas, frequentes e rotineiras; definir o saber tácito que deve ser organizado de forma explícita quando é preciso comunicá-lo; definir onde se quer ter visibilidade e voz, ou seja, é necessário que os membros da CoP estabeleçam entre si, o conjunto de procedimentos/processos fundamentais para a manutenção e eficácia da sua cooperação.

Com o tempo a comunidade acaba por reificar determinadas práticas, constituindo algumas vezes procedimentos de rotina e/ou “verdades absolutas”, construídas em determinados contextos históricos. Como estratégia de precaução é importante que a comunidade crie oportunidades de reflexão que permitam reajustar e atualizar os seus processos e saberes, bem como integrar os novos participantes: “Este processo conduz ao reforço de compromissos com o coletivo e ao alinhamento com os objetivos da comunidade” (Santos, 2012: 27-28).

2.5 Benefícios e fatores de sucesso

Da participação nas CoP resultam benefícios de curto e longo prazo para as organizações e para os indivíduos que nelas participam, conforme os resultados de diferentes estudos efetuados, citados, por exemplo, pela APDSI (2009: 21-22) resultando, para as organizações, uma melhoria nos produtos e serviços que prestam e o fortalecimento da capacidade organizacional e, para os membros, uma maior capacitação individual para enfrentar os desafios e uma melhoria de bem-estar profissional. Também de acordo com a SDC (2005), das CoP resultam os seguintes benefícios:

- para os membros - melhora o acesso ao conhecimento relevante, que se manifesta de forma explícita nas organizações e nos indivíduos e de forma tácita no seu comportamento; garantem a qualidade do conhecimento e a sua gestão, necessário ao desempenho dentro da organização; permite contactar com pessoas conhecedoras e experientes no que respeita ao domínio; permite encontrar rapidamente um campo de ação comum para implementação de projetos. Em síntese, permitem melhorar quantitativamente e qualitativamente o conhecimento e o desempenho individual, assim como a consciência e participação ativa dos indivíduos.
- para a organização – conferem qualidade e sustentabilidade a projetos e programas; melhoram a inovação; reduzem os fatores de risco e melhoram o desempenho das organizações.

De acordo com Wenger (2006) citado por Varajão (2010: 6), as CoP podem constituir um elemento-chave para melhorar o desempenho individual e/ou coletivo de diferentes organizações, de diferentes setores de atividade, “onde têm encontrado uma série de aplicações práticas [...] no entanto, podem identificar-se sob diversos nomes, tais como “redes de aprendizagem”, “grupos temáticos” ou “clubes tecnológicos””.

Alguma atenção deve ter-se presente quando se participa numa comunidade de prática a fim de evitar o que a APDSI (2009: 6) designa de “efeitos perversos”, devido, essencialmente, ao prolongamento da CoP no tempo, ou seja, “continuam a ser usadas quando, por mudança das condições se tornaram desadequadas” (*ibid.*). Segundo os mesmos autores, um dos fatores expliativos desta ocorrência relaciona-se com o fechamento das CoP, “pois isso diminui a diversidade de pontos de vista e

dificulta a comunicação [...] com outros parceiros e *stakeholders* que podem ser essenciais para a compreensão do “sistema” que se pretende mudar” (*ibid.*).

O diálogo permanente entre os elementos da comunidade cultiva a definição da sua identidade, ao estimular o conhecimento mais claro do domínio e das potencialidades dos seus membros, sendo para muitos dos seus elementos o que os verdadeiramente mobiliza. Os momentos de interação interna, muitas vezes em pequenos grupos e de forma informal, podem e devem ser estimulados pela organização, ao permitirem consolidar a comunidade, porque neles se controem, segundo Santos (2012: 44), “modos implícitos de atuar, interpretar e resolver problemas que promovem o desenvolvimento da confiança entre os membros e [...] fortalecem o seu conhecimento mútuo”. No entanto, o diálogo, com os “de dentro” afigura-se insuficiente para a manutenção e desenvolvimento de uma comunidade é necessário que ela dialogue com, e olhe para, os de fora. Esta abertura, diálogo interno e externo, permite identificar pontos fortes, pontos fracos, ameaças e oportunidades, numa perspetiva possível de análise propícia ao desenvolvimento e consolidação da CoP.

As comunidades de prática têm um ritmo de acordo com a sua evolução interna quer com o das instituições em que se inserem, com momentos de grande entusiasmo e partilha e outros, pelo contrário menos intensos. O ritmo deve adequar-se à etapa da vida da própria comunidade. A sua vida e dinâmica devem sempre resultar da partilha e da negociação entre os seus membros, ou seja, por necessidade interna e não por determinismo interno ou externo, sendo fundamental, também, uma liderança partilhada. Deste modo, é mais correto falar em “cultivar comunidades de prática”, criando condições e adotando procedimentos que facilitem o seu aparecimento, a sua evolução e manutenção, em vez de “gerir comunidades” ou seja, tal como se referiu, é importante saber impulsionar, acolher e mobilizar.

As relações sociais entre os elementos da comunidade, e que apoiam a sua aprendizagem, estruturam-se em dois níveis de ação e interação, reconhecidos por todos como relevantes, o espaço público e o espaço mais privado, permitindo, como já se referiu, a criação de condições para o necessário diálogo interno e externo, de acordo com Santos (2012: 44):

O desenvolvimento, riqueza e dinamismo de uma comunidade de prática é uma construção coletiva [...] Organizar condições facilitadoras do desenvolvimento de comunidades inclui, por isso, prever momentos de encontro que sejam coletivos e que ocorram com regularidade, mas também

organizar espaços públicos de partilha [...] como por exemplo, sites, wikis ou plataformas de comunicação.

A sustentabilidade da CoP depende da sua capacidade de adaptação/ajuste quer ao contexto social em que se insere quer às necessidades dos seus membros. Para esta dinâmica de permanente ajustamento, é fundamental a valorização da diversidade dos seus elementos: “Uma comunidade, para ser rica e dinâmica, precisa dessa variedade de papéis, de competências e saberes” (*ibid.*: 48).

2.6 As CoP: um bom conceito aplicado às BE

As bibliotecas são espaços de conhecimento e aprendizagem geridas por equipas que dominam conhecimentos mas que, em simultâneo, têm de estar, elas próprias, dispostas a aprender. Este parece ser um contexto ideal e útil há existência de comunidades de prática. Assim, para um desenvolvimento sustentado da BE e a oferta de serviços de qualidade, é necessário potenciar a aplicação das capacidades individuais dos elementos que constituem a equipa e promover, de forma consistente, processos de participação que favoreçam a aprendizagem, em termos individuais, coletivos e organizacionais. O trabalho colaborativo com os professores e alunos, outros professores bibliotecários e a biblioteca municipal são questões chave do envolvimento da BE com a comunidade educativa, estruturando-se em torno de interesses e de práticas comuns, constituindo um terreno propício à existência de Comunidades de Prática: “Ao participar nas CoP, acede-se de forma poderosa ao conhecimento e à experiência de outros participantes, reajustam-se e reformulam-se práticas” (Santos, 2012: 5).

Parece, assim, claro que as BE devem cultivar comunidades de prática criando, ou aproveitando os contextos necessários ao seu surgimento/desenvolvimento, sabendo aproveitar as potencialidades oferecidas pelas tecnologias de informação e comunicação. Figueiredo (2001: 41) afirma que “num mundo inspirado pelas redes, a parte mais significativa da aprendizagem não estará nos “conteúdos”, mas sim nos “contextos” que soubermos criar para dar vivência aos “conteúdos” [...] tornando possível a construção de saberes pelos próprios aprendentes, em ambientes activos e culturalmente ricos”.

3 Os contextos colaborativos e as TIC

3.1 As Redes colaborativas – características e novos ambientes digitais

As redes organizacionais são uma das expressões das Comunidades de Prática, por reunirem as três características cruciais definidas por Wenger (um domínio de conhecimento; uma comunidade de pessoas; prática partilhada). Para López (2003: 2) a rede organizacional “es un sistema de organizaciones y relaciones de intercambio y cooperación orientado al beneficio mutuo, que adquiere una configuración flexible tejida en y con esos mismos procesos de interacción”.

Baseado nos estudos de De la Riva y Moreno (2002) e de Martín Sacristán (2002), López (2009) refere um conjunto de condições, específicas e internas às organizações que a compõem ou à própria rede, que favorecem a manutenção/desenvolvimento da rede: clarificação da missão, objetivos e estratégias das organizações envolvidas; coerência entre a “forma de fazer” nas organizações e a “forma de fazer” na rede; conhecimento dos elementos/organizações que compõem a rede, o “mapa da rede”, dos seus objetivos e especificidades; orientação conjunta da rede: objetivos, estratégias, linhas de ação estabelecidas de forma conjunta; iniciativas conjuntas; métodos de trabalho que estimulem a participação.

As TIC trouxeram às redes colaborativas, e do mesmo modo às Comunidades de Prática, a possibilidade de acelerarem a partilha de conhecimento e das melhores práticas, rompendo as fronteiras formais das organizações, possibilitando novas oportunidades: “novas formas de interação, síncrona e assíncrona; a possibilidade de interações mais frequentes sem acréscimos de custos; o atenuar de barreiras geográficas” (APSI, 2003: 12). Destas novas possibilidades, nos dá também conta Wenger (2006: sp.) ao referir: “New Technologies such as the Internet have extended the reach of our interactions [...] In fact, it expands the possibilities for community and calls for new kinds of communities based on shared practice”.

Ciente da importância da cooperação entre diferentes parceiros, em particular das Comunidades de Prática, e do acréscimo de valor possibilitado pelas novas tecnologias, a APDSI estabeleceu um conjunto de recomendações, vinte e duas, dirigidas aos indivíduos e às instituições (empresariais, às escolas, às associações profissionais ou empresariais, governamentais e de administração pública), com o objetivo de aumentar o número, melhorar o desempenho e a vitalidade destas comunidades. Na recomendação 1, destinada aos indivíduos, e esperando-se os

benefícios inerentes ao aumento das CoP e ao número de indivíduos envolvidos, recomenda-se: “participar em comunidades de prática na instituição em que trabalha, envolvendo-se eventualmente no estabelecimento de tais comunidades quando elas ainda não existem” (APSI, 2009: 7). A Recomendação 18, cujos destinatários são as instituições de ensino em geral, tem, como efeito esperado, não só o aumento das motivação e das competências dos profissionais envolvidos em Comunidades de Prática mas, também, o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem e o sucesso educativo dos alunos. Este efeito esperado resulta da concretização da referida recomendação (APDSI, 2009: 12):

Adoptar práticas de ensino-aprendizagem que envolvam comunidades de aprendizagem bem como fomentar a participação de todos os parceiros interessados no processo educativo (pais e encarregados de educação, antigos alunos, autarquias, empresas, cidadãos) em comunidades de aprendizagem alargadas.

3.2 As bibliotecas e os novos ambientes digitais

Face ao desenvolvimento das TIC, as bibliotecas devem analisar as potencialidades que estas oferecem e interrogarem-se sobre que processos devem adotar para as aproveitar, individualmente ou em parceria, oferecendo, assim, mais e melhores serviços aos seus utilizadores. De acordo com Amândio (2012: sp.), “a criação de condições de aproveitamento das potencialidades dos ambientes *Web*, perspetiva a conceção de espaços âncora para um conjunto de serviços, conteúdos e recursos partilhados.”

Ainda segundo a mesma autora e citando López Yepes (1996), podem identificar-se três modelos de sistemas de informação, destacando-se, para este estudo, o “Modelo C – Conjugação de redes, centros de informação, políticas nacionais e territoriais da informação (coordenação de centros que, por delegação, investem na recolção e difusão de fontes)” (*ibid.*). Estes modelos apontam, atualmente, para a emergência de um novo modelo, o Modelo D, que “enquadra o papel das bibliotecas no modelo de gestão do conhecimento, ou *Knowledge Management*, e como “organizações que aprendem”” Amândio (2012: sp.).

Na evolução da “Sociedade de Informação” para a “Sociedade do Conhecimento”, tendo em atenção os modelos de biblioteca, em torno dos conceitos de coleção, acesso e partilha, definidos por Brophy (2001) e citados por Amândio

(2012), o que assume relevância no âmbito deste estudo é “o *modelo baseado nos recursos partilhados*”, em que as bibliotecas são entendidas como centros difusores de recursos partilhados e contribuem para a formação de redes. Nas redes de colaboração os diferentes atores conjugam esforços para atingirem determinados objetivos comuns que podem ser materiais, imateriais ou estratégicos. É dentro desta linha que se encontra o conceito de rede preconizado pela RBE: “A Rede implica antes de mais a interação colaborativa de pessoas que partilham informações e colaboram na execução de tarefas comuns” (GRBE, atual. 2013: 6).

Uma das possibilidades das redes de colaboração é a gestão do conhecimento, que ainda segundo Amândio (2012: sp.) procura “estudar o desenho e a implementação de sistemas com a finalidade de identificar, obter, organizar, difundir e partilhar o conhecimento integrado (explícito e tácito) dentro de uma organização para que possa ser convertido em valor para a mesma organização”. Goés e Barros (2013), citando Moresi (2001), caracterizam a gestão do conhecimento como “o conjunto de atividades que busca desenvolver e controlar todo o tipo de conhecimento de uma organização, visando a utilização na consecução dos seus objetivos”. As soluções tecnológicas e a gestão documental são as componentes integradoras da gestão do conhecimento.

Os sistemas de gestão de conteúdos, ou *Content Management Systems* (CMS), são *standards* tecnológicos que viabilizam a implementação de programas de gestão do conhecimento. E que de acordo com Amândio (2012) têm como principais funções a edição de conteúdos (criação; gestão; publicação e apresentação de conteúdos) e as funções de exploração da *Web* (criar ambientes colaborativos e perfis de utilizadores; proporcionar sistemas de sindicância de conteúdos; articulação de funcionalidades e integração de funcionalidades).

Embora existindo uma enorme variedade de produtos de *software* destinado à gestão de conteúdos, eles têm de obedecer a *standards* de modo a tornar possível a interoperabilidade dos sistemas, ou seja, o funcionamento do conjunto de sistemas informáticos de forma coordenada, assim como a compatibilidade de documentos. Segundo Miller (2000), citado por Amândio (2012), e admitindo um conceito de interoperabilidade mais alargado, esta pode dividir-se em 6 tipos: Técnica – aplicação de *standards* comuns (tipos de ficheiros ou metadados); Semântica – utilização de vocabulário comum (*thesaurus*); Política/humana – cooperar, ultrapassando barreiras; Intercomunitária – reconhecer as especificidades das diferentes comunidades envolvidas (bibliotecas escolares, bibliotecas públicas e outras entidades); Legal –

respeitar os normativos legais referentes, nomeadamente, à proteção de dados, propriedade de conteúdos ou direitos legais de acesso; Internacional – reconhecer e ultrapassar diferenças culturais e linguísticas.

3.3 Portal – sistema de gestão de conhecimento, e de colaboração, das bibliotecas

“O conhecimento é de dois tipos: sabemos sobre um assunto ou sabemos onde podemos encontrar informação sobre ele.”

Samuel Johnson (séc. XVIII) in <http://colecoes-digitais.wikidot.com/>, 13/10/2014

A Web 2.0 disponibiliza um conjunto de ferramentas, muitas delas em *open source* ou *software* livre, propícias ao desenvolvimento da gestão de conhecimento e de conteúdos por permitirem: a partilha e a colaboração entre pessoas fisicamente distantes; a criação de comunidades de utilizadores e a partilha de conhecimentos; a possibilidade da participação da comunidade de utilizadores na criação de conteúdos relevantes; a sua construção e manutenção, geralmente, em plataformas *open source*, fáceis de personalizar, com incorporação e gestão de *feeds* ou sindicância de conteúdo, e conterem, geralmente, *Interfaces* de Programação de Aplicativos que permitem a comunicação/integração com outras plataformas.

De entre as ferramentas eficazes e amigáveis, utilizadas pelas bibliotecas na gestão do conhecimento refere-se o Sítio *Web* ou Portal. Segundo a mesma autora, qualquer destas ferramentas “deve ter em conta estratégias de *marketing* e de usabilidade, incluir grafismo funcional, oferecer roteiros simples para o acesso ao seu conteúdo e prestar serviços que podem ser rentabilizados pelos seus utilizadores” (Amândio, 2012: sp.). Estes “balcões virtuais” são relevantes, no caso particular das bibliotecas, uma vez que permitem identificar a “fonte institucional de conhecimento e a ferramenta para sua difusão” (*ibid.*) Também Pérez (2002) refere a *Web* como fazendo parte da estratégia da informação e dos serviços da biblioteca, definido Portal como “la piedra angular de la política de servicios electrónicos de la biblioteca, puesto que la abre al exterior, haciendo accesible su contenido informativo” (p. 226).

O conceito de Portal não é consensual. De acordo com Santos (2011: 56), “o conceito de portal, na sua essência, significa uma porta que dá acesso, ou seja algo que fornece um meio de entrada” no contexto dos sistemas de informação. A mesma autora refere diferentes conceitos de portal:

Conceito de Portal	Autor
Sítio na <i>Internet</i> com capacidade de pesquisa através de motores de busca	Davydov, 2001
<i>Website</i> que oferece um conjunto de serviços que ajudam os utilizadores a navegar	Damsgaard, 2002 / Collins 2001
Sistemas que apresentam três tipos de características gerais: pesquisa, funções transacionais e comunicações	Kim, Chaudhury & Rao, 2002
Meio que ajuda os seus utilizadores a encontrar informação relevante e específica	Staab & Maedche, 2001
Ponto de interface na Web que promove a recolha, partilha e divulgação da informação	Detlor, 2000
São sistemas que apresentam pontos de vista estruturados da Internet, através de uso de catálogos do conhecimento	Corcho <i>et al.</i> , 2003

Quadro 1 - Diferentes definições do conceito Portal.

Para a autora é comum, a todos os anteriores conceitos, o entendimento de portal como um sistema de gestão de conhecimento com uma localização central, onde utilizadores específicos podem aceder e encontrar conteúdos e informações sobre temáticas relacionadas com determinada empresa/organização. Este é um conceito que se ajusta ao domínio das bibliotecas, como um espaço agregador de conteúdos, produtos e informação que visa potenciar a interação entre informação e utilizadores e entre gestores e informação. Deste modo, adotamos a definição de portal expressa por Amândio (2012: sp.):

ferramenta que agrega o sistema de gestão do conhecimento e proporciona condições de integridade interoperabilidade de conteúdos, compatibilidade de formatos, produtos e serviços informativos, tanto para uso de colaboradores como de leitores-utilizadores.

As diferenças entre um sítio *Web* e um Portal, podem ser sintetizadas, segundo Amândio (2012), em três parâmetros diferenciadores: Perceção de Qualidade; Complexidade da Estrutura e Gestão do Conhecimento. No Quadro seguinte, Sítio Web vs Portal, expressam-se as diferenças:

Sítio Web	Portal
<u>Perceção de Qualidade</u>	
Proveniente da identidade institucional: 1. Baseada na história da instituição 2. Reafirma a missão institucional	Originada a partir da agregação de instituições em todo o Portal: 1. Identifica a história comum, ou de carácter temático do Portal 2. Reafirma a missão partilhada de membros do Portal 3. Reconhece as sinergias entre as instituições parceiras e semelhanças de conteúdos
<u>Complexidade da Estrutura</u>	
1. Definida pela característica singular da autoria e conteúdo institucional 2. Dirigido e mantido por uma instituição específica 3. Base de utilizadores por perfil 4. IP gerido pela instituição	1. Definida pela multiplicidade de autorias e conteúdos 2. Gestão descentralizada por distintas instituições e gestores do Portal 3. Sem separação, permite a integração de diferentes bases de utilizadores 4. IP gerido por gestores do Portal, reconhecendo os direitos dos proprietários de conteúdo institucional
<u>Gestão do Conhecimento</u>	
1. Coleção estruturada de páginas Web de conteúdos e serviços para incorporar, de ferramentas de recuperação e navegação local 2. Familiaridade com a instituição e suas coleções, permite que os utilizadores encontrem o que estão à procura com pesquisas simples e usando um motor de busca em todo o sítio Web	1. Serviços complexos de interação com os utilizadores e que integram ferramentas avançadas de navegação e de recuperação 2. Personalização de perfis de utilizador, amplia funcionalidades ao permitir customizar a experiência de utilização para os diferentes tipos de utilizadores

Quadro 2 - Diferenças entre um Sítio Web e um Portal.

Concluimos, pela leitura do Quadro 2, que o Portal é um sistema de gestão do conhecimento mais completo por incluir um maior número de ferramentas, aplicações e funcionalidades e, ainda, por permitir uma maior adaptação aos diferentes perfis de utilizadores. Ele responde melhor às atuais características do espaço digital em que, cada vez mais a “desintermediação”, exige que o especialista de informação, o bibliotecário, assuma o papel de formador e de orientador de pesquisa em ambiente digital como fatores primordiais dos serviços prestados aos utilizadores.

Os portais seguem, normalmente, uma arquitetura modular, composta por módulos responsáveis por diferentes funções do sistema de gestão de conteúdos, administrados a partir de uma interface centralizada. Para Cox e Yeates (2002) citados por Amândio (2012, sp.), “as tecnologias dos portais são usadas como sistemas de gestão de conteúdos para expandir e melhorar o acesso à informação, construir coleções digitais e gerir serviços”, devendo ter, para isso, as seguintes características: Motor de Pesquisa/Diretório: interface de pesquisa única, gerida a partir de um espaço agregador de instituições; Conteúdos em múltiplos formatos: gestão de coleções e serviços em ambientes digitais complexos e com soluções para ambientes em rede; Registo pessoal: gestão de direitos de acesso de modo simples, seguro e eficiente.

Os requisitos fundamentais para o sucesso de um portal é a existência de uma comunidade de utilizadores que partilham interesses, objetivos comuns e interagem entre si, permitindo o armazenamento e partilha do conhecimento, encontrando nele a resposta para as suas necessidades. Segundo Fernandes, Raja e Austin (2005), citados por Santos (2011: 68), os módulos do portal que ajudam a armazenar e transferir o conhecimento são: *Fóruns* – componentes tecnológicas que possibilitam aos utilizadores, colocar mensagens ou questões, possibilitando a discussão de questões relevantes; *Chat rooms* – ferramenta que possibilita a discussão em tempo real; SMS – função que permite o contacto com o utilizador, independentemente da sua localização; Repositório de documentos – coleção de documentos relevantes.

Segundo Benbya *et al.* (2004: 213-217) existem três categorias ou fatores que podem inibir ou estimular o sucesso de adoção de um portal cooperativo: Contexto técnico; Contexto de gestão; Contexto social, conforme Figura 5:



Fonte: Benbya et al (2004)

Figura 5 - Fatores necessários à adoção de um Portal cooperativo. Fonte: Santos (2011: 79)

- Contexto técnico – neste âmbito, referem-se como aspetos relevantes: usabilidade; *design*; segmentação; informação eficaz. As maiores dificuldades resultam do desconhecimento das necessidades de informação e das práticas dos utilizadores, levando à adoção de tecnologias inadequadas em relação ao público-alvo. Ocorrem, também, por vezes outros problemas como sejam:
 - *Design* pobre – frequentemente a tecnologia não é desenhada de acordo com o que as pessoas fazem mas, sim, com o que se pensa que elas fazem;
 - Fraca usabilidade – o utilizador só recorre à tecnologia se: for um meio fácil de obter a informação de que necessita; apresentar ferramentas fáceis de utilizar; oferecer serviços de qualidade;
 - Falta de correspondência entre o meio e a mensagem – a tecnologia é um excelente meio de disseminar a informação mas nem sempre é o meio mais adequado para a sua divulgação: “For deeply contextual, tacit information, the best way to share can be using technology to connect people to experts and then let them exchange information” (*ibid.*: 216).

- Contexto de gestão – nesta categoria foram considerados os seguintes itens: estratégia; sistemas de recompensas; custo; liderança. O custo é, para os autores, um dos maiores factores inibidores da implementação de portais. No custo é considerado, de uma forma geral, o *hardware*, o custo das licenças de *software*, do desenvolvimento do *software*, do alojamento e da manutenção do sistema. Além do custo tem ainda que se considerar a estratégia de implementação e de aquisição de competências, nomeadamente de manutenção. Deste modo, do ponto de vista da gestão deve fazer-se sempre uma análise custo/benefício.

- Contexto social – nesta categoria foram considerados os seguintes itens: confiança; satisfação; cultura organizacional; compromisso. A cultura organizacional constitui, para os autores, um factor determinante: “people and the culture of the workplace are the driving factors that ultimately determine the success or failure of any knowledge management system” (*ibid.*: 217). De facto, numa organização onde a interação entre os seus elementos é frequente, a

troca de conhecimentos ocorre facilmente e de forma natural, por outro lado, nas organizações que promovem o individualismo, as pessoas são mais relutantes a essa troca, por se pressentirem em risco. Deste modo, é importante considerar os fatores críticos e os objetivos no momento de estudar a possibilidade de criar um portal colaborativo.

3.4 RBE - Portais digitais concelhios

3.4.1 RBE - Programa para a Criação de Catálogos Coletivos

A RBE possui, desde 2008, um programa específico de apoio à criação de catálogos coletivos, *Programa para a criação de Catálogos Colectivos da Rede de Bibliotecas Escolares – PCCRBE*, cuja aplicação se encontra estruturada num Plano de Ação. No documento de apoio à instalação, administração e utilização do catálogo coletivo, elaborado por Carvalho *et al.* (2010: 9), a RBE expressa do seguinte modo a sua ideia de portal: “a identificação dos cooperantes com a rede deve espelhar-se num portal que apresente, para além dos serviços do catálogo, notícias sobre actividades das bibliotecas e outras formas de comunicação com os seus leitores”.

Posteriormente, em 5 de maio de 2013, através do documento *Redes de bibliotecas e catálogos coletivos*, a RBE estabelece um memorando de apoio à instalação, administração e utilização do catálogo coletivo de bibliotecas apoiadas por si, procurando assegurar que “todos os aspetos considerados essenciais para garantir que as entidades gestoras das redes responsáveis pelos catálogos coletivos possam apropriar-se dos elementos técnicos fundamentais e assim garantir o regular funcionamento do sistema” (p. 9).

À semelhança do que referem Benbya *et al.* (2004), tal como referimos em relação aos portais colaborativos, também a RBE pressupõe a existência de um contexto propício à efetivação das redes de catálogos (RBE, 2012: 10): recursos humanos, institucionais e técnicos.

- Recursos humanos – “Nenhuma rede telemática faz sentido sem uma rede de pessoas que constituam comunidades de práticas identificáveis e estáveis” (*ibid.*). Identificando recursos humanos qualificados e motivados

a RBE considera fundamentais: os coordenadores interconcelhios, os professores bibliotecários e um coordenador da rede local;

- Recursos institucionais – os parceiros institucionais “naturais” que entre si devem estabelecer protocolos, são, segundo a RBE, as Direções Regionais de Educação, as Câmaras Municipais/SABE e as direções das escolas/agrupamentos;
- Recursos técnicos – A RBE disponibiliza um modelo de plataforma e um conjunto de documentos de orientação, entre os quais, um manual de procedimentos técnicos, onde estabelece o conjunto de especificações, requisitos e procedimentos adequados.

A construção de uma rede de catálogos deve, segundo a Rede de Bibliotecas Escolares, obedecer aos seguintes princípios: “proximidade espacial ou cultural; livre acesso a todos os suportes documentais; garantia de portabilidade entre os sistemas; respeito pela propriedade e controlo dos catálogos por cada biblioteca; dignidade profissional e reciprocidade das parcerias “ (*ibid.*: 4)

Para a construção do catálogo coletivo são identificados um conjunto de questões preliminares e etapas que é necessário definir e percorrer para a sua efetivação: âmbito do catálogo; identificação na rede: definição de siglas; operacionalização (informatização e normalização); alojamento; manutenção; definição de espaços e tempos de formação e encontro.

O catálogo de cada uma das bibliotecas da rede constitui a unidade básica da rede de catálogos. A construção do catálogo coletivo assenta numa metodologia de fusão de registos bibliográficos idênticos, que é feita por uma aplicação automática, salvo o Bloco UNIMARC 9xx. A identificação do fundo documental, o acesso aos documentos, e a identificação da rede são garantidos através do já referido, Bloco UNIMARC 9xx (Uso local) e, mais especificamente, pelo subcampo 966 (Cota de cada entidade da rede).

A metodologia de implementação da rede de catálogos desdobra-se em três etapas: construção do catálogo das escolas/agrupamento e do catálogo das outras bibliotecas que vão integrar a Rede; construção e alojamento do catálogo coletivo; implementação da rede de catálogo.

A aplicação disponibilizada pelo GRBE “constitui o núcleo fundamental de *software* para a produção de um catálogo coletivo” (atual. 2013: 67).

3.4.2 Portais digitais concelhios: características e finalidades

Para a implementação do portal, a RBE desenvolveu um protótipo, um modelo de portal, *template*, que deve, e pode, ser adaptado à realidade específica de cada Rede Concelhia. Existem, no entanto, outros *softwares* de criação de Portais Concelhios utilizados pelas Redes Concelhias, como seja o disponibilizado pela Rede de Bibliotecas Escolares do Porto, que apresentam idênticas características.

O modelo disponibilizado pela RBE, construído em *Joomla®*, apresenta as vantagens de ser um *software* livre e um bom gestor de conteúdos. A instalação do *software* e a sua configuração, em *Apache / Php5*, é da responsabilidade da entidade que aloja o sistema.

Além do catálogo em linha, o modelo disponibilizado pela RBE apresenta outras funcionalidades indispensáveis à identificação das entidades parceiras e à sua aproximação com os utilizadores, organizadas em separadores, como sejam: *Sobre a Rede; Notícias; Contactos; Créditos* e, ainda, outros separadores. O facto da plataforma ter sido construída em “Open Source”, também conhecido por *Software Livre*, permite a sua adaptação à identidade, às necessidades e à participação dos parceiros e, por outro lado, garante a sua adaptabilidade a novas solicitações.

A partir da matriz definida pela RBE é possível que cada Rede Concelhia “crie um portal onde, para além do catálogo coletivo, sejam acrescentadas outros produtos e informações de interesse relevante” (*ibid.*: 68). Cabendo a cada comunidade de cooperantes definir o âmbito do projeto, os seus objetivos e criar as condições para a sua realização e desenvolvimento: “O portal da rede poderá ser mais do que um instrumento tecnológico: ele materializa a ideia de uma comunidade de prática, de partilha e aprendizagem: não há rede sem pessoas...” (GRBE, atual. 2013: 68). Deste modo, deve refletir a identidade de cada um dos parceiros e em simultâneo os objetivos comuns da comunidade de prática que o sustenta, apresentando para isso, “para além dos serviços do catálogo, notícias sobre atividades das bibliotecas e outras formas de comunicação com os seus leitores, refletindo toda a dinâmica da rede” (GRBE, 2013: 7).

O GRBE sublinha o caráter intencionalmente pedagógico do modelo de portal, apontando para a criação de repositórios de recursos atualizados e validados, o que se encontra explícito “nomeadamente nos menus *Apoio ao Estudo, Serviços da Internet, Sítios Recomendados* cujos conteúdos se pretendem marcadamente

educativos, no sentido de apoio ao aluno e ao encarregado de educação” (atual. 2013:8)

O modelo de portal disponibilizado pela RBE oferece um modelo de página de entrada de acordo com a Figura 6

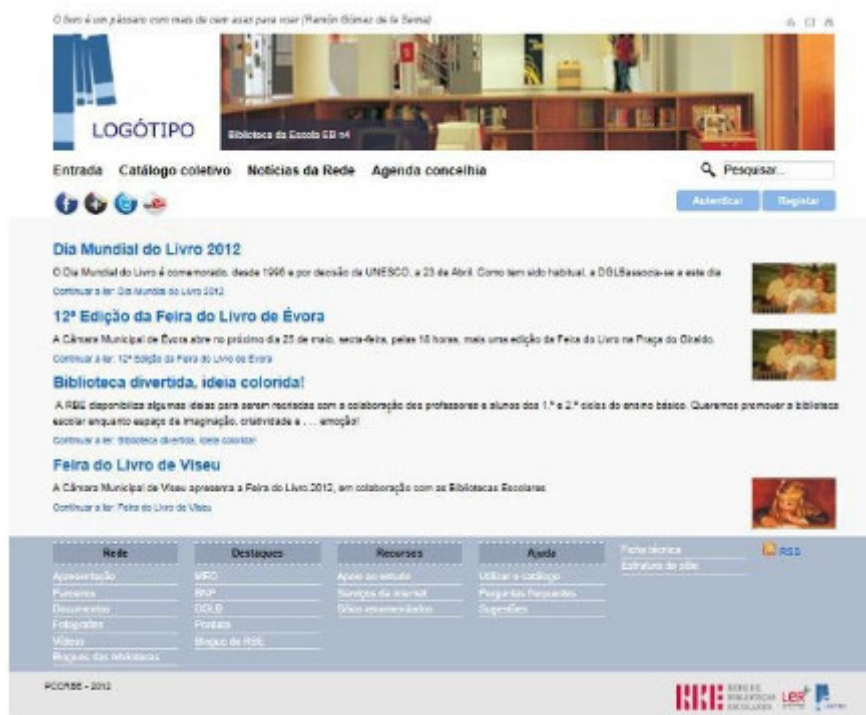


Figura 6 - Modelo da página de entrada do template de portal, disponibilizado pela RBE.

Fonte: GRBE (atual. 2013:9)

3.4.3 Funcionamento da aplicação

O utilizador acede à aplicação através de um *browser*, indicando um endereço que poderá ser um endereço IP ou um nome de domínio.

3.4.3.1 Entrada no sistema – Área reservada

Um dos elementos essenciais para a cooperação entre bibliotecas e o funcionamento do sistema de gestão do catálogo coletivo é o sistema dispor de ferramentas de administração. Através do módulo de administração, e de acordo com uma “filosofia de cooperação paritária e responsável todos os parceiros são reconhecidos pelo sistema para poderem executar as operações respetivas” (GRBE,

atual. 2013: 10), realizando-as remotamente, existindo, no entanto, para efeitos de funcionalidade e por motivos de segurança, alguns privilégios atribuídos a um administrador principal, que garante a manutenção do sistema e tem ainda acesso a todas as funcionalidades da aplicação.

A entrada no sistema de administração só é possível através da área reservada, indicando o nome do utilizador e a senha de acesso. Esta área destina-se apenas aos utilizadores institucionais. São reconhecidos pela aplicação, através de definição prévia, dois perfis de utilizadores institucionais: administrador principal e responsáveis das bibliotecas das diferentes instituições.

De acordo com os menus de Administração disponíveis e o tipo de utilizador, a aplicação apresenta a seguinte organização (GRBE, atual. 2013: 26):

- Administrador principal: Utilizadores, Acessos, Reservas, Coleção e Bases de dados
- Responsáveis das bibliotecas: Perfil, O meu catálogo, Reservas, Coleção e Bases de dados
- Utilizadores

Cabe ao administrador principal as funções exclusivas de gestão de utilizadores, institucionais ou individuais, atualizando ou criando novos registos que fazem parte de uma base de dados, em formato CDS/ISIS, e ainda o registo de acessos ao sistema, permitindo o seu controlo e a produção de estatísticas.

Na aplicação, no menu Administração, o administrador, ao proceder à gestão de utilizadores e ao selecionar a opção Utilizadores Institucionais, pode: Editar Entidade; Criar Novo ou proceder à Listagem Geral. Ao selecionar uma entidade obtém-se um interface onde é possível: editar / apagar dados e definir as permissões de acesso. No interface Criar Novo é necessário proceder ao preenchimento de um conjunto de informações mínimas, chamando a RBE em particular atenção para: a criação de uma senha que ofereça condições de robustez; a indicação fundamental das coordenadas GPS e da morada da biblioteca, por disponibilizar informação de localização geográfica essencial para o utilizador; a seleção do tipo de *software* e a codificação usada na exportação das bases bibliográficas; o estatuto da entidade autónomo, ou não autónomo (caso das bibliotecas que fazem parte um agrupamento). O utilizador institucional ao ser autenticado pelo sistema, e no menu Administração, tem acesso a vários separadores, como já se referiu, deve editar o separador Perfil e

proceder ao preenchimento dos campos, o mais completo possível, de modo a proceder á sua correta identificação.

Do mesmo modo, na aplicação, no menu Administração, ao seleccionar a opção utilizadores individuais, embora muito dependente da informação cedida pelas diferentes instituições, o administrador pode Editar Leitor, Criar Novo e proceder à Listagem Geral. Para criar a ficha de leitor é necessário um conjunto de informações relevantes de modo a permitir o empréstimo individual e outras funções já incorporadas ou a incorporar, como seja, a lista dos 10 melhores leitores.

3.4.3.2 Utilização colaborativa

Na dimensão colaborativa salientamos dois aspectos importantes para a dinâmica dos portais: empréstimo do fundo documental e organização e gestão da coleção.

Empréstimo de fundo documental

A colaboração entre as bibliotecas concelhias tem como um dos pressupostos a rentabilização de recursos, efetivado através do empréstimo colaborativo de fundo documental. Para tal, é necessário o estabelecimento de um conjunto de procedimentos prévios de desenvolvimento da aplicação, realizados pelos diferentes responsáveis, e a ativação da funcionalidade Reservas, disponibilizada no menu da aplicação.

No ato de reservar o documento, e após ser validado pelo sistema, a aplicação diferencia a entidade do utilizador que solitica a reserva e associa dois tipos de reserva: a que é feita entre as bibliotecas cooperantes da Rede (Empréstimo Interbibliotecas) e a que é realizada pelos leitores registados (Empréstimo Individual).

O administrador tem acesso através do menu Reservas, submenus, Listagens e Estatísticas, a toda a informação referente a cada uma das reservas, não sendo da sua competência acionar a sua confirmação. No entanto, pode eliminar reservas, por motivos justificáveis, sendo automaticamente informados, através de correio eletrónico, o requisitante e a biblioteca depositária.

É da responsabilidade dos utilizadores institucionais a confirmação ou desconfirmação da reserva, recebendo o leitor uma mensagem de correio eletrónico.

Em simultâneo, na visualização do recurso, na plataforma, é assinalado o estado de reserva, ou não, do documento, através da ativação de uma das seguintes informações: disponível para empréstimo; reserva pendente; reserva confirmada. A reserva de documentos só está disponível aos utilizadores individuais que se encontram inscritos que, após a realização dos procedimentos de reserva, imprimem o documento que permite efetuar o seu levantamento na biblioteca depositária, ao mesmo tempo que esta recebe uma mensagem de correio eletrónico, informando desta ocorrência.

Coleção

Esta é uma funcionalidade cuja responsabilidade é, fundamentalmente, da competência dos utilizadores institucionais, os responsáveis das bibliotecas. O administrador tem acesso à informação mas compete, em particular, a cada instituição e à Rede Concelhia proceder à análise e avaliação da coleção, tendo em atenção o(s) seu(s) público(s)-alvo, e proceder a uma mais correta política de aquisições. A aplicação prevê três critérios principais de análise: em toda a Rede; por instituição; por CDU. Os dados para análise podem ser visualizados em forma de listagem, visualização gráfica ou acesso individual a cada registo.

Cada utilizador institucional tem ainda acesso, através do menu de Administração, a um separador, O meu catálogo, que lhe permite pesquisar somente no catálogo individual e incorporá-lo na página e ou no blogue da sua instituição.

Abrindo o separador Bases de Dados do módulo de Administração, os responsáveis das bibliotecas têm acesso a três funcionalidades: Validar registos; Exportar registos; Enviar ficheiros ISO 2709. Através da primeira funcionalidade, e utilizando um conjunto de critérios disponíveis pela aplicação, onde se incluem os critérios comuns da rede, é possível detetar incorreções na catalogação que são visualizados através de uma listagem onde consta o tipo de erro, a sugestão de correção e proceder à consulta do registo, corrigindo o erro. Após este procedimento de validação procede-se à exportação dos registos validados, ou de toda a base local, para a base de dados da Rede, de modo a criar coerência entre as bases, utilizando ficheiros no formato ISO 2709. Este é o formato que permite que o ficheiro seja reconhecido pelo servidor e seja atualizado o catálogo coletivo.

A plataforma dispõe de funcionalidades que permitem a cópia individual de registos ou a sua importação em lote para a base de dados de cada biblioteca.

3.4.3.3 Utilização da aplicação – Área pública - Utilização informativa

Pesquisa da informação







Através de diferentes modalidades de pesquisa o utilizador tem informação sobre os diversos fundos documentais disponibilizados no catálogo. Quando seleciona o catálogo é apresentado, ao utilizador, um interface em que estão visíveis as informações: *Selecione o tipo de pesquisa: Simplificada ou Orientada; Dicas de pesquisa; Lista de siglas; Top títulos.*

Ao optar pela pesquisa *Simplificada* o utilizador poderá indicar um termo (Palavra) ou mais termos (Expressão) a pesquisar. A pesquisa *Orientada* caracteriza-se por permitir a criação de uma expressão booleana num conjunto predeterminado de termos de pesquisa e associados por vários operadores (E; OU; NÃO; Campo; Ocorrência). Na pesquisa *Avançada*, o utilizador tem que definir uma expressão de pesquisa, escrevendo-a de acordo com regras de sintaxe convencionadas. É ainda possível pesquisar por *Termos* a partir de um termo indicado nas opções de escolha (palavra, autor, título, assunto ...), visualizando-se, através de lista, o conjunto de termos próximos ao termo de pesquisa. Os leitores inscritos têm uma outra possibilidade de pesquisa, por *Palavra-chave*, que é gerida pelo administrador do sistema, e que lhes permite dispor de um sistema de marcadores de registo por palavras-chave, por si escolhidas.

É possível restringir, em qualquer tipo de pesquisa, o seu resultado através da utilização de filtros, como por exemplo, escolhendo a entidade, o tipo de documento e ou o ano de publicação. O utilizador pode, ainda, escolher o formato de visualização do documento e o número de resultados de pesquisa a apresentar por página.

Visualização da informação

A aplicação disponibiliza diferentes formatos de visualização de pesquisa: Completo; Abreviado; NP 405; ISBD; Títulos; Boletim; Unimarc. Refira-se a característica particular da visualização em formato Completo por permitir a partir das referências associadas, *links*, ser possível realizar novas pesquisas através do preenchimento prévio do campo 856 do formato UNIMARC, que estão visíveis através da expressão “Veja também ...” e das referências assinaladas, sublinhadas, que podem ser ativas por um duplo clique. Embora todos os formatos disponíveis tenham características próprias, a RBE releva a visualização dos seguintes elementos:

- informação descritiva e para a rede - Referência ao utilizador em linha; Barra de navegação; Barra de ícones de tarefas, Referência à base bibliográfica ativa e Total de referências encontradas; Ícones de marcação/desmarcação e visualização de registos selecionados para exportação ou impressão; Número de ordem do registo clicável para visualização em formato UNIMARC e caixa de seleção individual; Indicação do tipo de documento; Número de exemplares da referência visualizada nas bibliotecas da rede; Descrição do documento variável conforme o formato exibido; Imagem de capa quando exista; Apresentação das siglas das bibliotecas da rede; Sistema de votação do utilizador; Comentários do utilizador.
- funções dos ícones -  histórico de pesquisa;  enviar resultado de pesquisa por correio eletrónico;  imprimir/guardar resultado de pesquisa;  exportar registos selecionados em formato ISO 2709;  Iniciar nova pesquisa;  ir para página anterior.

3.4.3.4 Utilização da aplicação – Área pública - Utilização pedagógica

O formato UNIMARC prevê a indicação no catálogo de recursos eletrónicos relacionados com a obra que foi catalogada através do preenchimento, na respetiva folha de catalogação, do já referido campo 856 do formato UNIMARC. O

preenchimento deste campo corresponde à inclusão de uma mensagem visível para o utilizador (subcampo ^z), *Veja também...*, e do endereço do recurso eletrónico recomendado para prosseguimento de pesquisa (subcampo ^u). Podem incluir-se diferentes referências pedagógicas através da duplicação do campo 856.

Uma outra possibilidade de participação dos utilizadores, em particular a participação dos alunos, e que contribui para a exploração pedagógica do catálogo, é a dos utilizadores inscritos adicionarem comentários sobre as obras lidas. Estes comentários estão disponíveis a todos os utilizadores, inscritos e não inscritos, e são visíveis no ecrã através de um ícone específico do lado esquerdo do cabeçalho de cada registo. Ativando, com um clique o referido ícone, abre-se uma janela de visualização dos comentários, podendo, o utilizador ativo e inscrito, acrescentar um novo comentário ou registar a sua opinião num comentário já expresso.

PARTE II

ESTUDO EMPÍRICO

4 Introdução

As orientações das organizações internacionais e das organizações nacionais referentes às Bibliotecas Públicas e às Bibliotecas Escolares convergem, tal como verificámos, no sentido de se estabelecerem formas de aproximação/cooperação, entre este tipo de bibliotecas, mercê da sua complementariedade e convergência de papéis, potenciando as sinergias no âmbito da promoção da leitura, da literacia e da formação ao longo da vida. No caso português, os Serviços de Apoio às Bibliotecas Escolares, SABE, de acordo com as orientações que estão na sua génese, constituíram-se nas diferentes Câmaras Municipais, integrando as Bibliotecas Municipais, como núcleos de articulação com as escolas, mais especificamente com as Bibliotecas Escolares, na educação e formação das crianças e jovens.

O desenvolvimento de um trabalho consistente e continuado, em rede, a nível concelhio, entre as Bibliotecas Escolares e as Bibliotecas Públicas, mais especificamente, os SABE, conduziu ao surgimento de Redes Concelhias formalizadas mediante a celebração de acordos de cooperação ou protocolos envolvendo as entidades responsáveis por essas estruturas, conseguindo, nalguns casos, a participação de outros parceiros de âmbito cultural ou formativo.

De acordo com a questão de partida que formulámos e os objetivos que pretendemos atingir, o estudo empírico vai incidir sobre a forma visível de colaboração entre as Bibliotecas Públicas e as Bibliotecas Escolar, ou seja, os Portais das Redes Concelhias. Para esta parte específica do nosso trabalho pretendemos sobretudo encontrar resposta para as seguintes dimensões:

- ✓ Que parceiros, entidades e bibliotecas, se encontram envolvidas nas Redes/Portais Concelhios? Qual a sua expressão quantitativa?
- ✓ Qual o enquadramento temporal das Redes/Portais Concelhios?
- ✓ Que informação institucional das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, se encontra presente nos Portais Concelhios?
- ✓ Que conteúdos estão presentes nos Portais Concelhios que viabilizam o acesso, pelo utilizador, à coleção, pesquisa e recuperação de informação e ao empréstimo interbibliotecas?
- ✓ Quais os conteúdos, presentes nos Portais Concelhios, utilizados pelas Redes, facilitadores da comunicação com o utilizador?

- ✓ Quais os conteúdos, presentes nos Portais Concelhios, que respondem às solicitações dos utilizadores, proporcionando o necessário apoio?

Este estudo pretende ser um contributo para melhor se conhecer as Redes/Portais Concelhios, entre este tipo de bibliotecas, e o modo como têm sabido aproveitar, através da postagem de conteúdos, as funcionalidades oferecidas pelas novas tecnologias, identificando, também, bons exemplos de diferentes práticas de cooperação visíveis nos Portais, de modo a disseminar e potenciar a sua aplicação no contexto específico de cada Comunidade de Prática, ou seja, de cada Rede Concelhia. Pretende-se, assim, não só conhecer melhor a realidade mas, dentro do possível, contribuir para melhorar a cooperação entre estas instituições.

5 Aspetos metodológicos

“A página não se escreve sozinha, mas através da descoberta, da análise, da atmosfera certa, do momento certo, através da leitura e releitura dos relatos, através de pensamento profundo, o nosso entendimento avança e a página está impressa.” (Stake, 2009: 89)

5.1 Amostra

A informação disponível na *Internet*, os Portais Concelhios das bibliotecas, vai ser a base de informação para a seleção dos elementos da amostra. Partilha-se assim a opinião de Neri de Souza (2010: sp.), quando afirma: “Embora toda a analogia seja redutora, podemos comparar a internet com a floresta amazónica, considerando a grande “biodiversidade” existente em termos de dados e potencialidade de criação de contextos para o surgimento de novos dados”.

Numa primeira fase, foi consultada a página da Rede de Bibliotecas Escolares onde se encontra disponível informação sobre Redes/Portais Concelhios por Direção Regional¹. A informação sobre a designação da rede e o endereço do respectivo portal, informação recolhida na referida página e com teste de todos os *links*, está disponível em Anexo (Anexo I). O número de Redes/Portais Concelhios por Direção Regional, sintetiza-se no seguinte quadro:

Direção Regional de Educação	Alentejo	Algarve	Centro	Lisboa	Norte	Total
Número de Redes / Portais Concelhios	8	3	19	7	14	51

Quadro 3 - Número de Redes/Portais Concelhios por Direção Regional

Numa segunda fase, e porque o nosso objeto de análise é o trabalho colaborativo entre Biblioteca Pública e Biblioteca Escolar, foi consultado o Portal de cada uma das Redes, ativando o respetivo *link*, presente na página da RBE, a fim de verificar a designação das entidades envolvidas. Sempre que, por ativação do *link*, surgiu a informação “servidor não encontrado”, procurou-se a certificação desta

¹ Informação disponível em: http://www.rbe.min-edu.pt/np4/redes_concelhios/ em 9/04/2014

informação através da pesquisa na net, utilizando o motor de pesquisa *Google* e a introdução da expressão da designação da Rede. Foram, assim, excluídas as Redes de Bibliotecas de Ferreira do Alentejo, de Mangualde e Penalva do Castelo, de Vizela e a Rede de Bibliotecas de Macedo de Cavaleiros devido aos respetivos portais não estarem ativos.

Tal como se referiu, a consulta do Portal permitiu verificar a designação das entidades cooperantes através da visualização da informação contida em diferentes separadores como, por exemplo, *Rede; Parceiros; Quem Somos...* Por não obedecer ao critério de Rede colaborativa entre os parceiros identificados para o estudo, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, exclui-se a Rede de Bibliotecas Escolares do Porto, pois, como é referido na própria designação, esta Rede Concelhia só integra bibliotecas escolares, não existindo nenhum protocolo entre as entidades presentes na Rede e a(s) Biblioteca(s) Municipal(ais); a relação entre estas entidades é regulada por um acordo, em que a Câmara cede o servidor para alojar o Portal, tal como é referido no Portal da Rede, no separador *Créditos*. Acrescente-se, ainda, que a mesma Rede refere no seu Portal, no separador *Quem Somos*²: “A RBEP define-se como uma estrutura de cooperação aberta à livre participação de todas as Bibliotecas Escolares / Centros de Recursos (BE/CRE) do distrito do Porto”. Contrariamente, a Rede de Bibliotecas Escolares de Mafra, embora se denomine como “Escolares” define-se como “uma estrutura de colaboração, aberta à livre participação de todas as Bibliotecas/ Centros de Recursos do Concelho de Mafra”, <http://www.cm-mafra.pt/rbem/index.asp>, existindo um protocolo de cooperação assinado pelas diferentes entidades da Rede, incluindo a Câmara Municipal, onde se pode ler: “A RBEM define-se como uma estrutura de cooperação aberta à livre participação de todas as Bibliotecas/Centros de Recursos do Concelho de Mafra, visando o desenvolvimento da ligação entre as escolas dos vários níveis de ensino do concelho e a Biblioteca Municipal”³

Assim, para efeitos da determinação da amostra deste estudo, e por informação expressa nos respetivos portais, só foram consideradas, de entre os portais ativos, as Redes/Portais Concelhios Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, onde estão presentes em simultâneo, entre outras, as entidades: Biblioteca Municipal, SABE, ou Biblioteca Pública, Bibliotecas Escolares de Agrupamento de Escolas e ou Escola.

² Informação disponível em: <http://rbep.cm-porto.pt/rbep/quemsomos.asp> - 9/04/2014

³ Informação disponível em: <http://www.cm-mafra.pt/rbem/pdf/ProtocoloRBEM.pdf> - 9/04/2014

As Redes/Portais Concelhios pertencentes à amostra constam do Anexo II, Redes Concelhias Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, por Direção Regional, e endereço do respetivo Portal. O Quadro 4 sintetiza esta informação:

Direção Regional de Educação	Designação da Rede Concelhia	Total
Alentejo	Rede de Bibliotecas de Aljustrel; Rede de Bibliotecas do Concelho de Castro Verde; Rede de Bibliotecas do Concelho de Cuba; Rede de Bibliotecas de Évora; Rede de Bibliotecas de Grândola; Rede de Bibliotecas de Mértola; Rede de Bibliotecas do Concelho Viana do Alentejo	7
Algarve	Rede de Bibliotecas de Faro; Rede de Bibliotecas Concelho São Brás de Alportel; Rede de Bibliotecas de Tavira	3
Centro	Rede de Bibliotecas do Concelho de Arganil; Rede de Bibliotecas de Cantanhede; Rede de Bibliotecas de Carregal do Sal; Rede de Bibliotecas de Gouveia; Rede de Bibliotecas da Lousã; Rede de Bibliotecas de Mealhada; Rede de Bibliotecas de Mira; Rede de Bibliotecas de Miranda do Corvo; Rede de Bibliotecas de Murtosa; Rede de Bibliotecas de Nelas; Rede de Bibliotecas de Penacova; Rede de Bibliotecas de Pombal; Rede de Bibliotecas de Santa Comba Dão; Rede de Bibliotecas Escolares e Municipais do Concelho de Seia; Rede de Bibliotecas de Tábua; Rede de Bibliotecas de Tondela; Rede de Bibliotecas de Vagos; Rede de Bibliotecas de Vouzela	18
Lisboa	Rede de Bibliotecas de Alcochete; Rede de Bibliotecas de Alpiarça; Rede de Bibliotecas de Benavente; Rede de Bibliotecas de Ferreira do Zêzere; Rede de Bibliotecas de Mafra; Rede de Bibliotecas de Rio Maior; Rede de Bibliotecas de Sardoal	7
Norte	Rede de Bibliotecas de Barcelos; Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso; Rede de Bibliotecas de Braga; Rede de Bibliotecas de Bragança; Rede de Bibliotecas de Esposende; Rede de Bibliotecas de Lamego; Rede de Bibliotecas de Lousada; Rede de Bibliotecas de Marco de Canaveses; Rede de Bibliotecas de Paredes; Rede de Bibliotecas de Peso da Régua; Rede de Bibliotecas de Vila Real	11

Quadro 4 - Redes/Portais Concelhios de Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional.

5.2 Técnicas e instrumentos utilizados

Como este estudo tem por objetivo conhecer uma determinada realidade pouco estudada, Portais Concelhios de Redes Concelhios de Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Escolares, com intuítos descritivos a fim de entender a sua dinâmica, este estudo é considerado exploratório (Carmo & Ferreira, 2008). Os dados do nosso *corpus* de análise foram recolhidos *online*, em Portais Concelhios de Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares que, como já foi referido, foram produzidos sem a intencionalidade de responder a um conjunto de questões de investigação específica. Segundo Bogdan e Biklen (2010: 149), “o termo dados refere-se aos materiais em bruto que os investigadores recolhem do mundo que se encontram a estudar; são os elementos que formam a base da análise”. Nestes dados produzidos de forma natural, a que Neri de Souza e Almeida (2009: sp.) designam de “*corpus* latente de dados da Internet”, procuramos as respostas para as nossas questões de investigação. Embora não possamos perder de vista as limitações que a utilização de um *corpus* de dados desta natureza implica, como a caracterização dos sujeitos e a análise do contexto em que os dados surgiram, a sua diversidade e riqueza permitem uma exploração qualitativa e quantitativa dos dados coligidos.

Para estudo da amostra – quarenta e seis Redes Concelhios de Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares – procedeu-se à análise documental de conteúdo da informação disponível na *internet*, ou seja, nos respetivos Portais. A análise de conteúdo, visa “isolar na massa dos textos as linhas mestras e as tendências que lhes dão o seu sentido real” (Fernandes, 1995: 169). Este método, ao incidir sobre discursos diversificados e ao adotar uma enorme variedade de formas em função do material que analisa e da finalidade do investigador, apresentou-se como a técnica de análise de dados mais adequada ao nosso estudo.

Os Portais devem entender-se, tal como refere Pérez (2004: 235), como “un conjunto armónico con los que la biblioteca canaliza, desarrolla y potencia su oferta de servicios”. Neste sentido, este “conjunto armónico”, tal como é referido, comporta elementos tecnológicos e de *design* que se situam fora do âmbito deste estudo.

Centramos o nosso estudo, desenvolvido no período de 9 de abril a 31 de julho de 2014, na análise documental dos Portais Concelhios que constituem a amostra. Numa primeira fase, procurou-se caracterizar os membros e as Redes/Portais Concelhios e, numa segunda fase, procedeu-se a uma análise de conteúdo dos Portais enquanto sistemas de informação, comunicação e de

documentação orientados para os utilizadores nos seus diferentes contextos. Esta metodologia pressupõe um estabelecimento de processos em que a categorização e a codificação são os mais prevalentes, visando a redução dos dados e transformando-os em elementos manipuláveis suscetíveis de estabelecer relações e obter conclusões (Bogdan & Biklen, 2010). Também para Esteves, a análise de conteúdo é sempre “um trabalho de economia, segundo determinadas regras, ao serviço da sua compreensão para lá do que a apreensão de superfície das comunicações permitiria alcançar” (2006: 107). Este processo, sustentado num quadro concetual e/ou teórico de classificar e reduzir os dados, após terem sido definidos como pertinentes, denomina-se categorização.

Para efeitos de categorização, procedeu-se à análise exploratória dos Portais, através da ativação do *link* para o Portal, identificado no referido Anexo II, e constante na página da RBE, Programas/Redes Concelhias, no endereço, http://www.rbe.min-edu.pt/np4/redes_concelhias/. Foram também considerados, para efeito da elaboração da categorização, os indicadores de “Evaluación del portal público - Organización documental” propostos por Pérez (2002: 239-243), que parametriza sete categorias de avaliação dos portais públicos: “Sistema de Información Referencial - Entorno de consulta y recuperation de información”; “Contenido institucional”; “Contenido de difusión”; “Contenido de orientación y formación de usuarios”; “Herramientas participativas”; “Colecciones digitales”; “Servicios personalizados”.

Com base no estudo exploratório, no enquadramento teórico, nas questões e objetivos da investigação e na proposta de Pérez, tal como se referiu, procedeu-se à elaboração de grelhas de análise de conteúdo.

5.3 Procedimentos

Numa primeira fase, pretendeu-se efetuar um estudo exploratório dos portais, e de outras fontes de informação disponíveis na *Internet*, até para efeitos de futuras investigações, a fim de recolher dados referentes à caracterização dos membros e das Redes/Portais Concelhios, tendo-se definido as seguintes categorias cujos conteúdos se expressam no Quadro 5:

Categorias	Descrição de Conteúdos
Descrição dos Parceiros e Membros das Redes Concelhias	Identificação da Rede, dos parceiros envolvidos, entidades e bibliotecas
Número de Entidades e Bibliotecas Parceiras, por Tipologia	Caraterização dimensional da Rede e, por aglutinação, do conjunto Redes Concelhias
Ano de Formação, e Número de Anos de Existência, da Rede e do Portal Concelhio	Caraterização temporal da existência da Rede e do respetivo Portal Concelhio

Quadro 5 - Caraterização dos Membros e das Redes/Portais Concelhios.

A cada uma destas categorias correspondem subcategorias específicas. Dentro de cada categoria, referem-se as subcategorias e os conteúdos que lhes são inerentes, cuja respetiva síntese se expressa nos Quadros 6, 7 e 8.

- Descrição dos Parceiros e Membros das Redes Concelhias

A esta categoria correspondem as subcategorias: *Designação da Rede e Endereço do Portal*; *Descrição da Rede*; *Designação dos Parceiros Envolvidos*, conforme Quadro 6.

Categoria	Subcategorias
Descrição dos Parceiros e Membros das Redes Concelhias	Designação da Rede e Endereço do Portal
	Descrição da Rede
	Designação dos Parceiros Envolvidos

Quadro 6 - Descrição dos Parceiros e Membros das Redes Concelhias.

A subcategoria *Designação da Rede e Endereço do Portal* corresponde à denominação da Rede, tal como foi definida pelos parceiros, e o endereço de alojamento do Portal. A *Descrição da Rede/Portal* representa a referência conceptual que os parceiros têm da Rede e do Portal, ou seja, o conceito de Rede e de Portal, e eventualmente as suas finalidades e objetivos, de acordo com a informação transcrita, essencialmente do Portal, em rubricas, como por exemplo, *Rede*; *Historial da Rede*; *Protocolo*.... A subcategoria *Designação dos Parceiros Envolvidos* refere a designação

de cada um dos parceiros da Rede, de acordo com a seguinte tipologia: *Câmara Municipal/Biblioteca Municipal; Agrupamento*, com referência a cada uma das Bibliotecas Escolares que integram os Agrupamentos de Escolas das Redes; *Escolas*, subcategoria que integra as Escolas parceiras, e respetivas Bibliotecas Escolares, não integradas em Agrupamentos; *Outras* - entidades e bibliotecas e ou Centros de Formação parceiros, não consideradas nas tipologias anteriores.

- Número de Entidades e Bibliotecas Parceiras, por Tipologia

Esta categoria integra as subcategorias: *Número de Entidades Parceiras, por Tipologia; Número de Bibliotecas Parceiras, por Tipologia*, conforme Quadro 7.

Categoria	Subcategorias	
Número, por Rede Concelhia, de Entidades e Bibliotecas Parceiras, por Tipologia	N.º de Entidades Parceiras, por Tipologia	CM/BM e BP - Câmara Municipal/Biblioteca Municipal e Biblioteca Pública
		AG e Escolas - Agrupamento; Escola não agrupada (pública ou privada); Universidade
		Outra - Centros de Formação; Museus...
	N.º de Bibliotecas Parceiras, por Tipologia	BM e BP - Biblioteca Municipal e Biblioteca Pública
		BE - Biblioteca Escolar
		Outras Bibliotecas

Quadro 7 - Número, por Rede Concelhia, de Entidades e Bibliotecas Parceiras, por Tipologia.

A subcategoria *Número de Entidades Parceiras, por Tipologia* expressa os parceiros envolvidos na Rede, identificados de acordo com a seguinte tipologia: Câmara Municipal/Biblioteca Municipal e ou Biblioteca Pública; Agrupamentos/Escolas; Outras Entidades (Centros de Formação, Museus ...). A Câmara Municipal e a respetiva Biblioteca Municipal constituem uma única entidade, sendo a Biblioteca Pública considerada uma entidade distinta - subcategoria *CM/BM e BP*. No âmbito do Ensino, foram consideradas as seguintes entidades distintas:

Agrupamento; Escola não agrupada (pública ou privada); Universidade - subcategoria *AG/Escolas*. Na categoria *Outras Entidades* foram incluídos os Centros de Formação, Museus ... e as restantes entidades não inseridas nas categorias anteriores.

A subcategoria *Número de Bibliotecas Parceiras, por Tipologia* refere-se especificamente às bibliotecas parceiras, dado que se verifica, por vezes, a existência de entidades parceiras que representam mais do que uma biblioteca, como é o caso dos Agrupamentos de Escolas. As tipologias para esta subcategoria correspondem a: Biblioteca Municipal e Biblioteca Pública – subcategoria *BM e BP*; Biblioteca Escolar – subcategoria *BE*; *Outras Bibliotecas* – inclui as bibliotecas pertencentes a outras entidades não consideradas anteriormente. Independentemente do número de pólos, a Biblioteca Municipal ou Pública foi sempre considerada como uma única biblioteca. Nas bibliotecas escolares foram consideradas as bibliotecas das escolas públicas e privadas, independentemente do grau de ensino. Nas *Outras Bibliotecas* só foram consideradas as bibliotecas não escolares e não públicas, ou municipais, pertencentes a entidades públicas ou privadas.

- Ano de Formação, e Número de Anos de Existência, da Rede e do Portal Concelhio

Numa perspetiva temporal destas Comunidades de Prática, foi elaborada uma grelha de análise de conteúdo dos Portais, e de informação disponível na *Internet*, em que se expressam e diferenciam as seguintes subcategorias, Quadro 8: *Ano de Formação da Rede; Ano de Criação do Portal da Rede Concelhia; Número de Anos de Existência da Rede; Número de Anos de Existência do Portal*

Categoria	Subcategorias
Ano de Formação, e Número de Anos de Existência, da Rede e do Portal Concelhio	Ano de Formação da Rede
	Ano de Criação do Portal da Rede Concelhia
	Número de Anos de Existência da Rede
	Número de Anos de Existência do Portal

Quadro 8 - Ano de Formação, e Número de Anos de Existência, da Rede e do Portal Concelhio

O *Ano de Formação da Rede* corresponde ao ano de estabelecimento formal do acordo de cooperação, assinatura do protocolo, consultando-se, quando possível, este documento; *Ano de Criação do Portal* – ano de lançamento do Portal,

correspondendo, muitas vezes, à cerimónia pública, que é sempre calendarizada, de apresentação da Rede e de inauguração do Portal, coincidindo, por vezes, com a assinatura do protocolo. As subcategorias *Número de Anos de Existência da Rede* e *Número de Anos de Existência do Portal*, expressam o número de anos decorridos entre o Ano de Formação da Rede, e de Criação do Portal, e o presente ano, 2014.

Numa segunda fase, também atendendo ao enquadramento teórico e às questões e objetivos da nossa investigação, procedeu-se à análise de conteúdo dos Portais Concelhios enquanto sistema de informação, comunicação e documentação, tal como já se referiu. De acordo com a análise exploratória dos portais e a categorização, elaborou-se uma grelha de análise de conteúdo, cujas categorias e respetivos conteúdos, se referenciam no Quadro 9:

Categorias	Descrição dos Conteúdos
Informação Institucional das Redes Concelhias	Informação sobre os membros e a Rede – identificação e contactos; documentos orientadores; atividades conjuntas e notícias
Coleção. Pesquisa e Recuperação de Informação. Empréstimo	Catálogo coletivo <i>online</i> , incluindo a pesquisa e recuperação de informação, a coleção digital e a política comum de empréstimo
Comunicação com o Utilizador	Difusão da informação e instrumentos de comunicação utilizados, permitindo a comunicação entre a Rede e o utilizador e ou entre o utilizador e a Rede e ou, ainda, entre utilizadores
Apoio ao Utilizador	Conteúdos de formação e de orientação de utilizadores, considerando os diferentes públicos-alvo

Quadro 9 - Portais Concelhios - Sistema de Informação, Comunicação e Documentação – Categorias e Descrição de Conteúdos






Para cada uma das referidas categorias foram criadas subcategorias, a que correspondem conteúdos referenciados, respetivamente, nos Quadros números 10, 11, 12 e 13.

- Categoria *Informação Institucional das Redes Concelhias*


As Subcategorias referentes a esta Categoria e a correspondente Descrição dos Conteúdos expressam-se no Quadro 10:

Subcategorias da Categoria Informação Institucional das Redes Concelhias		Descrição dos Conteúdos
Identificação das Entidades Parceiras		Designação dos parceiros da Rede
Ligação Direta para os Membros		<i>Link</i> de ligação, ativo, para os membros da Rede: <i>site</i> , <i>blogue</i> ou <i>Facebook</i>
Contacto, Correio Eletrónico, dos Membros		Endereço de <i>email</i> ou possibilidade de enviar mensagem eletrónica, através de ligação, para os membros da Rede
Contacto, Correio Eletrónico, da Rede		Endereço de <i>email</i> ou possibilidade de enviar mensagem eletrónica, através de ligação, para a Rede, enquanto entidade
Área Reservada (Membros da Rede)		Área de Acesso restrito a cooperantes da Rede, desde que o seu acesso se situe fora da Área do Catálogo
Apresentação/Historial		Referência à composição, estrutura, objetivos e ou historial da Rede
Documentos Orientadores		Documentos estruturantes da Rede e do Portal, disponibilizados <i>online</i>
Plano de Atividades		Plano de atividades referente ao período 2013/2014, ou ao ano 2013, dado a gestão das Bibliotecas Públicas se processar por ano civil
Agenda de Atividades		Calendário de Eventos que permite ao utilizador conhecer o que vai acontecer, as atividades futuras da Rede
Notícias (Rubrica Notícias e, nos Portais em que a rubrica não está explícita, o relato de ocorrências)	Frequência	Número de notícias publicadas num determinado período de tempo: mínimo 3/mês
	Data da última notícia	Dia, mês e ano da publicação da última Notícia da Rede, sempre que se encontre expresso. A inexistência da data determina a não consideração da notícia

Quadro 10 – Portais Concelhios - Sistema de Informação, Comunicação e Documentação – Subcategorias da Categoria *Informação Institucional das Redes Concelhia*

Subcategorias da Categoria <i>Coleção. Pesquisa e Recuperação de Informação. Empréstimo</i>		Descrição dos Conteúdos
Catálogo Coletivo online	Catálogo coletivo ativo	Acesso, pelo utilizador, através de ativação da ligação, ao catálogo coletivo
	Tipos de pesquisa	Modalidades de Pesquisa facultadas ao utilizador para recuperação da informação: Simples (S); Avançada (A); Orientada(O); por Termos (T)...
	Dicas de pesquisa	Esclarecimentos sobre procedimentos a adotar em relação aos diferentes tipos de pesquisa disponibilizados
	Filtros	Ferramenta de personalização de pesquisa
	Siglas das Bibliotecas da Rede e localização	Identificação das Bibliotecas da Rede e respetivas localizações
	Campo 856 (Veja Também...)	Mensagem visível para o utilizador com referência a recursos eletrónicos, <i>links</i> , e ou ao assunto ou autor, relacionados com a pesquisa
	Área Reservada a Leitores	Área cujo acesso só é permitido aos leitores inscritos, mediante a atribuição de senha
	Top Títulos	Lista de títulos votados pelos leitores inscritos: presença da funcionalidade e quantificação (n.º de títulos/ n.º de votações)
	Comentários 	Comentários de leitores inscritos: presença da funcionalidade e quantificação, n.º de comentários
	Histórico de Pesquisa 	Visualização das pesquisas efetuadas
	Enviar Registos por <i>email</i> 	Endereçar resultado da pesquisa através de correio eletrónico
	Imprimir/Guardar Registos 	Impressão e ou Gravação de Registos Seleccionados
	Exportar Registo em formato ISO 	Exportação de registos seleccionados em formato ISO 2709, permitindo a incorporação do registo, noutra(s) base(s) de dado(s)
Coleção Digital	Conjunto de recursos digitalizados, e ou disponíveis <i>online</i> , seleccionados e organizados pelas bibliotecas, permitindo o seu acesso remoto	
Empréstimo Interbibliotecas	Evidências de empréstimo de fundo documental aos utilizadores das diferentes bibliotecas através da existência do Regulamento de Empréstimo Interbibliotecas ou pela existência do Cartão Único	
Cartão Único	Documento identificativo que permite o acesso do utilizador ao fundo documental, e aos serviços, das diferentes bibliotecas concelhias, expresso no Regulamento de Empréstimo ou, no Portal, em separador específico	

Quadro 11 - Portais Concelhios - Sistema de Informação, Comunicação e Documentação – Subcategorias da Categoria *Coleção. Pesquisa e Recuperação de Informação. Empréstimo*

Subcategorias da Categoria <i>Comunicação com o Utilizador</i>	Descrição dos Conteúdos
Redes Sociais e Youtube	Redes virtuais utilizadas pela Rede Concelhia para comunicar com os utilizadores: Facebook, Tweet e outras Redes e ainda o Youtube
Blogue	Blogue da Rede Concelhia cujas postagens são da sua responsabilidade
Outros Canais de Comunicação	Outros canais utilizados pela Rede Concelhia para comunicar com os utilizadores, nomeadamente, a comunicação direta através da utilização do correio eletrónico, por exemplo: Newsletter, Jornal, Boletim
RSS (Agregador de Feeds)  ou APPS	Agregador de conteúdos, <i>Web Syndication</i> , - RSS- ou aplicações móveis – APPS- que permitem aceder a atualizações de conteúdos
Comentar e ou Partilhar	Possibilidade do utilizador, inserir comentários e ou partilhar conteúdos, ao utilizar o Portal, através de <i>email</i> ou das Redes Sociais
Novidades	Informação dos títulos recentemente entrados na coleção da Rede Concelhia
Notícias sobre Atualidades	Acontecimentos da atualidade, normalmente, divulgados por órgãos da comunicação social, relacionados, por vezes, com a Educação e a Cultura em rubrica específica.
Formulário de Sugestões (U/Rede)	Formulário, em linha, elaborado pela Rede, para submissão de Sugestões dos Utilizadores com o objetivo de melhorar os serviços
Sugestões de Aquisição (Utilizador/Rede)	Formulário, em linha, elaborado pela Rede, para submissão de Sugestões de Aquisição com a finalidade de melhor corresponder às necessidades do utilizador
Questionário ao Utilizador	Questionário, em linha, elaborado pela Rede, a ser preenchido por decisão do utilizador, com a finalidade de conhecer a sua opinião

Quadro 12 - Portais Concelhios - Sistema de Informação, Comunicação e Documentação – Subcategorias da Categoria *Comunicação com o Utilizador*

Subcategorias da Categoria		Descrição dos Conteúdos
Apoio ao Utilizador		
Literacia da Informação	Guiões de apoio ao desenvolvimento de competências literácicas	Tutoriais de apoio à localização, exploração e uso de recursos das Bibliotecas e ao desenvolvimento de competências literácicas, como por exemplo: <i>Bibliografia: como fazer referências e citações; Ler melhor: como conseguir...</i>
	Utilização de software	Documentos, nomeadamente tutoriais, que visam melhorar a literacia digital, do utilizador, como por exemplo: <i>Manual Prezi...</i>
	Pesquisar /Utilizar a net	Documentos, tutoriais, sites ou programas, de apoio ao utilizador, que visam melhorar a aquisição de competências de pesquisa <i>online</i> e de utilização da <i>net</i> , também, de modo seguro e ético
Apoio ao Estudo		Documentos facilitadores do estudo e ainda os documentos que ajudam a organizar instrumentos de trabalho
Ligações Úteis		<i>Links</i> que permitem ao utilizador localizar informação de referência sobre diferentes temáticas
Sugestões de Leitura (Rede/Utilizador ou Utilizador/Utilizador)		Rubrica de apresentação de obras literárias, normalmente com pequena sinopse, e ainda outras rubricas, como: <i>Autor do Mês; Livro do Mês; Filme do Mês e a Música do Mês</i>). Estas sugestões podem ser da Rede para os utilizadores ou de utilizador para utilizador
Informação para Bibliotecários e ou Docentes	Artigos de Opinião	Artigos que expressam o parecer de bibliotecários, e ou de outros professores, e que, normalmente, têm a designação de “opinião”
	Orientações	Documentos orientadores de diferentes entidades bibliotecárias, ex. IFLA e RBE, e apresentação de diferentes estudos
	Outros	Referência, essencialmente, à realização de formação destinada a professores da Rede, com disponibilização, ou não, de ficha de inscrição
Mapa do Portal		Representação da estrutura do Portal, visualizando os conteúdos disponibilizados
Pesquisar no Portal		Motor de busca, disponibilizado no Portal, para acesso aos seus conteúdos
FAQS (<i>Frequently Asked Questions</i>)		Questões mais frequentes, e respetivas respostas, que procuram esclarecer os utilizadores sobre o Portal ou a Rede
Ajuda (chat)		Forma de comunicação síncrona, <i>chat</i> , que permite à biblioteca responder, em tempo real, ao utilizador, ou através de <i>email</i> , caso não esteja nenhum operador <i>online</i> .
Área Privada - Utilizador		Acesso restrito aos utilizadores inscritos, nalgumas Portais, com possibilidade de inscrição <i>online</i>

Quadro 13 - Portais Concelhios - Sistema de Informação, Comunicação e Documentação, Subcategorias da Categoria Apoio ao Utilizador

6 Apresentação e interpretação dos resultados

Pode afirmar-se que a escolha do método de análise de conteúdo teve como referência três aspetos que Oliveira *et al.* (2004: 18) referem como importantes: “as bases teóricas, a finalidade da análise e os padrões de avaliação da análise”. Assim, no âmbito conceptual, obedecendo às metodologias de investigação, os dados foram analisados em função de padrões e critérios previamente definidos, com a finalidade de responder às questões formuladas para investigação, que norteiam o estudo, procurando-se, como padrões de avaliação de análise: clareza, completitude, coerência, fidelidade.

- Caracterização dos membros e das Redes/Portais Concelhios
- ❖ Descrição dos Parceiros e Membros das Redes Concelhias

No Anexo III, reúne-se a informação referente à *Descrição dos Parceiros e Membros das Redes Concelhias*, consideradas no estudo, por Direção Regional. Constam, assim, do estudo, 46 Portais, com a seguinte distribuição, de acordo com as Direções Regionais de Educação

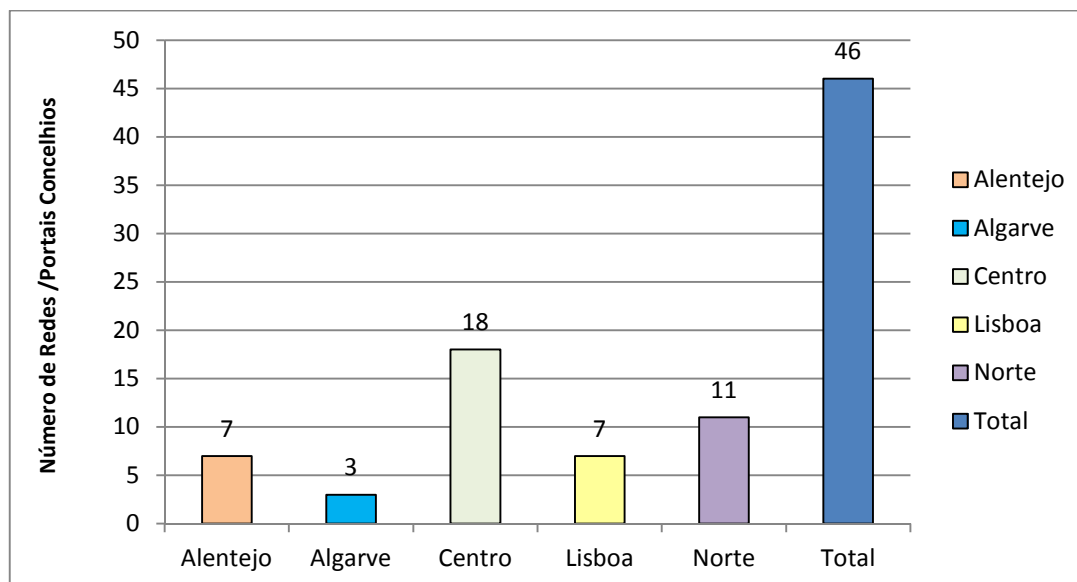


Gráfico 1 - Distribuição das Redes/Portais Concelhios, considerados na amostra, por Direção Regional de Educação.

Observamos que é na zona da Direção Regional de Educação do Centro que se verifica o maior número, dezoito, de Redes/Portais Concelhios referentes ao nosso

estudo, seguindo-se a Direção Regional de Educação do Norte com um total de onze Redes/Portais Concelhios. A Direção Regional de Educação de Lisboa e a do Alentejo apresentam o mesmo número de Portais, sete, e por último, a Direção Regional de Educação do Algarve com três Redes/Portais.

Cada Rede, com se pode verificar no referido Anexo III, identifica-se, e distingue-se, pela sua designação, em regra o nome do concelho da Rede, e pelo seu logótipo. Estes elementos apresentam-se, respetivamente, em cada um dos Portais das Redes, após ativação do respetivo endereço e constam na coluna *Designação da Rede, Logótipo e Endereço do Portal*.

A *Descrição da Rede/Portal*, constante no mesmo Anexo III, representa, tal como se referiu nos Procedimentos Metodológicos, a conceção de Rede e de Portal Concelhio, tornada pública, nas palavras dos elementos que constituem cada uma dessas Comunidades de Prática, e foi transcrita, com a referência da respetiva fonte, de cada um dos Portais, constando em separadores como *Rede; Historial; Protocolo...*

Da observação lexical do conteúdo da *Descrição da Rede/Portal* identifica-se uma terminologia comum expressiva da identidade de objetivos das Redes/Portais Concelhios. Assim, refira-se, por exemplo, o número de ocorrências dos seguintes termos:

Informação – 41; Partilha – 30; Empréstimo interbibliotecas - 16; Cooperação – 15; Conhecimento – 14; Participação - 14; Parceria – 14; Promoção da Leitura – 12; Literacia – 12; Catálogo Coletivo – 12; Formação – 11

As entidades parceiras de cada uma das Redes Concelhias encontram-se referenciadas no Anexo III, sob a designação *Parceiros* e segundo a seguinte tipologia, como já foi referido: *Câmara Municipal/Biblioteca Municipal; Agrupamentos* (designação das bibliotecas das escolas agrupadas); *Escolas* (designação das bibliotecas das escolas não agrupadas); além destes parceiros, é ainda referida a designação da(s) entidade(s) e das biblioteca(s) parceira(s) que não se inclui(em) nas categorias anteriores. Nesta categoria destacam-se: Centros de Formação de Associações de Escolas; Museus; Centros de Documentação; Bibliotecas de Associações, Fundações ou Conservatórios. Refira-se a dificuldade em recolher a informação referente à identificação das entidades parceiras de algumas das Redes, em especial em relação às Bibliotecas Escolares, devido à inexistência de uma tipologia comum de informação nos Portais e à alteração da designação das escolas e ou à criação de Agrupamentos. Recorreu-se por isso, por vezes, ao site da Rede de

Bibliotecas Escolares, separador *Bibliotecas*, <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/mapas/>, por conter informação sobre a designação de todas as bibliotecas existentes nos diferentes concelhos.

❖ Número de Entidades e Bibliotecas Parceiras, por Tipologia

De acordo com este estudo (ver Anexo IV), nas 45 Redes/Portais Concelhios com informação disponível, dado que o Portal da Rede Concelhia de Pombal se resume ao Catálogo Coletivo, estão envolvidas 248 entidades, de acordo com a seguinte tipologia, conforme quadro síntese do Anexo IV:

Direção Regional de Educação	Total de Redes/Portais	Sem informação no Portal	Número de entidades parceiras, por tipologia				Número de bibliotecas parceiras, por tipologia			
			CM/ BM e BP	AG e Escolas	Outras	Total	BM e BP	BE	Outras	Total
Alentejo	7	-	8	18	3	29	8	32	2	42
Algarve	3	-	3	9	3	15	3	36	3	42
Centro	18	1	18	38	17	73	18	102	9	129
Lisboa	7	-	8	15	4	27	13	46	4	63
Norte	11	-	15	71	18	104	15	163	11	189
Total	46	1	52	151	45	248	57	379	29	465

Quadro 14 - Número, por Rede/Portal Concelhio, de entidades e bibliotecas parceiras, consideradas no estudo, por tipologia e por Direção Regional.

√ 52 Câmaras Municipais/Bibliotecas Municipais ou Públicas, sendo que se considerou, como se referiu, que pelo seu grau de dependência, cada Câmara e respetiva Biblioteca Municipal constituem a mesma entidade, o mesmo não acontecendo em relação à Biblioteca Pública. A distribuição regional destas entidades é a seguinte:

Alentejo -8; Algarve – 3; Centro – 18; Lisboa – 8; Norte – 15

√ 151 Escolas e ou Agrupamentos de Escolas, incluindo-se, nesta tipologia, todos os graus de Ensino e, por consequência as duas Universidades que também integram Redes Concelhias: Évora e Trás-os-Montes. Estas entidades apresentam a seguinte distribuição regional:

Alentejo -18; Algarve – 9; Centro – 38; Lisboa – 15; Norte – 71

√ 45 entidades da categoria Outras, onde se destaca a presença de 13 Centros de Formação de Associações de Escolas; uma outra entidade parceira, não diretamente ligada ao Ensino, são os Museus, neste caso em número de 6. A tipologia *Outras* apresenta a seguinte distribuição regional: Alentejo - 3; Algarve – 3; Centro – 17; Lisboa – 4; Norte – 18

De acordo com o mesmo Anexo IV, considerando os mesmos 45 Portais disponíveis e o enquadramento definido, são 466 as bibliotecas parceiras. A tipologia das bibliotecas parceiras, de acordo com o mesmo Anexo é a seguinte:

√ 58 Bibliotecas Municipais e ou Públicas, com a seguinte distribuição regional: Alentejo -8; Algarve – 3; Centro – 18; Lisboa – 14; Norte – 15

√ 379 Bibliotecas Escolares, com a seguinte distribuição regional: Alentejo - 32; Algarve – 36; Centro – 102; Lisboa – 46; Norte – 163

√ 29 Bibliotecas pertencentes à subcategoria Outras, onde se incluem bibliotecas de diferentes entidades públicas ou privadas que não se incluem nas categorias anteriores, com a seguinte distribuição regional: Alentejo - 2; Algarve – 3; Centro – 9; Lisboa – 4; Norte – 11

❖ Ano de Formação, e Número de Anos de Existência, da Rede e do Portal Concelhio

Sabendo que o tempo é um fator que influencia o desenvolvimento das organizações, possibilitando que estas se possam vir a estruturar, consolidar e desenvolver, quisemos saber se as Redes Concelhios são, ou não, Comunidades de Prática recentes e, deste mesmo modo, que tempo têm os seus Portais.

A informação respeitante ao *Ano de Formação da Rede* foi obtida, preferencialmente, através da leitura do historial da Rede ou da leitura da data inscrita no documento *Acordo de Cooperação*, correspondendo ao ano de assinatura do protocolo entre os cooperantes. A informação referente ao *Ano de Criação do Portal* foi obtida através da adoção da seguinte sequência de procedimentos: leitura da informação no Portal Concelhio ou leitura do ano da publicação da primeira notícia, no

Portal Concelhio, quando se refere ao lançamento da Rede/Portal. Recorreu-se, ainda, nas situações em que a informação continuava omissa, quanto ao ano de formação da Rede e ou ao ano de criação do Portal, ao motor de pesquisa *Google*, introduzindo as expressões: “Apresentação da Rede de Bibliotecas de...”, “Apresentação do Portal da Rede de...”, dado que as apresentações/assinaturas de protocolo se realizam em cerimónias públicas. Neste caso, a informação recolhida baseou-se, além do Portal, em notícias publicadas por bibliotecas, Câmaras Municipais e, num caso, por uma televisão local. Refira-se ainda, a importância do *site* da RBE e da sua rubrica *Redes na Rede* (<http://rbe3.addition.pt/np4/67>). Assim, a informação referente ao Ano de Formação da Rede e ao Ano de Criação do Portal, encontra-se disponível no Anexo V.

Ano de Formação e Número de Anos de Existência das Redes Concelhias

O Anexo V – Síntese 1 dá-nos conta do número de Redes Concelhias consideradas neste estudo, por Direção Regional, que se constituíram em cada um dos anos, desde 2005 até abril de 2014. A partir dessa informação foi elaborado o seguinte gráfico:

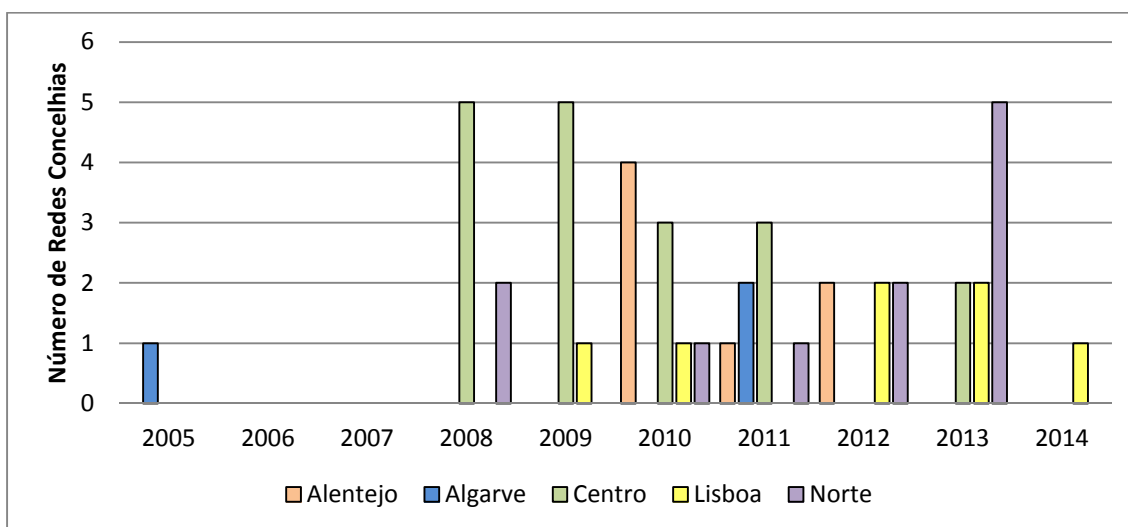


Gráfico 2 - Ano de Formação das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas / Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional de Educação

Através dos resultados recolhidos (cf. Anexo V), podemos verificar que foi no Algarve, no ano de 2005, que foi criada a primeira Rede Concelhia: a Rede Concelhia de São Brás de Alportel. Só três anos mais tarde, em 2008, é que surgem novas

redes: cinco da zona da Direção Regional do Centro - Arganil; Carregal do Sal; Pombal; Tondela; Vagos - e duas Redes Concelhias no Norte do país – Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso e Rede de Bibliotecas da Lousada. Nos anos seguintes, foram surgindo mais Redes, entre seis a nove Redes por ano, estando presentes em todas as Direções Regionais a partir de 2009. No Alentejo, quatro das sete Redes surgiram em 2010, as Redes de Aljustrel, Castro Verde, Cuba e Évora. No Algarve, as Redes de Faro e Tavira surgiram em 2011. No Norte, em 2013, formaram-se cinco das treze Redes, sendo por isso, relativamente recentes. Em Lisboa, verifica-se uma pulverização dos anos de formação das Redes, sendo desta Direção Regional a Rede mais jovem, 2014, a Rede de Bibliotecas de Sardoal.

Tendo como referência o ano de formação de cada uma das Redes, ano de assinatura do acordo de cooperação, tal como foi definido no âmbito dos procedimentos deste estudo, e o presente ano, 2014, foi possível quantificar o número de anos de existência de cada uma das Redes, a sua “idade”, ver Anexo V – Síntese 2 a partir do qual se elaborou o seguinte gráfico:

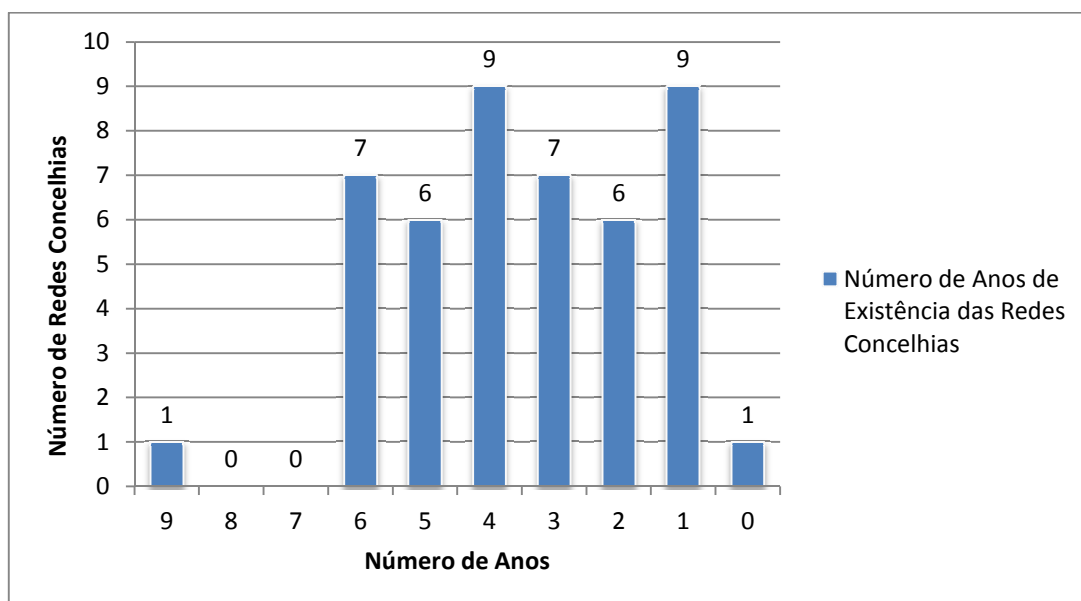


Gráfico 3 - Número de Anos de Existência das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo

De acordo com o que foi referido em relação ao Ano de Formação da Rede, a Rede de São Brás de Alportel formou-se há nove anos, seguindo-se, com seis anos, as cinco Redes Concelhias da Região Centro e as duas da Região Norte formadas em 2008. Segue-se a seguinte sequência número de anos, número de Redes: cinco anos,

seis Redes; quatro anos, nove Redes; três anos, sete Redes; dois anos, seis Redes; um ano, nove Redes e, ainda, como se referiu, uma Rede formada este ano.

Ano de Formação e Número de Anos de Existência dos Portais Concelhios

São cinco as Redes pioneiras na criação de Portais, e no momento em que formalizaram o acordo de cooperação, constituindo-se como Redes, três da Direção Regional do Centro (Arganil, Pombal e Tondela) e duas da Direção Regional do Norte, a Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso e a da Lousada. De acordo com o Anexo V – Síntese 2, foi elaborado o Gráfico 4 que expressa o número de Portais criados, por ano e por Direção Regional de Educação, no período de 2009 a Abril de 2014.

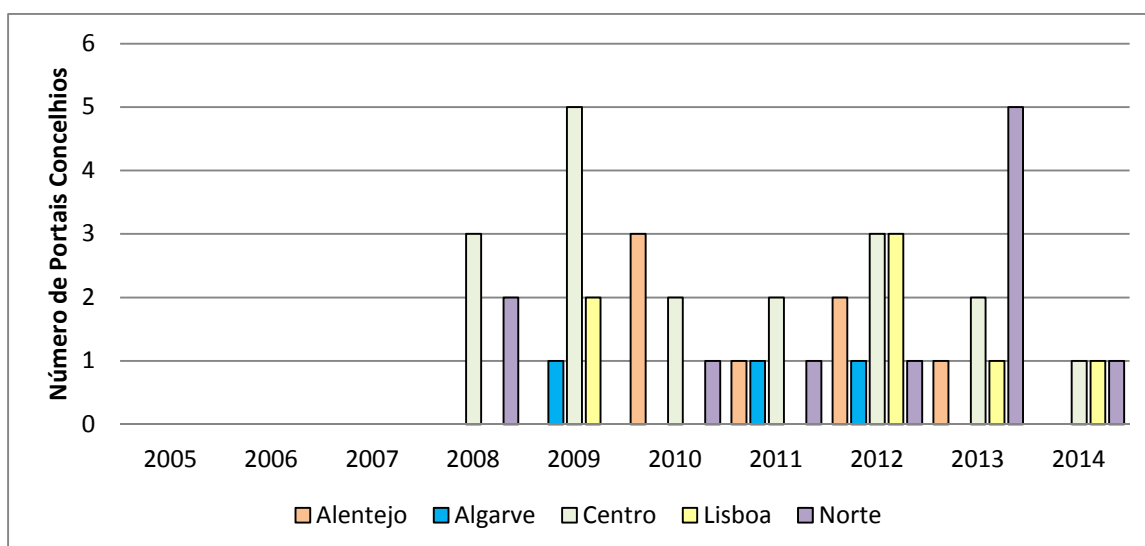


Gráfico 4 - Ano de criação dos Portais das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, considerados no estudo, por Direção Regional de Educação

Como se pode verificar os primeiros Portais só surgem em 2008 na Região Centro e na Região Norte, correspondendo aos Portais das seguintes Redes Concelhias: Arganil, Pombal, Tondela, Basto e Barroso e Lousada. O ano de 2012 é aquele em que surge o maior número de Portais, 10, e em todas as Redes Concelhias, seguido do ano de 2009 com 9 Portais Concelhios.

Adotando-se o mesmo procedimento que em relação às Redes, tomou-se como referências o ano de criação do Portal, determinado de acordo como os

referidos procedimentos deste estudo, e o presente ano, 2014, quantificou-se o número de anos de existência de cada um dos portais das Redes Concelhios, a sua “idade” (ver Anexo V). De acordo com a informação do referido Anexo V - Síntese 4, elaborou-se o seguinte gráfico:

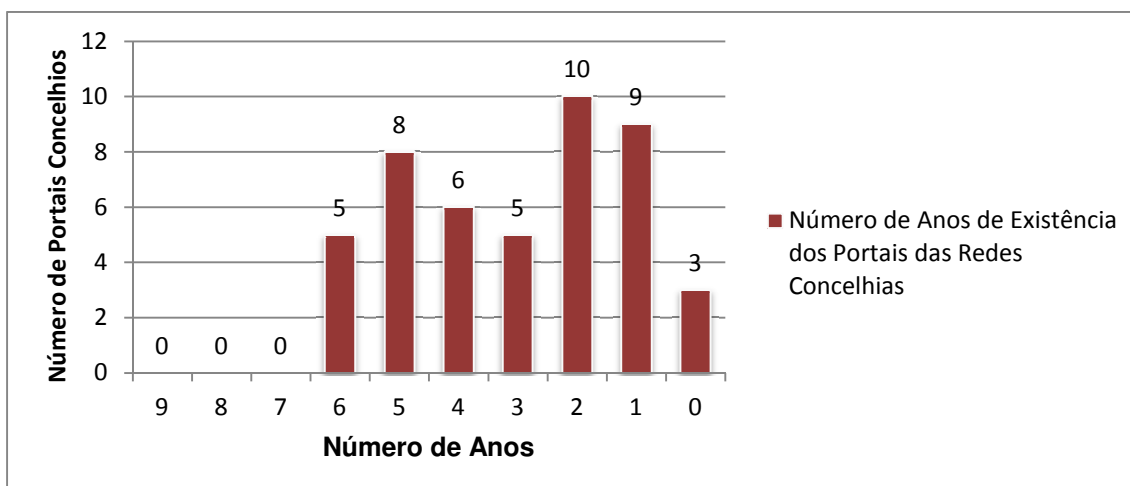


Gráfico 5 - Gráfico 5 – N.º de Anos de Existência dos Portais das Redes Concelhios, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, considerados no estudo.

De acordo com o Gráfico 5, os portais mais antigos, em número de cinco, tal como se referiu, constituíram-se há seis anos e os mais recentes surgiram já em 2014: os Portais das Redes Concelhios de Nelas, Sardoal, Braga. Observe-se ainda que 19 dos 46 Portais têm entre dois a um ano de existência.

- Conteúdos dos Portais Concelhios enquanto Sistemas de Informação, Comunicação e Documentação

Nesta fase do estudo empírico, procedeu-se à recolha de dados dos Portais enquanto sistemas de informação, comunicação e de documentação, orientados para os utilizadores. A recolha da informação disponível obedeceu às categorias e subcategorias definidas, constantes nas grelhas de análise de conteúdo, respeitando aos Anexos VI, VII, VIII e IX, respetivamente: Informação Institucional das Redes Concelhios; Coleção. Pesquisa e Recuperação de Informação. Empréstimo; Comunicação com o Utilizador; Apoio ao Utilizador.

Como nota preliminar aponte-se que, embora existindo uma aplicação disponibilizada pela RBE às Redes/Portais Concelhios, como já se referiu, nem todas as Redes utilizam esse *software* e cada Rede decide a organização da informação no seu Portal, o seu âmbito e os seus objetivos, não existindo uma tipologia de conteúdos, o que, sendo plausível, dificulta a sistematização e recolha de informação para efeitos de estudo de análise de conteúdos. Note-se, também, que dos 46 Portais que constituem a amostra, o Portal da Rede de Bibliotecas de Pombal, um dos Portais pioneiros, criado em 2008, se resume ao catálogo coletivo, como já se referiu.

❖ Informação Institucional das Redes Concelhias

De acordo com a descrição dos conteúdos dos Portais respeitantes a esta categoria e subcategorias, elaborou-se uma grelha de análise de conteúdo cujos resultados constam do Anexo VI, onde, igualmente figura o respetivo quadro síntese, Anexo VI - Síntese. Da leitura dessa grelha podem extrair-se as seguintes informações:

- Todas as Redes, exceto a de Pombal, identificam, nos seus Portais, as entidades parceiras, referindo a sua designação. Também quase todos os Portais (87%) têm ligações ativas (*site, blogue ou Facebook*) para os membros da Rede.
- Os *contactos com os membros da Rede*, via correio eletrónico, através da indicação do endereço de *e-mail* ou da criação automática de uma ligação de mensagem de correio eletrónico, processo mais *friendly* para o utilizador, é assegurado em 87% dos Portais. No entanto, esta percentagem desce para 41% quando o utilizador pretende contactar por correio eletrónico, ou por qualquer uma das formas anteriores, diretamente a Rede, enquanto entidade específica. Só uma das Redes indica expressamente, e na página de entrada, que o seu Portal contém uma *Área Reservada* aos Cooperantes, a Rede Concelhia de Tondela, podendo, assim, este ser utilizado também como plataforma de interação e de contacto, entre os membros da Rede.
- Aproximadamente 89% inclui no seu Portal elementos informativos referentes à sua apresentação. Os documentos orientadores da Rede são divulgados em 87% dos Portais. O documento fundador das Redes Concelhias, o Protocolo, é o mais divulgado, 73,9%. O Regulamento de

Empréstimo Interbibliotecas encontra-se presente em, aproximadamente, 59% dos Portais. Também reveladores de uma política de Gestão Comum da Coleção são os documentos Manual de Procedimentos (em 46%) e, ainda num grau mais profundo de cooperação, a Política de Desenvolvimento da Coleção, ainda só referenciada em 4 Portais (8,7%), correspondendo às Redes Concelhias de: Faro; Carregal do Sal; Santa Comba Dão; Benavente. Existem ainda 4 Portais que divulgam Regulamentos de Cooperação, estabelecendo normas gerais de funcionamento na Rede: Arganil; Miranda do Corvo; Basto e Barroso; Lousada. O Regulamento da Comissão de Trabalho do Portal é disponibilizado por duas Redes: Arganil e Miranda do Corvo;

- Tal como foi referido nos procedimentos, só foram considerados na subcategoria *Plano de Atividades* os documentos referentes ao período 2013/2014, ou ao ano 2013, dado a gestão das Bibliotecas Públicas se processar por ano civil. O estabelecimento desta premissa teve como objetivo aferir a atualidade deste importante documento de cooperação e, em simultâneo, a articulação existente entre os diferentes parceiros/bibliotecas da Rede. Das 46 Redes Concelhias que constituem a amostra, aproximadamente 22%, 10 Portais, disponibilizavam *online* o Plano de Atividades referente ao período considerado. Refira-se a pertinência da informação, em 8 Portais (Arganil; Mira; Penacova; Tábua; Rio Maior; Barcelos; Braga; Bragança), reveladora da existência de projetos conjuntos entre as diferentes bibliotecas que constituem a respetiva Rede, expressão da sua cooperação, como é o caso, por exemplo, da Rede de Bibliotecas de Arganil, que apresenta no separador *Permutas de Materiais*, http://www.bibliotecas.cmarganil.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1701&Itemid=662 a planificação de um projeto de animação da leitura de acordo com as Metas curriculares e o programa da disciplina de Português, que envolve o SABE e as escolas do 1.º ciclo, e na rubrica *Projetos* a referência aos projetos conjuntos: *Pais e Filhos: Livros e Ternura*, destinado às crianças do Jardim de Infância e *Ler+Jovem*, destinado aos alunos do Ensino Secundário.
- Uma das formas, mais amigável para o utilizador, de divulgação das atividades da Rede, é a sua apresentação sob a forma de *Agenda de*

Atividades. Ao momento, de acordo com a informação disponível, onze dos Portais, 23,9%, apresentavam esta forma de divulgação.

- Todos os Portais apresentam *Notícias*, se considerarmos não só a rubrica com essa designação mas, também, nos Portais em que tal não acontece, o relato de ocorrências, atividades realizadas/a decorrer/ou futuras, exceto o portal da Rede de Bibliotecas de Pombal, que só tem o catálogo, como se referiu. Considerámos que dentro desta subcategoria, por nos parecer um indicador da dinâmica da Rede e das suas preocupações com a comunicação, seria importante recolher dados sobre a *Frequência da Notícia*. Neste sentido, fixámos um mínimo de 3 notícias/mês, por nos parecer ser um limite aceitável de comunicação de ocorrências da Rede. Em 7 dos 46 portais considerados, 15,2%, não foi possível determinar a frequência e ou a data da publicação da última notícia, devido à informação não se encontrar expressa ou se encontrar dúbia. Quanto à *Frequência*, dezoito Portais da amostra, aproximadamente 39%, têm publicadas três ou mais notícias, por mês; Para a observação da *Data de Publicação da Última Notícia* (dia/mês/ano), subcategoria da categoria *Notícias*, foram estabelecidos intervalos temporais de 15 em 15 dias para facilidade de sistematização e apresentação de resultados: data da última notícia publicada, inferior ou igual a quinze dias, em relação à data de observação; entre 15 dias a um mês de publicação da última notícia em relação à data de observação; data da última notícia, superior a um mês da data de observação. Os resultados revelam que treze dos Portais, 28,3%, apresentam a última notícia com data inferior, ou igual, a 15 dias da data da observação; nove Portais, 19,6%, apresentam a data da última notícia superior a 15 dias e ou igual a um mês da data de observação; em dezasseis Portais, 34,8%, a data de publicação da última Notícia é superior a um mês, após a data de observação.

❖ Coleção. Pesquisa e recuperação de Informação. Empréstimo

A fim de se verificar a ativação, *online*, do Catálogo Coletivo e da disponibilidade, ou não, dos diferentes *Tipos de Pesquisa*, foi sempre digitado o mesmo termo de pesquisa: “Os Maias”: A escolha deste termo de pesquisa teve como

critério a elevada probabilidade desta obra, de referência da literatura portuguesa, estar presente, no mínimo, em todas as bibliotecas municipais e, deste modo, em todos os catálogos coletivos. Este procedimento permitiu verificar que em 5 dos 46 Portais Concelhios, 10,9%, apresentavam o Catálogo Coletivo *offline*. Deste modo, este estudo considerou a informação nos 41 catálogos coletivos disponíveis *online*.

De acordo com a informação disponível no Anexo VII, que inclui o Anexo VII-Síntese, e considerando os 41 Catálogos Coletivos disponíveis *online*, verificam-se as seguintes ocorrências em relação a cada uma das subcategorias da categoria *Coleção. Pesquisa e recuperação de Informação, Empréstimo*:

- Em relação à subcategoria *Tipos de Pesquisa*, em todos os Catálogo Coletivos disponíveis figura a *Pesquisa Simples*, 100%, com a presença da *Pesquisa Orientada* em 38 catálogos (92,7%), seguindo-se a pesquisa por *Termos* em 23 catálogos (56,1%) e a *Pesquisa Avançada* em 16 catálogos coletivos (39%). Em todos os Catálogos Coletivos está disponível mais de um tipo de pesquisa.
- As *Dicas de Pesquisa* estão disponíveis em 36 Catálogos Coletivos, 87%. Quase todos os Catálogos Coletivos, 39 (97,6%), permitem personalizar a pesquisa, através da utilização de *Filtros* de pesquisa. O mesmo número de catálogos, 39, apresentam as *Siglas das Bibliotecas* que constituem a Rede e apresentam a sua localização. Complementando a pesquisa efetuada pelo utilizador, a rubrica *Veja também...*, Campo 856 do formato bibliográfico UNIMARC, está presente em 33 catálogos coletivos, ou seja, em 80,5% dos catálogos disponíveis. A quase totalidade dos catálogos coletivos disponíveis, 40 (97,6%), apresentam a *Área Reservada a Leitores*.
- Em 27 Catálogos Coletivos (65,9%), através de votação dos leitores inscritos, são apresentados os títulos dos documentos mais votados, *Top Títulos*, normalmente obras literárias; o maior número de votantes/votos pertence aos utilizadores inscritos da Rede de Bibliotecas de Tábua que apresenta 5 títulos com um total de 72 votos, seguindo-se a Rede Concelhia de Esposende, com 3 títulos e 35 votos, e com o mesmo número de votos mas com 5 títulos, a Rede de Bibliotecas de Tavira. A funcionalidade do utilizador poder inserir e partilhar *Comentários* em relação a qualquer título do catálogo coletivo encontra-se visível em 28 catálogos (68,3%) mas só se observam comentários, e pensamos que

alguns são testes de funcionamento realizados, em duas das Redes Concelhios: Évora e Faro;

- O *Histórico de Pesquisa* pode ser consultado em 34 catálogos disponíveis, 83%. Através de *e-mail* podem-se *Enviar registos*, em 36 catálogos coletivos disponíveis (87,8%). *Imprimir/Guardar registos* é uma funcionalidade presente em 35 catálogos coletivos, 85,4%. *Exportar registos em formato ISO*, funcionalidade útil para a criação de catálogos, encontra-se presente em 34 Catálogos Coletivos disponíveis, 82,9 %.
- A subcategoria *Coleção Digital*, do universo que constitui a amostra, encontra-se presente em 6 Portais (13%), sendo três dessas coleção mais de âmbito geral e as outras três ligadas ao Património e História Local: Rede de Bibliotecas do Concelho de Viana do Alentejo que disponibiliza, na rubrica *Destaques*, a *Biblioteca virtual*, sítios *online com ebooks gratuitos* - <http://rbcva.cm-vianadoalentejo.pt/index.php/destaques/biblioteca-virtua>; Rede de Bibliotecas de Seia – que inclui na rubrica *Bibliografia*, na barra de menu *Documentos*, um conjunto de bibliografias temáticas - http://www.cm-seia.pt/rbems/index.php?option=com_content&view=article&id=298&Itemid=103; Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso, que na rubrica *A RBB no Delicious* disponibilizou um serviço que permite que se adicione ou pesquise *bookmarks* sobre qualquer assunto: http://www.rb-bb.net/index.php?option=com_content&view=article&id=586:a-rbb-no-delicious&catid=5:noticias&Itemid=1; mais no âmbito do Património e História local, afirmando a identidade da Rede Concelhia, estão disponíveis as seguintes coleções digitais: A *Coleção Digital* da Rede de Bibliotecas do Concelho de São Brás de Alportel - http://sba-bibliotecas.pt/index.php?option=com_content&view=section&id=13&Itemid=128 - que apresenta a vida e obra de uma personalidade concelhia assim como, os acontecimentos da 1.ª República e o seu impacto no concelho; A *Comarca de Arganil digital – 1901-2009*, <http://rbcva.cm-vianadoalentejo.pt/index.php/destaques/biblioteca-virtual>, publicação da digitalização do Jornal da Comarca de Arganil, durante este período, pela Rede de Bibliotecas do Concelho de Arganil; A rubrica *Património*, http://rb.carregal-digital.pt/index.php?mod=articles&action=viewCategory&category_id=41, da Rede de Bibliotecas de Carregal do Sal, que apresenta a biografia e um tributo a Aristides de Sousa Mendes.

- Também, no universo que constitui a amostra, em 32 dos 46 Portais, (69,6%) existe a evidência de *Empréstimo Inerbibliotecas* de fundo documental através da presença, no Portal, do Regulamento de Empréstimo, ou do Cartão Único. A evidência da existência de *Cartão Único*, expressa quer no regulamento de empréstimo ou em rubrica específica, encontra-se presente em 4 Portais (8,7%).

❖ Comunicação com o Utilizador

Procura-se, dentro desta categoria, recolher informação sobre o processo comunicacional, ou seja, as mensagens e os canais de comunicação utilizados, de que são exemplo as Redes Sociais, para o estabelecimento da comunicação entre a Rede e o utilizador, entre o utilizador e a Rede e ou, ainda, entre utilizadores. Do Anexo VIII e respetivo ANEXO VIII – Síntese, referente a esta categoria e respetivas subcategorias, retira-se a seguinte informação:

- De acordo com a informação expressa nos Portais, 20 das 46 Redes (43,5%) utilizam as *Redes Sociais* e ou o *Youtube* para comunicarem com os seus utilizadores. Todas as Redes presentes nas Redes Sociais têm *Facebook*, sendo a Rede Social mais utilizada, no conjunto de Portais que constituem a amostra (43,5%). Neste mesmo conjunto de Portais verifica-se a presença do *Tweet* em 13 Portais (28,3%), *Outras Redes Sociais* (Linkedin; Picasa; RizVn, Twitter ...) em 12 Portais (26,1%), valor igual à presença no *Youtube*.
- Para além da sua presença nas Redes Sociais, três Redes Concelhias (6,5%) possuem *Blogue*: Faro - <http://rededebibliotecasdefaro.blogspot.pt/>; Arganil – *Biblio.activaler*- <http://biblioactivaler.blogspot.pt/> - blogue destinado ao público infantil e juvenil e ainda o blogue *Leituras Cruzadas* destinado a partilhar leituras entre os restantes públicos - <http://leituras-cruzadas.blogspot.pt/>; Seia- <http://milleiturasseia.blogspot.pt/>- blogue *Mil leituras...* . Existem, ainda, Portais com ligação direta para outros blogues, ou da iniciativa da Biblioteca Municipal ou da iniciativa das Bibliotecas Escolares, não lhes sendo feita referência por não se enquadrarem no âmbito deste estudo, dado não serem colaborativos.

- Para comunicação direta com o utilizador, nomeadamente através de *email*, são utilizados por sete Redes Concelhias (15,2%) *Outros Canais de Comunicação*: a *Newsletter* (Redes Concelhias de: Tavira, Cantanhede, Tondela, Sardoal e Marco de Canavezes); o *Jornal* (Rede Concelhia de Basto e Barroso); o *Boletim* (Rede Concelhia de Arganil) que, além de disponíveis *online*, apresentam a possibilidade de subscrição.
- Também 7 Redes (15,2%) disponibilizam, nos seus Portais, agregadores de conteúdos, permitindo, igualmente, aceder à sua atualização, *Web Syndication* - RSS Agregador de Feeds ou APPS - aplicações móveis. São disso exemplo as seguintes Redes, cujos agregadores estão associados aos seguintes conteúdos: Évora – Eventos; Tavira – Eventos; Mealhada – Catálogo; Murtosa – várias valências do Portal; Tondela – Eventos; Braga – Catálogo; Vila Real - Apoio ao Estudo.
- Poder *Comentar e ou Partilhar* conteúdos, através de *email* ou utilizando as Redes Sociais, é uma mais-valia disponibilizada por 28 Portais, aproximadamente 61%.
- A subcategoria *Novidades* é disponibilizada por 9 Portais (19,6%), em rubricas com esta designação ou com outras, de que é exemplo a rubrica *Expositor*, designação utilizada pela Biblioteca de S. Brás de Alportel. Por vezes, as *Novidades*, para além da capa do livro, apresentam uma pequena sinopse da obra, melhorando a informação ao utilizador, como é o caso da Rede de Bibliotecas do Concelho de Arganil (http://www.bibliotecas.cmarganil.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1804);
- *Notícias sobre Atualidades* divulgadas por órgãos da comunicação social são disponibilizadas em 6 Portais, 13%, entre os quais o Portal da Rede Concelhia de Cuba que na rubrica *Educação e Cultura* destaca acontecimentos referidos por jornais diários e que se relacionam com estas temáticas.
- Com o objetivo de melhor servir o utilizador, 14 Portais Concelhios (26%) disponibilizam, em linha, um *Formulário de Sugestões*, a preencher pelo utilizador e a submeter através do Portal. Estes formulários são de preenchimento simples. A título de exemplo, refira-se o formulário da Rede Concelhia de Nelas, disponibilizado na rubrica *Formulários*: o utilizador, após a sua identificação e indicação de endereço de *email*, para receção

da resposta, tem um campo de texto livre, onde regista a sua sugestão. Num âmbito mais restrito, regista-se a disponibilização, no Portal, de um formulário de *Sugestão de Aquisição*, em 5 Portais, 10,9%: São Brás de Alportel; Lousã; Murtosa; Nelas; Tondela. Tomando como exemplo o formulário *Proposta de Aquisição*, disponibilizado pela Rede de Nelas, este é de preenchimento simples, permitindo a identificação do utilizador e a indicação clara da sugestão de aquisição.

- O *Questionário ao Utilizador* está presente em 7 Portais, 13%. No entanto, as suas finalidades são diferentes: 6 desses Portais recolhem informação de carácter geral, através de questionários de perguntas simples e de resposta fechada, sobre diferentes temáticas: “As bibliotecas ajudam-no no acesso ao livro e à informação?” – Portal da Rede de Bibliotecas de Aljustrel; “Em média quantos livros lê por ano?” – Portal da Rede de Bibliotecas de Miranda do Corvo; o Portal da Rede de Bibliotecas de Tondela, é o único que apresenta formulário de reclamação ou de pedido de informação, e que disponibiliza, em simultâneo, um questionário com perguntas que têm por objetivo avaliar a qualidade do serviço, de que é exemplo a questão: “Quais as atividades, serviços ou valências que acha que podem melhorar na BMTR? Como?” - <http://rbt.cm-tondela.pt/index.php/sugestoes> .

❖ Apoio ao Utilizador

Os conteúdos dos Portais, considerados neste estudo, referenciados na categoria Apoio ao Utilizador e respetivas subcategorias, encontram-se coligidos no Anexo XI e no respetivo Anexo XI - Síntese, de onde se retirou a seguinte informação:

- No presente estudo refere-se a presença de conteúdos de promoção da literacia da informação em 19 Portais Concelhios (41,3%) - ver Anexo IX -, através de documentos de carácter específico: *Guiões de apoio ao desenvolvimento de competências literácicas*, documentos que visam a *Utilização de Software* e, ainda, documentos como *Pesquisar/Utilizar a Internet*, nomeadamente de uma forma ética. Refira-se, neste âmbito, o bom exemplo da Rede de Bibliotecas de Carregal do Sal, distinguida na candidatura ao programa *Ideias com Mérito* da RBE, programa que se propõe “identificar, seleccionar e apoiar as experiências mais consistentes e

difundir as práticas melhor concretizadas em escolas da Rede” (<http://www.rbe.min-edu.pt/np4/766.html>). O Portal desta Rede disponibiliza, na rubrica *Documentos*, um conjunto de recursos de relevo na promoção da literacia; no separador *Como Elaborar a Referência de Documentos* é explicitada a informação respeitante à elaboração de referências dos seguintes documentos: livros, publicações em série, páginas Web, registos em vídeo e registos sonoros; ainda na mesma rubrica *Documentos*, no separador *Ficheiro para Autonomia dos Alunos*, http://rb.carregaldigital.pt/index.php?mod=articles&action=viewArticle&category_id=46&article_id=229, o mesmo Portal divulga documentos que orientam os utilizadores na pesquisa e tratamento da informação, nomeadamente o modelo de Pesquisa de Informação “BIG6” em duas versões, uma destinada a alunos e outra destinada a professores com a apresentação do tutorial *Apresentação de um trabalho em powerpoint*, no separador *Documentos/Ficheiro para a Autonomia dos Utilizadores*. Ainda no âmbito da literacia, refira-se a Rede de Bibliotecas de Tavira, que elaborou um *Programa de Desenvolvimento das Literacias da Informação, Tecnológica e Digital do Concelho de Tavira*, disponível no separador *Documentos*, <http://bibliotecas.cm-tavira.pt/node/36>. Também neste Portal, no separador *Recursos para Bibliotecas*, <http://bibliotecas.cm-tavira.pt/node/25>, encontra-se disponível uma ligação para o Portal da Literacia para os Media, <http://www.literaciamediatica.pt>. Há, ainda, Portais que incluem orientações destinadas a melhorar o desempenho dos utilizadores na utilização de diferentes tipos de *software*, desenvolvendo as suas competências, de que é exemplo a Rede de Faro, com a publicação do *Manual Prezi*, na rubrica *Materiais*, <http://red bibliotecas.cm-faro.pt/menu/553/materiais.aspx>. O Portal da Rede de Bibliotecas de Braga, no separador *Recursos* (<http://rbb.blcs.pt/index.php/pt/documentos-de-apoio/tutoriais>) disponibiliza um conjunto de Tutoriais sobre Pesquisar/Utilizar a Internet, e que são exemplos: *Tutorial como fazer um blogue*; *Tutorial para publicar no ISSUU* (publicação de trabalhos em PDF; fazer ebooks); *Tutorial de Utilização do Audacity e Podomatic*

- No *Apoio ao Estudo* considerámos, tal como se referiu, o conjunto de conteúdos de referência curricular e ainda os documentos que ajudam a organizar o estudo ou a organizar instrumentos de trabalho e que, nalguns

Portais, se encontram claramente diferenciados dos conteúdos de promoção da literacia, como é o caso de São Brás de Alportel, que considera dois separadores distintos: *SOS Estudo* e *Literacia para a Vida*. Os conteúdos de *Apoio ao Estudo* encontram-se presentes em 11 Portais, 23,9%, em rubricas com esta designação, como seja a Rede de Bibliotecas de Murtosa, ou sob a forma de outras designações, como, aliás, já se referiu o Portal da Rede de São Brás de Alportel. Esta Rede, na mencionada rubrica, disponibiliza um conjunto de recursos que o aluno pode utilizar autonomamente, como a *Escola Virtual*, ou o *Ensina RTP*, e também o separador *Como se Faz?*, cujos conteúdos se destinam a melhorar as competências dos alunos na elaboração de trabalhos escolares e de relatórios científicos, na produção de trabalhos de pesquisa e na elaboração de textos. A Rede de Bibliotecas de Arganil, na rubrica *Permuta de Materiais/ Articulação Curricular*, no menu *Partilha*, disponibiliza um conjunto de documentos de apoio ao estudo e ao desenvolvimento da literacia. No Portal da Rede de Bibliotecas de Carregal do Sal, na já referida rubrica *Documentos*, o utilizador encontra recursos que podem ser explorados autonomamente ou em situação de sala de aula: *Recursos Educativos Especiais* - conjunto de recursos destinados aos alunos com Necessidades Educativas Especiais; *Sessão de Escrita Criativa* – materiais utilizados numa sessão de escrita criativa; *Ulisses* - exercícios de escolha múltipla baseados na adaptação da obra por Maria Alberta Menéres;

- Quase todos os Portais, 38 em 46 (82,6%), apresentam *Ligações Úteis*, sendo muito variável, no entanto, o número de ligações que disponibilizam e os conteúdos a que se acede. Mencione-se como um bom exemplo de organização das ligações úteis a sua classificação segundo as regras de Classificação Decimal Universal (CDU), como são o caso dos Portais das Redes Concelhias de: Lousã; Penacova; Seia; Rio Maior; Sardoal.
- As *Sugestões de Leitura* estão presentes em 17 Portais, 37%. Foram consideradas nesta subcategoria as iniciativas que se apresentam expressamente, nos Portais, com esta designação e ainda as designações: *Autor do Mês*; *Livro do Mês*; *Filme do Mês* e a *Música do Mês*, caso da Rede de Bibliotecas de São Brás de Alportel, nas *Sugestões do Mês*. Este Portal apresenta, ainda, o excelente exemplo de *Sugestões de Leitura* de

utilizador para utilizador, ou seja, opiniões redigidas por leitores e disponibilizadas no Portal, no menu *Bibliodesafios*. Esta participação do leitor também se encontra presente no Portal da Rede de Bibliotecas de Carregal do Sal, nas rubricas *Partilhas de Leituras*, representando igualmente um bom exemplo de trabalho em sala de aula. As *Frases Pensadoras*, rubrica presente no Portal da Rede de São Brás de Alportel, são citações de frases extraídas de obras de referência das “Metas” ou do PNL, representando um bom trabalho realizado com e por alunos de reflexão sobre as suas leituras e, em simultâneo, um convite à leitura. Refira-se, ainda, que é possível, através dos respetivos Portais, comentar ou partilhar muitas destas sugestões;

- Ainda de acordo com Anexo IX, são 4 os Portais (8,7%) que disponibilizam *Artigos de Opinião*, entre os quais, por exemplo: *Editoriais* da Rede de Bibliotecas de Cuba, http://rbcc.cmcuba.pt/index.php?option=com_content&view=category&id=3&Itemid=9; no separador *Documentos Teóricos*, no Portal da Rede de Bibliotecas de Arganil, http://www.bibliotecas.cmarganil.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1702&Itemid=889, podem visualizar-se diferentes documentos de opinião, como por exemplo: *A Literatura Infantil não Precisa de Fichas*, *A César o que é de César* (artigo sobre classificação e indexação do fundo documental); os *Artigos de Opinião*, do separador com esta designação, presentes no Portal de Carregal do Sal, http://rb.carregal-digital.pt/index.php?mod=articles&action=viewCategory&category_id=61.
- As *Orientações* disponibilizadas através do acesso a documentos de instituições orientadoras ou de documentos teóricos, encontram-se presentes em 3 Portais, 6,5%. A Rede Bibliotecas de Tavira, no separador *Documentos*, <http://bibliotecas.cm-tavira.pt/node/36>, apresenta orientações para os professores bibliotecários da Rede e outras de carácter geral, como por exemplo da IFLA, também o mesmo acontece com a Rede de Alcochete, http://www.rbal.com.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=52&Itemid=50, e a legislação nacional que regula a figura do PB. A Rede de Bibliotecas de Arganil, na referida rubrica *Documentos Teóricos*, disponibiliza diversos estudos, como por exemplo: *Compreensão da Leitura: dos Modelos Teóricos ao Ensino Explícito* - um programa de intervenção para o 2.º ciclo do Ensino Básico, *O Ensino da Compreensão*

da Leitura: do Ensino à Prática Pedagógica – um programa de intervenção para o 1.º ciclo do Ensino Básico ou *Reflexión sobre la Relación entre las Bibliotecas Públicas y las Bibliotecas Escolares*.

- Algumas Redes utilizam os seus Portais para divulgar e promover a inscrição em eventos, em particular, formativos. Dos Portais considerados no estudo, 5 (10,9%), na subcategoria *Outros* (Anexo IX), utilizam esta prática. Exemplos de boas práticas neste âmbito são: a Rede de Bibliotecas de Évora, que é muito dinâmica na organização e promoção de eventos formativos, apresenta no seu Portal, na rubrica *Notícias*, ou em separador específico, informação sobre eventos, com inscrição *online*; a Rede de Bibliotecas de São Brás de Alportel, na rubrica *Eventos*, divulga a realização de formações, não destinadas exclusivamente a professores; a Rede de Bibliotecas de Santa Comba Dão, na rubrica *Formação*, disponibiliza informação sobre ações de formação destinadas a bibliotecários e outros profissionais do ensino; a Rede de Bastos e Barroso, na rubrica *Notícias* e a Rede de Bibliotecas de Braga, na rubrica *Eventos*, promovem a inscrição em eventos e em formação.
- Para melhorar a navegabilidade no Portal, é apresentada informação, como o *Mapa do Portal*, ou são utilizados dispositivos técnicos que permitem *Pesquisar no Portal*, localizando melhor e mais rapidamente a informação. Foram identificados 13 Portais, 28,3% (Anexo IX), que apresentam o *Mapa do Portal*, enquanto a possibilidade de *Pesquisar no Portal*, se encontra presente em 28 Portais, 60,9%. As *FAQS* constituem, igualmente, um modo de elucidar os utilizadores, uma vez que lhes é disponibilizado um conjunto de respostas a questões previamente formuladas – 5 Portais, 10,9 % (ver Anexo IX) – apresentam esta possibilidade. Num outro plano, muito mais interativo e imediato, através de diálogo direto entre a Rede e o utilizador, via *chat*, o utilizador encontra resposta às suas solicitações; dois Portais, 4,3%, disponibilizam um sistema de comunicação síncrona, *Ajuda (chat)*, que, quando indisponível, por ocorrência de nenhum operador em linha, assume a forma de comunicação assíncrona, serviço *email*: Tondela, através do *Live Chat (Deixe uma mensagem)*, <http://rbt.cm-tondela.pt/>, e Vagos, através do Serviço de informação *online*, <http://rbv.cm-vagos.pt/index.php/servicos-online/pedido-de-informacao-2>.

- Os utilizadores inscritos, através, ou não, do Portal podem realizar diferentes procedimentos, como seja a reserva de fundo documental, como já se referiu, estando a *Área Privada* reservada ao utilizador presente em 10 Portais, 21,7%.

CONCLUSÕES

Numa época em que as redes e ferramentas digitais favorecem a conjugação de sinergias e a implementação de projetos e atividades comuns, a biblioteca escolar é reforçada pela partilha de recursos, pelo estabelecimento de parcerias e pela rentabilização do trabalho colaborativo.

In, Programa da Rede de Bibliotecas Escolares. *Quadro estratégico 2014-2020*, p. 21

A convergência de princípios orientadores das BP e das BE, expresso nos Manifesto da IFLA e da IASL (no caso das Bibliotecas Escolares), constitui o alicerce de suporte à necessária complementaridade entre estas instituições que, no dizer de Wools (2009: 8), se resume na seguinte frase: “school and public libraries are natural friends because they serve the same children [...] Certainly communication and cooperation makes them partners for student learning”. Pode, portanto, concluir-se que a Biblioteca Escolar e a Biblioteca Pública têm funções coincidentes de âmbito informativo, pedagógico e recreativo que, no caso das primeiras, são mediatizadas pelo currículo e pelo projeto de escola, enquanto nas BP são mais flexíveis, respondendo essencialmente ao interesse do utilizador “anónimo”.

A cooperação entre os dois tipos de bibliotecas constitui a estratégia apontada pelas mesmas organizações no sentido de potenciar a sua atuação e o seu impacto. Da cooperação entre bibliotecas baseada na troca de informações, ideias, serviços e conhecimentos especializados resulta um acréscimo da qualidade do serviço global prestado à comunidade, devido, entre outros fatores, ao maior número de recursos e serviços disponíveis e a uma melhor combinação de recursos para se atingirem os máximos resultados.

De acordo com as atuais necessidades individuais e coletivas, nas áreas da educação, informação e desenvolvimento pessoal, recreação e lazer, comuns às duas instituições identifica-se como essencial o desenvolvimento de ações conjuntas no âmbito da promoção da leitura, da literacia e da formação ao longo da vida. No mesmo sentido, se expressa Salaberría (2001: sp.) ao referir-se aos objetivos educacionais comuns, entre os dois tipos de organizações:

biblioteca pública y centro de enseñanza comparten objetivos educacionales estratégicos (aunque no tácticas), que la escuela, sin un sistema de lectura pública, ve mermada su tarea y a la inversa, y que el secreto del éxito de los sistemas bibliotecarios más eficientes reside en el trabajo con el público infantil y juvenil (aunque no sea, por supuesto, su único público).

Cientes da importância do trabalho conjunto, as BP e as BE têm desenvolvido diferentes tipologias de articulação: colaboração, cooperação e integração. No entanto, para a IFLA, a cooperação em rede afigura-se como a tipologia privilegiada de articulação entre este tipo de bibliotecas. Esta orientação é referida pela RBE na seguinte afirmação: “a participação em redes eletrónicas é o meio apontado pela IFLA para permitir o acesso à informação, local e remotamente, sem restrições de horários” (atual. 2011: 1). Diversos são os exemplos desta prática, em diferentes países, que se podem referenciar através da *Internet*. Também para a RBE, no atual contexto de utilização das TIC, as Redes Colaborativas e as Comunidades de Aprendizagem/Comunidades de Prática são recursos essenciais para o desenvolvimento das Bibliotecas Públicas e Escolares por permitirem: Gestão partilhada da coleção; Difusão da informação; Agilização dos serviços; Aprendizagem permanente; Proximidade com o utilizador; Normalização de procedimentos; Desenvolvimento das identidades; Partilha de recursos; Empréstimo interbibliotecas.

É, assim, neste novo contexto informacional, e para a mediação com os utilizadores, que as bibliotecas recorrem a Redes Concelhias para “acesso local, informação global”, segundo Amândio (2012: sp.). O funcionamento de uma Rede Concelhia deve enquadrar-se dentro dos propósitos, objetivos e estratégias definidas por diferentes entidades parceiras: Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, Rede de Conhecimento das Bibliotecas Públicas, Rede de Bibliotecas Escolares, Rede Portuguesa de Arquivos e Rede Portuguesa de Museus. A mesma autora adverte que “no momento de planear e construir um sistema de informação digital a gerir a partir da rede de bibliotecas, deve definir-se a estrutura dos dados, os protocolos de interligação, os sistemas de tratamento, os sistemas de acesso, de consulta e pesquisa de informação” (*ibid.*). Assim o Portal pode ser entendido como a “parte visível”, o produto final e externo de informação da biblioteca – a “ponta do iceberg” a que nos referimos no nosso título. Nos parágrafos seguintes sistematizamos os elementos mais relevantes que resultaram da análise que efetuámos.

As Redes/Portais Concelhios considerados no estudo, em número de 46, e que representam a quase totalidade das Redes Concelhias de Bibliotecas

Públicas/Bibliotecas Escolares existentes, estão presentes em todas as Direções Regionais de Educação. A sua distribuição regional é, no entanto, irregular, mas corresponde, em alguns casos, à própria dimensão geográfica da DRE, à densidade populacional das várias regiões do país e, por consequência, ao número de concelhos e de escolas. é na região pertencente à Direção Regional do Centro que se verifica o maior número de Redes/Portais Concelhios, dezoito, seguindo-se a região Norte, com onze Redes/Portais Concelhios, as Direções Regionais de Lisboa e Alentejo apresentam o mesmo número de Redes/Portais Concelhios, sete, a Direção Regional do Algarve, três.

A análise de conteúdo dos Portais Concelhios disponíveis, em número de 45, revela uma identidade de terminologia utilizada na descrição da conceção de Rede e ou de Portal Concelhio, reveladora da identificação e da comunhão de objetivos e de finalidades entre as Redes Concelhias. Assim, neste léxico, encontram-se os seguintes termos, mais comuns: Informação; Partilha; Empréstimo Interbibliotecas; Cooperação; Conhecimento; Participação; Parceria.

No conjunto de Redes/Portais Concelhios com informação disponível está envolvido um número expressivo de 248 entidades parceiras. O que representa a presença, em média, de mais de 5 entidades parceiras por Rede/Portal Concelhio. De acordo com a sua tipologia, as Escolas e ou Agrupamentos de Escolas, de todos os graus de Ensino, incluindo duas Universidades a de Évora e a de Trás-os-Montes, representam o maior número de parceiros, 151 entidades. As Câmaras Municipais/Bibliotecas Municipais ou Públicas envolvidas representam 52 entidades, ou seja, aproximadamente 17% dos municípios, dada a existência de 308 municípios em Portugal⁴.

Dentro da categoria *Outras* destaca-se a presença dos Centros de Formação de Associações de Escolas, em número de 13, sendo que aproximadamente 30% das Redes/Portais Concelhios contam com a participação destes importantes parceiros, o que pode significar a importância que a formação formal deve assumir para a sustentabilidade destas Comunidades de Práticas, criando-se contextos onde os cooperantes são aprendentes que constroem o seu próprio saber, ao mesmo tempo que se criam espaços de pertença onde ocorre a aprendizagem coletiva: comunidades de aprendizagem.

De acordo com a informação disponível, são 466 as bibliotecas parceiras que integram as 45 Redes/Portais Concelhios disponíveis. Este número significa que, em

⁴ <http://www.anmp.pt/index.php/municipios/municipios-de-a-a-v>

média, cada Rede possui mais de 10 bibliotecas parceiras. As Bibliotecas Escolares representam o maior número de bibliotecas que integram as Redes, 379, ou seja, uma elevada percentagem do total de bibliotecas, 81%. São 58 as Bibliotecas Municipais ou Públicas que integram as Redes Concelhias e 29 as Bibliotecas parceiras pertencentes à categoria *Outras*.

As Redes têm uma dimensão diversificada: a dimensão concelhia. Sabemos que a sua dimensão depende de diversos fatores, nomeadamente externos, que condicionam o número de entidades/bibliotecas parceiras existentes num determinado concelho, como sejam a densidade populacional e o número de organizações de ensino e culturais existentes. Cientes desses condicionalismos, queremos, no entanto, referir: que é na região da Direção Regional de Educação do Centro que se verifica não só o maior número de Redes, como já se referiu, mas, também, o maior número de entidades Câmara/Biblioteca Municipal e Biblioteca Pública parceiras, 18. No entanto, a região Norte, com 11 Redes Concelhias e 15 entidades parceiras, Câmara/Biblioteca Municipal e Biblioteca Pública, apresenta o maior número de Agrupamentos de Escolas e Escolas parceiras, 71, o maior número de Bibliotecas Escolares parceiras, 163, e o maior número total de bibliotecas parceiras, 189. É ainda nesta zona que se observa: a Rede com maior número de Câmaras/Bibliotecas Municipais parceiras, 5, a Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso; a Rede com o maior número de Agrupamentos de Escolas e Escolas Parceiras, 13, com o maior número de entidades parceiras, 15, e de bibliotecas, 32, a Rede de Bibliotecas de Braga, ou seja, a maior Rede das Redes Concelhias, consideradas na amostra.

Concluimos, e sem querer relevar o papel de um parceiro em relação a outro, que as Escolas e os Agrupamentos de Escolas, e especificamente as Bibliotecas Escolares, são o parceiro significativamente mais presente nas Redes Concelhias. Deste modo, os números parecem revelar o papel determinante que a Rede de Bibliotecas Escolares, os CIBE e os professores bibliotecários têm no desenvolvimento e manutenção deste tipo de Redes.

De acordo com os dados referentes ao ano de formação de cada uma das Redes, ou seja, ao ano de assinatura do acordo de cooperação, foi no Algarve, em 2005, que oficialmente se constituiu a primeira Rede Concelhia: a Rede Concelhia de São Brás de Alportel. Estas Comunidades de Prática vêm a surgir dum modo mais continuo a partir de 2008, ano em que se constituíram sete Redes: Arganil, Carregal do Sal, Pombal, Tondela, Vagos, Basto e Barroso e Lousada. Na Direção Regional do Centro, dez das dezoito Redes estavam constituídas em 2009, sendo, por isto, uma

Região pioneira na formação de Redes Concelhias, além de possuir, à data, o maior número de Redes, como se referiu. É, também, neste ano que as Redes Concelhias se “alastram” a todas as Direções Regionais, surgindo de um modo contínuo ao longo dos anos até ao presente momento de 2014, ano em que surge a Rede de Bibliotecas de Sardoal. Concluimos que as Redes Concelhias são Comunidades de Prática relativamente jovens, a sua “idade” média é de, aproximadamente, 3,5 anos, sendo de 3,2 anos se não considerarmos a Rede de São Brás de Alportel, a Rede pioneira.

Um dos fatores explicativos relacionados com o surgimento das Redes, fundamentalmente a partir de 2008, é o facto da Rede de Bibliotecas Escolares ter criado, em 2007, o Programa dos Catálogos Coletivos – PCCRBE – com a finalidade de desenvolver Redes Concelhias em que o catálogo constituiu o elemento agregador e desencadeador de sinergias cuja parte visível é o Portal.

De acordo com o ano de formação do Portal, verificamos que os Portais pioneiros pertencem a cinco das Redes que formalizam o seu acordo de cooperação nesse ano, as Redes de: Arganil, Pombal, Tondela, Basto e Barroso, Lousada. No presente ano de 2014, até ao momento da elaboração deste estudo, surgiram três novos portais, os das Redes de: Nelas, Sardoal e Braga. Refira-se que na maioria, 34 em 46, (74%), das Redes Concelhias consideradas no estudo, o ano de formação da Rede é coincidente com o ano de criação do Portal, sendo, nas restantes Redes, o ano de criação do Portal posterior ao da formalização da criação da Rede, exceto a Rede de Bibliotecas de Alcochete que cria o Portal em 2009 e formaliza a criação da Rede Concelhia em 2013. De acordo com estes dados, a “idade” média dos Portais é de 3 anos, valor inferior à “idade” média das Redes por, tal como se referiu, terem sido criados, nalguns casos, posteriormente.

Estamos assim, perante Comunidades de Prática recentes, cujo acordo de cooperação foi formalizado há relativamente pouco tempo, 3,5 anos, em média, e cuja prática, a “ponta do iceberg”, os Portais, se tornaram visíveis há ainda menos tempo, 3 anos, em média.

Utilizando a informação disponível na página da Rede de Bibliotecas Escolares, separador Bibliotecas, <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/mapas/>, referente à distribuição geográfica das bibliotecas por distritos e concelhos, foi possível proceder à distribuição distrital, e à quantificação por distrito, das Redes/Portais Concelhios das Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares existentes, cuja informação se encontra no Anexo X. De acordo com essa informação, é no distrito de Coimbra que se verifica o maior número de Redes/Portais Concelhios, sete, seguindo-se o distrito de Viseu com

seis. Registe-se a inexistência de Redes/Portais Concelhios nos distritos de Castelo Branco, Portalegre e Viana do Castelo e a escassez de uma única Rede/Portal Concelhio no distrito de Lisboa, a de Mafra.

Através do *site* do Diretório das Bibliotecas de Portugal, <http://bibliotecas.wikifoundry.com/page/BIBLIOTECAS+P%C3%9ABLICAS+-+Lista+por+Distrito>, ficámos a conhecer o número aproximado de Bibliotecas Municipais e Públicas existentes em cada um dos 18 distritos de Portugal continental, dado que nos distritos de Lisboa e Porto só foi quantificada a Rede Municipal e não as bibliotecas que integram cada uma das Redes (ver Anexo XI - coluna 1). De acordo com o número de concelhos por distrito, informação no *site* da RBE, <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/mapas/> (ver Anexo XI - coluna 2), verificamos que o número de bibliotecas municipais e ou públicas existentes em cada distrito é idêntico ao número de concelhos, pois estas têm uma distribuição geográfica aproximadamente concelhia, aliás as Redes, como se referiu, tomam, por norma, a designação do concelho a que pertencem. Relacionando o número de Redes/Portais Concelhios existentes, por distrito, conforme Anexo X, informação reproduzida no Anexo XI - coluna 3, com o número de concelhos por distrito, Anexo XI - coluna 2, determinamos um valor aproximado da taxa de cobertura das Redes/Portais Concelhios, por distrito. Este valor pretende representar, dar expressão numérica “ao que está feito” e simultaneamente, “ao que falta fazer” para darmos visibilidade, através de um Portal Concelhio, à colaboração entre Biblioteca Municipal/Biblioteca Escolar.

Numa análise por distrito, de Portugal continental, da distribuição irregular das Redes/Portais Concelhios Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares verificamos: é no distrito de Coimbra que existe a maior taxa distrital de cobertura de Redes/Portais Concelhios, 42%, seguido dos distritos de Braga e de Vila Real com 36%; o valor pouco significativo, 6%, da taxa de cobertura dos distritos de Lisboa e de Leiria; uma taxa de cobertura nula nos distritos de Castelo Branco, Portalegre e Viana do Castelo, devido à inexistência de Redes/Portais Concelhios, como já se referiu. Em relação a Portugal continental, estas Redes/Portais Concelhios restringem-se a 17% dos concelhos de Portugal continental. Esta percentagem alerta-nos para o muito que, ainda, há a fazer no âmbito da colaboração, entre este tipo de bibliotecas, e de a tornar visível através de Portais.

Uma estratégia possível, para alterar esta realidade, passa pela concretização dos seguintes objetivos: envolver e articular as diferentes entidades responsáveis parceiras na formalização de objetivos concretos e realistas de criação

de Redes Concelhios com a colaboração, a nível local, dos CIBE e dos SABE; amparar o desenvolvimento de Comunidades de Prática conducentes ao surgimento de Redes Concelhios, com a cooperação dos professores bibliotecários, das escolas, dos CIBE e dos SABE; formar para a cooperação entre este tipo de Bibliotecas, mais especificamente para a criação de Redes/Portais Concelhios, através de ações de formação formais, não formais, ou informais, em parceria com os Centros de Formação, as Universidades e outros agentes formativos, utilizando recursos diversificados, nomeadamente as novas potencialidades das TIC; dar visibilidade, divulgando as práticas de formação e manutenção sustentada dos Portais Concelhios, através de encontros, congressos e outras formas de comunicação.

Esta estratégia de criação de Redes Concelhios deve ser complementada com os fatores que influenciam o sucesso das Comunidades de Prática e que a APSI agrupou em quatro vetores essenciais: gestão - forma como a comunidade é capaz de valorizar a partilha de conhecimento; comunidade - capacidade de criar real valor para os membros da comunidade e assegurar o seu desenvolvimento; indivíduos - abertura e interesse nas ideias dos outros e no desenvolvimento da CoP; tecnologia. Este último fator de sucesso, segundo a APDSI (2009:24), refere-se à forma como a CoP é

capaz de desenhar sistemas de informação [...] que permitam não só que a informação fique disponível mas que seja indutor de “colocar a comunidade a pensar”: [...] No contexto de Comunidades de Prática no espaço digital a tecnologia e a sua facilidade de uso, bem como a capacidade de cada membro para utilizar as ferramentas disponíveis é particularmente relevante. A tecnologia tem de ser aceite e transparente e constituir um meio efetivo de comunicação

Existe, assim, um longo caminho a percorrer até que cada comunidade de cooperantes Biblioteca Pública/Biblioteca Escolar possa “definir o âmbito do projeto, os seus objetivos e criar as condições para a sua realização e desenvolvimento. O portal da rede poderá ser mais do que um instrumento tecnológico: ele materializa a ideia de uma comunidade de prática, de partilha e de aprendizagem: não há rede sem pessoas ...” (RBE, actual. 2013: 68).

Nos Portais que constituem a amostra, enquanto Sistemas de Informação, Comunicação e Documentação, e no que se refere aos conteúdos respeitantes à Informação Institucional, identificam-se conteúdos informacionais de âmbito distinto: uns de cariz interno, mais organizacional, e outros de carácter de divulgação, com uma

finalidade clara de informar o utilizador, por exemplo, sobre as atividades da Rede. Esta sistematização de conteúdos transparece nas seguintes conclusões:

No que se refere à informação institucional de âmbito organizacional, e considerando a informação disponível nos Portais, existindo, muito provavelmente, Redes que consideram que o Portal não tem necessariamente que divulgar informação/documentos estruturantes, concluímos que:

- ✓ Transparece nos Portais, a necessidade das Redes darem visibilidade à coesão conceptual interna, pois a grande maioria (89%) valoriza a inclusão no seu Portal de elementos informativos referentes à sua apresentação, surgimento, história, finalidades, objetivos... Pretendem, assim, nalguns casos, informar o utilizador sobre: Quem são? O que fazem? Onde? Como? Para quê?. Esta informação encontra-se disponível em rubricas como, por exemplo: *Rede; Historial da Rede; Quem Somos ...* No entanto, apenas 41% dos Portais apresentam endereço de email da Rede ou ligação automática de mensagem de correio eletrónico que permitam o contacto direto do utilizador com a Rede, enquanto entidade específica, podendo, deste modo, a Rede ficar diluída nos parceiros, que apresentam, todos, endereços de correio eletrónico e ou ligações ativas.
- ✓ Dentro da necessidade de se “apresentar” ao utilizador, e de divulgar regras de utilização, a grande maioria dos Portais (87%) divulga documentos orientadores da Rede e, também do Portal. Estes documentos, por estarem *online*, têm diferentes públicos-alvo e podem servir como orientação, como Fonte, para outras Redes que se possam vir a constituir.
- ✓ A evidência da importância de definir processos, competências e procedimentos dos diferentes agentes envolvidos na complexidade das Redes, garantido estruturas devidamente regulamentadas, reflete-se no bom exemplo do Portal da Rede de Bibliotecas de Arganil, que apresenta, para além dos documentos Protocolo e Regulamento de Empréstimo Interbibliotecas, os documentos das diferentes Comissões que operam na Rede: Regulamento da Comissão para o 1.º Ciclo do Ensino Básico; Regulamento do Grupo Coordenador; Regulamento do Grupo de Trabalho Concelhio, que tem como objetivo assegurar a continuidade do projeto.

Ainda no âmbito da Informação Institucional, mas com a finalidade de informar o utilizador, principalmente sobre as atividades da Rede, os Portais recorrem a diferentes conteúdos como seja a publicação dos seus *Planos de Atividades*, e ou informação sobre os Projetos conjuntos, *Agenda de Atividades* e as *Notícias*:

- ✓ Os *Planos de Atividades*, referentes ao período 2013/2014, ou ao ano 2013, elaborados por cada uma das Redes, estão disponíveis em 10 dos Portais, 22%. Este valor, pouco significativo, da presença deste importante documento de cooperação, não nos permite concluir a sua inexistência mas, somente, a sua pouca visibilidade *online*. Refira-se como bom exemplo, neste âmbito, a Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso que apresenta o seu plano de atividades de forma muito estruturada: Responsáveis; Destinatários; Descrição da Atividade; Objetivos; Recursos; Avaliação. Um outro bom exemplo é o da Rede de Bibliotecas de Arganil que organizou um plano de atividades a quatro anos, que se encontra disponível na rubrica *Partilha/Planos Anuais*. Como exemplo, ainda, de boas práticas, desta Rede, refira-se a existência de projetos conjuntos entre a Biblioteca Municipal e as Bibliotecas Escolares: *Pais e Filhos: Livros e Ternura*; *Ler+ Jovem*. A referência a projetos conjuntos surge também noutras Redes, sinónimo de articulação entre os parceiros/bibliotecas, além da Rede de Bibliotecas de Arganil mais sete Redes referem a existência destes projetos: Mira; Penacova; Tábua; Rio Maior; Barcelos; Braga e Bragança.
- ✓ .A *Agenda de Atividades*, incluindo a designação de outras rubricas cujo conteúdo tem por finalidade a divulgação de eventos a realizar, está presente em apenas onze Portais, 23,9%. A Rede de Bibliotecas de Nelas, apresenta um bom exemplo de Agenda de Eventos que além de disponibilizar informação sobre atividades comuns, oferece informação sobre os eventos agendados para cada uma das bibliotecas da Rede que podem ser partilhados através de email e ou nas Redes Sociais.
- ✓ O conteúdo *Notícias* está presente em todos os Portais, o que é sinónimo da relevância que as Redes atribuem a este conteúdo. Todavia, nem sempre a prática de publicação de notícias é realizada com assiduidade, o que pode diminuir o impacto comunicativo dos portais, neste domínio.

Uma das funcionalidades fundamentais do Portal Concelhio é permitir o acesso aos dados bibliográficos do acervo documental das diferentes bibliotecas integradas nas Redes, através dos catálogos de cada uma das bibliotecas e do catálogo coletivo *online*. O catálogo coletivo, segundo a RBE, “representa todo o esforço silencioso de organização e estruturação de cada biblioteca e [...] explicita toda a colaboração e partilha dos parceiros da Rede” (2012: 6). O catálogo coletivo é, ainda, um instrumento de suporte às atividades de dinamização da leitura e da literacia de informação, permitindo a pesquisa e utilização de documentos. A colocação em linha do catálogo coletivo permite, a qualquer utilizador, ter acesso ao acervo das diferentes entidades envolvidas na rede de catálogos, preenchendo assim, os objetivos definidos pela RBE (*ibid.*):

- permitir a qualquer utilizador saber a localização do documento,
- facilitar o livre acesso por empréstimo individual a leitores registados ou por empréstimo interbibliotecas
- desenvolver a exploração pedagógica das bibliotecas.

No conjunto dos 41 catálogos coletivos disponíveis *online*, dado que, por razões que desconhecemos, 5 catálogos se encontravam *offline*, e no que respeita à categoria *Coleção. Pesquisa e recuperação da Informação. Empréstimo*, a informação recolhida permite concluir que esses catálogos possibilitam a sua utilização com objetivos informativos, pedagógicos e colaborativos:

- ✓ Estão presentes nos Portais as funcionalidades, em elevadas percentagens, que permitem a utilização informativa dos catálogos, quer ao nível da pesquisa de informação (*Tipos de pesquisa; Dicas de pesquisa; Filtros; Siglas das Bibliotecas*) em que o utilizador tem informação sobre o catálogo coletivo e os diferentes fundos documentais que o integram, quer ao nível da visualização da informação em que o utilizador pode escolher o formato de visualização da pesquisa e o número de documentos visíveis por página, auxiliado por um conjunto de ícones, referenciados aquando da descrição do funcionamento da aplicação referente ao PCCRBE, definidos como subcategorias da categoria *Coleção. Pesquisa e Recuperação de Informação. Empréstimo*.
- ✓ A presença de funcionalidades no catálogo coletivo que permitem a sua exploração, utilização pedagógica mais eficaz, materializa-se na presença de rubricas como: – *Veja também...; Top Títulos; Comentários*. A rubrica

Veja também..., presente em 80,5% dos catálogos disponíveis, constitui, tal como é referido pela RBE no documento PCCRBE, um enriquecimento do catálogo por proporcionar as seguintes vantagens para o utilizador: encaminhar a pesquisa, centrando a sua atenção no assunto a explorar; disponibilizar informação fidedigna, selecionada, eventualmente, por professores e ou pelas entidades que constroem o catálogo coletivo; estabelecer a ligação entre diferentes recursos apropriados à mesma pesquisa; constituir uma economia de tempo para o utilizador; permitir uma exploração pedagógica mais eficaz do catálogo. Tanto a funcionalidade *Top títulos*, que expressa a votação dos utilizadores em documentos do catálogo, como a funcionalidade *Comentários*, que permite ao utilizador inscrito inserir a sua opinião sobre obras do catálogo consultadas, encontram-se, ainda, muito pouco exploradas. Estas duas funcionalidades, que corporizam uma dimensão de participação do utilizador necessitam de uma maior aposta na sua divulgação para incentivar a partilha de opiniões na rede.

- ✓ O trabalho de parceria entre as bibliotecas das Redes Concelhias materializa-se, de uma forma mais estreita, na utilização colaborativa do catálogo coletivo, a *Coleção*, cuja partilha é viabilizada pelo Portal, representando uma significativa mais-valia, está disponível nos 41 catálogos *online*, cuja catalogação, disponibilização e avaliação da coleção é da responsabilidade dos utilizadores institucionais. Refira-se como boa prática o registo da participação do utilizador, através de formulários *online* de *sugestão de aquisição* disponíveis em 5 Portais, 10,9%, tornando mais acessível e prático para o utilizador a expressão da sua opinião, de que é exemplo a Rede de Bibliotecas de S. Brás de Alportel que colocou o formulário na primeira página de pesquisa do catálogo coletivo. Esta mesma Rede disponibiliza, ainda nesta página, a ficha de inscrição como leitor, o que possibilita o acesso imediato a funcionalidades do catálogo só disponíveis a estes utilizadores. Um importante serviço de valor acrescentado, por permitir a ampliação dos serviços disponibilizados por cada uma das bibliotecas, é o serviço de *Empréstimo Interbibliotecas*; a evidência desta valência, nomeadamente através de regulamento específico, encontra-se visível em 32 Portais, 69,6%, desconhecendo-se a existência no terreno da logística que o viabilize. Representando,

provavelmente, um passo em frente na cooperação entre bibliotecas, regista-se a evidência da existência de *Cartão Único em 4 Portais*, 8,7%: Rede de Bibliotecas do Concelho de Castro Verde, Rede de Bibliotecas de Arganil, Rede de Bibliotecas da Lousã, Rede de Bibliotecas de Tondela. Uma outra mais-valia do catálogo coletivo é a sua utilização no sentido de evitar as rotinas desnecessárias à catalogação, possibilitando uma economia de tempo e de esforço na sua elaboração, através da cópia e da utilização, entre outras, da funcionalidade *Exportar Registos em Formato ISO*, visível em 34 catálogos disponíveis, 82,9%.

No que se refere à *Coleção Digital* que, de acordo com Amândio (2011), se destina a completar e complementar as lacunas do fundo documental, pois que a biblioteca já não se restringe ao meio físico, no conjunto dos 46 Portais Concelhios em estudo, somente 6, 13%, disponibilizam documentação digitalizada ou disponibilizam o acesso a publicações digitais ou digitalizadas, constituindo esta uma valência que merece ser explorada pela possibilidade que dá aos utilizadores de aceder de imediato aos documentos.

De acordo com este estudo, no âmbito da categoria *Comunicação com o utilizador*, referente à análise de conteúdos dos Portais Concelhios enquanto Sistemas de Informação, Comunicação e Documentação, concluímos que:

- ✓ As Redes Concelhias utilizam diferentes canais, com uma maior ênfase para as *Redes Sociais*, presentes em 43,5% e dentro destas, com igual prevalência, destaca-se o *Facebook*, em linha com a larga disseminação que essa Rede Social tem tido nos últimos anos como espaço privilegiado para comunicação. Refira-se as boas práticas das Redes Concelhias de Arganil, de Tondela, de Basto e Barroso que além de estarem presentes em diferentes Redes Sociais, utilizam, também, outros Canais de Comunicação, como o *blogue*, a *Newsletter* e ou o Jornal digital para garantirem a informação e a presença junto dos utilizadores.
- ✓ Reconhecendo a importância de uma atualização constante, através da adoção de novas aplicações tecnológicas que permitem melhorar a comunicação com o utilizador, tornando-a mais rápida e eficaz, algumas Redes, em número de 7, 15,2%, apresentam, nos seus Portais, agregadores de conteúdos - *Web Syndication*, - RSS Agregador de Feeds

ou APPS - associados a diferentes rubricas como sejam: Eventos; Catálogo; Apoio ao Estudo.

- ✓ A rubrica *Novidades*, informação sobre os títulos recentemente entrados na coleção, nomeadamente com a sinopse da obra, presente em apenas 9 Portais, 19,6%, permite acrescentar valor à informação disponibilizada pela Rede através da *Internet*.
- ✓ Ouvir a opinião do utilizador e ou aceder às suas solicitações, de forma prática, ágil e útil, ainda que de modo assíncrono, através da colocação *online* de formulários e ou de questionários eletrónicos, ainda não é uma prática corrente implementada nos Portais. Mais generalizada se encontra a possibilidade de *Comentar e ou Partilhar* conteúdos, através de *email* ou das Redes Sociais, presente em 28 Portais e que algumas Redes potenciam a sua utilização, de que é exemplo a Rede de São Brás de Alportel ao apresentar em quase todas as rubricas a possibilidade do utilizador escrever um comentário, de partilhar conteúdos através de *email* ou de imprimir.

Da análise de conteúdo dos Portais que constituem a amostra, enquanto Sistemas de Informação, Comunicação e Documentação, referente à categoria *Apoio ao utilizador*, e às restantes categorias, emergiu a seguinte questão: A que públicos, ou público, ou seja, a que utilizadores se destina o Portal? Esta é uma questão central que necessita de uma resposta inequívoca, por parte dos cooperantes, a fim de melhor atenderem às solicitações dos utilizadores e estruturar o apoio a disponibilizar. E é exatamente porque os públicos/utilizadores são heterogéneos, a Rede de Concelhia de Arganil decidiu diferenciá-los, utilizando, entre outros critérios, a idade. No seu Portal pode visualizar-se dois separadores distintos: *Espaço Infantil*, http://www.bibliotecas.cmarganil.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1650&Itemid=573, apresenta os separadores: *Autores; Sugestões; Passatempos; Curiosidades; Para os Pais; Links* e o *Espaço Juvenil*. O *Espaço Jovem*, http://www.bibliotecas.cmarganil.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1649&Itemid=573, é um espaço de cultura e lazer para os utilizadores da biblioteca a partir dos 12 anos de idade, que apresenta conteúdos completamente diferentes embora obedeça a uma estrutura semelhante: *Destaque; Autor do mês; Curiosidades; Passatempos; Links; Sugestões de Leitura*. As especificidades e necessidades dos diferentes públicos-alvo afiguram-se como critérios a utilizar pelas Redes/Portais

concelhios de modo a direcionar a informação/apoio a utilizadores específicos, contemplando, não só os públicos já existentes mas, também, outros públicos até agora ignorados como, por exemplo, os utilizadores na vida ativa e os seniores. Dentro do âmbito mais restrito de análise de conteúdo dos Portais referente ao *Apoio ao utilizador*, concluímos que:

- ✓ *A literacia da Informação* é uma questão central das Bibliotecas. Os Portais das Redes Concelhios têm de constituir importantes meios tecnológicos de a promover. Todavia, esta prática ainda não se encontra generalizada, pois só 19 Portais Concelhios (41,3%) disponibilizam conteúdos neste âmbito, sendo portanto um campo que deve ser mais explorado. Como bons exemplos desta prática refiram-se a Rede Bibliotecas de Carregal do Sal, apoiada pelo programa da RBE, *Ideias com Mérito*, que disponibiliza um conjunto de guiões sobre pesquisa, tratamento de informação e elaboração de referências bibliográficas, e a Rede de Bibliotecas de Tavira, com o seu *Programa de Desenvolvimento das Literacias da Informação, Tecnológica e Digital do Concelho de Tavira*. Diferenciado nos Portais como rubrica específica, em relação ao Apoio ao utilizador, o *Apoio ao Estudo* encontra-se disponível num número ainda mais reduzido de Portais, em 11, 23,9%, constituindo bons exemplos, entre outros, a já referida Rede de Carregal do Sal e a Rede de São Brás de Alportel, com a rubrica *SOS Estudo*.
- ✓ Quase todas as Redes/Portais Concelhios, 38 Portais, aprox. 47%, identificam Fontes relevantes e credíveis de informação sob a forma de ligações úteis, *links*, sobre diferentes temáticas, que, de modo positivo, as Redes de Lousã, Penacova, Seia, Rio Maior e Sardoal apresentam classificadas de acordo com as regras da CDU.
- ✓ As *Sugestões de Leitura*, subcategoria disponível em 17 Portais (37%), são uma forma das Redes/Portais divulgarem o seu fundo documental, promoverem a leitura e, em simultâneo, a colaboração dos leitores sempre que resultem da manifestação da sua opinião/recomendação, como é o bom exemplo a *Partilha de Leituras* da Rede de Carregal do Sal ou as *Frases Pensadoras* da Rede de São Brás de Alportel, e ou possam ser objeto de comentários, através de funcionalidade disponível no Portal.
- ✓ Tendo, também, como público-alvo os bibliotecários e outros professores, alguns Portais disponibilizam artigos de opinião; são ainda exemplos de boas práticas, a divulgação de orientações e de eventos formativos, e ou

culturais, e a respetiva ficha de inscrição, tal como apresentam as: Rede de Bibliotecas de Évora; Rede de Bibliotecas de São Brás de Alportel; Rede de Bibliotecas de Santa Comba Dão; Rede de Basto e Barroso; Rede de Bibliotecas de Braga.

- ✓ A pesquisa de informação acerca dos conteúdos disponibilizados no Portal está ainda pouco facilitada, pois só 28 Portais apresentam um motor de pesquisa interno que permite ao utilizador formular questões e *Pesquisar no Portal*; o conhecimento acerca dos conteúdos do Portal pode também ser obtido através do *Mapa do Portal*, presente em 13 Portais, 28,3%, e do esclarecimento do utilizador sobre a Rede e o Portal, através de *FAQS*, ainda muito pouco presentes nos Portais, somente em 5, 10,9%.
- ✓ Com o objetivo de apoiar o utilizador de forma direta e rápida, dando resposta às suas solicitações, poucas Redes utilizam as potencialidades da Web.2 com a criação de canais de comunicação síncrona, a exceção são as Redes de Tondela e Vagos que utilizam canais de *chat*.

De acordo com o estudo e com a finalidade de favorecer uma observação mais centrada na identificação de boas práticas, refira-se que as Redes/Portais concelhios de Arganil e de São Brás de Alportel são os que reúnem maior número de funcionalidades, certamente que na origem deste facto se encontram fatores internos aliados à sua maior longevidade, pois foram das primeiras Redes a surgir.

Em síntese:

A Redes Concelhias são Comunidades de Prática relativamente recentes e sendo a sua presença na Internet, a parte visível, os Portais ainda mais recentes. Apesar disso, já galvanizam um elevado número de entidades/bibliotecas, pressuposto da compreensão da sua inevitabilidade e importância da sua existência, assim como do empenhamento das entidades até agora envolvidas.

Embora se observe um padrão comum entre os Portais Concelhios, fruto do modelo, *template*, disponibilizado pela RBE, há diferenças que se materializam nas valências que disponibilizam. O tempo referente à criação mais ou menos recente das Comunidades de Práticas/Redes e dos respetivos Portais e os diferentes contextos em que se desenvolvem são, certamente, fatores que influenciam o seu desenvolvimento

e consolidação. É visível nos Portais Concelhios, em especial nos mais consolidados, a presença de boas práticas, resultante do trabalho colaborativo entre as bibliotecas que constituem as Redes. Observar, aproveitar, adaptar e potenciar essas práticas são procedimentos que desejamos que resultem deste estudo e de outros estudos sobre as Redes/ Portais Concelhios.

A informação institucional e o catálogo coletivo *online*, com a disponibilização das suas diferentes funcionalidades, constituem os conteúdos predominantes, e mais homogêneos, dos Portais Concelhios, resultado consonante com o motivo inicial que norteou o surgimento dos primeiros Portais. Ultrapassada essa fase, e para dar resposta às novas exigências dos utilizadores ao nível da Coleção e do Empréstimo, urge a adoção de algumas medidas, nomeadamente: a exploração das funcionalidades que caracterizam o OPAC 2.0 – adaptação ao perfil do utilizador e maior interatividade; aumentar os recursos e melhorar os serviços coletivos das bibliotecas através da consolidação do Empréstimo Interbibliotecas e de uma Política de Desenvolvimento da Coleção comum; criar e ou disponibilizar bibliotecas digitais e ou coleções digitais de acordo com o perfil e as necessidades dos utilizadores.

Ao nível da Comunicação com o utilizador, embora sejam utilizados diferentes canais de comunicação, com destaque para as Redes Sociais, afigura-se como positivo a generalização desta prática e, em simultâneo, a adoção de procedimentos que permitam a permanente atualização tecnológica com a subsequente adoção dos novos dispositivos tecnológicos que vão surgindo, facilitadores da comunicação entre a Rede e o utilizador, do utilizador com a Rede e ou entre utilizadores. Esta diversificação de processos complementa-se com a necessária diferenciação de utilizadores e de conteúdos, viabilizando o direcionamento da comunicação e do apoio, através da personalização dos serviços prestados pelas bibliotecas, permitindo oferecer diferentes respostas às solicitações formativas *online*, informativas e de leitura dos utilizadores. Veja-se o exemplo da *Harris County Public Library – your pathway to knowledge* com a criação, por exemplo, de serviços personalizados como o *Book Hunters! Your Personal Reading Consultants* e a sala de conversação *Meeting Room*.

Esta visibilidade desejável de conteúdos nos Portais Concelhios tem subjacente a criação de “Redes dinâmicas sustentadas em práticas consistentes e enraizadas na comunidade”, tal como é definido pela RBE (2013: 9), no seu quadro estratégico 2014-2020, em relação aos padrões de qualidade da Biblioteca Escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amândio, M. J. (2011). *Redes de Informação e Conhecimento: Cooperação e Interação baseada no Portal da Rede Integrada de Bibliotecas de Oeiras*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa. Acedido em 1 de março de 2014, em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9899/1/ulfl132049_tm.pdf
- Amândio, M. J. (2012). Redes de informação e conhecimento: cooperação e interoperabilidade. In *Actas Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 11 (2012): Integração, Acesso e Valor Social*. Acedido em 28 de dezembro de 2012, em: <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/471>
- American Library Association (ALA) (s. d.). About ALSC [em linha]. *Association for Library Service to Children (ALSC) Web site*. Acedido em 27 de fevereiro de 2013, em: <http://www.ala.org/alsc/aboutalsc>
- Association for Library Service to Children (ALSC) (s. d.). Great Websites for kids [em linha]. Acedido em 14 de fevereiro de 2013, em: <http://gws.ala.org/>.
- Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade de Informação (APDSI) (2009). *Comunidades de Práticas no Espaço Digital*. Acedido em 6 de julho de 2012, em: http://www.crie.min-edu.pt/files/@crie/documentos_tic/COMUNIDADES%20DE%20PR%20C1TICA%20NO%20ESPA%20C7O%20DIGITAL.pdf
- Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD) (1983). *A leitura pública em Portugal: Manifesto*. Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. Acedido em 27 de abril de 2013, em: <http://www.bad.pt/noticia/wp-content/uploads/2013/02/Manifesto-da-Leitura-P%C3%BAblica-1983.pdf>
- Benbya, H. & Belbaly, N. A. & Passiante, G. (2004). Corporate Portal: A Tool for Knowledge Management Synchronization. *International Journal of Information Management*, Vol. 24, Nº 3, pp. 201-220, junho 2004. Acedido em 1 de março, de 2014, em: http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1560551
- Bogdan, R. & Biklen, S. (2010). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bundy, A. L., & Amey, L. J., Libraries Like no others: Evaluating the performance and Progress of joint use libraries. *Library Trends* – volume 54, Number 4, Spring 2006, pp. 501-518. Acedido em 10 de março de 2012, em: <https://www.ideals.illinois.edu/handle/2142/3644>

- Bundy, A. (2001) Essential connections: school and public libraries for lifelong learning. *The Australian Library Journal* – volume 51, issue 1, 2010. Acedido em 9 de fevereiro de 2013, em:
<http://www.alia.org.au/publishing/alj/51.1/full.text/essential.connections.html>
- Butlen, M. (2004). Lire en bibliothèque, lire à l'école Oppositions et interactions. *BBF*, Paris, t. 49, n^o 1., 5 – 10. Acedido em 18 de março de 2012, em:
<http://bbf.enssib.fr/consulter/01-butlen.pdf>
- Calçada, T. (2008). Bibliotecas Escolares, Bibliotecas Públicas: parceria ou partilha?. *8.º Encontro Luso-Espanhol de Bibliotecas*. Lisboa, 20-21 maio 2008. Acedido em 6 de julho de 2012, em:
<http://rcbp.dglb.pt/pt/noticias/Documents/Bibliotecas%20p%C3%BAblicas%20bi bliotecas%20escolares.%20teresa.DGLB.pdf>
- Calixto, J. A. (1996). *A Biblioteca Escolar e a Sociedade de Informação*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Carmo, F. (2008). Redes na REDE - uma aposta no futuro. *Newsletter 3*. Rede de Bibliotecas Escolares. Acedido em 12 de junho de 2012 em:
http://www.rbe.minedu.pt/news/newsletter3/newsleter_n3_ficheiros/page0001.htm
- Carmo, H., Ferreira, M. (2008). *Metodologia da investigação: guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, Adão et. al.(2010). Redes de Bibliotecas e Catálogos Colectivos: Instalação, Administração, Utilização: Novos Desenvolvimentos. Acedido em 2 de julho de 2012, em: <http://www.rbe.min-edu.pt>
- Carvalho, A. & Sampaio, M. J. (2007). RBEP e SABE: uma dança de pares. In *Cooperação entre Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Escolares: resumos do I Seminário do Fórum das Bibliotecas Escolares do Concelho de Évora*, Évora, 22 out. 2007. Acedido em 6 de maio de 2013, em:
http://www.evora.net/bpe/Actividades/Outubro/seminario_forbev_resumos.htm#RBEP%20e%20SABE:%20uma%20dan%C3%A7a%20de%20pares
- Declaración de Havana (2012). 15 ações de literacia de Informação / LITINFO. Seminário *Lições Aprendidas em Programas Literacia da Informação na Ibero-America*. Havana, 19 abril 2012. Acedido em 13 de fevereiro de 2013, em:
<https://docs.google.com/file/d/0BweUYcipCswRYUQ2RGpCZWtHc1E/edit?pli=1>
- Declaración de Toledo sobre la alfabetización informacional (ALFIN) (2006). Bibliotecas por el aprendizaje permanente [em linha]. In Seminario *Biblioteca, Aprendizaje y ciudadanía. La alfabetización informacional*. Toledo 3 fev. 2006. Acedido em 19 de fevereiro de 2013, em:
<http://www.webcitation.org/5NrAiGhSS>

- Despacho n.º 23/86 de 3 de abril de 1986. *Diário da República n.º 77 - II Série*. Secretaria de Estado da Cultura. Acedido em 17 de abril de 2013, em: <http://dre.tretas.org/dre/8118/>
- Despacho conjunto n.º 43/ME/MC/95 de 29 de dezembro. *Diário da República n.º /95*. Ministério da Educação e Ministério da Cultura. Acedido em 20 de abril de 2013, em: <http://www.oei.es/pdfs/rbe4.pdf>
- Despacho conjunto n.º 872/2001 ME/MC de 18 de setembro. *Diário da República n.º 217 - II Série*. Ministério da Educação e Ministério da Cultura. Acedido em 23 de abril, em: <http://belex.wikifoundry.com/page/Leis.Gabinete.RBE?t=anon>
- Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (2013). *Bibliotecas Públicas* [em linha]. Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB) *Web site*. Acedido em 1 de maio de 2013, em: <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/bibliotecasPublicas/Paginas/bibliotecasPublicas.aspx>
- Esteves, M. (2006). A análise de conteúdo. In J. A. Lima & J. A. Pacheco (Orgs.) *Fazer investigação: Contributo para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora.
- Fernandes, A. (1995). *Métodos e Regras para a Elaboração de Trabalhos Académicos* (2.ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Fernandes, C. (2011). *Bibliotecas Públicas / Bibliotecas Escolares: Que cooperação?*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação e Ensino a Distância – Universidade Aberta, Portugal.
- Figueiredo, A. D. (2001). Redes de educação: A surpreendente riqueza de um conceito. In *Redes de Aprendizagem, Redes de Conhecimento: Seminário Conselho Nacional de Educação*, Lisboa, 2001. Conselho Nacional de Educação – Ministério da Educação. 2002 (39-55)
- Fitzgibbons, S. (2000). School and Public Library Relationships: Essential Ingredients in Implementing Educational Reforms and Improving Student Learning. Acedido em 30 de dezembro de 2012, em: <http://www.ala.org/aasl/aaslabsandjournals/slmrb/slmrcontents/volume32000/relationships>
- Fundación German Sánchez Ruipérez. Biblioteca Escolar Digital. [em linha]. *Biblioteca Escolar Digital Web site*. Acedido em 5 de fevereiro de 2013, em: <http://www.bibliotecaescolardigital.es/>
- Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (2008). School Libraries Network [em linha]. *Rede de Bibliotecas Escolares Web site* -. Acedido em 4 de abril de 2013, em: http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/111/978_972_96059_2_5.pdf
- Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (atual. 2011). Acordo de cooperação [em linha]. *Rede de Bibliotecas Escolares Web site* Acedido em 9 de julho de 2012, em: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/93.html>>

- Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (2012). Orientações para a criação de uma rede de catálogos [em linha]. *Rede de Bibliotecas Escolares Web site*. Acedido em 8 de março de 2014, em: http://rbe.min-edu.pt/np4/file/88/PCCRBE_programa.pdf
- Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (atual. 2013). Portal RBE: Redes de bibliotecas e catálogos coletivos: Instalação, Administração, Utilização [em linha]. *Rede de Bibliotecas Escolares Web site*. Acedido em 8 de março de 2014, em: <http://www.rbe.mec.pt/np4/914.html>>
- Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (2013). Programa Rede de Bibliotecas Escolares. Quadro estratégico: 2014-2010 [em linha]. *Rede de Bibliotecas Escolares Web site*. Acedido em 14 de novembro de 2014, em: http://www.rbe.minedu.pt/np4/np4/?newsId=1048&fileName=978_972_742_366_8.pdf
- Góes, A. S. & Barros, R. M. (2013). Gaia Gestão do Conhecimento: Um estudo de caso no desenvolvimento de um portal corporativo para o desenvolvimento do conhecimento dentro de fábricas de software. *International Journal of Knowledge Engineering and Management (IJKEM)*. Florianópolis, v.2, n.4, p.17-45, nov. 2013 fev., 2014. Acedido em 28 de fevereiro de 2014, em: <http://www.incubadora.ufsc.br/index.php/IJKEM>
- Harris County Public Library (s.d.). Harris County Public Library: your pathway to knowledge [em linha]. *Harris County Public Library Web site*. Acedido em 13 de fevereiro de 2013, em: <http://www.hcpl.net/>
- Hamblin, D. (2007). Innovation, experimentation and persistence. The success factors an Australian tripartite library [em linha]. In: *Joint Use Libraries, an international conference*, Manchester 19-21 junho 2007. Acedido em 30 de dezembro de 2012, em: <http://researchrepository.murdoch.edu.au/1094/>
- Internacional Association of School Librarianship (2003). IASL Policy Statement on School Libraries. *Internacional Association of School Librarianship (IASL) Web site*. Acedido em 10 de dezembro de 2012, em: <http://www.iasl-online.org/about/handbook/policysl.html>
- IFLA/UNESCO (1994). Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas [em linha] *Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas (DGLB) Web site*. Acedido em 4 de julho de 2012, em: <http://www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugues/bibliotecasPublicas/Paginas/manifestoUnescoBibliotecasPublicas.aspx>
- IFLA/UNESCO (1999). Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA/UNESCO. International Federation of Library Associations Institutions (IFLANET). Acedido em 4 de junho de 2012, em: <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portug.pdf>
- IFLA/UNESCO (2001). *Os Serviços da Biblioteca Pública – Directrizes da IFLA/UNESCO*. Preparadas por um grupo de trabalho presidido por Philip Gill

- em representação da Secção de Bibliotecas Públicas. Lisboa: Editorial Caminho.
- IFLA/UNESCO (2002). Directrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares, versão em português (Portugal), trad. Maria José Vitorino. Acedido em 7 de novembro de 2009, em: <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibraryGuidelines-pt.pdf>
- IFLA (2012). Declaração de Havana 15 Ações de Literacia de Informação/ALFIN, versão em português (Portugal), trad. Maria José Vitorino e Isabel Mendinhos. Acedido em 20 de fevereiro de 2013, em: http://www.ifla.org/files/assets/information-literacy/publications/Declaration/Literacia.Declara.de_.Havana.2012.Portu-Portugal.pdf
- López, L. (2003). Redes organizacionales. Encontro *Creación de redes de Economía para la Intervención Socioeducativa*. Madrid, 5-6 abr. 2003. Acedido em 6 de julho de 2012, em: <http://www.catep.coop/web/documentos/DOC017-RedMad.pdf>
- Marchesi, A. & Miret, I. (2006). Las bibliotecas escolares en España: analisis y recomendaciones. Fundación Germán Sánchez Ruipéres, 2005. *Junta de Andalucía Web site* Acedido em 26 de fevereiro de 2013, em: <http://www.juntadeandalucia.es/educacion/webportal/web/portal-libro-abierto/detalle/-/contenidos/detalle/las-bibliotecas-escolares-en-espana-analisis-y-recomendaciones>
- Marques, M. B. P. S. M. (2012). *A Satisfação do Cliente de Serviços de Informação: as bibliotecas públicas da Região Centro*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Universidade de Coimbra, Portugal. Acedido em 26 de abril de 2013, em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/20462?mode=full>
- Marzal, M. & Valero, P. (2009). La cooperación de la biblioteca escolar y la pública: alfabetización en información, “biblioteca integrada” y el mundo virtual. Universidade Complutense Madrid, *Revista General de Información y Documentación*, 19, 212-241. Acedido em 12 de fevereiro de 2013, em: <http://revistas.ucm.es/index.php/RGID/article/view/RGID0909110221A/9162>
- Moura, M. J. (coord.) (1986). *Leitura Pública: Rede de Bibliotecas Municipais. Direção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas (DGLAB) Web site*. Acedido em 14 de fevereiro de 2013, em: <http://rcbp.dglb.pt/pt/ServProf/Documentacao/Documents/LeituraPublicaRelatorio1986.pdf>
- Moura, M. J. (coord.) (1996). Relatório sobre as Bibliotecas Públicas em Portugal. Acedido em 29 de abril de 2013, em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/424/1/Relat%C3%B3rio%20Leitura%20P%C3%BAblica%201996.pdf>

- Neri de Souza, F.(2010). Internet: Florestas de dados ainda por explorar. *Internet Latent Corpus Journal*, 1 (1), 2-4. Acedido em 11 de maio de 2012, em: <http://revistas.ua.pt/index.php/ilcj/article/viewFile/935/869>
- Neri de Souza, F., & Almeida, P. A. (2009). Investigação em Educação em Ciência baseada em dados provenientes da internet. *XIII Encontro Nacional de Educação em Ciências*, Castelo Branco, 24-26 setembro, 2009. Acedido em 5 de maio de 2012, em: http://ilcj.weebly.com/uploads/2/8/5/8/2858075/neri-almeida_corpus_latente_internet_2009.pdf
- Nimon, M. (2010). School libraries in Australia. *The Australian Library Journal*, março 2010. Acedido em 14 de março de 2013, em: <http://alia.org.au/publishing/alj/53.1/full.text/nimon.html>
- Oliveira, L., [et al.] (2004). A Formação em Metodologias de Investigação em Educação. In Oliveira, L. [et.al.] (org.). *Investigação em Educação: abordagens conceptuais e práticas*. Porto: Porto Editora, 15-37.
- Ontario Library Association (OLA). Who We Are [em linha]. *Ola ontario library association Web site*. Acedido em 11 de fevereiro de 2013, em: http://www.accessola.org/OLAWEB/About/About_OLA/OLAWEB/About/About_OLA.aspx?hkey=d1a17444-17af-45c6-b32f-164caccf213a
- Pérez, R. (2010). Amigos para siempre. Biblioteca escolar y biblioteca pública. *E-co - Revista Digital de Education y Formacion del Profesorado*, 7. Acedido em 30 de dezembro de 2012, em: http://revistaeco.cepcordoba.org/index.php?option=com_content&view=article&id=93:amigos-para-siempre-biblioteca-escolar-y-biblioteca-publica&catid=7:monografico&Itemid=67
- Pérez, T. S. (2002). *Modelo Conceptual para la Automatización de Bibliotecas en el Contexto Digital*. Tese de Doutoramento, Universidade de Murcia. Acedido em julho 7 de 2014, em: <http://digitum.um.es/xmlui/bitstream/10201/84/1/SaorinPerez.pdf>
- Portaria n.º 756/2009 de 14 de Julho de 2009. *Diário da República n.º 134/09 – I Série*. Ministério da Educação.Lisboa.
- Rockingham Campus Community Library (s.d.). About us.[em linha]. *Rockingham Campus Community Library Web site*. Acedido em 18 de fevereiro de 2013, em: <http://rockinghamlibrary.murdoch.edu.au/about.html>
- Salaberría, R. (2001). La función educativa de la biblioteca pública [em linha]. *Fundación Germán Sánchez Ruipérez Web site*. Acedido em 30 de dezembro de 2013, em: <http://www.bibliotecaspublicas.info/bp/bp06.htm>
- Santos, M. (2012). Comunidades de prática e bibliotecas escolares [em linha]. *Portugal. Ministério da Educação e Ciência. Gabinete da Rede Bibliotecas*

- Escolares. Portal RBE Web site*. Acedido em 22 de novembro de 2012, em: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/649.html>
- Santos, S. C. F. (2011). *Modelo para Portal Corporativo para a Gestão do Conhecimento*. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Portugal. Acedido em 30 de março de 2014, em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2044/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado_aluna904734.pdf
- Sarjeant-Jenkins, R., & Walker, K. (2011). Mutually beneficial: partnerships between public and academic libraries in Canada. Connection and convergence: second international conference on joint use libraries proceedings, Adelaide South Australia, November 3-4, 2011. *eCommonsSASK*. Acedido em 9 de fevereiro de 2013, em: <http://www.ecommons.usak.ca/handle/10388/404>
- Stake, R. (2009). *A Arte da investigação em Estudos de Caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Swiss Agency for Development and Cooperation (SDC) (2005). Community of Practice (CoP) – from own to shared knowledge (fyer and concept paper). In Skalick, J. & West, M. (comp.), *UTAS Community of Practice Initiative: Readings and Resources* (18-26). Utas: Centre for the Advancement of Learning and Teaching. Acedido em 20 de outubro de 2013, em: http://www.teachinglearning.utas.edu.au/data/assets/pdf_file/0007/185605/CoP-Reader-Complete.pdf
- Terré, T., & Llambias, M. (2005). La colaboración de bibliotecas públicas y bibliotecas escolares. ¿relación, cooperación o integración?. *Revista de Educación*, num. Extraordinário 2005, pp.325-337. Acedido em 13 de março de 2012, em: http://www.oei.es/fomentolectura/colaboracion_bibliotecas_publicas_escolares.pdf
- Varajão, I. (2010). *O carácter social das Comunidades de Aprendizagem online*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Portugal. Acedido em 22 de outubro de 2013, em: http://ivarajao.files.wordpress.com/2010/08/comunidades_de_aprendizagem_online1.pdf
- Vega, J. (2006). School libraries, information literacy and reading promotion initiatives in Spain. In *35th Annual Conference of the International Association of School Librarianship*, Lisboa (Portugal), 3-7 julho 2006. Acedido em 10 de dezembro de 2012, em: http://eprints.rclis.org/7893/1/Merlo_IASL.pdf
- Veiga, I., et al. (1996). *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*. Acedido em 10 de fevereiro de 2011, em: http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/94/lançar_rbe.pdf

- Wenger, E. (1998). Communities of practice: learning, meaning, and identity [em linha]. *EB Wenger- Trainer Web site*. Acedido em 19 de novembro de 2013, em: <http://wenger-trayner.com/theory/>
- Wenger, E. (2006). Communities of Practice: a brief introduction [em linha]. *EB Wenger- Trainer Web site*. Acedido em 2 de julho de 2012, em: <http://wenger-trayner.com/theory/>
- Wisconsin Department of Public Instruction (1998). Combined School and Public Libraries: Guidelines for Decision Making. *Council on Library and Network Development*, Second Edition, maio 1998. Acedido em 12 de maio de 2012, em: http://pld.dpi.wi.gov/pld_comblibs
- Woolfs, B. (2009). School and Public Libraries Partners in Student Learning. Preparing Pupils and Students for the Future: School Librarian in the Picture-Selected Papers. In *38 the annual conference of the International Association of School Librarianship, and the Thirteenth International Forum on Research in School Librarianship*, Abano Terme, Pádua, Itália, 2-4 setembro, 2009.

Sites dos Portais das Redes de Bibliotecas

- Rede de Bibliotecas da Lousã. Disponível em <http://62.48.195.170/rblousa/index.php>
- Rede de Bibliotecas de Alcochete. Disponível em <http://www.rbal.com.pt/>
- Rede de Bibliotecas de Aljustrel. Disponível em <http://www.rbe-aljustrel.com.pt/>
- Rede de Bibliotecas de Alpiarça. Disponível em <http://www.rb.alpiarca.pt/>
- Rede de Bibliotecas de Barcelos. Disponível em <http://redebibliotecas.cm-barcelos.pt/>
- Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso. Disponível em <http://www.rb-bb.net/>
- Rede de Bibliotecas de Benavente. Disponível em <http://rb.cm-benavente.pt/>
- Rede de Bibliotecas de Braga. Disponível em <http://rbb.blcs.pt/index.php/pt/>
- Rede de Bibliotecas de Bragança. Disponível em <http://62.28.143.197/rbb/index.php>
- Rede de Bibliotecas de Cantanhede. Disponível em <http://www.cm-cantanhede.pt/rbc/Home/>
- Rede de Bibliotecas de Carregal do Sal. Disponível em <http://rb.carregal-digital.pt/index.php>
- Rede de Bibliotecas de Esposende. Disponível em <http://www.cm-esposende.pt/rede/>
- Rede de Bibliotecas de Évora. Disponível em <http://www.rbev.uevora.pt/>

Rede de Bibliotecas de Faro. Disponível em <http://redebibliotecas.cm-faro.pt/default.aspx>

Rede de Bibliotecas de Ferreira do Alentejo. Disponível em <http://rbfa.cm-ferreira-alentejo.pt>

Rede de Bibliotecas de Ferreira do Zêzere. Disponível em <http://bibliotecas.ferreiradozezere.pt/>

Rede de Bibliotecas de Gouveia. Disponível em <http://213.228.147.31/>

Rede de Bibliotecas de Lamego. Disponível em <http://www.rblamego.org/>

Rede de Bibliotecas de Lousada. Disponível em <http://www.redebibliotecaslousada.pt/>

Rede de Bibliotecas de Macedo de Cavaleiros. Disponível em <http://www.cm-macedodecavaleiros.pt/>

Rede de Bibliotecas de Mangualde e Penalva do Castelo. Disponível em <http://rbm.cmmangualde.pt/>

Rede de Bibliotecas de Marco de Canaveses. Disponível em <http://extranet.frontend.pt/marcobibliotecas2012/>

Rede de Bibliotecas de Mealhada. Disponível em <http://www.cm-mealhada.pt/redebm/>

Rede de Bibliotecas de Mértola. Disponível em <http://www.rbmertola.pt/>

Rede de Bibliotecas de Mira. Disponível em <http://rbm.cm-mira.pt/index.php>

Rede de Bibliotecas de Miranda do Corvo. Disponível em <http://rb.mirandadocorvo.com>

Rede de Bibliotecas de Murtosa. Disponível em <http://www.cm-murtosa.pt/rbemurtosa/>

Rede de Bibliotecas de Nelas. Disponível em <http://redelibnelas.cm-nelas.pt>

Rede de Bibliotecas de Paredes. Disponível em <http://redebibliotecas.cm-paredes.pt/>

Rede de Bibliotecas de Penacova. Disponível em <http://www.cm-penacova.pt/rbp/>

Rede de Bibliotecas de Peso da Régua. Disponível em <http://rbpr.cm-pesoregua.pt/>

Rede de Bibliotecas de Pombal. Disponível em <http://web.cm-pombal.pt/rbp/>

Rede de Bibliotecas de Rio Maior. Disponível em <http://rbcrm.cm-riomaior.pt/>

Rede de Bibliotecas de Santa Comba Dão. Disponível em <http://www.cm-santacombadao.pt/rbscd/>

Rede de Bibliotecas de Sardoal. Disponível em <http://rbs.cm-sardoal.pt/>

Rede de Bibliotecas de Tábua. Disponível em <http://rbtb.cm-tabua.pt/>

Rede de Bibliotecas de Tavira. Disponível em <http://bibliotecas.cm-tavira.pt/>

Rede de Bibliotecas de Tondela. Disponível em <http://rbt.cm-tondela.pt/>

Rede de Bibliotecas de Vila Real. Disponível em <http://redebibliotecas.cm-vilareal.pt/>

Rede de Bibliotecas de Vizela. Disponível em <http://rbv.cm-vizela.pt/>

Rede de Bibliotecas de Vouzela. Disponível em <http://rbvouzela.org/>

Rede de Bibliotecas do Concelho de Viana do Alentejo. Disponível em <http://rbcva.cm-vianadoalentejo.pt/>

Rede de Bibliotecas do Concelho de Arganil. Disponível em <http://www.bibliotecas.cm-arganil.pt/>

Rede de Bibliotecas do Concelho de Castro Verde. Disponível em <http://www.rbcv.com.pt/>

Rede de Bibliotecas do Concelho de Cuba. Disponível em <http://rbcc.cm-cuba.pt/>

Rede de Bibliotecas do Concelho de Grândola. Disponível em <http://www.rbgrandola.com.pt/>

Rede de Bibliotecas do Concelho de São Brás de Alportel. Disponível em <http://sba-bibliotecas.pt/>

Rede de Bibliotecas do Concelho de Vagos. Disponível em <http://rbv.cm-vagos.pt/>

Rede de Bibliotecas do Porto. Disponível em <http://rbep.cm-porto.pt/rbep/>

Rede de Bibliotecas Escolares de Mafra. Disponível em <http://www.cm-mafra.pt/rbem/index.asp>

Rede de Bibliotecas Escolares e Municipais de Seia. Disponível em <http://www.cm-seia.pt/rbems/>

ANEXOS

ANEXO I - Redes/Portais Concelhios, por Direção Regional, e endereço do respetivo Portal

ANEXO I – Redes/Portais Concelhios, por Direção Regional, e endereço do respetivo Portal

Direcção Regional	Designação	Endereço do Portal
Alentejo	Rede de Bibliotecas de Aljustrel	http://www.rbe-aljustrel.com.pt/
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Castro Verde	http://www.rbcv.com.pt/
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Cuba	http://rbcc.cm-cuba.pt/
	Rede de Bibliotecas de Évora	http://www.rbev.uevora.pt/
	Rede de Bibliotecas de Ferreira do Alentejo	http://rbfa.cm-ferreira-alentejo.pt (não responde)
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Grândola	http://www.rbgrandola.com.pt/
	Rede de Bibliotecas de Mértola	http://www.rbmertola.pt/
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Viana do Alentejo	http://rbcva.cm-vianadoalentejo.pt/
Algarve	Rede de Bibliotecas de Faro	http://redebibliotecas.cm-faro.pt/default.aspx
	Rede de Bibliotecas do Concelho de São Brás de Alportel	http://sba-bibliotecas.pt/
	Rede de Bibliotecas de Tavira	http://bibliotecas.cm-tavira.pt/
Centro	Rede de Bibliotecas do Concelho de Arganil	http://www.bibliotecas.cm-arganil.pt/
	Rede de Bibliotecas de Cantanhede	http://www.cm-cantanhede.pt/rbc/Home/
	Rede de Bibliotecas de Carregal do Sal	http://rb.carregal-digital.pt/index.php
	Rede de Bibliotecas de Gouveia	http://213.228.147.31/
	Rede de Bibliotecas da Lousã	http://62.48.195.170/rblousa/index.php
	Rede de Bibliotecas de Mangualde e Penalva do Castelo	http://rbm.cmmangualde.pt/ (não responde)
	Rede de Bibliotecas de Mealhada	http://www.cm-mealhada.pt/redebm/
	Rede de Bibliotecas de Mira	http://rbm.cm-mira.pt/index.php
	Rede de Bibliotecas de Miranda do Corvo	http://rb.mirandadorcorvo.com
	Rede de Bibliotecas de Murtosa	http://www.cm-murtosa.pt/rbemurtosa/
	Rede de Bibliotecas de Nelas	http://redelibnelas.cm-nelas.pt/
	Rede de Bibliotecas de Penacova	http://www.cm-penacova.pt/rbp/
	Rede de Bibliotecas de Pombal	http://web.cm-pombal.pt/rbp/ (só catálogo)
	Rede de Bibliotecas de Santa Comba Dão	http://www.cm-santacombadao.pt/rbscd/
	Rede de Bibliotecas Escolares e Municipais de Seia	http://www.cm-seia.pt/rbems/
	Rede de Bibliotecas de Tábua	http://rbtb.cm-tabua.pt/
Rede de Bibliotecas de Tondela	http://rbt.cm-tondela.pt/	
Rede de Bibliotecas do Concelho de Vagos	http://rbv.cm-vagos.pt/	
Rede de Bibliotecas de Vouzela	http://rbvouzela.org/	

ANEXO I (Continuação) – Redes/Portais Concelhios, por Direção Regional, e endereço do respetivo Portal

Direcção Regional	Designação	Endereço do Portal
Lisboa	Rede de Bibliotecas de Alcochete	http://www.rbal.com.pt/
	Rede de Bibliotecas de Alpiarça	http://www.rb.alpiarca.pt/
	Rede de Bibliotecas de Benavente	http://rb.cm-benavente.pt/
	Rede de Bibliotecas de Ferreira do Zêzere	http://bibliotecas.ferreiradozezere.pt/
	Rede de Bibliotecas Escolares de Mafra	http://www.cm-mafra.pt/rbem/index.asp
	Rede de Bibliotecas de Rio Maior	http://rbcrm.cm-riomaior.pt/
	Rede de Bibliotecas de Sardoal	http://rbs.cm-sardoal.pt/
Norte	Rede de Bibliotecas de Barcelos	http://redebibliotecas.cm-barcelos.pt/
	Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso	http://www.rb-bb.net/
	Rede de Bibliotecas de Braga	http://rbb.blcs.pt/index.php/pt/
	Rede de Bibliotecas de Bragança	http://62.28.143.197/rbb/index.php
	Rede de Bibliotecas de Esposende	http://www.cm-esposende.pt/rede/
	Rede de Bibliotecas de Lamego	http://www.rblamego.org/
	Rede de Bibliotecas de Lousada	http://www.redebibliotecaslousada.pt/
	Rede de Bibliotecas de Macedo de Cavaleiros	http://www.cm-macedodecavaleiros.pt/
	Rede de Bibliotecas de Marco de Canaveses	http://extranet.frontend.pt/marcobibliotecas2012/
	Rede de Bibliotecas de Paredes	http://redebibliotecas.cm-paredes.pt/
	Rede de Bibliotecas de Peso da Régua	http://rbpr.cm-pesoregua.pt/
	Rede de Bibliotecas do Porto	http://rbep.cm-porto.pt/rbep/
	Rede de Bibliotecas de Vila Real	http://redebibliotecas.cm-vilareal.pt/
	Rede de Bibliotecas de Vizela	http://rbv.cm-vizela.pt/ (não responde)

Informação disponível em: http://www.rbe.min-edu.pt/np4/redes_concelhias/ (9/04/2014)

ANEXO II – Redes/Portais Concelhios Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional, e endereço do respetivo Portal

ANEXO II – Redes/Portais Concelhos Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional, e endereço do respetivo Portal

Direcção Regional de Educação	Designação da Rede	Endereço do Portal
Alentejo	Rede de Bibliotecas de Aljustrel	http://www.rbe-aljustrel.com.pt/
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Castro Verde	http://www.rbcv.com.pt/
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Cuba	http://rbcc.cm-cuba.pt/
	Rede de Bibliotecas de Évora	http://www.rbev.uevora.pt/
	Rede de Bibliotecas de Grândola	http://www.rbgrandola.com.pt/
	Rede de Bibliotecas de Mértola	http://www.rbmertola.pt/
	Rede de Bibliotecas do Concelho Viana do Alentejo	http://rbcva.cm-vianadoalentejo.pt/
Algarve	Rede de Bibliotecas de Faro	http://redebibliotecas.cm-faro.pt/default.aspx
	Rede de Bibliotecas Concelho São Brás de Alportel	http://sba-bibliotecas.pt/
	Rede de Bibliotecas de Tavira	http://bibliotecas.cm-tavira.pt/
Centro	Rede de Bibliotecas do Concelho de Arganil	http://www.bibliotecas.cm-arganil.pt/
	Rede de Bibliotecas de Cantanhede	http://www.cm-cantanhede.pt/rbc/Home/
	Rede de Bibliotecas de Carregal do Sal	http://rb.carregal-digital.pt/index.php
	Rede de Bibliotecas de Gouveia	http://213.228.147.31/
	Rede de Bibliotecas da Lousã	http://62.48.195.170/rblousa/index.php
	Rede de Bibliotecas de Mealhada	http://www.cm-mealhada.pt/redebm/
	Rede de Bibliotecas de Mira	http://rbm.cm-mira.pt/index.php
	Rede de Bibliotecas de Miranda do Corvo	http://rb.mirandadorvo.com
	Rede de Bibliotecas de Murtosa	http://www.cm-murtosa.pt/rbemurtosa/
	Rede de Bibliotecas de Nelas	http://redebibnelas.cm-nelas.pt/
	Rede de Bibliotecas de Penacova	http://www.cm-penacova.pt/rbp/
	Rede de Bibliotecas de Pombal	http://web.cm-pombal.pt/rbp/
	Rede de Bibliotecas de Santa Comba Dão	http://www.cm-santacombadao.pt/rbscd/
	Rede de Bibliotecas Escolares e Municipais do Concelho de Seia	http://www.cm-seia.pt/rbems/
	Rede de Bibliotecas de Tábua	http://rbtb.cm-tabua.pt/
	Rede de Bibliotecas de Tondela	http://rbt.cm-tondela.pt/
Rede de Bibliotecas de Vagos	http://rbv.cm-vagos.pt/	
Rede de Bibliotecas de Vouzela	http://rbvouzela.org/	




**ANEXO II (Continuação) – Redes/Portais Concelhos Bibliotecas
Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional, e
endereço do respetivo Portal**

Direcção Regional de Educação	Designação da Rede	Endereço do Portal
Lisboa	Rede de Bibliotecas de Alcochete	http://www.rbal.com.pt/
	Rede de Bibliotecas de Alpiarça	http://www.rb.alpiarca.pt/
	Rede de Bibliotecas de Benavente	http://rb.cm-benavente.pt/
	Rede de Bibliotecas de Ferreira do Zêzere	http://bibliotecas.ferreiradozezere.pt/
	Rede de Bibliotecas de Mafra	http://www.cm-mafra.pt/rbem/index.asp
	Rede de Bibliotecas de Rio Maior	http://rbcrm.cm-riomaior.pt/
	Rede de Bibliotecas de Sardoal	http://rbs.cm-sardoal.pt/
Norte	Rede de Bibliotecas de Barcelos	http://redebibliotecas.cm-barcelos.pt/
	Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso	http://www.rb-bb.net/
	Rede de Bibliotecas de Braga	http://rbb.blcs.pt/index.php/pt/
	Rede de Bibliotecas de Bragança	http://62.28.143.197/rbb/index.php
	Rede de Bibliotecas de Esposende	http://www.cm-esposende.pt/rede/
	Rede de Bibliotecas de Lamego	http://www.rblamego.org/
	Rede de Bibliotecas de Lousada	http://www.redebibliotecaslousada.pt/
	Rede de Bibliotecas de Marco de Canaveses	http://extranet.frontend.pt/marcobibliotecas2012/
	Rede de Bibliotecas de Paredes	http://redebibliotecas.cm-paredes.pt/
	Rede de Bibliotecas de Peso da Régua	http://rbpr.cm-pesoregua.pt/
	Rede de Bibliotecas de Vila Real	http://redebibliotecas.cm-vilareal.pt/




9/04/2014

ANEXO III – Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional




ANEXO III – Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direcção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Alentejo	<p>Rede de Bibliotecas de Aljustrel</p>  <p><URL: http://www.rbe-aljustrel.com.pt/></p>	<p>A RBA define-se como uma estrutura de cooperação aberta à livre participação de todas as bibliotecas do concelho de Aljustrel, visando a compatibilização e a troca de informação bibliográfica, o fomento de uma política coordenada de aquisições e a dinamização do empréstimo inter-bibliotecas, através de uma plataforma tecnológica.</p> <p>(In: http://www.rbe-aljustrel.com.pt/index.php?option=com_content&view=category&id=38&Itemid=71 – 14/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal: Biblioteca Municipal de Aljustrel</p> <p>* Agrupamento de Escolas de Aljustrel BE Esc. Dr. Manuel Brito Camacho BE Esc. Eucaliptos BE Esc. Messejana BE Esc. Rio de Moinhos BE Esc. Montes Velhos BE Esc. Ervidel</p> <p>* Escolas: BE da Escola Secundária</p> <p>(In: http://www.rbe-aljustrel.com.pt/index.php?option=com_content&view=section&id=5&Itemid=63 – 14/04/2014)</p>
	<p>Rede de Bibliotecas do Concelho de Castro Verde</p>  <p><URL: http://www.rbcv.com.pt/></p>	<p>Constituir uma rede de conhecimento, em simultâneo global e local, respondendo aos desafios da actual sociedade de abertura e compreensão do mundo e de enraizamento e identificação da nossa especificidade cultural, foi a matriz aglutinadora das vontades que levaram à constituição da Rede de Bibliotecas do Concelho de Castro Verde (RBCV) [...]Em cumprimento da missão primordial das bibliotecas de promoção da leitura e de desenvolvimento das literacias dos jovens e da população em geral, a RBCV disponibiliza um catálogo colectivo que integra as bases bibliográficas das bibliotecas do concelho e institui um dispositivo de suporte à educação, à formação, à investigação e à difusão cultural – este Portal.</p> <p>(In: http://www.rbcv.com.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=68&Itemid=27 – 14/05/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal: BiM Manuel da Fonseca</p> <p>* Agrupamento de Escolas Castro Verde BE Agrup. Escolas de Castro Verde BE EB1 Castro Verde BE EB1/JI Sta Bárbara de Padrões</p> <p>* Escolas: BE ES/3 de Castro Verde</p> <p>(In: http://www.rbcv.com.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=68&Itemid=27 – 14/04/2014)</p>
	<p>Rede de Bibliotecas do Concelho de Cuba</p>  <p><URL: http://rbcc.cm-cuba.pt/></p>	<p>A Rede de Bibliotecas do Concelho de Cuba é a abertura a princípios fundamentais da sociedade actual e reveste-se, como tal, de uma importância central: é a inauguração de possibilidades múltiplas de acesso à informação e ao conhecimento. A informatização de catálogos já facilitara a organização dos recursos e informação disponível nas nossas bibliotecas, faltava-nos criar um laço fundamental, o espaço comum que possibilitasse aos diferentes utilizadores [...] aceder aos diferentes recursos online [...]O portal da RBCC é, consequentemente, a figura que assegura no presente e que assegurará, no futuro, o desenvolvimento das já referidas competências de investigação, aquisição, partilha de conhecimento, pensamento crítico.</p> <p>(In: http://rbcc.cm-cuba.pt/index.php?option=com_content&view=section&id=2&Itemid=2 – 14/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal Biblioteca Municipal de Cuba</p> <p>* Agrupamentos: Agrup. Escolas de Cuba BE EBI/II Fialho de Almeida BE Pólo Escolar Faro de Alentejo BE Pólo Escolar Vila Alva BE Pólo Escolar Vila Ruiva</p> <p>(In: http://rbcc.cm-cuba.pt/index.php?option=com_content&view=section&id=2&Itemid=2 – 14/04/2014)</p>




ANEXO III (Continuação)– Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Alentejo	<p>Rede de Bibliotecas de Évora</p>  <p><URL: http://www.rbev.uevora.pt/</p>	<p>A Rede de Bibliotecas de Évora (RBEV) tem a dimensão da Cidade: se considerada a sua composição é uma referência na área das bibliotecas. Envolve várias valências da Universidade de Évora, a Câmara Municipal de Évora e as escolas públicas de todos os níveis e graus de ensino [...]estrutura de cooperação aberta à livre participação de todas as bibliotecas do concelho, visando o desenvolvimento da ligação entre as escolas as instituições de ensino superior e a autarquia [...] procura otimizar atividades e recursos através de uma parceria efetiva que se concretize na partilha de experiências no âmbito da gestão e dinamização de bibliotecas. /Segue uma política coordenada de aquisições e de promoção do empréstimo interbibliotecas que assenta na observância de princípios técnicos uniformizados, na qual a plataforma tecnológica tem um papel relevante.</p> <p>(In: http://www.rbev.uevora.pt/Rede - 14/04/2014)</p>	<p>*CM/ Biblioteca Municipal: Biblioteca Municipal de Évora *Biblioteca Pública de Évora</p> <p>*Agrupamentos: BE Agrup. n.º 1, Malagueira BE Agrup. n.º 2, André Resende BE Agrup. n.º 3, Santa Clara BE Agrup. n.º 4, Conde de Vilalva</p> <p>* Escolas BE ES André de Gouveia BE ES Gabriel Pereira BE ES Severim de Faria</p> <p>* Universidade de Évora: Biblioteca Universidade de Évora</p> <p>*CIDEHUS – C. Int. His.Cul. Soc. UE (In: http://www.rbev.uevora.pt/Parceiros - 14/04/2014)</p>
	<p>Rede de Bibliotecas do Concelho de Grândola</p>  <p><URL: http://www.rbgrandola.com.pt/</p>	<p>Esta rede [...], define-se como uma estrutura de cooperação aberta à livre participação de todas as bibliotecas do concelho de Grândola, visando o desenvolvimento da ligação entre as escolas dos vários níveis de ensino do concelho e a Biblioteca Municipal, otimizando actividades e recursos através de uma parceria efectiva que se concretiza na partilha de experiências no âmbito da gestão e dinamização de bibliotecas, numa política coordenada de aquisições e na dinamização do empréstimo interbibliotecas, assente no cumprimento de princípios técnicos (biblioteconómicos e informáticos) uniformizados, através de uma plataforma tecnológica – este Portal e assume-se como um instrumento agregador de sinergias múltiplas.</p> <p>(In: http://www.rbgrandola.com.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=52&Itemid=27 – 14/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal: Biblioteca Municipal de Grândola</p> <p>*Agrupamentos: Agrup. Escolas deGrândola BE EB1 Grândola BE EB 2/3 D. Jorge de Lencastre</p> <p>* Escolas. BE ES. António Inácio da Cruz (Informação também disponível em: http://www.rbgrandola.com.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=22&Itemid=54 14/04/2014)</p>
	<p>Rede de Bibliotecas de Mértola</p>  <p><URL: http://www.rbmertola.pt/</p>	<p>A Rede de Bibliotecas de Mértola é uma estrutura colaborativa, aberta à livre participação de todas as bibliotecas/ centros de recursos do nosso concelho, visando o desenvolvimento da ligação entre as várias entidades, otimizando atividades e recursos através de uma parceria efetiva que se concretiza na partilha de experiências no âmbito da gestão e dinamização de bibliotecas, numa política coordenada de aquisições e na dinamização do empréstimo entre bibliotecas, assente na observância de princípios técnicos (biblioteconómicos e informáticos) uniformizados, através de uma plataforma tecnológica. (In: http://www.rbmertola.pt/index.php/a-rede - 14/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM de Mértola</p> <p>*Agrupamentos: Agrupamento Escolas Mértola BE Esc. Aurélio Frazão Saragoça BE EB1 de Mértola</p> <p>* Associação do Património Mértola Centro Rec. Conhecimento da ADPM</p> <p>*Bib. Campo Arqueológico de Mértola (In: http://www.rbmertola.pt/index.php/bibliotecas - 14/04/2014)</p>




ANEXO III (Continuação)– Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Alentejo	<p>Rede de Bibliotecas do Concelho de Viana do Alentejo</p>  <p><URL: http://rbcva.cm-vianadoalentejo.pt/</p>	<p>Esta rede, muito mais do que um instrumento técnico e tecnológico, é uma rede de pessoas que colaboram desde há vários anos na promoção da leitura e das literacias, contribuindo decisivamente para uma comunidade mais democrática, promovendo a igualdade de oportunidades. Contra a reprodução social, a UNESCO apresentou um relatório dos finais da década de noventa do ido século XX, afirmando que as bibliotecas desempenham um papel determinante na promoção das literacias e eliminando, assim, as assimetrias sociais.</p> <p>(In: http://rbcva.cm-vianadoalentejo.pt/index.php/a-rede - 13/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM de Viana do Alentejo</p> <p>*Agrupamentos Agrup. Escolas Viana do Alentejo BE EB1 Viana do Alentejo BE EB1 de Aguiar BE ES3.º ciclo Dr. Isidoro de Sousa</p> <p>* Escolas BE EB Integrada de Alcáçovas</p> <p>(In: (informação também em.: http://rbcva.cm-vianadoalentejo.pt/index.php/parceiros/esdis-escola-basica-e-secundaria-dr-isidoro-de-sousa/12-agrupamento-de-escolas-de-viana-do-alentejo)</p>
Algarve	<p>Rede Bibliotecas de Faro</p>  <p><URL: http://redbibliotecas.cm-faro.pt/default.aspx</p>	<p>A Rede de Bibliotecas de Faro(RBF) começou a formar-se em 2001 com a constituição formal de um Grupo de Trabalho Concelhio, resultado de uma necessidade sentida em todas as bibliotecas que integravam a Rede de Bibliotecas Escolares(RBE).</p> <p>A rede de bibliotecas de Faro, adiante designada de RBF, insere-se no âmbito da criação de parcerias que consolidem dinâmicas de trabalho colaborativo ao nível da organização, gestão e disponibilização de recursos documentais, bem como da promoção de dinâmicas na área das literacias.</p> <p>(In: http://redbibliotecas.cm-faro.pt/menu/550/rede-concelhia.aspx#a-rede – 14/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM de Faro</p> <p>*Agrupamentos Agrup. Escolas D- Afonso III Agrup. Escolas de Montenegro Agrup. Escolas de João de Deus Agrup. Escolas Tomás Cabreira Agrup. Escolas Pinheiro e Rosa</p> <p>* Escolas BE ES Tomás Cabreira BE ES Pinheiro e Rosa BE ES João de Deus</p> <p>(Total:17 BEs)</p> <p>(In: <i>Ibid</i>)</p>
Algarve	<p>Rede de Bibliotecas do Concelho de São Brás de Alportel</p>  <p><URL: http://sba-bibliotecas.pt/</p>	<p>A Rede de Bibliotecas é um instrumento de desenvolvimento local e reúne as bibliotecas e arquivos de entidades públicas e privadas do concelho que visam cooperar para rentabilização e difusão dos seus recursos documentais e informativos.</p> <p>Foi criada com o objetivo de responder aos interesses dos utilizadores das bibliotecas do concelho.</p> <p>.</p> <p>(In: http://www.sba-bibliotecas.pt/images/stories/publicacoes/RBC_2014.pdf - 14/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal: BM Manuel Francisco do E. Louro</p> <p>* Agrupamentos. Agup. Esc. José Belchior Viegas BE E2/3 Poeta Bernardo de Passos BE ES. José Belchior Viegas</p> <p>Agrup. Esc. 1.º ciclo BE EB1/JI BE EB1 n.º 2</p> <p>*Bib. Centro Inf. António Calçada (SCM) *Centro de Doc. Associação <i>In Loco</i> *Bib. Museu Etnográfico Trajo Algarvio</p> <p>(In: <i>Ibid.</i>)</p>




ANEXO III (Continuação)– Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Algarve	<p>Rede Bibliotecas de Tavira</p>  <p><URL: http://bibliotecas.cm-tavira.pt/</p>	<p>A missão da Rede de Bibliotecas de Tavira é promover o desenvolvimento de projetos/actividades concertadas mediante uma estratégia de rentabilização e de partilha de recursos e de trabalho colaborativo entre Bibliotecas Escolares e a Biblioteca Municipal. Num cumprimento da sua missão a Rede de Bibliotecas de Tavira tem como desafio a construção de uma plataforma interactiva digital que possa disponibilizar serviços de proximidade em linha a todos os utilizadores, facilitando o desenvolvimento de uma verdadeira comunidade de aprendizagem. (In: http://bibliotecas.cm-tavira.pt/node/33 - 14/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM Alvaro de Campos Agrupamentos Agrup. Esc. Dom Manuel I BE EB2/3 Dom Manuel I BE EB1 nº1 de Tavira Agrup. Esc. Dom Paio Peres Correia BE EB2/3 Dom Paio Peres Correia BE EB1 nº2 de Tavira * Escolas BE E. S. Dr. Jorge Correia (In: http://bibliotecas.cm-tavira.pt/node/35 - 14/04/2014)</p>
Centro	<p>Rede de Bibliotecas do Concelho de Arganil</p>  <p><URL: http://www.bibliotecas.cm-arganil.pt/</p>	<p>Neste endereço materializam-se os interesses e vivências escolares de alunos, de professores e encarregados e educação; concretizam-se iniciativas das bibliotecas e de todos os mentores e utilizadores, corporizam-se, para o mundo virtual, vontades concretas do quotidiano, inspiradas no desejo de aprender mais, demonstrando que se pode conhecer e saber sempre mais e melhor.</p> <p>(In: http://www.bibliotecas.cm-arganil.pt/images/stories/bibliotecas/Partilha/documentos/portal%20Arganil.pdf -15/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM Miguel Torga Bib. Alberto Martins de Carvalho *Agrupamentos Ag. Escolas de Arganil (10) BE ES Arganil BE EB 2/3 Arganil BE EB 1.º ciclo Arganil BE EB2/3 Cõja BE EB1 Coja BE EB1 São Martinho BE EB1 Folgues BE EB1 Pombeiro da Beira BE EB1 Sarzedo BE EB1 Pomares (In: http://www.bibliotecas.cm-arganil.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1027&Itemid=552 - 15/04/2014)</p>
	<p>Rede de Bibliotecas de Cantanhede</p>  <p><URL:http://www.cm-cantanhede.pt/rbc/Home/</p>	<p>A Rede de Bibliotecas de Cantanhede (RBC), formalmente constituída em Janeiro de 2011, tem os seus primórdios no ano de 2005 [...] começou a viabilizar dinâmicas colaborativas ao nível de actividades, organização, gestão e disponibilização de recursos documentais. A RBC tem vindo, paulatinamente, a estreitar os laços da partilha, de tal modo que promoveu o presente portal que, para além de proporcionar aos seus utilizadores/leitores notícias sobre as actividades desenvolvidas e a implementar nas bibliotecas do seu município, inclui, em linha, o seu catálogo colectivo, não fosse este o expoente máximo do trabalho individual e colaborativo de uma verdadeira rede de bibliotecas. (In: http://www.cm-cantanhede.pt/rbc/Conteudos/?ID=98&Tipo=10 - 15/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM Cantanhede *Agrupamentos Agrup. Escolas Marquês de Marialva BE EB Marquês de Marialva BE EB1 Cantanhede Sul BE EB1 Ançã BE EB1 Cadima Agrup. Escolas Finisterra BE Clara Póvoa (ES Cantanhede) BE EB 2/3 Carlos Oliviera Agrup. Escolas Gândara Mar BE EB2/3 João Garcia Bacelar * C.Form Ass. de Escolas Beira-Mar (In: http://www.cm-cantanhede.pt/rbc/Home/ 15/04/2014)</p>




ANEXO III (Continuação)– Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Centro	<p>Rede de Bibliotecas de Carregal do Sal</p>  <p><URL: http://rb.carregal-digital.pt/index.php</p>	<p>Rumo à educação do Século XXI, aproximamo-nos da criação de um serviço que dará outras respostas às necessidades emergentes de uma sociedade da informação e do conhecimento, que exige formas diferentes de competências literácicas e novas relações com o saber [...] a Rede de Bibliotecas de Carregal do Sal pretende oferecer no caminho para a construção de uma verdadeira comunidade de aprendizagem, onde os esforços conjuntos, as sinergias dos diversos parceiros locais, possam contribuir para qualificar processos e inovar ao nível das metodologias educativas e culturais.</p> <p>(In: http://rb.carregal-digital.pt/index.php?mod=articles&action=viewArticle&category_id=47&article_id=150 – 15/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM Carregal do Sal</p> <p>*Agrupamentos BE Agrup. Esc Cabanas de Viriato BE Agrup. Esc. Carregal do Sal</p> <p>*Escolas BE ES Carregal do Sal</p> <p>*Museu Municipal Centro Doc. Museu Municipal (In: <i>ibid.</i>)</p>
	<p>Rede de Bibliotecas de Gouveia</p>  <p><URL: http://213.228.147.31/</p>	<p>As Bibliotecas escolares como núcleos centrais do sistema escolar e as bibliotecas municipais como equipamentos responsáveis pela mudança de hábitos culturais deverão organizar e fornecer informação nos mais variados suportes, permitindo o acesso a redes de conhecimento [...] desenvolveu-se um trabalho em equipa entre a Biblioteca Municipal, as Bibliotecas Escolares, a Câmara Municipal e as Escolas que permitiu a criação desta rede de saberes e experiências que hoje se torna realidade[...]Este espaço digital é na sua essência o caminho que conduz ao Saber e ao Conhecimento de todos que pretendem exercer uma cidadania plena que começa nas escolas e se vai afirmando ao longo da vida.</p> <p>(In: http://213.228.147.31/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=73 – 15/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM Vergílio Ferreira</p> <p>*Agrupamentos: Agrup. Escolas de Gouveia BE EB2/ Agrup. Esc. Gouveia Agrup. Escolas Vila Nova de Trazem BE Agrup. Escolas V. N. de Trazem</p> <p>*Escolas BE ES c/ 3.º ciclo de Gouveia</p> <p>*Centro de Formação de Associação de Escolas Guarda 1 (In: <i>ibid.</i>)</p>
	<p>Rede de Bibliotecas da Lousã</p>  <p><URL: http://62.48.195.170/rblousa/index.php</p>	<p>Com este espaço iniciamos um novo ciclo na vida cultural do nosso Concelho. Por um lado, o estabelecimento de uma Rede de Bibliotecas na Lousã e um único cartão de leitor para esta Rede constituída por quinze bibliotecas (a biblioteca central - sede - e catorze bibliotecas escolares) e outras bibliotecas parceiras, de instituições públicas e privadas da Lousã. Por outro, a disponibilização de um conjunto de informação através das novas tecnologias da informação e da comunicação[...]Que este Portal seja um espaço de partilha, de diálogo, de informação, de estabelecimento de parcerias e de sinergias, de conhecimento por excelência.</p> <p>(In: http://62.48.195.170/rblousa/documentos.php - 15/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM Comendador Montenegro</p> <p>*Agrupamentos Agrup. Álvaro Viana de Lemos(5) BE EB Fontainhas–Viana de Lemos BE EB Foz de Arouce BE EB Freixo BE EB Levedagas BE EB. Santa Rita</p> <p>Agrup. Escolas da Lousã(7) BE EB2/3 Lousã BE EB Casal do Ermio BE EB. Casal de St.º António BE EB. Serpins BE EB. Vilarinho BE EB1. Lousã BE JI Regueiro</p> <p>*Escolas BE.ES da Lousã (In: <i>ibid.</i>)</p>





ANEXO III (Continuação)– Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direcção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Centro	<p>Rede de Bibliotecas de Mealhada</p>  <p><URL: http://www.cm-mealhada.pt/redebm/</p>	<p>A Rede de Bibliotecas de Mealhada (RBM) nasceu em 2008 com a constituição formal de um Grupo de Trabalho Concelhio, que saíria reforçado com a assinatura de um acordo de cooperação entre o Ministério da Educação e o Município da Mealhada [...]A missão da RBM é promover o desenvolvimento de projectos/actividades concertadas mediante uma estratégia de rentabilização e de partilha de recursos e de trabalho colaborativo entre Bibliotecas Escolares e a Biblioteca Municipal.</p> <p>(In: http://www.cm-mealhada.pt/redebm/index.php?paggo=mostra.php&menu=170 – 15/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM Mealhada *Agrupamentos Agrup. Escolas da Mealhada BE ES da Mealhada BE EB2/3 Mealhada BE EB2/3 Pampilhosa BE Centro Educ. da Pampilhosa BE EB1 Barcouço * Escolas BE E. Profissional Vasconcellos Lebre *Junta de Freguesia da Pampilhosa Bib. Junta Freg. da Pampilhosa (In: http://www.cm-mealhada.pt/redebm/index.php?paggo=mostra.php&menu=169 – 14504/2014)</p>
	<p>Rede de Bibliotecas de Mira</p>  <p><URL: http://rbm.cm-mira.pt/index.php</p>	<p>Rede de Bibliotecas de Mira encontra-se estruturada em Assembleia Geral de Cooperantes (AGC) e Equipa de Coordenação (EC), reunindo regularmente, define um plano de atividades conjunto que se evidencia pela ação colaborativa quanto à partilha de recursos, infraestruturas e experiências, procurando melhorar o serviço de bibliotecas aos munícipes de Mira [...]O Portal da Rede de Bibliotecas de Mira (RBM) pretende disponibilizar, entre outras ferramentas, a faculdade de consulta on-line ao catálogo de cada uma das bibliotecas da Rede, de forma a minorar a distância entre o munícipe e a informação. (In: http://rbm.cm-mira.pt/rede.html - 15/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM de Mira *Agrupamentos: Agrup. Escolas de Mira BE ES/3.º ciclo Dr.ª M.ª Cândida BE Escola Básica de Mira BE Escola Básica da Praia de Mira BE Escola Básica de Portomar Centro de Formação de A. Es. Beira Mar (In: http://rbm.cm-mira.pt/parceiros.html - 15/04/2014)</p>
	<p>Rede de Bibliotecas de Miranda do Corvo</p>  <p><URL: http://rb.mirandadorcorvo.com</p>	<p>Esta rede do conhecimento é o resultado do trabalho cooperativo entre a Biblioteca Municipal Miguel Torga e as Bibliotecas Escolares do concelho, procurando responder às actuais preocupações, onde a tecnologia está cada vez mais associada à construção de saberes, obrigando a criar novos serviços e a adoptar novas atitudes. O Portal das Bibliotecas de Miranda do Corvo é muito mais do que um repositório de informação, é uma plataforma que pretende reforçar a comunicação na comunidade – local, educativa mas também virtual –, dar visibilidade a projectos consistentes e sustentados de promoção da leitura e da cultura em geral e, simultaneamente, um veículo de difusão de boas práticas educativas e culturais.</p> <p>(In: http://rb.mirandadorcorvo.com/index.php?option=com_content&view=article&id=19&Itemid=27 – 15/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM Miguel Torga *Agrupamentos: Agrup. Escolas Miranda do Corvo(8) BE EB 2,3 c/ Sec. José Falcão BE EB1/1 Prof. Dr. Ferrer Correia BE EB1 Semide BE EB1 Rio de Vide BE EB1 de Lamas BE EB1 Miranda do Corvo BE EB1 de Pereiro BE C. Educativo Miranda Corvo * Fun. A. Des. Formação Profissional Bib. Itinerante da Fun. ADFD (In: http://rb.mirandadorcorvo.com – 15/04/2014)</p>



ANEXO III (Continuação)– Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direcção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Centro	<p>Rede de Bibliotecas de Murtosa</p>  <p><URL: http://www.cm-murtosa.pt/rbemurtosa/</p>	<p>A criação da RBM privilegia a ligação entre as diferentes unidades informacionais concretizando uma partilha de recursos e experiências no âmbito da gestão e dinamização de bons serviços de biblioteca, no cumprimento de princípios técnicos (biblioteconómicos) tendencialmente uniformizados. A concretização desta filosofia de atuação passa pela disponibilidade para elaborar conjuntamente documentos que [...] priorize os aspetos comuns que já têm a sua representação no Manual de Procedimentos e agora na estrutura que recebe o catálogo coletivo em construção. Posteriormente, procederá à criação de mecanismos que facilitem o empréstimo interbibliotecário, a elaboração de planos de ação articulados e, neste momento, a divulgação conjunta através do Portal RBM. (In: http://www.cm-murtosa.pt/rbemurtosa/index.php/quem-somos - 15/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM da Murtosa *Agrupamentos: Agrup. Escolas da Murtosa BE ES Padre António M. Fonseca BE Centro Educativo da Saldida</p> <p>*Escolas: BE EB Integrada da Torreira *Centro de Form. Estarreja, Murtosa e Ovar (In: http://www.cm-murtosa.pt/rbemurtosa/index.php/parceiros - 15/04/2014)</p>
	<p>Rede de Bibliotecas do Concelho de Nelas</p>  <p><URL: http://redebibnelas.cm-nelas.pt/</p>	<p>A Rede de Bibliotecas do Concelho de Nelas (RBN), [...], foi progressivamente consolidando um caminho de trabalho colaborativo que se reproduziu em iniciativas conjuntas ao nível da motivação para a leitura, apoio ao currículo e literacia da informação.[...] perante uma sociedade que exige novas relações com o saber e, por consequência, novas competências literácicas [...]um desafio maior se impunha – a construção de um Portal Educativo Concelhio que contribuísse para o reforço da formação para a informação, e que disponibilizasse, de forma agregadora, um Catálogo Coletivo (In: http://redebibnelas.cm-nelas.pt/index.php/rede/quem-somos .15/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM António Lobo Antunes *Agrupamentos Agrup. Escolas Nelas BE Centro Escolar de Nelas BE EB2/3 Dr. Fortunato de Almeida BE ES Nelas Agrup. Escolas Canas de Senhorim BE EB 2/3 Eng. Dionísio A. Cunha BE EB Canas de Senhorim *Centro de Form. Edufor *Fundação Lapa do Lobo Bib. Fundação Lapa do Lobo * Bib. Assoc. Cul. Desp. Vilar Seco *Assoc. Bom. Vol. Canas de Senhorim Bib. José Adelino (In: http://redebibnelas.cm-nelas.pt/index.php/rede/bibliotecas-da-rede - 15/04/2014)</p>
	 <p>Rede de Bibliotecas de Penacova <URL: http://www.cm-penacova.pt/rbp/</p>	<p>A RBP [...]de forma autónoma e colaborativa, procurando fomentar a partilha de experiências, a realização de projetos e iniciativas de interesse pedagógico, a animação da leitura, a promoção do livro, o tratamento documental, a criação do catálogo coletivo e a integração das tecnologias da informação na gestão e partilha de recursos [...].O Portal da RBP é o ponto de convergência do trabalho realizado [...].Dá acesso ao catálogo das Bibliotecas da Rede [...]; às informações e notícias das bibliotecas cooperantes; aos documentos técnicos e normativo [...]; e a um diretório de recursos educativos on-line. (In: http://www.cm-penacova.pt/rbp/index.php/15-apresentacao/13-apresentacao- 15/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM de Penacova *Agrupamentos Agrup. Escolas de Penacova BE EB 2,3/S de Penacova BE EB1 São Pedro de Alva BE EB1 Penacova (In: http://www.cm-penacova.pt/rbp/index.php/16-parceiros/14-parceiros - 15/04/2014)</p>




ANEXO III (Continuação)– Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Centro	 <p>Rede Bibliotecas de Pombal</p> <p><URL:http://web.cm-pombal.pt/rbp/></p>	<p>Não tem qualquer informação. Só disponibiliza o catálogo (In: http://web.cm-pombal.pt/rbp/ - 15/04/2014)</p>	<p align="center">?</p>
	 <p>Rede de Bibliotecas de Santa Comba Dão</p> <p><URL:http://www.cm-santacombadao.pt/rbscd/></p>	<p>A Rede de Bibliotecas de Santa Comba Dão insere-se no âmbito da criação de parcerias que consolidem dinâmicas de trabalho colaborativo ao nível da organização, gestão e disponibilização de recursos documentais, bem como da promoção de dinâmicas na área das literacias. Fazem parte desta rede a Biblioteca Municipal Alves Mateus e as 5 Bibliotecas Escolares do Agrupamento de Escolas de Santa Comba Dão . (In: http://rbscd.cm-santacombadao.pt/a-rede/ - 15/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM Alves Mateus *Agrupamentos: Agrup. Escolas Santa Comba Dão BE Centro Educativo do Sul BE Centro Educativo Centro BE Centro Escolar Norte BE Básica 2,3 BE Secundária 2/3 (In:http://rbscd.cm-santacombadao.pt/bibliotecas-escolares/ - 15/04/2014)</p>
	 <p>Rede de Bibliotecas Escolares e Municipais do Concelho de Seia</p> <p><URL: http://www.cm-seia.pt/rbems/></p>	<p>Os intervenientes directos da Rede Concelhia – RBEMS – são os Professores Coordenadores das Bibliotecas Escolares e a Bibliotecária da Biblioteca Municipal. O que move estes intervenientes é a sua vontade de melhorar a qualidade do ensino em todas as Escolas do Concelho, proporcionando-lhes as mesmas oportunidades de actividades, nomeadamente, a presença de Escritores, Contadores, Ilustradores...; promover a leitura; promover variados momentos de aprendizagem e conhecimento; desenvolver um trabalho contínuo de dinamização, promoção e divulgação de práticas que permitam dotar os leitores e utilizadores de competências nos domínios da informação e da literacia.... (in:http://www.cmseia.pt/rbems/index.php?option=com_content&view=article&id=97&Itemid=86 - 15/04/2014)</p>	<p>*CM/Município de Seia BM de Seia *Agrupamentos: Agrup. Esc. Guilherme C. Carvalho BE Centro Escolar de Seia BE EB/2 Guilherme C. Carvalho BE Centro Escolar S. Romão BE EB1 Sandomil BE EB2/3 Dr. Reis Leitão Agrup. Escolas de Seia BE ES de Seia BE EB2/3 Dr. Abranches Ferrão BE EB1 de Paranhos BE EB2/3 Tourais *Centro de Interp. da Serra da Estrela Centro Documentação do CISE *Museu do Brinquedo Centro Documentação M. Brinquedo (In: http://www.cm-seia.pt/rbems/index.php?option=com_content&view=article&id=108&Itemid=94 – 16/04/2014)</p>
	 <p>Rede Bibliotecas de Tábua</p> <p><URL: http://rbtb.cm-tabua.pt/></p>	<p>A RBT define-se como uma estrutura de cooperação aberta à livre participação de todas as Bibliotecas/Ceentros de Recursos do Concelho de Tábua, visando o fomento de uma política coordenada de aquisições, a compatibilização e a troca de informação bibliográfica e a dinamização do empréstimo interbibliotecas, assente na observância de princípios técnicos (biblioteconómicos e informáticos) uniformizados, através de uma plataforma tecnológica(In: http://rbtb.cm-tabua.pt/Protocolo_Tabua2009.pdf - 16/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM de Tábua *Agrupamentos Agrup. Esc. de Tábua BE Agrup. Esc. de Tábua Agrup. Esc. Midões BE Agrup. Esc.de Midões *Escolas BE ES Tábua (In: http://rbtb.cm-tabua.pt/index.php/parceiros - 16/04/2014)</p>




ANEXO III (Continuação)– Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Centro	<p>Rede de Bibliotecas de Tondela</p>  <p><URL: http://rbt.cm-tondela.pt/</p>	<p>O portal da RBT dá acesso ao catálogo das Bibliotecas da Rede, às informações e notícias das bibliotecas cooperantes, aos documentos técnicos e normativos que regulamentam o trabalho coletivo e a partilha de recursos e a um diretório de recursos educativos on-line. Pode ainda fazer ou renovar requisições online e ficar a conhecer todas as atividades (palestras, apresentações de livros, feira do livro, etc) que a RBT que organiza ao longo do ano.</p> <p>(In: http://rbt.cm-tondela.pt/ - 16/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM Tomaz Ribeiro</p> <p>*Agrupamentos: Agrup. Esc. Cândido Figueiredo (6) BE ES c/ 3.º ciclo Moledos BE EB Tondela BE EB Prof. Dr. Carlos M. Pinto BE EB1 Canas de Santa Maria BE EB1 Moledos BE EB1 Tonda Agrup. Esc. Tomaz Ribeiro(5) BE ES/3 Tondela BE EB Campo de Besteiros BE EB Caramulo BE EB1 São João do Monte BE EB1 Santiago de Besteiros</p> <p>* Escolas BE Escola Profissional de Tondela</p> <p>*Centro Formação A. E. Planalto Beirão</p> <p>*Museus Bib. Museu Terras de Besteiros</p>
	<p>Rede de Bibliotecas do Concelho de Vagos</p>  <p><URL: http://rbv.cm-vagos.pt/</p>	<p>As estruturas orgânicas [...] reunindo regularmente, definem um plano de atividades conjunto, orçamentando as diversas ações e concretizam colaborativamente a partilha de recursos, infraestruturas e experiências, em prol do desenvolvimento educacional e cultural do município de Vagos.</p> <p>[...] O portal é o coroar dos esforços realizados e partilhados pelos parceiros ao longo deste período no que respeita à divulgação e à (in)formação dos utilizadores. Com a centralidade deste meio informativo, a Rede de Bibliotecas de Vagos (RBV) pretende disponibilizar, entre outras ferramentas, a possibilidade de consulta online ao catálogo de cada uma das bibliotecas da Rede, de forma a minorar a distância entre o utilizador e a informação.</p> <p>(In: http://rbv.cm-vagos.pt/index.php/rede/breve-historial - 16/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM de Vagos</p> <p>*Agrupamentos Agrup. Escolas de Vagos BE Agrup. Escolas de Vagos</p> <p>* Escolas BE ES de Vagos BE Esc. Prof. Agric. D. Rural Vagos BE Col. N. Senhora Apresentação</p> <p>*Centro de Formação (CFAECIVOB)</p> <p>(In: http://rbv.cm-vagos.pt/index.php/parceiros 16/04/2014)</p>



ANEXO III (Continuação) – Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direcção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Centro	<p>Rede de Bibliotecas de Vouzela</p>  <p><URL: http://rbvouzela.org/></p>	<p>Os papéis das bibliotecas escolares e da biblioteca municipal complementam-se no sentido de contribuírem para o desenvolvimento de competências leitoras, manuseamento, tratamento e uso da informação, utilização das novas tecnologias e acesso a bens culturais diversos, condições essenciais para formar cidadãos mais críticos, ativos e empenhados na construção de uma sociedade mais justa e equilibrada [...] a criação deste portal concelhio [...] responde também à premente necessidade de aproximar a informação e os leitores, estreitar redes de conhecimento, rentabilizar recursos, aprofundar metodologias de trabalho colaborativo e pôr em prática o conceito de “bibliotecas de uso partilhado”, essenciais para que as bibliotecas cumpram a sua missão, nesta Sociedade de Informação. (In: http://rbvouzela.org/ - 16/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM Vouzela *Agrupamentos: Agrup. Escolas de Vouzela e Campia BE EB Integrada da Campia BE ES Vouzela Agrup. Escolas de Vouzela BE EB de Vouzela BE Centro Escolar de Queirã * Escolas: Bib. Esc. Profissional de Vouzela *Centro de Formação Castro Daire (In:http://rbvouzela.org/index.php?option=com_content&view=article&id=8&Itemid=538 – 16/04/2014)</p>
	Lisboa	<p>Rede de Bibliotecas de Alcochete</p>  <p><URL: http://www.rbal.com.pt/></p>	<p>A missão da RBAL é organizar, gerir projectos/actividades comuns e disponibilizar recursos documentais, através de uma plataforma tecnológica designada por portal, que permite o acesso ao catálogo colectivo concelhio, com base numa estrutura de cooperação aberta à participação de todas as bibliotecas do concelho de Alcochete. A nossa visão é o alargamento da rede e da satisfação dos parceiros e de todos os utilizadores, mediante o desenvolvimento de uma política coordenada de aquisições, pela compatibilização e troca de informação bibliográfica e pela dinamização do empréstimo interbibliotecas através de uma plataforma tecnológica interactiva (Web 2.0). (In: http://www.rbal.com.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=28 – 16/04/2014)</p>
<p>Rede de Bibliotecas de Alpiarça</p>  <p><URL: http://www.rb.alpiarca.pt/></p>		<p>Acreditamos que esse será o caminho ideal para a criação de um ambiente favorável ao usufruto e à partilha dos recursos e serviços disponíveis nas bibliotecas do nosso concelho, escolares, municipais e associativas. Através desta sinergia pretende-se promover hábitos de leitura e competências nas literacias, com o objetivo último de oferecer [...] os meios necessários para que possam tornar-se alunos e cidadãos esclarecidos e intervenientes, no caminho da plena cidadania. (In: http://rb.alpiarca.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=53&Itemid=58 – 16/04/2004)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM de Alpiarça *Agrupamento de Escolas José Relvas BE EB1/JI de Alpiarça BE EB1 Prof. Abel Avelino BE ES 2/3 José Relvas * Casa dos Patudos Bib. Casa dos Patudos *Soc. Filarmónica Alpiarcense Bib. S. F. Alpiarcense (In: <i>Ibid.</i>)</p>


ANEXO III (Continuação) – Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Lisboa	<p>Rede de Bibliotecas de Benavente</p>  <p><URL: http://rb.cm-benavente.pt/</p>	<p>A Rede de Bibliotecas de Benavente [...] é sem dúvida uma realidade, baseada num trabalho contínuo de persistência, dinamização, promoção e divulgação de práticas que permitem dotar os nossos leitores e utilizadores de competências nos domínios da informação e da literacia [...] o trabalho em equipa aliado a uma vontade comum aproximou as nossas Bibliotecas e promoveu a dinamização e promoção da leitura como factor primordial das aprendizagens, assumindo-se estes recursos como pequenos/grandes centros de dinamização da escola, potenciando, dessa forma, a formação de utilizadores em competências documentais. (In: http://rb.cm-benavente.pt/ - 17/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM de Benavente BM Odete e Carlos Gaspar *Agrupamentos: Agrup. Esc. Benavente BE Centro Escolar de Benavente BE EB Santo Estevão BE EB1 n.º 1 Benavente BE EB2/3 Duarte Lopes BE ES Benavente Agrup. Esc. Samora Correia BE CE Samora Correia BE EB 2/3 Porto Alto BE EB 2/3 Fernandes Pratas</p>
	<p>Rede de Bibliotecas de Ferreira do Zêzere</p>  <p><URL: http://bibliotecas.ferreiradozezere.pt/</p>	<p>A Rede [...] é o resultado de sinergias que envolvem os seus intervenientes, [...] As funções de uma e das outras acabam por ser coincidentes nos domínios da informação, pedagogia e lazer, permitindo que esta Rede canalize e potencie forças e recursos, num trabalho colaborativo de incentivo à promoção de diversas literacias em diferentes realidades [...] O Portal [...] não é só um repositório de informação: é uma plataforma comum, aglutinadora das diferentes realidades das bibliotecas do concelho, que pretende reforçar a comunicação na comunidade. (In: http://bibliotecas.ferreiradozezere.pt/a-rede/5-rede-de-bibliotecas-de-ferreira-do-zezere - 17/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM de Ferreira do Zêzere *Agrupamentos Agrup. Esc. de Ferreira do Zêzere BE BE 2/3 S. Pedro Ferreiro BE Centro Escolar de Areias BE Centro Escolar de Ferreira do Zêzere (In: http://bibliotecas.ferreiradozezere.pt/a-rede - 17/04/2014)</p>
	<p>Rede de Bibliotecas Escolares de Mafra</p>  <p><URL: http://www.cm-mafra.pt/rbem/index.asp</p>	<p>A Rede de Bibliotecas Escolares de Mafra [...] Visa o desenvolvimento da ligação entre as escolas dos vários níveis de ensino e a Biblioteca Municipal, otimizando actividades e recursos por meio de uma parceria efectiva que se concretiza na partilha de experiências no âmbito da gestão e dinamização de bibliotecas, inserida numa política coordenada de aquisições e na dinamização do empréstimo interbibliotecas, assente na observância de princípios técnicos (biblioteconómicos e informáticos) uniformizados, através desta plataforma tecnológica. (In: http://www.cm-mafra.pt/rbem/index.asp - 17/04/2014)</p>	<p>*CM/ Biblioteca Municipal Bib C. de Mafra (6) *Agrupamentos: Agrup. Esc. da Ericeira (5) BE EB1/JI Santo Isidoro BE EB Encarnação BE EB1/JI Carvoeiro BE EB1 /JIEriceira BE EB2/3 António Franco Agrup. Esc. de Mafra (4) BE EB 2/3 Mafra BE EB Hélia Correia BE EB Salgados BE EB Igreja Nova Agrup. Esc. Armando Lucena (4) BE EB1/JI S. Miguel BE EB1/ JI Malveira BE EB1/JI Artur Patrocínio BE EB 2/3 Armando Lucena Agrup. Esc. Venda do Pinheiro (5) BE EB n.º1 Venda do Pinheiro BE EB Prof. João Agudo BE EB S. Miguel do Milharado BE EB Santo Estevão BE EB 2/3 Venda do Pinheiro</p> <p>* Escolas BE ES Mafra (In: - http://www.cm-mafra.pt/rbem/contactos.asp 17/04/2014)</p>


ANEXO III (Continuação) – Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Lisboa	<p>Rede de Bibliotecas de Rio Maior</p>  <p><URL: http://rbcrm.cm-riomaior.pt/></p>	<p>Define-se como uma estrutura de cooperação aberta à livre participação de todas as bibliotecas do concelho, visando o desenvolvimento da ligação entre a autarquia, escolas e outras instituições locais com biblioteca</p> <p>Esta estrutura pretende fomentar a partilha de experiências de interesse pedagógico, a animação da leitura, a promoção do livro, o tratamento documental, e a integração das tecnologias da informação na gestão e partilha de recursos.</p> <p>(In: http://rbcrm.cm-riomaior.pt/index.php/quem-somos - 17/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM Laureano Santos</p> <p>*Agrupamentos: Agrup. Esc. Fernando C. Silva BE EB Fernando C. Silva BE Centro Escolar n.º 2 BE Centro Escolar Ruy Belo Agrup. Esc. Marinhas do Sal BE EB Marinhas do Sal BE Centro Escolar n.º1 Rio Maior BE Centro Escolar Alcobertas</p> <p>* Escolas BE ES Dr. Augusto Silva BE Esc. Prof. Rio Maior</p> <p>*Bib. Popular da Vila da Marmeleira (In: http://rbcrm.cm-riomaior.pt/index.php/parceiros - 17/04/2014)</p>
	<p>Rede de Bibliotecas de Sardoal</p>  <p><URL: http://rbs.cm-sardoal.pt/></p>	<p>A RBS define-se como uma estrutura de cooperação aberta à livre participação de todas as bibliotecas do concelho de Sardoal, visando o desenvolvimento da ligação entre as escolas dos vários níveis de ensino do concelho e a Biblioteca Municipal, otimizando atividades e recursos através de uma parceria efetiva que se concretiza na partilha de experiências no âmbito da gestão e dinamização de bibliotecas, numa política coordenada de aquisições e na dinamização do empréstimo interbibliotecas, assente na observância de princípios técnicos (biblioteconómicos e informáticos) uniformizados, através de uma plataforma tecnológica</p> <p>(In: http://rbs.cm-sardoal.pt/images/docs/protocolo_rede_bibliotecas_sardoal.pdf - 17/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM de Sardoal</p> <p>*Agrupamentos: Agrup. Esc. de Sardoal BE EB 2/3 de Sardoal</p> <p>(In: http://rbs.cm-sardoal.pt/index.php/parceiros - 17/04/2014)</p>


ANEXO III (Continuação) – Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Norte	<p>Rede de Bibliotecas de Barcelos</p>  <p><URL: http://redibibliotecas.cm-barcelos.pt/</p>	<p>A rede de Bibliotecas de Barcelos define-se como uma estrutura de cooperação. Visa o desenvolvimento da ligação entre as escolas dos vários níveis de ensino, a Biblioteca Municipal e a comunidade, otimizando atividades e recursos, através de uma parceria efetiva, que se caracteriza na partilha de experiências no âmbito da gestão e dinamização coordenada das bibliotecas.</p> <p>(In: http://redibibliotecas.cm-barcelos.pt/bibliotecas/rede - 17/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal SABE BM de Barcelos</p> <p>*Agrupamentos: Agrup. Esc. Barcelos (2) BE ES Barcelos BE EB Varzim Agrup. Esc. Alcaldes de Faria(4) BE ES Alcaide de Faria BE EB Manhente BE EB Galegos de S. Martinho BE EB Galegos Sta. Maria Agrup. Esc. Rosa Ramalho (1) BE EB Rosa Ramalho Agrup. Esc. Gonçalo Nunes (1) BE EB Gonçalo Nunes Agrup. Esc. Vale d'Este (3) BE ES c/ 3.º ciclo Viatodos BE EB de Cambeses BE EB Viatodos Agrup. Esc. Fragoso (1) BE EB Fragoso Agrup. Esc. Vila Cova(2) BE ES c/3.º ciclo Vila Cova BE EB Perelhal Agrup. Esc. Vale Tamel (4) BE ES c/3.º ciclo Vale do Tamel BE EB Alheira BE EB Carapeços BE EB Lijó Agrup. Esc. Braga Oeste (2) BE EB Mário Cláudio BE EB da Pousa</p> <p>* Escolas BE ES Barcelinhos (In: http://redibibliotecas.cm-barcelos.pt/bibliotecas/rede -17/04/2014)</p>



ANEXO III (Continuação) – Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Norte	<p>Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso</p>  <p><URL: http://www.rb-bb.net/</p>	<p>Inseridas na Sociedade da Informação, as Bibliotecas Escolares e Municipais da região de Basto e de Barroso não lhe podiam ficar indiferentes. Por isso, nasceu a ideia de criar uma rede regional de partilha de informação que pudesse aproximar a comunidade de leitores desta região ao Conhecimento. Este espaço digital pretende ajudar a aumentar o conhecimento geral sobre livros, autores, bibliografias, acontecimentos culturais, científicos, dentro da nossa zona de influência. Pretende ainda ser um espaço de comunicação e partilha de informação que fomente práticas de literacia que, temos a certeza, contribuirão para incrementar os valores de cidadania numa sociedade tão carente como a nossa.</p> <p>(In: http://www.rb-bb.net/index.php?option=com_content&view=article&id=3&Itemid=4 – 18/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal: (5) CM/BM Cabeceiras de Basto CM/BM Celorico de Basto CM/BM Mondim de Bastos CM/BM de Ribeira de Pena C/BM de Montalegre Bib. Itinerante Lubim</p> <p>*Agrupamentos: Agup. Esc. Cabeceiras de Basto (6) BE E2,3/S Cabeceiras de Basto BE E2/3 Arco Baulhe BE EB1 Arco Baulha BE EB1 Ribeirinhos BE EB1JI Ferreirinha – Cavez BE EB1 Pedraca Agup. Esc. Celorico de Basto(7) BE EB 2,3/S ciclo Celorico de Basto BE EB1 de Mota BE Centro Escolar de Fermil BE Centro Escolar de Mota BE EB 2/3 de Gandarela BE de Celorico BE do Centro Escolar de Gandarela Agup. Esc. Mondim de Basto (2) BE EB 2,3/S Mondim de Basto BE E2/3 Cerva Agup. Esc. de Ribeira de Pena(2) BE ES 2,3/S Ribeira de Pena BE Centro Escolar Ribeira de Pena Agup. Esc. Montalegre(2) BE E2/3 Bento Cruz BE Ag. Baixo Barroso</p> <p>* Escolas BE Esc. Prof. de Fermil BE Externato S. Miguel de Refojos Centro For. de Basto (Nota: informação também recolhida na pág. dos agrupamentos – 18/04/2014)</p>



ANEXO III (Continuação) – Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Norte	<p>Rede de Bibliotecas de Braga</p>  <p><URL: http://rbb.blcs.pt/index.php/pt/</p>	<p>A Rede Concelhia de Bibliotecas de Braga (RBB) resultou de uma longa caminhada de uma comunidade de práticas que engloba as bibliotecas escolares e a biblioteca pública. A Rede Bibliotecas de Braga foi formalmente constituída no dia 27 de abril de 2012, através da assinatura do protocolo de cooperação entre o Ministério da Educação e o Município de Braga e Programa da Rede Nacional de Bibliotecas Escolares.</p> <p>(In: http://rbb.blcs.pt/index.php/pt/apresentacao- 18/04/2014)</p>	<p>*CM/Universidade de Braga Bib. Lúcio Craveiro Silva (Bibliopolis)</p> <p>*Agrupamentos:</p> <p>Agrup. Esc. André Soares (3) BE EB André Soares BE EB1 Carandá BE EB1/JI Fujacal</p> <p>Agrup. Esc. Braga Oeste (2) BE EB de Cabreiros BE EB1/JI Pousa</p> <p>Agrup. Esc. Celeiros(1) BE EB de Celeiros</p> <p>Agrup. Esc. Francisco Sanches (1) BE EB Francisco Sanches</p> <p>Agrup. Esc. Maximinos(5) BE ES Maximinos BE EB Frei Caetano Brandão BE Centro Esc. Naia BE Centro Esc. Maximinos BE EB1/JI Estrada</p> <p>Agrup. Esc. Mosteiro e Cávado (2) BE EB2/3 Cavado BE CE Merelim</p> <p>Agrup. Esc.Real (3) BE EB Real BE EB1/JI Sé BE CE S. Futuoso</p> <p>Agrup. Esc. Trigal Santa Maria (1) BE EB Trigal Santa Maria</p> <p>Agrup. Esc. Alberto Sampaio (4) BE ES Alberto Sampaio BE EB Nogueira BE EB1 Nogueira BE EB1 Esporões</p> <p>Agrup. Esc. D. Maria II (2) BE ES D. Maria II BE EB Lamações</p> <p>Agrup. Esc. Carlos Amarante (2) BE EB Gualtar BE ES Carlos Amarante</p> <p>Agrup. Esc. sã de Miranda (3) BE ES Sá de Miranda BE EB Palmeira BE EB1 Dume</p> <p>* Escolas Bib. Externato Infante D. Henrique</p> <p>*Conservatório Música Cal. Gulbenkian Bib. Conserv. Mus. Cal. Gulbenkian (In: http://rbb.blcs.pt/index.php/pt/rede - 18/04/2014)</p>


ANEXO III (Continuação) – Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Norte	<p>Rede de Bibliotecas de Bragança</p>  <p><URL: http://62.28.143.197/rbb/index.php</p>	<p>A Rede de Bibliotecas de Bragança (RBB) constitui-se como uma estrutura de colaboração, aberta à livre participação de todas as Bibliotecas e Centros de Recursos de Documentação e Informação do concelho de Bragança.</p> <p>Esta estrutura procura otimizar recursos através de uma parceria efetiva concretizada na partilha de experiências no âmbito da gestão e dinamização de bibliotecas e de outras Unidades de Informação e de Documentação, inserida numa política coordenada de aquisições e na dinamização de empréstimo interbibliotecas, assente na observância de princípios técnicos (biblioteconómicos e informáticos) uniformizados, através desta plataforma tecnológica.</p> <p>O Portal da RBB oferece possibilidades múltiplas de acesso à informação, pretendendo ser uma janela aberta ao conhecimento, à inovação e à cultura.</p> <p>(In: http://62.28.143.197/rbb/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=3&Itemid=3 – 18/4/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM de Bragança</p> <p>*Agrupamentos: Agrup. Esc. Abade de Baçal (5) BE ES/3 Abade de Baçal BE Augusto Moreno BE EB n.º 9 Mãe d'Água BE EB1,2,3 Izeda BE EB n.6 do Toural Agrup. Esc. Emídio Garcia(4) BE ES Emídio Garcia BE EB 2/3 Álvaro Gomes BE EB da Sé BE EB1 n.º 10 – Campo Redondo Agrup. Esc. Miguel Torga(2) BE ES/3 Miguel Torga BE EB Santa Maria</p> <p>* Arquivo Distrital de Bragança Bib. Arq. Dis. Bragança</p> <p>*Bib. Fundação "Os Nossos Livros"</p> <p>*CFAE Bragança Norte (in: http://62.28.143.197/rbb/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=4&Itemid=4 18/04/2014)</p>
	<p>Rede de Bibliotecas de Esposende</p>  <p><URL: http://www.cm-esposende.pt/rede/</p>	<p>A RBCE define-se como uma estrutura de cooperação aberta à livre participação de todas as Bibliotecas / Centros de Recursos Educativos do Concelho de Esposende, visando o desenvolvimento da ligação entre as escolas dos vários níveis de ensino do concelho, instituições concelhias e a Biblioteca Municipal, otimizando actividades e recursos através de uma parceria efectiva, que se concretiza numa política coordenada de aquisições e na dinamização do empréstimo interbibliotecas, assente na observância de princípios técnicos (biblioteconómicos e informáticos) uniformizados, através de uma plataforma tecnológica.</p> <p>(In: http://www.cm-esposende.pt/rede/PROTOCOLO.pdf - 18/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM Manuel Boaventura</p> <p>*Agrupamentos Agrup. Esc. da Apúlia BE EB Integrada da Apúlia Agrup. Esc. António C, de Oliveira(4) BE Agrp. Esc. António C. Oliveira BE EB Fonte Boa BE EB Fão BE EB Curvos Agrup. Esc. de Marinhas(4) BE EB 2/3 Marinhas BE EB de Guilheta BE EB de Góios BE EB de Belinho Agrup. Esc. Terras do Baixo Neiva BE EB Baixo Neiva</p> <p>* Escolas BE. ES/3 Henrique Medina (inf. tb. pág. dos agrupamentos – 18/04/2014)</p>


ANEXO III (Continuação) – Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Norte	<p>Rede de Bibliotecas de Lamego</p>  <p><URL: http://www.rblamego.org/</p>	<p>A Rede de Bibliotecas de Lamego (RBL) define-se como uma estrutura de cooperação aberta à livre participação de todas as Bibliotecas do Concelho de Lamego, visando o desenvolvimento da ligação entre as Bibliotecas do concelho e a Biblioteca Municipal, otimizando actividades e recursos através de uma parceria efectiva que se concretiza na partilha de experiências no âmbito da gestão e dinamização de bibliotecas, numa política coordenada de aquisições e na dinamização do empréstimo interbibliotecas, assente na observância de princípios técnicos (biblioteconómicos e informáticos) uniformizados, através de uma plataforma tecnológica.</p> <p>(In: http://www.rblamego.org/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=2 – 18/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM Lamego</p> <p>*Agrupamentos: Agrup. Esc. Latino Coelho (3) BE EB n.º1 Lamego BE EB2/3 Lamego BE ES Latino Coelho Agrup. Esc. Sé(3) BE EBS Sé BE CE Lamego n.º 2 BE CE Lamego Sudeste</p> <p>* Escolas(5) BE Colégio de Lamego BE Colégio Imaculada Conceição Bib. Esc. Sup. Tecnologias e Gestão Bib. Seminário Maior de Lamego Bib. Esc. Hotelaria Turismo do Douro</p> <p>*Outros(6) Bib. C. Treino Operações Especiais Bib Arquivo Diocese de Lamego Bib Obra Kolping Bib C. Diocesano Promoção Social Bib. Santa Casa M. de Lamego Bib. Univ. Sénior Jerónimo Cardoso</p> <p>(Nota: informação também recolhida na pág. dos agrupamentos e em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/mapas?d=Porto&c=Lousada&txt=&x=16&y=11 – 18/04/2014)</p>
	<p>Rede de Bibliotecas de Lousada</p>  <p><URL: http://www.redebibliotecaslousada.pt/</p>	<p>A Rede de Bibliotecas de Lousada é o resultado da contribuição da Biblioteca Municipal e de todas as bibliotecas escolares que, com base nestes princípios, se empenham numa dinâmica de cooperação e serviço público.</p> <p>Visa o desenvolvimento da ligação entre as escolas dos vários níveis de ensino, o Centro de Formação da Associação de Escolas Sousa Nascente e a Biblioteca Municipal, otimizando actividades e recursos por meio de uma parceria efetiva que se concretiza na partilha de experiências no âmbito da gestão e dinamização de bibliotecas, inserida numa política coordenada de aquisições e na dinamização do empréstimo interbibliotecas, assente na observância de princípios técnicos (biblioteconómicos e informáticos) uniformizados.(In:http://www.redebibliotecaslousada.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=19&Itemid=27 – 18/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM da Lousada</p> <p>*Agrupamentos: Agrup. Esc. Lousada Centro(5) BE EB Boavista BE EB Pias BE EB Cristelos BE EB Boim BE EB LousadaCentro Agrup. Esc Oeste (3) BE EB Igreja BE EB Campo BE EB Lousada Oeste</p>

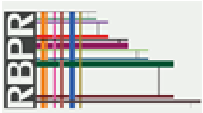

ANEXO III (Continuação) – Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Norte	<p>Rede de Bibliotecas de Lousada (Continuação)</p> <p><URL: http://www.redebibliotecaslousada.pt/</p>		<p>Agrup. Esc Lousada Este (4) BE EB Torno BE EB Lousada Este BE EB Sub-Ribas BE EB Corgo</p> <p>Agrup. Esc Lousada Norte (6) BE EB Lustosa BE EB/S Lousada BE EB Telheiro BE EB Estrada do Meio BE EB Mourinho BE EB/S Nogueira</p> <p>* Escolas BE ES Lousada</p> <p>*Centro F. Assoc. Esc. Sousa Nascente (In: Ibid. e http://www.rbe.min-edu.pt/np4/mapas?d=Porto&c=Lousada&txt=&x=16&y=11 – 18/04/2014)</p>
	<p>Rede de Bibliotecas de Marco de Canaveses</p>  <p><URL: http://extranet.frontend.pt/marcobibliotecas2012/</p>	<p>A Rede de Bibliotecas do Marco de Canaveses define-se como uma divulgação cooperativa aberta à livre participação de todos os Centros de Educativos, Recursos de Documentação Arquivo do concelho do Marco de Canaveses, permitindo a troca de informação bibliográfica e a dinamização do empréstimo interbibliotecas, através de uma plataforma tecnológica disponibilizada pela Câmara Municipal.</p> <p>(In: http://extranet.frontend.pt/marcobibliotecas2012/index.php?info=YTo0OntzOjQ6Im1lbnUiO3M6MzoiY2FtIjtzOjM6Im1pZCI7YToxOntpOjA7czozOilxNjciO31zOjM6ImNpZCI7czozOilxNjciO3M6MTM6InZlcnNhbn190YWJlbGEiO3M6NzoiY2ZmbGluZSI7fQ== 18/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM do Marco de Canaveses</p> <p>*Agrupamentos Agrup. Esc de Alpendorada BE ES Alpendorada BE EB 2/3 Alpendorada Agrup. Esc de Sande BE Agup. Esc. Sandes Agrup. Esc do Marco de Canaveses BE Agup. Esc. Marco Canaveses Agrup. Esc de Toutosa BE Agup. Esc. Toutosa</p> <p>* Escolas BE ES de Marco de Canaveses BE Esc. Profissional de Arqueologia BE Esc. Prof. Agric. e Desen. Rural</p> <p>Nota: informação também recolhida na pág. dos agrupamentos e em e http://www.rbe.min-edu.pt/np4/mapas?d=Porto&c=Lousada&txt=&x=16&y=11 – 18/04/2014)</p>

ANEXO III (Continuação) – Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Norte	<p>Rede Concelhia de Bibliotecas de Paredes</p>  <p><URL:http://redebibliotecas.cm-paredes.pt/</p>	<p>A Rede de Bibliotecas de Paredes (RBP) nasceu da vontade de reunir saberes para partilhar experiências, divulgar atividades e disponibilizar serviços, tendo em vista a promoção da leitura e o desenvolvimento cultural do respetivo concelho. Resultando de um trabalho conjunto de todas as instituições nela envolvidas, a RBP pretende aproximar população e bibliotecas, facilitando o acesso presencial e virtual à informação.</p> <p>A RBP abre, assim, as suas portas a todos os que queiram sentir o sabor dos saberes.</p> <p>(In: http://redebibliotecas.cm-paredes.pt/rede - 18/04/2014)</p>	<p>BM de Paredes</p> <p>*Agrupamentos</p> <p>Agup. Esc. Daniel Faria (3) BE Centro Esc. Gandra e Astromil BE EB2/3 Baltar BE ES Daniel Faria</p> <p>Agup. Esc. de Cristelo (3) BE EB2/3 Cristelo BE EB1/JI Sobrosa BE EB1/JI Duas Igrejas</p> <p>Agup. Esc. Lordelo (1) BE E2/3 Lordelo</p> <p>Agup. Esc. Paredes (3) BE EB 2/3 Paredes BE EB1/JI Paredes BE EB1/JI Mouriz</p> <p>Agup. Esc. Sobreira (3) BE EB Sobreira BE CE de Recarei BE CE Sobreira</p> <p>Agup. Esc. de Vilela (4) BE 2/3 Rebordosa BE EB1 Rebordosa BE CE Vilela BE ES C/3 E.B. Vilela</p> <p>* Escolas BE ES Paredes</p> <p>Outros: Fundação ALord Bib. Fundação Alord Cen. F. A. E. Paços, Paredes, Penafiel Cen. F. Prof. Ind. Madeira e Mobiliário Junta F. Recarei</p> <p>(In: http://redebibliotecas.cm-paredes.pt/escolas- 18/04/2014)</p>

ANEXO III (Continuação) – Descrição das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, e identificação dos parceiros, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede, Logotipo e Endereço do Portal	Descrição	Parceiros
Norte	<p>Rede de Bibliotecas de Peso da Régua</p>  <p><URL: http://rbpr.cm-pesoregua.pt/</p>	<p>A Rede de Bibliotecas do Peso da Régua define-se como uma estrutura de cooperação aberta à livre participação de todos os Centros de Recursos de Documentação e Informação do concelho do Peso da Régua, visando o fomento de uma política coordenada de aquisições, a compatibilização e a troca de informação bibliográfica e a dinamização do empréstimo interbibliotecas, assente na observância de princípios técnicos (biblioteconómicos e informáticos) comuns, através de uma plataforma tecnológica.</p> <p>(In: http://rbpr.cm-pesoregua.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=54&Itemid=27 – 18/04: /2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM do Peso da Régua</p> <p>*Agrupamentos Agup. Esc. João Araújo Correia BE CE da Alameda BE CE das Alagoas BE EB2/3 Peso da Régua BE ES Sr. João Araújo Correia</p> <p>*Escolas Bib. Esc. Prof. Des. Rural do Rodó</p> <p>*Museu do Douro Arq. E Bib. Museu do Douro (In: http://rbpr.cm-pesoregua.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=48&Itemid=2 – 18/04/2014)</p>
	<p>Rede de Bibliotecas de Vila Real</p>  <p>REDE DE BIBLIOTECAS DE VILA REAL</p> <p><URL: http://redelibliotecas.cm-vilareal.pt/</p>	<p>[...] trabalho articulado entre a Biblioteca Municipal e as bibliotecas das escolas do concelho, quer ao nível do desenvolvimento de projetos – Momentos de leitura, exposições, feiras do livro, oficinas, encontro com escritores, debates, bem como de outros projetos de colaboração ao nível da motivação para a leitura, apoio ao currículo e desenvolvimento da literacia da informação.</p> <p>A rede tem uma índole concelhia, define-se como uma estrutura de cooperação aberta à livre participação de todas as bibliotecas do concelho [...] otimizando atividades e recursos através de uma parceria efetiva. A sua concretização estabelece-se na partilha de experiências no âmbito da gestão e dinamização de bibliotecas, numa política coordenada de aquisições e na dinamização do empréstimo interbibliotecas, assente no cumprimento de princípios técnicos (biblioteconómicos e informáticos) uniformizados.</p> <p>(In: http://redelibliotecas.cm-vilareal.pt/index.php/rede-de-bibliotecas/apresentacao-da-rede - 18/04/2014)</p>	<p>*CM/Biblioteca Municipal BM Vila Real</p> <p>*Agrupamentos Agup. Esc. Diogo Cão BE EB2/3 Diogo Cão BE CE Árvores Agup. Esc. Morgado de Mateus BE CE Araúcaria BE EB2/3 Monsenhor J. Amaral BE ES Morgado Mateus</p> <p>*Escolas BE ES Camilo Castelo Branco BE ES/3 S. Pedro</p> <p>*Univer. Trás-os Montes Bib. Univ. Trás-os-Montes</p> <p>*Centro F. A.E. de Vila Real (In: http://www.redelibliotecas.cm-vilareal.pt/index.php/parceiros – 18/04/2014)</p>

ANEXO IV – Número, por Rede Concelhia, de entidades e bibliotecas parceiras, consideradas no estudo, por tipologia e por Direção Regional

ANEXO IV - Número, por Rede/Portal Concelhio, de entidades e bibliotecas parceiras, consideradas no estudo, por tipologia e por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede e Endereço do Portal	Número de entidades parceiras, por tipologia				Número de bibliotecas parceiras por tipologia			
		CM/ BM e BP	AG e Escolas	Outras	Total	BM e BP	BE	Outras	Total
Alentejo	Rede de Bibliotecas de Aljustrel <URL: http://www.rbe-aljustrel.com.pt/ >	1	2	-	3	1	7	-	8
	Rede de Bibliotecas do C. de Castro Verde <URL: http://www.rbcv.com.pt/ > .	1	2	-	3	1	4	-	5
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Cuba <URL: http://rbcc.cm-cuba.pt/ >	1	1	-	2	1	4	-	5
	Rede de Bibliotecas de Évora <URL: http://www.rbev.uevora.pt/ >	2	8	1*	11	2	8		10
	Rede de Bibliotecas do C. de Grândola <URL: http://www.rbgrandola.com.pt/ >	1	2	-	3	1	3	-	4
	Rede de Bibliotecas de Mértola <URL: http://www.rbmertola.pt/ >	1	1	2 ⁽¹⁾	4	1	2	2	5
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Viana do Alentejo <URL: http://rbcva.cm-vianadoalentejo.pt/ >	1	2	-	3	1	4	-	5
Algarve	Rede Bibliotecas de Faro <URL: http://redebibliotecas.cm-faro.pt/default.aspx >	1	4	-	5	1	17	-	18
	Rede de Bibliotecas do Concelho de São Brás de Alportel <URL: http://sba-bibliotecas.pt/ >	1	2	3	6	1	4	3	8
	Rede Bibliotecas de Tavira <URL: http://bibliotecas.cm-tavira.pt/ >	1	3	-	4	1	5	-	6

* As Universidades foram consideradas na entidade Escolas; ¹⁾ Museus; Informação recolhida de 26 de abril a 4 de maio de 2014

ANEXO IV (Continuação) – Número, por Rede/Portal Concelhio, de entidades e bibliotecas parceiras, consideradas no estudo, por tipologia e por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede e Endereço do Portal	Número de entidades parceiras, por tipologia				Número de bibliotecas parceiras por tipologia			
		CM/ BM e BP	AG e Escolas	Outras	Total	BM e BP	BE	Outras	Total
Centro	Rede de Bibliotecas do Con. de Arganil <URL: http://www.bibliotecas.cm-arganil.pt/ >	2	1	-	3	2	10	-	12
	Rede de Bibliotecas de Cantanhede <URL: http://www.cm-cantanhede.pt/rbc/Home/ >	1	3	1 ⁽²⁾	5	1	7	-	8
	Rede de Bibliotecas de Carregal do Sal <URL: http://rb.carregal-digital.pt/index.php >	1	3	1 ⁽¹⁾	5	1	3	1	5
	Rede de Bibliotecas de Gouveia <URL: http://213.228.147.31/ >	1	3	1 ⁽²⁾	5	1	3	-	4
	Rede de Bibliotecas da Lousã <URL: http://62.48.195.170/rblousa/index.php >	1	3	-	4	1	13	-	14
	Rede de Bibliotecas de Mealhada <URL: http://www.cm-mealhada.pt/redebm >	1	2	1	4	1	6	1	8
	Rede de Bibliotecas de Mira <URL: http://rbm.cm-mira.pt/index.php >	1	1	1 ⁽²⁾	3	1	4	-	5
	Rede de Bibliotecas de Miranda do Corvo <URL: http://rb.miradadocorvo.com >	1	1	1	3	1	8	1	10
	Rede de Bibliotecas de Murtosa <URL: http://www.cm-murtosa.pt/rbemurtosa/ >	1	2	1 ⁽²⁾	4	1	3	-	4
	Rede de Bibliotecas do Com. de Nelas <URL: http://redebibnelas.cm-nelas.pt/ >	1	2	4 ⁽²⁾	7	1	4	3	8
	Rede de Bibliotecas de Penacova <URL: http://www.cm-penacova.pt/rbp/ >	1	1	-	2	1	3	-	4
	Rede Bibliotecas de Pombal* <URL: http://web.cm-pombal.pt/rbp/ >	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Santa Comba Dão <URL: http://www.cm-santacombadao.pt/rbscd/ >	1	1	-	2	1	5	-	6
	Rede Concelhia das Bibliotecas Escolares e Municipais de Seia <URL: http://www.cm-seia.pt/rbems/ >	1	2	2 ⁽¹⁾	5	1	9	2	12
	Rede Bibliotecas de Tábua <URL: http://rbtb.cm-tabua.pt/ >	1	3	-	4	1	3	-	4
	Rede de Bibliotecas de Tondela <URL: http://rbt.cm-tondela.pt/ >	1	3	2 ^{(1) (2)}	6	1	12	1	14
	Rede de Bibliotecas do Conc. de Vagos <URL: http://rbv.cm-vagos.pt/ >	1	4	1 ⁽²⁾	6	1	4	-	5
	Rede de Bibliotecas de Vouzela <URL: http://rbvouzela.org/ >	1	3	1 ⁽²⁾	5	1	5	-	6

• Só disponibiliza o catálogo coletivo ; ⁽¹⁾ Museus; ⁽²⁾ Centros de Formação Associações Escolas

Informação recolhida de 26 de abril a 4 de maio de 2014

ANEXO IV (Continuação) – Número, por Rede/Portal Concelhio, de entidades e bibliotecas parceiras, consideradas no estudo, por tipologia e por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede e Endereço do Portal	Número de entidades parceiras, por tipologia				Número de bibliotecas parceiras por tipologia			
		CM/ BM e BP	AG e Escolas	Outras	Total	BM e BP	BE	Outras	Total
Lisboa	Rede de Bibliotecas de Alcochete <URL: http://www.rbal.com.pt/	1	1	1	3	1	4	1	6
	Rede de Bibliotecas de Alpiarça <URL: http://www.rb.alpiarca.pt/	1	1	2 ⁽¹⁾	4	1	3	2	6
	Rede de Bibliotecas de Benavente <URL: http://rb.cm-benavente.pt/	2	2	-	4	2	8	-	10
	Rede de Bibliotecas de Ferreira do Zêzere <URL: http://bibliotecas.ferreiradozezere.pt/	1	1	-	2	1	3	-	4
	Rede de Bibliotecas Escolares de Mafra <URL: http://www.cm-mafra.pt/rbem/index.asp	1	5	-	6	6*	19	-	26
	Rede de Bibliotecas de Rio Maior <URL: http://rbcm.cm-riomaior.pt/	1	4	1	6	1	8	1	10
	Rede de Bibliotecas de Sardoal <URL: http://rbs.cm-sardoal.pt/	1	1	-	2	1	1	-	2

⁽¹⁾Museus;

* Rede de Bibliotecas Municipais de Mafra

Informação recolhida de 26 de abril a 4 de maio de 2014

ANEXO IV (Continuação) – Número, por Rede/Portal Concelhio, de entidades e bibliotecas parceiras, consideradas no estudo, por tipologia e por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede e Endereço do Portal	Número de entidades parceiras, por tipologia				Número de bibliotecas parceiras por tipologia			
		CM/ BM e BP	AG e Escolas	Outras	Total	BM e BP	BE	Outras	Total
Norte	Rede de Bibliotecas de Barcelos <URL: http://redbibliotecas.cm-barcelos.pt/	1	10	-	11	1	21	-	22
	Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso <URL: http://www.rb-bb.net/	5	7	1 ⁽²⁾	13	5	21	-	26
	Rede de Bibliotecas de Braga <URL: http://rbb.blcs.pt/index.php/pt/	1	13	1	15	1	30	1	32
	Rede de Bibliotecas de Bragança <URL: http://62.28.143.197/rbb/index.php	1	3	3 ⁽²⁾	7	1	11	2	14
	Rede de Bibliotecas de Esposende <URL: http://www.cm-esposende.pt/rede/	1	5	-	6	1	11	-	12
	Rede de Bibliotecas de Lamego <URL: http://www.rblamego.org/	1	7	6	14	1	11	6	18
	Rede de Bibliotecas de Lousada <URL: http://www.redbibliotecaslousada.pt/	1	5	1 ⁽²⁾	7	1	19	-	20
	Rede de Bibliotecas de Marco de Canaveses <URL: http://extranet.frontend.pt/marcobibliotecas2012/	1	7	-	8	1	8	-	9
	Rede Concelhia de Bibliotecas de Paredes <URL: http://redbibliotecas.cm-paredes.pt/	1	7	4 ⁽²⁾	12	1	18	1	20
	Rede de Bibliotecas do Peso da Régua <URL: http://rbpr.cm-pesoregua.pt/	1	2	1 ⁽¹⁾	4	1	5	1	7
	Rede de Bibliotecas de Vila Real <URL: http://redbibliotecas.cm-vilareal.pt/	1	5	1* ⁽²⁾	7	1	8	-	9

* As Universidades foram consideradas na entidade Escolas; ⁽¹⁾Museus; ⁽²⁾Centros de Formação Associações Escolas Informação recolhida de 26 de abril a 4 de maio de 2014

ANEXO IV- Síntese - Número, por Rede/Portal Concelhio, de entidades e bibliotecas parceiras, consideradas no estudo, por tipologia e por Direção Regional

Direção Regional de Educação	Total de Redes/Portais	Sem informação no Portal	Número de entidades parceiras, por tipologia				Número de bibliotecas parceiras, por tipologia			
			CM/ BM e BP	AG e Escolas	Outras	Total	BM e BP	BE	Outras	Total
Alentejo	7	-	8	18	3	29	8	32	2	42
Algarve	3	-	3	9	3	15	3	36	3	42
Centro	18	1	18	38	17	73	18	102	9	129
Lisboa	7	-	8	15	4	27	13	46	4	63
Norte	11	-	15	71	18	104	15	163	11	189
Total	46	1	52	151	45⁽³⁾	248	57	379	29	465

⁽³⁾Das 45 entidades parceiras consideradas na subcategoria Outras, **6** referem-se a **Museus**, e em **13** Redes Concelhias, os **Centros de Formação de Associações de Escolas** fazem parte das entidades parceiras.

Siglas: AG – Agrupamento de Escolas; BE – Biblioteca Escolar; BM – Biblioteca Municipal; BP – Biblioteca Pública; CM – Câmara Municipal.

ANEXO V – Ano de Formação da Rede e Ano de Criação do Portal das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

ANEXO V – Ano de Formação da Rede e Ano de Criação do Portal das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede e Endereço do Portal	Ano de Formação da Rede (assinatura do protocolo)	Ano de Criação do Portal	N.º de Anos de Existência da Rede (ano de referência 2014)	N.º de Anos de Existência do Portal (ano de referência 2014)
Alentejo	Rede de Bibliotecas de Aljustrel <URL: http://www.rbe-aljustrel.com.pt/	2010 (In: http://www.rbe-aljustrel.com.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=74)	2010 (Ibid.)	4	4
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Castro Verde <URL: http://www.rbcv.com.pt/	2010 (In: http://www.rbcv.com.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=72&Itemid=34)	2010 (Ibid.)	4	4
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Cuba <URL: http://rbcc.cm-cuba.pt/	2010 (In: http://cm-cuba.pt/rbcc/images/docs/protocoloredebibliotecas.pdf)	2010 (Ibid.)	4	4
	Rede de Bibliotecas de Évora <URL: http://www.rbev.uevora.pt/	2010 (In: http://www.rbev.uevora.pt/Rede)	2012 (Ibid.)	4	2
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Grândola <URL: http://www.rgrandola.com.pt/	2011 (In: http://www.rgrandola.com.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=52&Itemid=27)	2011 (Ibid.)	3	3
	Rede de Bibliotecas de Mértola <URL: http://www.rbmertola.pt/	2012 (In: http://www.rbmertola.pt/images/documentos/protocolo.pdf)	2013 (In: http://www.camertola.pt/biblioteca/atividades-em-destaque/apresenta%C3%A7%C3%A3o-do-portal-rede-de-bibliotecas-de-m%C3%A9rtola)	2	1
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Viana do Alentejo <URL: http://rbcva.cm-vianadoalentejo.pt/	2012 (In: http://rbcva.cm-vianadoalentejo.pt/index.php/noticias/8-assinatura-protocolo-rbcva)	2012 (Ibid.)	2	2
Algarve	Rede de Bibliotecas de Faro <URL: http://redebibliotecas.cm-faro.pt/default.aspx	2011 (Ibid.)	2012 (In: becrestoantoniofaro.blogspot.com/.../portal-da-rede-de-bibliotecas-de-far...)	3	2
	Rede de Bibliotecas do Concelho de São Brás de Alportel <URL: http://sba-bibliotecas.pt/	2005 (In: http://www.sba-bibliotecas.pt/images/stories/publicacoes/RBC_2014.pdf)	2009 (In: http://www.sba-bibliotecas.pt/images/stories/publicacoes/RBC_2014.pdf)	9	5
	Rede de Bibliotecas de Tavira <URL: http://bibliotecas.cm-tavira.pt/	2011 (In: http://becredompaiotavira.blogspot.pt/2011/05/assinatura-do-protocolo-da-rede-de.html)	2011 (In: http://becredompaiotavira.blogspot.pt/2011/05/assinatura-do-protocolo-da-rede-de.html)	3	3

(24 de abril de 2014)

ANEXO V (Continuação) – Ano de Formação da Rede e Ano de Criação do Portal das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede e Endereço do Portal	Ano de formação da Rede (assinatura do protocolo)	Ano de criação do Portal	N.º de Anos de Existência da Rede (ano de referência 2014)	N.º de Anos de Existência do Portal (ano de referência 2014)
Centro	Rede de Bibliotecas do Concelho de Arganil <URL: http://www.bibliotecas.cm-arganil.pt/	2008 (In: http://www.bibliotecas.cm-arganil.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1217&Itemid=648)	2008 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/386.html)	6	6
	Rede de Bibliotecas de Cantanhede <URL: http://www.cm-cantanhede.pt/rbc/Home/	2011 (In: http://www.cm-cantanhede.pt/rbc/docs/?Tipo=56)	2011 (In: http://www.cm-cantanhede.pt/rbc/Docs/Files/PAA%20RBC_2010_2011.pdf)	3	3
	Rede de Bibliotecas de Carregal do Sal <URL: http://rb.carregal-digital.pt/index.php	2008 (In: http://rb.carregal-digital.pt/index.php?mod=articles&action=viewArticle&category_id=46&article_id=156)	2009 (In: http://redecsl.blogspot.pt/)	6	5
	Rede de Bibliotecas de Gouveia <URL: http://213.228.147.31/	2009 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/619.html)	2009 (In: http://bmgouveia.blogspot.pt/2009/10/rede-de-bibliotecas-de-gouveia.html)	5	5
	Rede de Bibliotecas da Lousã <URL: http://62.48.195.170/rblousa/index.php	2010 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/769.html)	2010 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/769.html)	4	4
	Rede de Bibliotecas de Mealhada <URL: http://www.cm-mealhada.pt/redebm/	2011 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/966.htm)	2011 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/966.htm)	3	3
	Rede de Bibliotecas de Mira <URL: http://rbm.cm-mira.pt/index.php	2010 (In: http://rbm.cm-mira.pt/rede.html)	2012 (In: copyright do portal)	4	2
	Rede de Bibliotecas de Miranda do Corvo <URL: http://rb.mirandacorvo.com	2009 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/515.html)	2009 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/515.html)	5	5
	Rede de Bibliotecas de Murtosa <URL: http://www.cm-murtosa.pt/rbemurtosa/	2011 (In: http://aresdaria.wordpress.com/2012/11/02/rede-de-bibliotecas-da-murtosa-apresentacao-do-portal/)	2012 (In: http://aresdaria.wordpress.com/2012/11/02/rede-de-bibliotecas-da-murtosa-apresentacao-do-portal/)	3	2

(24 de abril de 2014)

ANEXO V (Continuação) – Ano de Formação da Rede e Ano de Criação do Portal das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede e Endereço do Portal	Ano de formação da Rede (assinatura do protocolo)	Ano de criação do Portal	N.º de Anos de Existência da Rede (ano de referência 2014)	N.º de Anos de Existência do Portal (ano de referência 2014)
Centro	Rede de Bibliotecas do Concelho de Nelas <URL: http://redebibnelas.cm-nelas.pt/	2009 (In: http://redebibnelas.cm-nelas.pt/index.php/rede/quem-somos)	2014 http://www.cm-nelas.pt/index.php/87-noticias/675-apresentacao-da-rede-de-bibliotecas-de-nelas	5	2
	Rede de Bibliotecas de Penacova <URL: http://www.cm-penacova.pt/rbp/	2013 (In: http://www.cm-penacova.pt/rbp/index.php/15-apresentacao/13-apresentacao)	2013 (In: http://www.cm-penacova.pt/rbp/index.php/15-apresentacao/13-apresentacao)	1	1
	Rede Bibliotecas de Pombal <URL: http://web.cm-pombal.pt/rbp/	2008 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/345.html)	2008 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/345.html)	6	6
	Rede de Bibliotecas de Santa Comba Dão <URL: http://www.cm-santacombadao.pt/rbscd/	2010 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/971.html)	2010 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/971.html)	4	4
	Rede Concelhia das Bibliotecas Escolares e Municipais de Seia <URL: http://www.cm-seia.pt/rbems/	2009 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/620.html)	2009 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/620.html)	5	5
	Rede Bibliotecas de Tábua <URL: http://rbtb.cm-tabua.pt/	2009 (In: http://rbtb.cm-tabua.pt/Protocolo_Tabua2009.pdf)	2009 (In: http://rbtb.cm-tabua.pt/index.php/noticias?start=315)	5	5
	Rede de Bibliotecas de Tondela <URL: http://rbt.cm-tondela.pt/	2008 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/346.html)	2008 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/346.html)	6	6
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Vagos <URL: http://rbv.cm-vagos.pt/	2008 (In: http://biblioteca-cnsa.webnode.pt/news/inaugura%C3%A7%C3%A3o%20do%20portal%20da%20rede%20de%20biblioteca%20de%20vagos/)	2012 (In: http://biblioteca-cnsa.webnode.pt/news/inaugura%C3%A7%C3%A3o%20do%20portal%20da%20rede%20de%20biblioteca%20de%20vagos/)	6	2
	Rede de Bibliotecas de Vouzela <URL: http://rbvouzela.org/	2013 (http://rbvouzela.org/images/docs/docs_protocolo_coo pVZL.pdf)	2013 (In: http://viseumais.com/viseu/vouzela-cria-rede-concelhia-de-bibliotecas/)	1	1

(24 de abril de 2014)

ANEXO V (Continuação) – Ano de Formação da Rede e Ano de Criação do Portal das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede e Endereço do Portal	Ano de formação da Rede (assinatura do protocolo)	Ano de criação do Portal	N.º de Anos de Existência da Rede (ano de referência 2014)	N.º de Anos de Existência do Portal (ano de referência 2014)
Lisboa	Rede de Bibliotecas de Alcochete <URL: http://www.rbal.com.pt/	2013 (In: http://www.rbal.com.pt/Documentos%20RBAL%20pdf/Protocolo%20de%20Cooperacao%20A7%20A3o%20da%20RBAL%202013.pdf)	2009 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/618.html)	1	5
	Rede de Bibliotecas de Alpiarça <URL: http://www.rb.alpiarca.pt/	2010 (In: http://www.rb.alpiarca.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=59&Itemid=64)	2012 (In: http://casadospatudos.blogspot.pt/2012/11/apresentacao-do-portal-da-rede-de.html)	4	2
	Rede de Bibliotecas de Benavente <URL: http://rb.cm-benavente.pt/	2012 (In: http://rb.cm-benavente.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=20&Itemid=56)	2012 (In: http://rb.cm-benavente.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=20&Itemid=56)	2	2
	Rede de Bibliotecas de Ferreira do Zêzere <URL: http://bibliotecas.ferreiradozezere.pt/	2012 (In: http://bibliotecas.ferreiradozezere.pt/eventos/28-portal-da-rede-de-bibliotecas-de-ferreira-do-zezere)	2012 (In: http://bibliotecas.ferreiradozezere.pt/eventos/28-portal-da-rede-de-bibliotecas-de-ferreira-do-zezere)	2	2
	Rede de Bibliotecas Escolares de Mafra <URL: http://www.cm-mafra.pt/rbem/index.asp	2009 (In: http://www.cm-mafra.pt/rbem/pdf/ProtocoloRBEM.pdf)	2009 (In: http://www.cm-mafra.pt/rbem/pdf/ProtocoloRBEM.pdf)	5	5
	Rede de Bibliotecas de Rio Maior <URL: http://rbcrm.cm-riomaior.pt/	2013 (In: http://rbcrm.cm-riomaior.pt/images/docs/protocolo.pdf)	2013 (In: http://rbcrm.cm-riomaior.pt/images/docs/protocolo.pdf)	1	1
	Rede de Bibliotecas de Sardoal <URL: http://rbs.cm-sardoal.pt/	2014 (In: http://www.cm-sardoal.pt/pt/rede_biblio.htm)	2014 (In: http://www.cm-sardoal.pt/pt/rede_biblio.htm)	0	0

(24 de abril de 2014)

ANEXO V (Continuação) – Ano de Formação da Rede e Ano de Criação do Portal das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede e Endereço do Portal	Ano de formação da Rede (assinatura do protocolo)	Ano de criação do Portal	N.º de Anos de Existência da Rede (ano de referência 2014)	N.º de Anos de Existência do Portal (ano de referência 2014)
Norte	Rede de Bibliotecas de Barcelos <URL: http://redebibliotecas.cm-barcelos.pt/	2013 (In: http://redebibliotecas.cm-barcelos.pt/bibliotecas/documentos/protocolo-de-cooperacao/view)	2013 (In: http://redebibliotecas.cm-barcelos.pt/bibliotecas/documentos/protocolo-de-cooperacao/view)	1	1
	Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso <URL: http://www.rb-bb.net/	2008 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/514.html)	2008 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/514.html)	6	6
	Rede de Bibliotecas de Braga <URL: http://rbb.blcs.pt/index.php/pt/	2012 (In: http://rbb.blcs.pt/index.php/pt/apresentacao)	2014 (In: http://portaldasbibliotecas.blogspot.pt/2014/03/apresentacao-publica-do-portal-da-rede.html)	2	0
	Rede de Bibliotecas de Bragança <URL: http://62.28.143.197/rbb/index.php	2013 (In: http://62.28.143.197/rbb/images/documentos/protocolo_coop.pdf)	2013 (In: http://62.28.143.197/rbb/images/documentos/protocolo_coop.pdf)	1	1
	Rede de Bibliotecas de Esposende <URL: http://www.cm-esposende.pt/rede/	2010 (In: Ibid.)	2010 (In: http://concelhodeesposende.blogspot.pt/2010/06/criada-rede-de-bibliotecas-do-concelho.html)	4	4
	Rede de Bibliotecas de Lamego <URL: http://www.rblamego.org/	2013 (In: http://www.rbe.min-edu.pt/np4/872.html)	2013 (In: http://www.rbe.min-edu.pt/np4/872.html)	1	1
	Rede de Bibliotecas de Lousada <URL: http://www.redebibliotecaslousada.pt/	2008 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/?newsId=292&fileName=protocolo_de_cooperacao_RBLousada.pdf)	2008 (In: http://rbe3.addition.pt/np4/67)	6	6
	Rede de Bibliotecas de Marco de Canaveses <URL: http://extranet.frontend.pt/marcobibliotecas2012/	2012 (In: http://extranet.frontend.pt/marcobibliotecas2012/index.php?info=YTo0OntzOjQ6Im1lbnUiO3M6MzoiY2FtIjtzOjM6Im1pZCI7YToxOntpOjA7czozOixNjciO3IzOjM6ImNpZCI7czozOixNjciO3M6MTM6InZlcnNhbi190YWJlbGEiO3M6Nzoib2ZmbGluZSI7IQ==)	2012 (In: http://extranet.frontend.pt/marcobibliotecas2012/index.php?info=YTo0OntzOjQ6Im1lbnUiO3M6MzoiY2FtIjtzOjM6Im1pZCI7YToxOntpOjA7czozOixNjciO3IzOjM6ImNpZCI7czozOixNjciO3M6MTM6InZlcnNhbi190YWJlbGEiO3M6Nzoib2ZmbGluZSI7IQ==)	2	2
	Rede Concelhia de Bibliotecas de Paredes <URL: http://redebibliotecas.cm-paredes.pt/	2013 (In: http://v2.videos.sapo.pt/sPifPqnMKzaKOLBmuVP88)	2013 (In: http://v2.videos.sapo.pt/sPifPqnMKzaKOLBmuVP88)	1	1
	Rede de Bibliotecas de Peso da Régua <URL: http://rbpr.cm-pesoregua.pt/	2011 (In: http://blogue.rbe.mec.pt/rbpr-rede-de-bibliotecas-do-peso-da-1408728 8/04/2014- 1)	2011 (In: http://blogue.rbe.mec.pt/rbpr-rede-de-bibliotecas-do-peso-da-1408728 8/04/2014- 1)	3	3
Rede de Bibliotecas de Vila Real <URL: http://redebibliotecas.cm-vilareal.pt/	2013 (In: Ibid)	2013 (In: Ibid)	1	1	

(24 de abril de 2014)

ANEXO V Síntese 1– Ano de Formação das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo,por Direção Regional

Direção Regional	Ano de Formação das Redes Concelhias										Total de Redes
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	
Alentejo	-	-	-	-	-	4	1	2	-	-	7
Algarve	1	-	-	-	-	-	2	-	-	-	3
Centro	-	-	-	5	5	3	3	-	2	-	18
Lisboa	-	-	-	-	1	1	-	2	2	1	7
Norte	-	-	-	2	-	1	1	2	5	-	11
Total	1			7	6	9	7	6	9	1	46

ANEXO V Síntese 2 – N.º de Anos de Existência das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Número de Anos de Existência das Redes Concelhias										Total de Redes
	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0	
Alentejo	-	-	-	-	-	4	1	2	-	-	7
Algarve	1	-	-	-	-	-	2	-	-	-	3
Centro	-	-	-	5	5	3	3	-	2	-	18
Lisboa	-	-	-	-	1	1	-	2	2	1	7
Norte	-	-	-	2	-	1	1	2	5	-	11
Total	1			7	6	9	7	6	9	1	46

ANEXO V Síntese 3 – Ano de Criação dos Portais das Redes Concelhias, Biblioteca Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Ano de Criação dos Portais das Redes Concelhias										Total de Redes
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	
Alentejo	-	-	-	-	-	3	1	2	1	-	7
Algarve	-	-	-	-	1	-	1	1	-	-	3
Centro	-	-	-	3	5	2	2	3	2	1	18
Lisboa	-	-	-	-	2	-	-	3	1	1	7
Norte	-	-	-	2	-	1	1	1	5	1	11
Total	-	-	-	5	8	6	5	10	9	3	46

ANEXO V Síntese 4 – Número de Anos de Existência dos Portais das Redes Concelhias, Biblioteca Pública/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Número de Anos de Existência dos Portais das Redes Concelhias										Total de Redes
	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0	
Alentejo	-	-	-	-	-	3	1	2	1	-	7
Algarve	-	-	-	-	1	-	1	1	-	-	3
Centro	-	-	-	3	5	2	2	3	2	1	18
Lisboa	-	-	-	-	2	-	-	3	1	1	7
Norte	-	-	-	2	-	1	1	1	5	1	11
Total	-	-	-	5	8	6	5	10	9	3	46

ANEXO VI – Informação Institucional das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional.

ANEXO VI – Informação Institucional das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede e Endereço do Portal	Informação Institucional das Redes Concelhias										
		Identificação das entidades parceiras	Ligação direta para os membros	Contacto, correio eletrónico, dos membros	Contacto, correio eletrónico, da Rede	Área Reservada (Membros da Rede)	Apresentação/ Historial	Documentos orientadores	Plano de atividades*	Agenda de Atividades	Notícias	
											Frequência (mínimo 3/mês)	Data última notícia
Alentejo	Rede de Bibliotecas de Aljustrel <URL: http://www.rbe-aljustrel.com.pt/ >	✓	✓	✓	-	-	-	P/MP/RE	-	-	✓	23 abril
	Rede de Bibliotecas do C. Castro Verde <URL: http://www.rbcv.com.pt/ >	✓	-	✓	-	-	✓	P/MP/RE	-	-	-	Final de abril início de maio
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Cuba <URL: http://rbcc.cm-cuba.pt/ >	✓	✓	✓	-	-	✓	P/RP	-	✓	-	14 de março
	Rede de Bibliotecas de Évora <URL: http://www.rbev.uevora.pt/ >	✓	✓	✓	✓	-	✓	RE	✓	-	✓	24 de abri
	Rede de Bibliotecas do C. de Grândola <URL: http://www.rbgrandola.com.pt/ >	✓	✓	✓	-	-	✓	P MP RE	-	-	✓	24 de abri
	Rede de Bibliotecas de Mértola <URL: http://www.rbmertola.pt/ >	✓	✓	✓	-	-	✓	P RE	-	-	-	Sem data
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Viana do Alentejo <URL: http://rbcva.cm-vianadoalentejo.pt/ >	✓	✓	✓	✓	-	✓	-	-	-	✓	25 de março
Algarve	Rede Bibliotecas de Faro <URL: http://redebibliotecas.cm-faro.pt/default.aspx >	✓	✓	✓	✓	-	✓	P/ MP , PDC RE	✓	✓	✓	23 de abril
	Rede de Bibliotecas do Concelho de São Brás de Alportel <URL: http://sba-bibliotecas.pt/ >	✓	✓	✓	✓	-	✓	-	-	✓	✓	30 de abril
	Rede Bibliotecas de Tavira <URL: http://bibliotecas.cm-tavira.pt/ >	✓	✓	✓	-	-	✓	P, MP RE	Anos anteriores	-	✓	2 de abril

Informação recolhida de 26 de abril a 4 de maio de 2014

ANEXO VI (Continuação) – Informação Institucional das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede e Endereço do Portal	Informação Institucional das Redes Concelhias										
		Identificação das entidades parceiras	Ligação direta para os membros	Contacto, correio eletrónico, dos membros	Contacto, correio eletrónico, da Rede	Área Reservada (Membros da Rede)	Apresentação/Historial	Documentos orientadores	Plano de atividades*	Agenda de Atividades	Notícias	
											Frequência (mínimo 3/mês)	Data última notícia
Centro	Rede de Bibliotecas do Con. de Arganil <URL: http://www.bibliotecas.cm-arganil.pt/ >	✓	-	✓	✓	-	✓	P/ RE/ RP e Outros	2009/2013 e projetos	-	✓	14 de abril
	Rede de Bibliotecas de Cantanhede <URL: http://www.cm-cantanhede.pt/rbc/Home/ >	✓	✓	✓	-	-	✓	P/MP RE	Anos anteriores	-	Sem data	Sem data
	Rede de Bibliotecas de Carregal do Sal <URL: http://rb.carregal-digital.pt/index.php >	✓	✓	✓	✓	-	✓	P/ PDC/MP/RE	Anos anteriores	✓	-	31 março
	Rede de Bibliotecas de Gouveia <URL: http://213.228.147.31/ >	✓	✓	✓	-	-	✓	MP/RE	-	✓	-	18 de março
	Rede de Bibliotecas da Lousã <URL: http://62.48.195.170/rblousa/index.php >	✓	✓	✓	-	-	✓	RC/RE	-	n.d.	-	20 janeiro
	Rede de Bibliotecas de Mealhada <URL: http://www.cm-mealhada.pt/redebm >	✓	✓	✓	✓	-	✓	P/RE	✓	-	✓	16 de abril
	Rede de Bibliotecas de Mira <URL: http://rbm.cm-mira.pt/index.php >	✓	✓	✓	-	-	✓	P/ concursos	- projetos	-	✓	? abril
	Rede de Bibliotecas de Miranda do Corvo <URL: http://rb.mirandadorcorvo.com >	✓	✓	✓	-	-	✓	MP/MP/RC	-	-	-	15 de abril
	Rede de Bibliotecas de Murtosa <URL: http://www.cm-murtosa.pt/rbemurtosa/ >	✓	✓	✓	-	-	✓	P	-	-	-	Natal 2013
	Rede de Bibliotecas do Com. de Nelas <URL: http://redebibnelas.cm-nelas.pt/ >	✓	✓	✓	✓	-	✓	P/MP/RE	✓	✓	✓	5 abril
	Rede de Bibliotecas de Penacova <URL: http://www.cm-penacova.pt/rbp/ >	✓	-	-	-	-	-	P/MP	✓ projetos	-	Sem data	Sem data
	Rede Bibliotecas de Pombal <URL: http://web.cm-pombal.pt/rbp/ >	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Santa Comba Dão <URL: http://www.cm-santacombadao.pt/rbscd/ >	✓	✓	✓	✓	-	✓	MP/PDC	Anos anteriores	-	-	17 de abril
	Rede Concelhia das Bibliotecas Escolares e Municipais de Seia <URL: http://www.cm-seia.pt/rbems/ >	✓	✓	✓	✓	-	-	-	-	-	Sem data	Sem data
	Rede Bibliotecas de Tábua <URL: http://rbbt.cm-tabua.pt/ >	✓	✓	✓	-	-	-	P/MP/RE	✓ projetos	-	✓	2 maio
	Rede de Bibliotecas de Tondela <URL: http://rbbt.cm-tondela.pt/ >	✓	✓	✓	-	✓ cooperantes	✓	-	✓	✓	✓	2 maio
	Rede de Bibliotecas do Conc. de Vagos <URL: http://rbv.cm-vagos.pt/ >	✓	✓	✓	-	-	✓	P	Anos anteriores	-	-	janeiro
Rede de Bibliotecas de Vouzela <URL: http://rbvouzela.org/ >	✓	✓	✓	-	-	✓	P/RE	✓	-	Sem data	Sem data	

Informação recolhida de 26 de abril a 4 de maio de 2014

ANEXO VI (Continuação) – Informação Institucional das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direcção Regional	Designação da Rede e Endereço do Portal	Informação Institucional das Redes Concelhias										
		Identificação das entidades parceiras	Ligação direta para os membros	Contacto, correio eletrónico, dos membros	Contacto, correio eletrónico, da Rede	Área Reservada (Membros da Rede)	Apresentação/ Historial	Documentos orientadores	Plano de atividades*	Agenda de Atividades	Notícias	
											Frequência (mínimo 3/mês)	Data última notícia
Lisboa	Rede de Bibliotecas de Alcochete <URL: http://www.rbal.com.pt/ >	√	-	√	-	-	√	P/RE	Anos anteriores	-	-	julho 2013
	Rede de Bibliotecas de Alpiarça <URL: http://www.rb.alpiarca.pt/ >	√	√	√	-	-	√	P/RE	-	-	-	5 abril
	Rede de Bibliotecas de Benavente <URL: http://rb.cm-benavente.pt/ >	√	√	√	√	-	√	P/MP/RE/PDC	-	√	√	12 abril
	Rede de Bibliotecas de Ferreira do Zêzere <URL: http://bibliotecas.ferreiradozezere.pt/ >	√	√	√	-	-	√	-	-	-	-	11 março
	Rede de Bibliotecas Escolares de Mafra <URL: http://www.cm-mafra.pt/rbem/index.asp >	√	√	√	-	-	√	P/MP/RE	-	-	-	maio 2013
	Rede de Bibliotecas de Rio Maior <URL: http://rbcm.cm-riomaior.pt/ >	√	√	-	-	-	√	P/MP	Ano anterior projetos	-	Sem data	Sem data
	Rede de Bibliotecas de Sardoal <URL: http://rbs.cm-sardoal.pt/ >	√	√	-	-	-	√	P/MP/RE	-	-	Surgiu fevereiro	' março

Informação recolhida de 26 de abril a 4 de maio de 2014

ANEXO VI (Continuação) – Informação Institucional das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação da Rede e Endereço do Portal	Informação Institucional das Redes Concelhias										Notícias	
		Identificação das entidades parceiras	Ligação direta para os membros	Contacto, correio eletrónico, dos membros	Contacto, correio eletrónico, da Rede	Área Reservada (Membros da Rede)	Apresentação/ Historial	Documentos orientadores	Plano de atividades*	Agenda de Atividades	Frequência (mínimo 3/mês)	Data última notícia	
Norte	Rede de Bibliotecas de Barcelos <URL: http://redebibliotecas.cm-barcelos.pt/	√	√	√	-	-	√	P	- projetos	√	Sem data	Sem data	
	Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso <URL: http://www.rb-bb.net/	√	√	√	√	-	√	P/RE/RC	√	-	√	3 maio	
	Rede de Bibliotecas de Braga <URL: http://rbb.blcs.pt/index.php/pt/	√	√	√	√	-	√	P/RE	- projetos	√ Com inscrição	√	?maio	
	Rede de Bibliotecas de Bragança <URL: http://62.28.143.197/rbb/index.php	√	√	√	√	-	√	P/MP/ RE	- projetos	-	√	Mai 2013	
	Rede de Bibliotecas de Esposende <URL: http://www.cm-esposende.pt/rede/	√	√	√	-	-	√	P/ RE	-	-	-	31 outob. 2013	
	Rede de Bibliotecas de Lamego <URL: http://www.rblamego.org/	√	√	√	√	-	√	P	-	-	√	23 abril	
	Rede de Bibliotecas de Lousada <URL: http://www.redebibliotecaslousada.pt/	√	√	-	√	-	√	P/RE/RC	-	-	-	21 janeiro	
	Rede de Bibliotecas de Marco de Canaveses <URL: http://extranet.frontend.pt/marcobibliotecas2012/	√	√	-	√	-	√	P	-	√	-	2 maio	
	Rede Concelhia de Bibliotecas de Paredes <URL: http://redebibliotecas.cm-paredes.pt/	√	√	√	√	-	√	P	-	-	-	? março 2013	
	Rede de Bibliotecas do Peso da Régua <URL: http://rbpr.cm-pesoregua.pt/	√	-	.	√	-	√	P/MP	-	-	n.d.	?abril	
	Rede de Bibliotecas de Vila Real <URL: http://redebibliotecas.cm-vilareal.pt/	√	√	√	-	-	√	MP/RE	-	-	-	20 janeiro 2013	

Informação recolhida de 26 de abril a 4 de maio de 2014

ANEXO VI- Síntese - Informação Institucional das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional.

Direção Regional	Total de Redes	Rdee n.º d.	Documentos Orientadores																							
			Identificação das Entidades Parceiras		Ligação direta para os membros		Contacto, correio eletrónico, dos membros		Contacto, correio eletrónico, da Rede		Área Reservada (Membros da Rede)		Apresentação / Historial		Manual de Procedimentos		Protocolo		Política de Des. Coleção		Regulamento de Cooperação		Regulamento Empréstimo Interbib.		Regulamento do Portal	
			N.º	%	N.º	%	N.º	%			N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Alentejo	7		7	100	6		7		2		-		6		4		5		-		-		5		1	
Algarve	3		3	100	3		3		2		-		3		2		2		1		-		2		-	
Centro	18	1	17	94	15		16		6		1		14		8		11		2		2		9		2	
Lisboa	7		7	100	6		5		1		-		7		4		6		1		-		5		-	
Norte	11		11	100	10		8		8		-		11		3		10		-	-	2		6		-	
Total	46	1	45	97,8	40	87	39	84,8	19	41,3	1	2,2	41	89,1	21	45,7	34	73,9	4	8,7	4	8,7	27	58,7	3	6,5

ANEXO VI- Síntese (Continuação) - Informação Institucional das Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional






Direção Regional	Total de Redes	Total de Redes que apresentam doc. Cooperação.		Total de Redes que não apresentam doc. Cooperação.		Plano de Atividades*		Agenda de Atividades		Notícias											
		Total de Redes que apresentam doc. Cooperação.		Total de Redes que não apresentam doc. Cooperação.		Plano de Atividades*		Agenda de Atividades		Frequência (mínimo 3/mês)		Sem Notícias		Sem data e ou não determinado		Data de publicação da última notícia					
		N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	≤ 15 dias		>15 dias^≤1mês	
Alentejo	7	6		1		1		1		4		-		1		4		-		2	
Algarve	3	2		1		1		2		3		-		-		2		-		1	
Centro	18	15		3		7		4 ⁽¹⁾		6		1		4		2		6		5	
Lisboa	7	6		1		-		1		1		-		1		1		2		3	
Norte	11	11		-		1		3		4		-		1		4		1		5	
Total	46	40	87	6	13	10⁽²⁾	21,7	11	23,9	18	39,1	1	2,2	7	15,2	13	28,3	9	19,6	16	34,8

Plano de atividades* - Só foram considerados os planos que referentes ao período 2013/2014 ou o ano 2013. ⁽¹⁾ Só foi considerada a informação disponível. ⁽²⁾ Redes que referenciam o desenvolvimento de projeto - 8

Siglas: MP – Manual de Procedimentos; P – Protocolo; PDC – Política de Desenvolvimento da Coleção; RC – Regulamento de Cooperação; RE – Regulamento de Empréstimo Interbibliotecário; RP – Regulamento (ou Manual) do Portal






**ANEXO VII – Coleção. Pesquisa e Recuperação de Informação.
Empréstimo – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas
Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional**

ANEXO VII – Coleção. Pesquisa e Recuperação de Informação. Empréstimo – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação	Catálogo Coletivo online													Coleção Digital	Emp. Interbibliotecas	Cartão Único	
		Catálogo coletivo ativo	Tipos de Pesquisa	Dicas de Pesquisa	Filtros	Siglas das Bib e localização	Campo 856	Área Res. Leitores	Top Títulos títulos; votos	Comentários  Nº comentários	Histórico de pesquisa 	Enviar registos por mail 	Imprimir /Guardar registos 	Exportar registo em formato ISO 				
Alentejo	Rede de Bibliotecas de Aljustrel <URL: http://www.rbe-aljustrel.com.pt/ >	✓	S; O	✓	✓	✓	✓	✓	✓	3; 20	✓	✓	✓	✓	-	n.d.	n.d.	
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Castro Verde <URL: http://www.rbcv.com.pt/ >	✓	S; O; A; T	✓	✓	✓	✓	✓	-	-	-	✓	✓	✓	-	✓	✓ (in: R. Emp.)	
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Cuba <URL: http://rbcc.cm-cuba.pt/ >	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	-	-	-	
	Rede de Bibliotecas de Évora <URL: http://www.rbev.uevora.pt/ >	✓	S; O; T	✓	✓	✓	✓	✓	✓	5; 6	3	✓	✓	✓	✓	-	✓	-
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Grândola <URL: http://www.rgrandola.com.pt/ >	✓	S; O; A; T	✓	✓	✓	✓	✓	-	-	✓	✓	✓	✓	-	✓	-	
	Rede de Bibliotecas de Mértola <URL: http://www.rbmertola.pt/ >	✓	S; O; T	✓	✓	✓	✓	✓	✓	Off	Off	Off	Off	Off	-	✓	-	
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Viana do Alentejo <URL: http://rbcva.cm-vianadoalentejo.pt/ >	✓	S; O; T	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓ ⁽¹⁾	-	-	
	Rede Bibliotecas de Faro <URL: http://redebibliotecas.cm-faro.pt/default.aspx >	✓	S; O; T	✓	✓	✓	n.d.	✓	✓	2; 10	3	✓	✓	✓	✓	-	✓	-
Algarve	Rede de Bibliotecas do Concelho de São Brás de Alportel <URL: http://sba-bibliotecas.pt/ >	✓	S; A; T	✓	✓	✓	✓	✓	-	-	✓	✓	✓	✓	✓ H. local	-	-	
	Rede Bibliotecas de Tavira <URL: http://bibliotecas.cm-tavira.pt/ >	✓	S; O; T	✓	✓	✓	✓	✓	✓	5; 35	✓	✓	✓	✓	-	✓	-	






⁽¹⁾ Biblioteca Virtual – sítios online com ebooks gratuitos

ANEXO VII (Continuação) – Coleção. Pesquisa e Recuperação de Informação. Empréstimo – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação	Catálogo Coletivo online													Coleção Digital	Emp. Interbibliotecas	Cartão Único
		Catálogo coletivo ativo	Tipos de Pesquisa	Dicas de Pesquisa	Filtros	Siglas das Bib. e localização	Campo 856	Área Res. Leitores	Top Títulos títulos; votos	Comentários  N° comentários	Histórico de pesquisa 	Enviar registos por mail 	Imprimir /Guardar registos 	Exportar registo em formato ISO 			
Centro	Rede de Bibliotecas Concelho de Arganil <URL: http://www.bibliotecas.cm-arganil.pt/	✓	S; O; T	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓ ⁽²⁾ H. local	✓	✓
	Rede de Bibliotecas de Cantanhede <URL: http://www.cm-cantanhede.pt/rbc/Home/	✓	S;O	✓	✓	✓	✓	✓	✓	5; 29	✓	✓	✓	✓	-	✓	-
	Rede de Bibliotecas de Carregal do Sal <URL: http://rb.carregal-digital.pt/index.php	✓	S;O	✓	✓	✓	✓	✓	✓	5; 27	✓	✓	✓	✓	-✓ H. local	✓	-
	Rede de Bibliotecas de Gouveia <URL: http://213.228.147.31/	✓	S;O; A;T	✓	✓	✓	✓	✓	-	-	-	✓	✓	✓	-	✓	-
	Rede de Bibliotecas da Lousã <URL: http://62.48.195.170/rblousa/index.php	✓	S; O; T	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	-	✓	✓
	Rede de Bibliotecas de Mealhada <URL: http://www.cm-mealhada.pt/redebm	✓	S;O; A;T	✓	✓	✓	-	✓	-	✓	✓	✓	✓	-	-	✓	-
	Rede de Bibliotecas de Mira <URL: http://rbm.cm-mira.pt/index.php	✓	S; O; T	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Miranda do Corvo <URL: http://rb.miradadocorvo.com	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	-	✓ (formulário)	-
	Rede de Bibliotecas de Murtosa <URL: http://www.cm-murtosa.pt/rbemurtosa/	✓	S;O	✓	✓	✓	✓	✓	✓	5; 40	✓	✓	✓	✓	-	-	-






⁽²⁾ A Comarca de Arganil Digital - digitalização do jornal do concelho entre 1901 e 2009

ANEXO VII (Continuação) – Coleção. Pesquisa e Recuperação de Informação. Empréstimo – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação	Catálogo Coletivo online													Coleção Digital	Emp. Interbibliotecas	Cartão Único	
		Catálogo coletivo ativo	Tipos de Pesquisa	Dicas de Pesquisa	Filtros	Siglas das Bib. e localização	Campo 856	Área Res. Leitores	Top Títulos títulos; votos	Comentários  N° comentários	Histórico de pesquisa 	Enviar registos por mail 	Imprimir /Guardar registos 	Exportar registo em formato ISO 				
Centro	Rede de Bibliotecas do Concelho de Nelas <URL: http://redelibnelas.cm-nelas.pt/ >	✓	S; O	✓	✓	✓	✓	✓	✓	5; 16	✓	✓	✓	✓	✓	-	✓ Ficha inscrição online	-
	Rede de Bibliotecas de Penacova <URL: http://www.cm-penacova.pt/rbp/ >	✓	S; O	✓	✓	✓	✓	✓	✓	5,9	✓	✓	✓	✓	✓	-	-	-
	Rede Bibliotecas de Pombal <URL: http://web.cm-pombal.pt/rbp/ >	✓	S; O; A; T	n. d.	✓	✓	✓	-	-	-	-	✓	✓	✓	✓	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Santa Comba Dão <URL: http://www.cm-santacombadao.pt/rbscd/ >	✓	S; O; A; T	-	✓	✓	✓	-	✓	-	✓	✓	✓	✓	✓	-	✓	-
	Rede Concelhia das Bibliotecas Escolares e Municipais de Seia <URL: http://www.cm-seia.pt/rbems/ >	✓	S; O; A;	✓	✓	✓	✓	-	✓	-	-	✓	✓	✓	✓	✓ ⁽³⁾ Bibliografias Temáticas	-	-
	Rede Bibliotecas de Tábua <URL: http://rbtb.cm-tabua.pt/ >	✓	S; O; T	✓	✓	✓	n.d.	✓	✓	✓	5; 72	✓	✓	✓	✓	✓	✓	-
	Rede de Bibliotecas de Tondela <URL: http://rbt.cm-tondela.pt/ >	✓	S;A	✓	✓	✓	✓	-	✓	-	✓	✓	✓	✓	✓	-	✓ Ficha inscrição online	✓
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Vagos <URL: http://rbv.cm-vagos.pt/ >	✓	S; O; A; T	✓	✓	✓	✓	✓	✓	-	✓ Facebook e outras R. Sociais	✓	✓	✓	✓	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Vouzela <URL: http://rbvouzela.org/ >	✓	S; O	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	5; 10	✓	✓	✓	✓	✓	✓	-






⁽³⁾ Bibliografias Temáticas

ANEXO VII (Continuação) – Coleção. Pesquisa e Recuperação de Informação. Empréstimo – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação	Catálogo Coletivo online													Coleção Digital	Emp. Interbibliotecas	Cartão Único	
		Catálogo coletivo ativo	Tipos de Pesquisa	Dicas de Pesquisa	Filtros	Siglas das Bib e localização	Campo 856	Área Res. Leitores	Top Títulos títulos; votos	Comentários  Nº comentários	Histórico de pesquisa 	Enviar registos por mail 	Imprimir /Guardar registos 	Exportar registo em formato ISO 				
Lisboa	Rede de Bibliotecas de Alcochete <URL: http://www.rbal.com.pt/ >	✓	S; O; A; T	✓	✓	✓	✓	✓	-	-	✓	✓	✓	✓	-	✓	-	
	Rede de Bibliotecas de Alpiarça <URL: http://www.rb.alpiarca.pt/ >	✓	S; O	✓	✓	n.d.	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	-	✓	-	
	Rede de Bibliotecas de Benavente <URL: http://rb.cm-benavente.pt/ >	✓	S; O	✓	✓	✓	✓	✓	✓	3:11	✓	✓	✓	✓	✓	-	✓	-
	Rede de Bibliotecas de Ferreira do Zêzere <URL: http://bibliotecas.ferreiradozezere.pt/ >	✓	S; O; A; T	✓	✓	✓	-	✓	-	✓	✓	✓	✓	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas Escolares de Mafra <URL: http://www.cm-mafra.pt/rbem/index.asp >	✓	S; O; A; T	✓	✓	✓	✓	✓	✓	-	-	✓	✓	✓	✓	-	✓	-
	Rede de Bibliotecas de Rio Maior <URL: http://rbcm.cm-riomaior.pt/ >	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Sardoal <URL: http://rbs.cm-sardoal.pt/ >	✓	S; O	✓	✓	✓	✓	✓	✓	1:3	✓	✓	✓	✓	✓	-	✓	-

Informação recolhida de 29 de maio a 6 de junho

ANEXO VII (Continuação) – Coleção. Pesquisa e Recuperação de Informação. Empréstimo – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional






Direção Regional	Designação	Catálogo Coletivo online													Coleção Digital	Emp. Interbibliotecas	Cartão Único		
		Catálogo coletivo ativo	Tipos de Pesquisa	Dicas de Pesquisa	Filtros	Siglas das Bib. e localização	Campo 856	Área Res. Leitores	Top Títulos títulos; votos	Comentários  Nº comentários	Histórico de pesquisa 	Enviar registos por mail 	Imprimir /Guardar registos 	Exportar registo em formato ISO 					
Norte	Rede de Bibliotecas de Barcelos <URL: http://redebibliotecas.cm-barcelos.pt/ >	✓	S; O	✓	✓	✓	✓	✓	✓	5; 25	✓	✓	✓	✓	✓	-	-	-	
	Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso <URL: http://www.rb-bb.net/ >	✓	S; O; A; T	-	✓	✓	✓	✓	-	-	✓	✓	✓	✓	✓	✓ ⁽⁴⁾ Delicious	✓	-	
	Rede de Bibliotecas de Braga <URL: http://rbb.blcs.pt/index.php/pt/ >	✓	S;A;	-	✓	✓	-	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	-	-	✓	-	
	Rede de Bibliotecas de Bragança <URL: http://62.28.143.197/rbb/index.php >	✓	S; O	✓	✓	✓	✓	✓	✓	5; 16	✓	✓	✓	✓	✓	-	✓	-	
	Rede de Bibliotecas de Esposende <URL: http://www.cm-esposende.pt/rede/ >	✓	S; O	✓	✓	✓	✓	✓	✓	3; 35	✓	✓	✓	✓	✓	-	✓	-	
	Rede de Bibliotecas de Lamego <URL: http://www.rblamego.org/ >	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off
	Rede de Bibliotecas de Lousada <URL: http://www.redebibliotecaslousada.pt/ >	✓	S; O; A; T	✓	n.d.	✓	n.d.	✓	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n. d.	-	✓	-	
	Rede de Bibliotecas de Marco de Canaveses <URL: http://extranet.frontend.pt/marcobibliotecas2012/ >	✓	S; O	✓	✓	✓	✓	✓	✓	3; 4	✓	✓	✓	✓	✓	-	-	-	
	Rede Concelhia de Bibliotecas de Paredes <URL: http://redebibliotecas.cm-par >	✓	S; O	✓	✓	✓	✓	✓	✓	3; 11	✓	✓	✓	✓	✓	-	-	-	
	Rede de Bibliotecas de Peso da Régua <URL: http://rbpr.cm-pesoregua.pt/ >	✓	S; O; T	n. d.	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	-	✓	-	✓	-	
	Rede de Bibliotecas de Vila Real <URL: http://redebibliotecas.cm-vilareal.pt/ >	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	Off	-	✓	-	

⁽⁴⁾ Delicious – Social Bookmarking Service

ANEXO VII - Síntese – Coleção. Pesquisa e Recuperação de Informação. Empréstimo – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Total de Redes	Catálogo Coletivo																			
		Catálogo Off	Tipos de Pesquisa								Dicas de Pesquisa		Filtros		Siglas das Bib. e Localização		Campo 856		Área Reservada. Leitores		
			N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º
Alentejo	7	1		6		6		2		5		6		6		6		6		6	
Algarve	3	-		3		2		1		3		3		3		3		2 ⁽¹⁾		3	
Centro	18	1		17		16		7		9		15 ⁽¹⁾		17		16 ⁽¹⁾		13		16	
Lisboa	7	1		6		6		3		3		6		6		5 ⁽¹⁾		5		6	
Norte	11	2		9		8		3		3		6 ⁽¹⁾		8 ⁽¹⁾		9		7 ⁽¹⁾		9	
Total	46	5	10,9	41	89,1	38	82,6	16	34,8	23	50	36	78,3	40	87	39	84,8	33	71,7	40	87
% rede online ⁽²⁾				41	100	38	92,7	16	39	23	56,1	36	87,8	39	97,6	39	95,1	33	80,5	40	97,6

ANEXO VII - Síntese (Continuação) – Coleção. Pesquisa e Recuperação de Informação. Empréstimo – Redes Concelhias, Rede de Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Total de Redes	Catálogo Coletivo												Coleção Digital		Empréstimo Interbibliotecas		Cartão Único	
		Top Títulos títulos; votos		Comentários 		Histórico de Pesquisa Portais, 		Enviar registos por mail 		Imprimir/Guardar registos 		Exportar registos em formato ISO 		N.º	%	N.º	%	N.º	%
		N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Alentejo	7	4		3		4		5		5		5		1		4		1	
Algarve	3	2		2		3		3		3		3		1		3		-	
Centro	18	10		14		15		17		17		16		3		12		3	
Lisboa	7	3		4		6		6		6		5		-		5		-	
Norte	11	7 ⁽¹⁾		7 ⁽¹⁾		8 ⁽¹⁾		8 ⁽¹⁾		7 ⁽¹⁾		7 ⁽¹⁾		1		7		-	
Total	46	26	56,5	30	65,2	36	78,3	39	84,8	38	82,6	36	78,3	6	13	32	69,6	4	8,7
% rede online ⁽²⁾		27	65,9	28	68,3	34	83	36	87,8	35	85,4	34	82,9						

⁽¹⁾ Só foi considerada a informação disponível; ⁽²⁾ Valores calculados considerando o total de catálogos online – 41 catálogos

Siglas: Tipos de Pesquisa: S – Simples; A – Avançada; O – Orientada; T – Por Termos; Off – *Offline*; n.d. – funcionalidade não disponível, embora estando em linha.

**ANEXO VIII – Comunicação com o Utilizador – Redes Concelhias,
Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por
Direção Regional**

ANEXO VIII – Comunicação com o Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação	Redes Sociais e youtube			Blogue	Outros Canais. de Comunicação	RSS ou APPS	Comentar e ou partilhar	Novidades	Notícias sobre Atualidades	Formulário Sugestões (U/Rede)	Sug. Aquisi. (Ut/Rede)	Quest. ao utilizador
		Facebook	Tweet	Outras + youtube									
Alentejo	Rede de Bibliotecas de Aljustrel <URL: http://www.rbe-aljustrel.com.pt/ >	-	-	-	-	-	-	✓	-	-	-	-	√ ⁽¹⁾
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Castro Verde <URL: http://www.rbcv.com.pt/ >	-	-	-	-	-	-	✓	-	-	-	-	-
	Rede de Bib. do Concelho de Cuba <URL: http://rbcc.cm-cuba.pt/ >	✓	✓	-	-	-	-	✓	-	✓	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Évora <URL: http://www.rbev.uevora.pt/ >	-	-	-	-	-	RSS Eventos	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bib. do Concelho de Grândola <URL: http://www.rbgrandola.com.pt/ >	-	-	-	-	-	-	✓	✓	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Mértola <URL: http://www.rbmertola.pt/ >	-	-	-	-	-	-	✓	✓	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Viana do Alentejo <URL: http://rbcva.cm-vianadoalentejo.pt/ >	✓	✓	✓	-	-	-	✓	-	✓	-	-	-
Algarve	Rede Bibliotecas de Faro <URL: http://redebibliotecas.cm-faro.pt/default.aspx >	-	-	-	✓	-	-	✓	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas do Concelho de São Brás de Alportel <URL: http://sba-bibliotecas.pt/ >	✓	-	-	-	-	-	✓	✓	-	✓	✓	√ ⁽¹⁾
	Rede Bibliotecas de Tavira <URL: http://bibliotecas.cm-tavira.pt/ >	-	-	-	-	Newsletter	RSS Eventos	✓	-	-	-	-	-

(1) Inquérito sobre bibliotecas, perguntas fechadas

ANEXO VIII (Continuação) – Comunicação com o Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação	Redes Sociais e Youtube			Blogue	Outros Canais de Comunicação	RSS ou APPS	Comentar e ou Partilhar	Novidades	Notícias sobre Atualidades	Formulário Sugestões (U/Rede)	Sug. Aquisi. (Ut/Rede)	Quest. ao utilizador
		Facebook	Tweet	Outras*									
Centro	Rede de Bibliotecas do Concelho de Arganil <URL: http://www.bibliotecas.cm-arganil.pt/	√	-	youtube	√	Boletim On line	-	√	√	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Cantanhede <URL: http://www.cm-cantanhede.pt/rbc/Home/	-	-	-	-	Newsletter	-	√	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Carregal do Sal <URL: http://rb.carregal-digital.pt/index.php	√	√	-	-	-	-	√	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Gouveia <URL: http://213.228.147.31/	-	-	-	-	-	-	√	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas da Lousã <URL: http://62.48.195.170/rblousa/index.php	√	-	Outra + youtube	-	-	Off	Off	√	√	√	√	-
	Rede de Bibliotecas de Mealhada <URL: http://www.cm-mealhada.pt/redebm	√	√	Outra + youtube	-	-	APPS catálogo	√	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Mira <URL: http://rbm.cm-mira.pt/index.php	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Miranda do Corvo <URL: http://rb.mirandacorvo.com	-	-	-	-	-	-	√	-	√	-	-	√ ⁽¹⁾
	Rede de Bibliotecas de Murtosa <URL: http://www.cm-murtosa.pt/rbemurtosa/	√	√	-	-	-	RSS Portal	√	-	-	√	-	-

Informação recolhida de 3 a 5 de maio de 2014

ANEXO VIII (Continuação) – Comunicação com o Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação	Redes Sociais e Youtube			Blogue	Outros Canais de Comunicação	RSS ou APPS	Comentar e ou Partilhar	Novidades	Notícias sobre Atualidades	Formulário Sugestões (U/Rede)	Sug. Aquisi. (Ut/Rede)	Quest. ao utilizador
		Facebook	Tweet	Outras									
Centro	Rede de Bibliotecas do Concelho de Nelas <URL: http://redebibnelas.cm-nelas.pt/ >	√	√	√	-	-	-	√	√	-	√	√	-
	Rede de Bibliotecas de Penacova <URL: http://www.cm-penacova.pt/rbp/ >	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede Bibliotecas de Pombal <URL: http://web.cm-pombal.pt/rbp/ >	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Santa Comba Dão <URL: http://www.cm-santacombadao.pt/rbscd/ >	√	-	-	-	-	-	√	-	-	-	-	-
	Rede Concelhia das Bibliotecas Escolares e Municipais de Seia <URL: http://www.cm-seia.pt/rbems/ >	-	-	-	√	-	-	-	-	√	√	√	-
	Rede Bibliotecas de Tábua <URL: http://rbtb.cm-tabua.pt/ >	√	-	√	-	-	-	√	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Tondela <URL: http://rbt.cm-tondela.pt/ >	√	√	√	-	Newsletter	RSS Eventos	√	√	-	√	-	√
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Vagos <URL: http://rbv.cm-vagos.pt/ >	√	√	√	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Vouzela <URL: http://rbvouzela.org/ >	√	-	-	-	-	-	-	-	-	√	-	-

ANEXO VIII (Continuação) – Comunicação com o Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direcção Regional	Designação	Redes Sociais e Youtube			Blogue	Outros Canais de Comunicação	RSS ou APPS	Comentar e ou Partilhar	Novidades	Notícias sobre Atualidades	Formulário Sugestões (U/Rede)	Sug. Aquisi. (Ut/Rede)	Quest. ao utilizador	
		Facebook	Tweet	Outras										
Lisboa	Rede de Bibliotecas de Alcochete <URL: http://www.rbal.com.pt/	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Rede de Bibliotecas de Alpiarça <URL: http://www.rb.alpiarca.pt/	-	-	-	-	-	-	-	-	-	√	√	-	
	Rede de Bibliotecas de Benavente <URL: http://rb.cm-benavente.pt/	-	-	√	-	-	-	√	-	-	√	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Ferreira do Zêzere <URL: http://bibliotecas.ferreiradozezere.pt/	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas Escolares de Mafra <URL: http://www.cm-mafra.pt/rbem/index.asp	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Rio Maior <URL: http://rbcrm.cm-riomaior.pt/	√	√	-	-	-	-	√	-	-	√	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Sardoal <URL: http://rbs.cm-sardoal.pt/	-	-	-	-	Newsletter	-	√	-	-	√	-	-	-


. Informação recolhida de 3 a 5 de maio de 2014

ANEXO VIII (Continuação) – Comunicação com o Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação	Redes Sociais e Youtube			Blogue	Outros Canais de Comunicação	RSS ou APPS	Comentar e ou Partilhar	Novidades	Notícias sobre Atualidades	Formulário Sugestões (U/Rede)	Sugestões Aquisição (Ut/Rede)	Quest. ao utilizador
		Facebook	Tweet	Outras									
Norte	Rede de Bibliotecas de Barcelos <URL: http://redebibliotecas.cm-barcelos.pt/	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso <URL: http://www.rb-bb.net/	✓	✓	Outra + Youtube ..	-	Jornal on line	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Braga <URL: http://rbb.blcs.pt/index.php/pt/	✓	✓	Outra + Youtube	-	-	RSS Catálogo	✓	-	✓	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Bragança <URL: http://62.28.143.197/rbb/index.php	-	-	-	-	-	-	✓	-	-	✓	-	-
	Rede de Bibliotecas de Esposende <URL: http://www.cm-esposende.pt/rede/	-	-	-	-	-	-	-	✓	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Lamego <URL: http://www.rblamego.org/	✓	✓	-	-	-	-	-	✓	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Lousada <URL: http://www.redebibliotecaslousada.pt/	-	-	-	-	-	-	-	-	-	✓	-	-
	Rede de Bibliotecas de Marco de Canaveses <URL: http://extranet.frontend.pt/marcobibliotecas2012/	-	-	-	-	Newsletter	-	-	-	-	✓	-	✓ ⁽¹⁾
	Rede Concelhia de Bibliotecas de Paredes <URL: http://redebibliotecas.cm-paredes.pt/	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Peso da Régua <URL: http://rbpr.cm-pesoregua.pt/	✓	-	-	-	-	-	✓	-	-	✓	-	✓
	Rede de Bibliotecas de Vila Real <URL: http://redebibliotecas.cm-vilareal.pt/	✓	✓	Outra + Youtube	-	-	RSS Apoio ao Estudo	✓	-	-	-	-	-

Informação recolhida de 3 a 5 de maio de 2014

ANEXO VIII- Síntese - Comunicação com o Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Total de Redes	Rdees n. d.	Redes Sociais e Youtube								Blogue		Outros Canais de Comunicação (Newsletter, Boletim, Jornal)		RSS (Agregador de Feeds)  ou APPS	
			Facebook		Tweet		Outras* + Youtube		N.º de Redes nas Redes Sociais e youtube							
			N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Alentejo	7		2		2		1		2		-		-		1	
Algarve	3		1		-		-		1		1		1		1	
Centro	18	1	11		6		7		11		2		3		3	
Lisboa	7		1		1		1		1		-		1		-	
Norte	11		5		4		3		5		-		2		2	
Total	46	1	20	43,5	13	28,3	12	26,1	20	43,5	3	6,5	7	15,2	7	15,2

• Outras: Redes Sociais (Linkedin; Picasa; RizVn Twitter ...) e Youtube

ANEXO VIII - Síntese (Continuação) – Comunicação com o Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Total de Redes	Comentar e ou Partilhar		Novidades		Notícias sobre Atualidades		Formulário de Sugestões (Utilizador/Rede)		Sugestões de Aquisição (Utilizador/Rede)		Questionários ao utilizador	
		N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Alentejo	7	6		2		2		-		-		1	
Algarve	3	3		1		-		1		1		1	
Centro	18	12		4		3		6		3		2	
Lisboa	7	3		-		-		3		1		1	
Norte	11	4		2		1		4		-		2	
Total	46	28	60,9	9	19,6	6	13	14	30,4	5	10,9	7	15,2

Siglas: n.d. – funcionalidade não disponível, embora estando em linha.

ANEXO IX – Apoio ao Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

ANEXO IX – Apoio ao Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação	Literacia da informação	Apoio ao estudo	Ligações Úteis	Sug. de leitura (Rede/Util. ou Util/Util)	Informação para bibliotecários e ou docentes			Mapa do Portal	Pesq. no Portal	FAQS	Ajuda (chat)	Área Privada utilizador
		Guiões s/ competências literácicas; Utilização software; Pesquisar /Utilizar a net				Artigos de opinião	Orientações	Outros					
Alentejo	Rede de Bibliotecas de Aljustrel <URL: http://www.rbe-aljustrel.com.pt/ >	-	-	-	√	-	-	-	-	√	-	-	√
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Castro Verde <URL: http://www.rbcv.com.pt/ >	-	-	√	√	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Cuba <URL: http://rbcc.cm-cuba.pt/ >	-	-	√	-	√	-	-	√	√	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Évora <URL: http://www.rbev.uevora.pt/ >	√	-	√	√	-	-	√ formação	√	√	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Grândola <URL: http://www.rbgrandola.com.pt/ >	√	√	√	√	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Mértola <URL: http://www.rbmertola.pt/ >	-	-	√	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Viana do Alentejo <URL: http://rbcva.cm-vianadoalentejo.pt/ >	-	-	-	√	-	-	-	-	-	-	-	-
Algarve	Rede Bibliotecas de Faro <URL: http://redebibliotecas.cm-faro.pt/default.aspx >	√	-	√	-	-	-	-	√	√	-	-	-
	Rede de Bibliotecas do Concelho de São Brás de Alportel <URL: http://sba-bibliotecas.pt/ >	√	√	√	√ ⁽¹⁾	-	-	√ formação	-	√	-	-	√
	Rede Bibliotecas de Tavira <URL: http://bibliotecas.cm-tavira.pt/ >	√ ⁽²⁾	-	√	-	-	√	-	-	-	-	-	-

⁽¹⁾Sugestões do mês: autor; livro; cinema; música e também sugestões de leitura Util/Utili, além de, Bib../Utili; ⁽²⁾ Programa de Desenvolvimento da Literacia da Informação - Informação recolhida em 8 de maio de 2014

ANEXO IX (Continuação) – Apoio ao Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação	Literacia da informação	Apoio ao estudo	Ligações Úteis	Sug. de leitura (Rede/Util. ou Uti/Utili)	Informação para bibliotecários e ou docentes			Mapa do Portal	Pesq. no Portal	FAQS	Ajuda (chat)	Área Privada utilizador
		Guiões s/ competências literácicas; Utilização software; Pesquisar /Utilizar a net				Artigos de opinião	Orientações	Outros					
Centro	Rede de Bibliotecas do Concelho de Arganil <URL: http://www.bibliotecas.cm-arganil.pt/	✓	✓	✓	✓	✓	✓	-	✓	✓	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Cantanhede <URL: http://www.cm-cantanhede.pt/rbc/Home/	✓	-	✓	-	-	-	-	✓	✓	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Carregal do Sal ⁽³⁾ <URL: http://rb.carregal-digital.pt/index.php	✓	✓	✓	✓ ⁽⁴⁾	✓	✓	-	-	✓	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Gouveia <URL: http://213.228.147.31/	-	-	✓	-	-	-	-	✓	-	-	-	✓
	Rede de Bibliotecas da Lousã <URL: http://62.48.195.170/rblousa/index.php	✓	✓	✓	Cl. COU	✓	✓	-	-	✓	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Mealhada <URL: http://www.cm-mealhada.pt/redebm	✓	-	✓	-	-	✓	-	-	✓	-	-	✓
	Rede de Bibliotecas de Mira <URL: http://rbm.cm-mira.pt/index.php	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Miranda do Corvo <URL: http://rb.mirandadorvo.com	-	-	✓	✓	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Murtosa <URL: http://www.cm-murtosa.pt/rbemurtosa/	✓	✓	✓	-	-	-	-	✓	✓	✓	-	✓

⁽³⁾ Literacia da Informação – Ideias com Mérito, RBE

⁽⁴⁾ Recomendar a um amigo através de mail

Informação recolhida em 8 de maio e em 6 de junho de 2014

ANEXO IX (Continuação) – Apoio ao Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação	Literacia da informação	Apoio ao estudo	Ligações Úteis	Sug. de leitura (Rede/Util. ou Uti/Util)	Informação para bibliotecários e ou docentes			Mapa do Portal	Pesq. no Portal	FAQS	Ajuda (chat)	Área Privada utilizador
		Guiões s/ competências literácicas; Utilização software; Pesquisar /Utilizar a net				Artigos de opinião	Orientações	Outros					
Centro	Rede de Bibliotecas do Concelho de Nelas <URL: http://redebibnelas.cm-nelas.pt/ >	-	-	✓	✓	-	-	-	-	✓	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Penacova <URL: http://www.cm-penacova.pt/rbp/ >	-	-	✓	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede Bibliotecas de Pombal <URL: http://web.cm-pombal.pt/rbp/ >	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Santa Comba Dão <URL: http://www.cm-santacombadao.pt/rbscd/ >	✓	-	-	✓	-	-	✓ Inscrição Formação	-	✓	-	-	-
	Rede Concelhia das Bibliotecas Escolares e Municipais de Seia <URL: http://www.cm-seia.pt/rbems/ >	✓	-	✓ Cla. CDU	-	-	-	-	-	✓	-	-	-
	Rede Bibliotecas de Tábua <URL: http://rbtb.cm-tabua.pt/ >	-	-	✓	-	-	-	-	-	✓	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Tondela <URL: http://rbt.cm-tondela.pt/ >	✓ Mt. doc	✓	-	✓	-	-	-	-	-	-	✓ Live chat	-
	Rede de Bibliotecas do Concelho de Vagos <URL: http://rbv.cm-vagos.pt/ >	-	-	✓	-	-	-	-	-	-	-	✓ Serviço online	-
	Rede de Bibliotecas de Vouzela <URL: http://rbvouzela.org/ >	✓	✓	✓	-	-	-	-	✓	-	✓	-	-

Informação recolhida em 8 de maio de 2014

ANEXO IX (Continuação) – Apoio ao Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação	Literacia da informação	Apoio ao estudo	Ligações Úteis	Sug. de leitura (Rede/Util. ou Uti/Utili)	Informação para bibliotecários e ou docentes			Mapa do Portal	.Pesq no Portal	FAQS	Ajuda (chat)	Área Privada utilizador	
		Guiões s/ competências literácicas; Utilização software; Pesquisar /Utilizar a net				Artigos de opinião	Orientações	Outros						
Lisboa	Rede de Bibliotecas de Alcochete <URL: http://www.rbal.com.pt/	-	-	-	√	-	√	-	-	√	-	-	-	
	Rede de Bibliotecas de Alpiarça <URL: http://www.rb.alpiarca.pt/	√	-	√	-	-	-	-	-	√	-	-	√	
	Rede de Bibliotecas de Benavente <URL: http://rb.cm-benavente.pt/	-	-	√	-	-	-	-	-	-	-	-	-	√
	Rede de Bibliotecas de Ferreira do Zêzere <URL: http://bibliotecas.ferreiradozezere.pt/	-	-	-	-	-	-	-	-	√	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas Escolares de Mafra <URL: http://www.cm-mafra.pt/rbem/index.asp	-	-	√	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Rio Maior <URL: http://rbcrm.cm-riomaior.pt/	-	-	√ (CDU)	-	-	-	-	-	√	-	-	-	√
	Rede de Bibliotecas de Sardoal <URL: http://rbs.cm-sardoal.pt/	√	-	√ (CDU)	-	-	-	-	-	√	√	√	-	-

Informação recolhida em 10 de maio de 2014

ANEXO IX (Continuação) – Apoio ao Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Designação	Literacia da informação	Apoio ao estudo	Ligações Úteis	Sug. de leitura (Rede/Util. ou Uti/Utili)	Informação para bibliotecários e ou docentes			Mapa do Portal	.Pesq no Portal	FAQS	Ajuda (chat)	Área Privada utilizador
		Guiões s/ competências literácicas Utilização software Pesquisar /Utilizar a net				Artigos de opinião	Orientações	Outros					
Norte	Rede de Bibliotecas de Barcelos <URL: http://redebibliotecas.cm-barcelos.pt/	-	-	✓	-	-	-	-	-	✓	-	-	✓
	Rede de Bibliotecas de Basto e Barroso <URL: http://www.rb-bb.net/	-	-	✓	-	-	-	✓ Formação	✓	✓	-	✓	-
	Rede de Bibliotecas de Braga <URL: http://rbb.blcs.pt/index.php/pt/	✓	✓	✓	-	-	✓	✓ Formação	-	✓	-	✓	✓
	Rede de Bibliotecas de Bragança <URL: http://62.28.143.197/rbb/index.php	-	-	✓	✓	-	-	-	-	✓	-	✓	-
	Rede de Bibliotecas de Esposende <URL: http://www.cm-esposende.pt/rede/	-	-	✓	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Rede de Bibliotecas de Lamego <URL: http://www.rblamego.org/	-	-	✓	-	-	-	-	-	-	✓	-	-
	Rede de Bibliotecas de Lousada <URL: http://www.redebibliotecaslousada.pt	-	-	✓	-	-	-	✓	-	✓	-	✓	✓
	Rede de Bibliotecas de Marco de Canaveses <URL: http://extranet.frontend.pt/marcobibliotecas2012/	-	-	✓	✓	-	-	-	✓	✓	-	✓	-
	Rede Concelhia de Bibliotecas de Paredes <URL: http://redebibliotecas.cm-paredes.pt/	-	-	✓	-	-	-	-	-	✓	-	✓	-
	Rede de Bibliotecas de Peso da Régua <URL: http://rbpr.cm-pesoregua.pt/	-	-	✓	✓	-	-	-	-	✓	-	-	-
Rede de Bibliotecas de Vila Real <URL: http://redebibliotecas.cm-vilareal.pt/	✓	✓	✓	-	-	-	-	✓	✓	✓	-	-	

⁽⁵⁾ Projeto Educação Visual e Leitura “O Quarto” a Ler+

Informação recolhida em 10 de maio e 6 de junho de 2014

ANEXO IX - Síntese – Apoio ao Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Total de Redes	Literacia da informação		Apoio ao estudo		Ligações úteis		Sugestões de Leitura		Informação para bibliotecários e ou docentes					
		Guiões sobre competências literácicas Utilização software Pesquisar /Utilizar a net								Artigos de opinião		Orientações		Outros	
		N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%		
Alentejo	7	2		1		5		5		1		-		1	
Algarve	3	3		1		3		1		-		1		1	
Centro	18	10		6		14		7		3		1		1	
Lisboa	7	2		-		5		1		-		1		-	
Norte	11	2		3		11		3		-				2	
Total	46	19	41,3	11	23,9	38	82,6	17	37	4	8,7	3	6,5	5	10,9

ANEXO IX - Síntese (Continuação) – Apoio ao Utilizador – Redes Concelhias, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, consideradas no estudo, por Direção Regional

Direção Regional	Total de Redes	Mapa do Portal		Pesquisar no Portal		FAQS		Ajuda (chat)		Área Privada Utilizador	
		N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Alentejo	7	2		3		-		-		1	
Algarve	3	1		2		-		-		1	
Centro	18	5		10		2		2		2	
Lisboa	7	2		4		1		-		3	
Norte	11	3		9		2		-		3	
Total	46	13	28,3	28	60,9	5	10,9	2	4,3	10	21,7

ANEXO X – Redes Portais Concelhios, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, por distrito de Portugal Continental

ANEXO X – Redes/ Portais Concelhios, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, por distrito de Portugal Continental

Distritos	Concelhos das Redes/Portais Concelhios, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, por distrito	Total por distrito
Aveiro	Mealhada; Murtosa; Vagos	3
Beja	Aljustrel; Castro Verde; Cuba; Mértola	4
Braga	Barcelos; Braga; Esposende; Cabeceiras de Basto; Celorico de Basto (os dois últimos integram a Rede de Basto e Barroso)	5
Bragança	Basto e Barroso, Bragança	2
Castelo Branco		-
Coimbra	Arganil; Cantanhede; Lousã; Mira; Miranda do Corvo; Penacova; Tábua	7
Évora	Évora; Viana do Alentejo	2
Faro	Faro; São Brás de Alportel; Tavira	3
Guarda	Gouveia; Seia	2
Leiria	Pombal;	1
Lisboa	Mafra	1
Portalegre		-
Porto	Lousada; Marco de Canaveses; Paredes	3
Santarém	Alpiarça; Benavente; Ferreira do Zêzere; Rio Maior; Sardoal	5
Setúbal	Grândola; Alcochete	2
Viana do Castelo		-
Vila Real	Peso da Régua; Vila Real; Mondim de Basto, Montalegre; Ribeira da Pena (os três integram últimos integram a Rede de Basto e Barroso)	5
Viseu	Carregal do Sal; Nelas; Santa Comba Dão; Tondela; Vouzela; Lamego	6
Total		51

ANEXO XI - Taxa de Cobertura das Redes/Portais Concelhios, Bibliotecas Publicas/Bibliotecas Escolares, por distrito de Portugal continental

ANEXO XI - Taxa de Cobertura das Redes/Portais Concelhios, Bibliotecas Públicas/Bibliotecas Escolares, por distrito de Portugal continental

Distritos	Número de Bibliotecas Municipais e Públicas por Distrito ⁽¹⁾	Número de Concelhos por Distrito ⁽²⁾	Número de Redes/Portais Concelhios, considerados no estudo, por Distrito ⁽³⁾	Taxa de Cobertura Concelhia, por Distrito
Aveiro	19	19	3	16
Beja	14	14	4	29
Braga	15	14	5	36
Bragança	12	12	2	17
Castelo Branco	11	11	-	0
Coimbra	17	17	7	42
Évora	14	14	2	14
Faro	16	16	3	19
Guarda	14	13	2	15
Leiria	16	16	1	6
Lisboa	16*	16	1	6
Portalegre	15	15	-	0
Porto	19*	18	3	17
Santarém	21	19	5	26
Setúbal	13	13	2	15
Viana do Castelo	10	10	-	0
Vila Real	14	14	5	36
Viseu	24	19	6	32
Total	280	270	51	17

27/09/2014

* nos distritos de Lisboa e Porto só foi quantificada a Rede Municipal e não as bibliotecas que integram cada a Rede

⁽¹⁾ <http://bibliotecas.wikifoundry.com/page/BIBLIOTECAS+P%C3%94BILICAS+-+Lista+por+Distrito>

⁽²⁾ <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/mapas/> ⁽³⁾ ver Anexo X